UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Valéria Melki Busin

**MORRA PARA SE LIBERTAR: ESTIGMATIZAÇÃO
E VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS**

São Paulo

2015

Valéria Melki Busin

**MORRA PARA SE LIBERTAR: ESTIGMATIZAÇÃO
E VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS**

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Profa. Dra. Vera S. F. Paiva

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Busin, Valéria Melki.

Morra para se libertar: estigmatização e violência contra travestis. / Valéria Melki Busin; orientadora Vera Silvia Facciolla Paiva . -- São Paulo, 2015.

290f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Travestis 2. Violência de gênero 3. Violência 4. Diferença 5. Interseccionalidades 6 I. Título.

HQ77

BUSIN, VALÉRIA M. **Morra para se libertar**: estigmatização e violência contra travestis.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profª. Dra. Vera Sílvia Facciolla Paiva

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Profª. Dra. Regina Facchini

Instituição: Universidade Estadual de Campinas

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcos Roberto Garcia

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Assinatura: _____

Prof. Dra. Luma Nogueira de Andrade

Instituição: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Assinatura: _____

Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a todas as travestis, que são estrelas na vida e merecem brilhar. Colocando sua própria vida em risco, elas resistem contra a carece intolerante, ousam viver seu sonho e nos advertem contra a indecência dos rótulos e da violência. A todas elas, meu muito obrigada!

E, com amor, dedico-o também à minha mãe, que a seu modo me ensinou a lutar sempre pela justiça.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este, construído ao longo de tanto tempo, seria impossível de ser feito sem as inúmeras e amorosas parcerias que pude estabelecer em minha vida. Ainda que me sinta incapaz de expressar o tamanho da minha gratidão, gostaria de registrar uma homenagem às pessoas que foram importantes para a realização deste percurso. Agradeço muito carinhosamente:

Às mulheres da minha vida, que me dão força, coragem e tranquilidade para caminhar: Fabiana Cavalcante Lopes, meu amor, minha companheira; Helena Antônia Melki Busin, minha mãe, por tudo; Cynthia Melki Busin, a irmã mais bacana que alguém poderia ter; Daphne Busin Glasgow, Laura Busin Campos e Beatriz Busin Campos, minhas sobrinhas, pessoas lindas. À Thays Busin Glasgow (*in memoriam*), cuja presença está em mim e me move.

À Vera Paiva, minha orientadora, por tudo o que me ensinou e que foi muito além da teoria. Minha admiração por ser incansável na luta por igualdade e justiça para todas as pessoas. Meu respeito pela sabedoria e conhecimento que transbordam e que ela multiplica em seu caminho. E por compartilharmos a esperança de que um mundo justo é possível.

À Prof^a. Dr^a Regina Facchini e ao Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia, pelas observações, críticas e sugestões feitas no exame de qualificação que me apontaram caminhos mais interessantes e profícuos para trilhar.

À Janaína Lima, Marcella Alves Montteiro, Amandha Carvalho, Viviany Beleboni, Rosângela Hellen, Danielle Thatyane Reys, Eshiley Oliveira e Thais Azevedo, que me ensinaram muito sobre a vida, a dignidade e a coragem. Agradeço também, em nome das quais o faço a muitas outras, às queridas Daniela Andrade, Jaqueline Gomes de Jesus e Sofia Favero Ricardo, que por sua força incansável de resistência e luta ensinaram-me muito mais do que podem imaginar.

À Yone Fonseca, com quem compartilhei momentos intensos de alegrias e angústias, por todo imprescindível apoio no período doído de construção deste texto.

À Raquel Melo e Luiza Kame, pela generosa acolhida e por me abrirem suas casas em confiança para realizar parte das entrevistas.

Ao Edmilson Alves de Medeiros, amigo e parceiro cuja bondade faz diferença na vida de tantas pessoas, pelo apoio e pelas fecundas reflexões.

A todas as pessoas que me ajudaram com o correio nagô e outras demandas, entre as quais cito Sissy Kelly, Edmilson, Gustavo Bernardes, Marcelo Gil, Ana Clara (Maças Podres), Glória Ferreira e Grazielle Tagliamento para agradecer às demais, que foram muitas

Ao Eduardo Piza, amigo querido que generosamente me concedeu uma longa entrevista piloto que muito me ajudou, apesar das mudanças nos rumos e objetivos iniciais da tese.

À Veronika Paulics, pelo amor e pela generosidade desde além mar.

À Daphne Busin Glasgow, pelos *abstracts*, e à Angela Bauer pela ajuda na primeira tradução. À Taíse Feiten, por parte das transcrições.

Às companheiras de orientação coletiva, especialmente Yone, Jan, Dulce, Clélia, Bruna e Fábio, cuja disponibilidade para refletir e questionar me fizeram crescer muito.

Ao Diretor da AJES – Faculdades do Vale do Juruena, Sr. Clodis Antonio Menegaz, pelo apoio na reta final, sem o qual eu não teria concluído esta tese a tempo.

Às colegas do Depto de Psicologia da AJES – Faculdades do Vale do Juruena, Angela, Bete, Curbelo, Josi e à coordenadora Nádie, por todo apoio e paciência.

Ao Fábio Lima, por toda generosidade com que cuidou de tudo para minha chegada à Juína, o que fez com um carinho imenso antes mesmo de nos tornarmos grandes amigos.

A tantas pessoas amigas, cujo afeto é o motor da minha vida, entre as quais cito: Reginaceli Americano Freire, Luciana Chakarian, Neide Lopes, Fernanda Lopes, Lúcia Facco & Renata, Laura Bacellar, Hana Korich, Jana Leslão & Crica, Pati & Karla, Ana Clara & Patrick (Maçãs Podres), Elisa Gargiulo, Ladislau & Cláudia, Érico (Jabulani), Paulo Fernando (Mineiro), Ana Letícia, Denise Peralta, Luís Fernando Moraes de Mello, Celimara Curbelo, Luiz Henrique Passador, Marcos (Nazaré Tur), Remo & Sandra, Bruna & Pati, Sandra Meneses & Marcos, Lili Embón, Paulinha (Ana Paula) Pirea da Silva, Nathalie Maykot Ferreira, Edu Meinberg, Rose & Alcides, a toda a família da Sônia do Nazaré Pereira e a meu cunhado Urbano.

Às minhas alunas e alunos, que sempre me trazem desafios, emocionam-me e que personificam minha paixão por ensinar.

A todas as pessoas que lutam pela justiça, pela liberdade, especialmente às saudosas Vange Leonel, Lurdinha Rodrigues e Suzi Capó, que recentemente nos deixaram e tanta falta nos farão na luta por igualdade!

Às maravilhosas pessoas da Secretaria do PST do Instituto de Psicologia da USP, especialmente Marcos, Nalva, Rosângela e Selma, que me deram todo o apoio – sempre de forma gentil e carinhosa – durante os quatro anos em que convivemos.

A toda equipe do Centro de Referência da Diversidade – CRD.

A toda a equipe do Núcleo de Prevenção DST/AIDS/CTA do Departamento de Atenção Especializada da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Santo André, especialmente Glória Ferreira, Debora Vichessie e Marcia Aparecida Adabo Factore

À CAPES, pelo apoio financeiro que me permitiu desempenhar esta dura tarefa com mais tranquilidade.

Segundo a mitologia dos egípcios, Abtu e Anet são dois peixes idênticos e sagrados que vão nadando à frente da nave de Ra, deus do sol, para adverti-lo de qualquer perigo. Durante o dia, a nave viaja pelo céu, do nascente ao poente; durante a noite, por baixo da terra, em direção inversa.

(Jorge Luís Borges em O Livro dos Seres Imaginários)

RESUMO

BUSIN, VALÉRIA M. **Morra para se libertar**: estigmatização e violência contra travestis. 2015. 290 f. - Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Por meio desta pesquisa, busco investigar a dinâmica psicossocial das violências cotidianas sofridas por travestis, chamando atenção para o gênero articulado a outros marcadores sociais de diferença. Descrevo como as diferentes violências marcam a experiência cotidiana das travestis que participaram do estudo. A abordagem qualitativa permitiu compreender a fluidez das suas relações sociais por meio das suas histórias de vida. Oito travestis com características diversas: cor de pele, classe social, origem geográfica, escolaridade, inserção no ativismo LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) foram entrevistadas. Como a prostituição é parte importante do cotidiano de violências das travestis brasileiras, as colaboradoras desta pesquisa têm trajetórias profissionais distintas: algumas são profissionais do sexo e vivem da profissão, outras foram profissionais do sexo e agora exercem outras profissões e há quem nunca atuou como profissional do sexo. Inspirada pelo construcionismo social, utilizo as cenas como unidades de análise privilegiada, descrevo como as violências simbólica, física e econômica, incluindo as expressões de violência sexual e psicológica, perpassam a trajetória singular de cada uma delas desde o momento em que expressaram rupturas com os scripts de sexo e gênero em que foram socializadas. Analiso essa diferença em termos de identidade, experiência, relações sociais e subjetividade. A diferença expressa pela ruptura com os scripts de gênero hegemônicos desencadeou processos de estigmatização e experiências de violência que as colocaram em um lugar simbólico marginal e desqualificado. Formas diversas de morte física e simbólica acompanham a vida das colaboradoras desta pesquisa. A interseccionalidade contribui para compreender as trajetórias de vida e a violência experienciada, pois outros marcadores sociais (raça/cor da pele, classe social) coproduzem desigualdade e exclusão, mas também resistência e diversidade. A violência de gênero como violência simbólica produz roteiros intrapsíquicos e interpessoais que tentam aprisionar e impedir que diferenças de gênero se expressem como diversidade, tanto no nível da experiência, como das relações sociais, das subjetividades e das identidades.

Palavras-chave: travestis, violências, violência de gênero, diferença, interseccionalidades

ABSTRACT

BUSIN, VALÉRIA M. **Die to free yourself: stigmatization and violence against transvestites.** 2015. 290 f. – Thesis (Doctoral), Institute of Psychology, University of São Paulo, 2015.

Through this research, I seek to investigate the psychosocial dynamic of everyday violence suffered by transvestites, calling attention to gender and other social markers of difference. I describe how the different experiences of violence marked the everyday experience of the transvestites that participated in the study. This qualitative approach allowed for a fluid understanding of their social relationships through their life stories. Eight transvestites were interviewed with diverse characteristics: skin color, social class, geographic origin, education background, and level of activism within the LGBTTT (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender & Transsexual) communities. As prostitution is an important aspect of the everyday violence among the Brazilian transvestites, the collaborators of this research had distinct professional trajectories: some are sex workers and make a living from the profession, others had been sex workers and are no longer engaged with the profession, and there were those that had never been sex workers. Inspired by social constructionism, I use these scenes as prime units of analysis, I describe how symbolic violence - physical and economic, including expressions of sexual and psychological violence - has commonly permeated the single trajectory of each life since the moment they expressed breaks in socialized sex and gender roles. I analyze this difference in terms of identity, experience, social relations and subjectivity. The difference expressed by the break with hegemonic gender scripts is triggered by stigmatization process and experiences of violence that placed them in a marginal symbolic place and disqualified them. Diverse forms of physical and symbolic death accompany the lives of the collaborators of this research. The intersectionality contributes to understand the trajectories of life and the violence experienced, for the other social markers (race/skin color, social class) coproduced inequality and exclusion, but also resistance and diversity. The gender violence as a symbolic violence produces intrapsychic and interpersonal scripts that attempt to trap and prevent gender differences are expressed as diversity, both in experience level, as social relations, subjectivities and identities.

Keywords: transvestites, violence, gender violence, difference, intersectionalities.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1. INTRODUÇÃO	20
1.1. A estigmatização das travestis	23
1.2. Objetivos	33
1.3. Estrutura deste trabalho	33
2. METODOLOGIA	37
2.1. Pesquisa de campo	37
2.1.1. Obtendo informações	37
2.1.2. O correio nagô: encontrando as colaboradoras	38
2.1.2.1. Alguns desencontros	41
2.1.2.2. Critérios de busca	43
2.1.2.3. Perfil das participantes da pesquisa	45
2.1.3. Procedimentos durante as conversas com as travestis	50
2.1.4. Aspectos éticos	51
2.2. Sobre as entrevistas	52
2.2.1. Os primeiros contatos com as colaboradoras	52
2.2.2. Dados sobre as entrevistas realizadas	64
2.3. Procedimento de análise do conteúdo	65
2.4. Referências para a análise	66
2.4.1. O construcionismo social	66
2.4.1.1. Carreiras sociais, condutas sexuais, cenários culturais e cenas	67
2.4.1.2. Diferença, marcadores sociais e interseccionalidades	69
2.4.1.3. Subjetividades, identidades e estigma	72
2.4.2. Violências	76
2.4.2.1. Tipologia das violências	77
2.4.2.2. Violências simbólicas	78
2.4.2.3. Violência de gênero	80
3. MULHERES COM PAU, MULHERES NA BOLSA	83
3.1. Ser travesti	84
3.2. A história de oito pessoas que moram em São Paulo	88
3.2.1. Saindo da bolsa rumo à cidadania – a história de Roberta Barretto	89
3.2.2. A empreendedora que se dá respeito – a história de Kharla Limeira	107
3.2.3. Arrependida de ter se tornado uma das travestis mais bonitas do mundo – a história de Camilly Pergolini	115
3.2.4. Ela só quer a gentileza que a vida lhe sonegou – a história de Rebecca Thyfany	127
3.2.5. Orgulho de se parecer totalmente mulher – a história de Pryscilla Stephanie Gomes	137
3.2.6. Da casinha de cachorro para o grande amor na rua – a história de Sharon Pinheiro	149
3.2.7. Ela não quer homenagens, quer a cidadania para todas as travestis – a história de Iara Pereira	159

3.2.8. A glamourosa cidadã do mundo – a história de Cynthia Toledo	177
4. AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS TRAVESTIS	189
4.1. A brutalidade nas cenas da vida cotidiana	189
4.1.1. As diferentes formas dos processos de feminilização	189
4.1.1.1. Marcas internas e externas do feminino	189
4.1.1.2. Ser ou não ser gay – eis a questão	192
4.1.1.3. De mulher na bolsa à mulher com pau	193
4.1.1.4. Nome oficial – entre a fantasia e a violência	199
4.2. As violências nas relações pessoais	201
4.2.1. Relações perigosas – família	201
4.2.2. Relações insuportáveis – o tormento na escola	205
4.2.3. Relações contraditórias – pares ou ímpares	210
4.2.4. Relações sonhadas – intimidade, casamento, amor	213
4.2.5. Relações impossíveis – a agressão sem nome	216
4.3. A sobrevivência por um fio	220
4.3.1. (Im)possibilidades de trabalho	220
4.3.2. Caminhos da prostituição	223
4.4. O lugar simbólico de mulheres com pau	226
5. A SINGULARIDADE DAS TRAJETÓRIAS PSICOSSOCIAIS DAS TRAVESTIS: DA INFÂNCIA AO MERCADO DE TRABALHO	231
5.1. Ser travesti é ousadia	231
5.2. Trajetórias diferentes, violências semelhantes	233
5.3. Processos de feminilização: um desvio na rota repleto de percalços	235
5.4. Adiar a expressão e construção do gênero protege?	236
5.5. Por que esconder?	237
5.6. Relações interpessoais: violências cotidianas	238
5.7. Na luta pela sobrevivência	245
5.8. Mulheres com pau não são mulheres de verdade?	247
6. VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO	249
7. OUTRAS PALAVRAS	259
7.1. Palavras finais	265
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	267
ANEXOS	275

APRESENTAÇÃO

Desde o final da década de 1990, as causas da violência – gratuita e cruel – contra as travestis¹ tem sido uma questão para a qual não tenho conseguido encontrar resposta. O primeiro sinal de alerta surgiu quando dava aulas particulares para jovens de famílias com alto poder aquisitivo, que à época eram estudantes do Ensino Fundamental II ou Médio de uma renomada escola particular da zona sul da cidade de São Paulo. Nesse período, tive um aluno que sempre havia sido extremamente educado e simpático em todos os nossos contatos. Sua gentileza extrema chamava a minha atenção, pois não era comum a outros jovens da mesma idade e classe social com os quais eu trabalhava. Ele, então com quinze anos de idade, estava começando a sair para as “baladas” noturnas com seus amigos. Em uma oportunidade, relatou-me, com certo orgulho, que uma das diversões de seu grupo de amigos ao voltar para casa de madrugada era agredir, com o tapete de borracha do carro enrolado e em alta velocidade, as travestis prostitutas que faziam “ponto” na Rua do Jockey Club de São Paulo, região nobre da capital. Primeiro choque.

O segundo choque se deu quando, já integrando o movimento de afirmação dos direitos relativos à diversidade sexual, fui fazer uma palestra, em novembro de 2004, compondo a mesa “Homoafetividade, Sexualidade e Gênero”, no evento que congregava o II Seminário de Prevenção às DST/Aids, o I Seminário de Assistência e o I Encontro de Pessoas Vivendo com Aids, promovidos pelo Programa Municipal de DST/Aids da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas, no interior de São Paulo. A ideia da mesa, segundo o que a organização do evento havia me informado, era que falássemos sobre o tema desde a perspectiva de diferentes sexualidades: eu, sobre as lésbicas², um rapaz, que eu não conhecia, falaria sobre os gays³, e um ativista, assumido como gay e já naquela época bastante conhecido, falaria sobre as travestis. No momento do convite, o fato de um gay ser chamado a falar sobre as travestis não me chamou a atenção. No dia do evento, o ativista gay não pôde comparecer. A instrução que recebemos da

¹ Segundo a Campanha por uma Convenção Interamericana por Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, no contexto latino-americano definem-se travestis como: “[...] pessoas que, tendo sido designadas do gênero masculino ao nascer, expressam-se a si mesmas em modos auto-construídos da feminilidade. Podem modificar ou não seu corpo através de procedimentos hormonais e/ou cirúrgicos.” (CAMPANHA, 2008, p. 25)

² Lésbica, no contexto desse trabalho, é uma mulher que se considera homossexual.

³ Gay, no presente trabalho, é um homem que se define como homossexual.

organização foi que falássemos o que tínhamos preparado, sem problemas. Outro rapaz, que eu também não conhecia, assumiu o lugar do que havia faltado.

Coube-me falar por último. Surpreendentemente, nenhum dos meus companheiros de mesa falou absolutamente nada sobre as travestis. “Detalhe” relevante: a maioria absoluta da plateia era composta por travestis! Utilizei pequena parte do meu tempo para falar das lésbicas, pedi licença para a mesa e para a plateia para falar um pouco sobre as dificuldades que as travestis enfrentavam, especialmente sobre o pouco que eu já ouvira sobre a violência de que elas eram alvo. Depois de acabarem as falas da mesa, quando o público pôde então se manifestar, algumas das travestis começaram a dar seus relatos pessoais sobre a violência que enfrentavam cotidianamente. Duas delas me marcaram profundamente. Uma mostrou seus braços com muitas cicatrizes – eram mais de cem marcas! –, resultado de cortes feitos à gilete por ela mesma como forma de se proteger da arbitrariedade policial: cortava-se e ameaçava os agressores com seu sangue, supostamente contaminado. Em tempos de maior desconhecimento sobre a aids, dos anos 80 e até meados dos anos 90, e de uma repressão policial violenta à prostituição, aquela tinha sido a maneira encontrada por muitas delas para não serem extorquidas, presas de forma arbitrária, agredidas física ou sexualmente pelos “agentes da lei”. A outra, nordestina, fez um relato pungente de como havia sido expulsa de casa, por ter começado a se feminilizar⁴, com pouco mais de 12 anos de idade. Ela tinha ido para as ruas trabalhar como prostituta, migrara para o “Sudeste Maravilha” e, depois de 20 anos, tinha conseguido juntar dinheiro suficiente para comprar uma casa para seus pais, para quem enviava dinheiro todos os meses. O único problema: ninguém da família falava com ela. Aceitaram a casa, aceitavam seu dinheiro, mas nunca a aceitaram.

O terceiro – e mais terrível choque – ocorreu em fevereiro de 2005. Eram umas duas da madrugada de um domingo. Estávamos no carro eu, minha companheira e mais duas amigas. A noite estava um pouco fria, caía uma garoa fina e persistente, estávamos no centro de São Paulo, na Av. Rio Branco, que compõe a chamada Boca do Lixo⁵

⁴ Sobrepor de atributos socialmente considerados femininos – por meio de adereços ou modificações corporais – sobre um corpo com características do que se designa popularmente como pessoa do “sexo masculino” ou “homem”.

⁵ Boca do lixo é uma região do centro histórico da cidade de São Paulo que foi um polo cinematográfico importante da década de 1920 até quase o final do século XX, entrando então em decadência. Atualmente é também conhecida como Cracolândia, onde se encontra grande concentração de pessoas envolvidas

paulistano, zona da “baixa” prostituição. Vi uma forma indistinta se arrastando pela larga avenida, faltando pouco para chegar ao meio-fio. De longe, sob uma iluminação fraca, pareceu-me um cão atropelado. Parei o carro, imaginado socorrer o cão. Com o carro parado, tentei enxergar e entender. Não era um cão, mas uma travesti que se arrastava com muito esforço pela rua. Quando abri a porta para descer do carro, minhas amigas gritaram: “Não sai, cuidado, pode ser perigoso!”. Felizmente, meu coração apertado não me deixou ser prudente. A travesti estava vestida com minissaia e top, vestimenta nada adequada para protegê-la do frio que fazia. Na sua face esquerda, acima do supercílio, um corte profundo e recente – feito à garrafada – vertia sangue em profusão. Ela fora agredida e, abandonada, atravessara rastejando lentamente a larga avenida, mas ninguém a havia socorrido até então.

Eu e minha companheira, que tem pouca força física, tentamos apoiá-la para fazer o final da travessia. Com esforço, conseguimos levantá-la e ampará-la. Quando estávamos quase chegando à calçada, transeuntes resolveram nos ajudar, mais sensibilizados com a nossa dificuldade do que com a situação da travesti. Nós a levamos até a entrada de uma loja fechada, onde havia um degrau em que ela pôde se sentar sob um toldo que a protegia da chuva. Tirei meu moletom, rasguei a gola para tentar evitar machucá-la ainda mais ao passar a blusa pelo seu rosto. Vestimos nela o blusão, o que a fez olhar para nós com muita incredulidade. Minhas amigas começaram a ligar para a ambulância. Um passante nos avisou: “Não diz que é travesti, se não eles não vêm!”. O resgate chegou. O socorrista, armado com uma lanterna, aproximou-se da travesti e, primeira ação, lançou um agressivo foco de luz sobre os olhos dela. Virou-se para mim, buscando cumplicidade, e disse com desprezo: “Drogada!”. Eu respondi vagamente, demonstrando que me importava mais socorrê-la. O socorrista (era policial ou bombeiro) continuou: “Não adianta, não tem o que fazer. A gente ‘leva elas’ hoje, cuida, mas amanhã ‘vai estar tudo aqui’ de novo!” Eu, mais enfática: “Isso não é da minha conta. Como cidadã, minha responsabilidade é socorrer uma pessoa ferida”. O socorrista, enfim, percebeu que não tinha a minha cumplicidade e respondeu irritado e pateticamente: “Ema, emma, cada um com seu problema”. Ao passar, já sobre a maca, para ser colocada na ambulância, a travesti segurou meu braço e murmurou, suplicante: “Não me deixa sozinha!” Enquanto isso, minhas amigas tentavam descobrir de forma

insistente para onde a travesti seria levada. Respostas evasivas encontravam mais insistência da nossa parte. Finalmente nos disseram que a levariam para a Santa Casa. Não me permitiram acompanhá-la na ambulância, uma vez que eu nem sabia seu nome ou onde morava – eu não era parente. Seguimos a ambulância até o hospital. A colocação e retirada da maca com a travesti na ambulância se deu com brusquidão, esbarros e trancos evitáveis pareciam ser propositais. Quando passou por mim, na saída da ambulância para dar entrada no pronto-socorro, me olhou incrédula e confortada. E disse (desta vez, em alto e bom som): "Você veio!". Também não pude entrar no hospital porque não era parente. Ela foi sozinha para dentro do hospital, que a trouxe impiedosamente com o fechamento ruidoso das portas de ferro da entrada do Pronto Socorro. Nunca soube seu nome.

Em 2011, durante o "III Workshop Geração Trans: Construindo Identidades", promovido pela organização não governamental (ONG) Transgrupo Marcela Prado, em Curitiba, ouvi a presidenta do grupo, Carla Amaral, relatar que nos cinco anos anteriores ela tinha ido pessoalmente reconhecer o corpo de 20 travestis que tinham sido assassinadas, mas cujas famílias se haviam recusado a fazer o reconhecimento. Para que essas pessoas não fossem enterradas como indigentes, a ONG teve que adquirir um jazigo próprio no cemitério. Cabe assinalar que fui convidada para fazer uma palestra neste evento somente por causa de uma participação que tive em um programa Conexão Repórter, levado ao ar pelo SBT em agosto daquele ano. Em um programa com cerca de 40 minutos (excluído o tempo dos comerciais), a minha fala – que, dividida em duas aparições, durou no total pouco mais de trinta segundos – foi uma das raras no programa a afirmar a dignidade das travestis.

Por fim, relato uma história que me tirou o sono por alguns dias. Sofia Favero Ricardo tem uma página no Facebook⁶, que sigo há algum tempo, chamada Travesti Reflexiva⁷, na qual posta informações, visualizadas e compartilhadas por milhares de pessoas, sobre direitos de travestis e transexuais. Sofia, que é estudante de Psicologia em Aracaju, capital de Sergipe, sofreu em 15 de maio de 2014 um conjunto absurdo de violências em

⁶ Facebook é um site e serviço de rede social, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. Em 2012, o Facebook atingiu a marca de um bilhão de usuários ativos. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso: 10.jun.2013.

⁷ Esta página tinha, em janeiro de 2015, quase 123 mil seguidores. Disponível em: <https://www.facebook.com/TReflexiva?fref=ts>. Acesso: 14. Jan. 2015.

um único episódio⁸, que reuniu abuso sexual, humilhação, ameaça de morte e agressão física. Em um ônibus, foi apalpada por um passageiro. Quando ela confrontou o abusador, outro passageiro percebeu que ela é travesti⁹. A partir daí, passou a ofendê-la e humilha-la, com a conivência risonha dos demais passageiros. O segundo agressor a ameaçou com uma faca e, quando ela se preparava para descer do ônibus, empurrou-a com violência. Sofia caiu na calçada. O agressor desceu do ônibus, chutou-a quando ainda estava caída e voltou ao ônibus, que somente então partiu. Sofia, contrariando o que normalmente ocorre, fez boletim de ocorrência, denunciando na Delegacia Plantonista e na Delegacia de Grupos Vulneráveis as violências que sofreu. Com isso, sua história ganhou as páginas dos jornais, matérias em noticiários televisivos e sites e blogs de notícias e, na maioria dos casos, sua história foi retratada de forma digna. Sua página no Facebook recebeu milhares de comentários de apoio, ainda que algumas dezenas de visitantes, de forma extremamente violenta, tenham postado comentários ofensivos, maldosos e ameaçadores, dando continuidade às violências do episódio absurdo, incluindo ameaças de morte.

Movida, então, por inquietações e inconformismos provocados por este contato tão próximo com essa injustiça persistente e perversa, busco com este trabalho contribuir de alguma forma para compreender – e, se possível, transformar – a dinâmica psicossocial que tem legitimado a discriminação e as inomináveis violências cometidas cotidianamente contra as travestis.

Cabe ainda dizer que não se trata de dar voz às travestis, pois elas têm voz e potência, têm coragem e ousadia. Humildemente, neste trabalho busco juntar minha voz à delas e, de alguma forma, aprender com elas como se luta. As travestis lutam vigorosamente, com a força sobre-humana de quem resiste e enfrenta as mais graves injustiças do mundo. Não se trata, por fim, de olhar para as travestis como vítimas, imobilizando-as em um lugar secundário e desqualificado. Trata-se de contribuir, à moda de uma aprendiz, para visibilizar o quanto essas pessoas, que têm seus direitos sistematicamente violados, estão lutando ferrenhamente pela sua dignidade. E por seus sonhos.

⁸ Para saber, mais sobre o episódio, leia matéria publicada pelo Extra Globo. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/brasil/travesti-sofre-abuso-tenta-se-defender-e-agredida-em-onibus-de-aracaju-12510730.html>. Acesso: 14. Jan. 2015.

⁹ Sofia prefere se chamar de travesti, apesar de quererem chamá-la de transexual, pois ela obteve o direito de ter o nome feminino em seus documentos de registro. Diz que, enquanto as travestis estiverem sendo discriminadas e assassinadas, ela, em solidariedade às “irmãs”, quer ser chamada de travesti.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos acadêmicos brasileiros sobre travestis, realizados no âmbito das Ciências Humanas, começaram a se tornar mais comuns na década de 1990, ganhando força na América Latina no século XXI, com a publicação de dissertações, teses e artigos especialmente no âmbito das Ciências Sociais, Antropologia e Psicologia. A disseminação dos estudos de gênero no País, com formação de núcleos de estudos específicos em universidades, e fortalecimento do movimento de afirmação de direitos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT) contribuíram para impulsionar a produção teórica sobre identidade(s) ou expressões de gênero.

Essa ocupação de espaço - e de corações e mentes - na academia reflete e dialoga com a discussão que vem sendo feita pelos movimentos sociais de afirmação de direitos de pessoas LGBTT e feministas, que têm se debruçado, entre outras, sobre questões que envolvem desigualdade e violência de gênero, orientação sexual e também identidade(s) de gênero. A academia e esses movimentos sociais organizados também vêm colocando em foco as políticas identitárias - vistas ora como essencializantes e redutoras, ora como estratégicas e necessárias -, e encontram neste percurso tanto fervorosos defensores, como indignados detratores.

Nesses embates, uma das questões que vem adquirindo maior visibilidade envolve as travestis e as pessoas transexuais, que ainda aparecem no CID-10¹⁰ e no DSM-5¹¹ como se apresentassem necessariamente “transtornos” ou “distúrbios” (ARÁN; MURTA, 2009; BENTO, 2010). Dessa forma, travestis (e transexuais) são vistas obrigatoriamente como anormais ou doentes. Para desconstruir este estigma produzido pelo discurso médico, está em curso uma campanha internacional¹² que busca despatologizar as identidades de gênero de travestis e transexuais. É importante lembrar que esses

¹⁰ O Cid - Classificação Internacional de Doenças, que em sua 10ª versão foi denominada Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), é “[...] uma convenção médica que estabelece as características das doenças e seus respectivos códigos utilizados e aceitos internacionalmente por médicos(as) e outros(as) operadores (as) de saúde . (BENTO, 2010, p. 176-177)

¹¹ Abreviação para Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais 5.ª edição. Trata-se de um manual diagnóstico e estatístico feito pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) para definir o diagnóstico de transtornos mentais. Usado por psicólogos, médicos e terapeutas ocupacionais. A versão atualizada saiu em maio de 2013 e substituiu o DSM-IV criado em 2000. Desde o DSM-I criado em 1952, esse manual tem sido uma das bases de diagnósticos de saúde mental mais usadas no mundo. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/DSM-5>. Acesso: 11.fev.2015.

¹² Trata-se de uma campanha que envolve mais de 100 organizações de diversos países em quatro continentes (América, Ásia, África e Europa), as quais publicaram um manifesto intitulado *Transexualidade não é doença! Pela retirada da transexualidade do DSM e do CID!* (ARILHA; LAPA; PISANESCHI, 2010)

manuais diagnósticos orientam a atuação de profissionais de saúde – e de saúde mental – de praticamente todo o mundo ocidental.

O foco principal dos debates neste campo tem sido posto no gênero, categoria de análise que vem sendo usada como *categoria diagnóstica* para travestis (BENTO, 2010). Discutem-se obviamente as questões que envolvem a ambiguidade de gênero (BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2007; PERES, 2010; SILVA, 2007). O debate se debruça também sobre definições sobre o que é travesti e variações como travestismo(s) e travestilidade(s) (BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2007; DENIZART, 1997; KULICK, 2008; PERES, 2010; SILVA, 2007). Também se discute se se trata de identidade ou expressão de gênero (ARILHA; LAPA; PISANESCHI, 2010). Há ainda discussões sobre a (des)patologização do gênero, saúde, biopoder, biopolítica, judicialização e medicalização como forma de controlar e adestrar corpos “desviantes”, os processos e protocolos de cirurgias transexualizadoras (ARILHA; LAPA; PISANESCHI, 2010; DUQUE, 2009; PERES, 2010; SILVA, 2007), entre outros temas relacionados. Por fim, elencam-se outras questões relevantes sobre as possíveis diferenças entre transexuais e travestis, que envolveriam modificações corporais mais ou menos radicais, ambiguidades e (in)definições de gênero, exclusão, prostituição, abuso de drogas lícitas e ilícitas, uso de silicone e hormonioterapia¹³ etc. (ARILHA; LAPA; PISANESCHI, 2010; BENEDETTI, 2005; DENIZART, 1997; GARCIA, 2008; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2005; PERES, 2010; SILVA, 2007; ANDRADE, 2012; CARVALHO, 2011).

Mário Felipe de Carvalho (2011), neste âmbito, discutiu os avanços e as contradições que a produção discursiva militante traz a reboque da agenda política de travestis e transexuais. Ele aponta que a definição identitária tem sido um instrumento de reivindicação na busca por visibilidade e reconhecimento e que, portanto, a construção dessas identidades coletivas se relaciona com a formulação das demandas políticas do movimento

Discriminação e violência aparecem descritas, em geral, nestes trabalhos, quando se discute a questão da saúde integral das travestis - fala-se da saúde mental afetada pela baixa autoestima e pela depressão, do abuso de drogas, do risco de suicídio, da

¹³ Procedimento supervisionado por médico para aplicação ou ingestão, no caso das travestis, de hormônios femininos para desenvolver características físicas femininas e inibir características masculinas.

marginalização -, abandono pela família, exclusão da escola e do mercado de trabalho, classe social, e também quando antropólogas/os e outros/as expoentes das Ciências Sociais apresentam estudos etnográficos sobre as travestis. (ARILHA; LAPA; PISANESCHI, 2010, BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2007; DENIZART, 1997; DUQUE, 2009; GARCIA, 2008; PELÚCIO 2005; PERES, 2010; SILVA, 2007; TAGLIAMENTO, 2012; FACCHINI, 2012; ANDRADE, 2012).

Eduardo Meinberg Maranhão Fº, discutindo o uso de nome social e de registro por este segmento, cunhou a expressão *entre-gêneros*, que seriam

[...] sujeitos com uma discordância entre o gênero atribuído na gestação e/ou nascimento e o gênero com o qual se identificam. [...] podem manifestar os mais diversos desejos e orientações sexuais. Em geral, as pessoas *entre-gêneros* que se identificam homossexuais, são aquelas que se interessam afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo gênero com o qual se identificam. (MARANHÃO Fº, 2013)

Para Maranhão Fº, a impossibilidade do uso do nome social e da mudança do nome oficial ou de registro para as pessoas *entre-gêneros* é um cerceamento de liberdades fundamentais e violação do exercício pleno de cidadania.

Luma Nogueira de Andrade (2012) mostra como a interdição de utilização do nome social na chamada escolar, entre outros fatores como dificuldades de uso do banheiro e um regimento escolar que pune as expressões culturais das travestis, também se configura como violência, já que se tornam impeditivos ao direito básico de estudar.

Grazielle Tagliamento, por sua vez, mostra em sua pesquisa sobre o acesso de transexuais aos serviços de saúde, o quanto esse cerceamento é vivido como violência, chegando a impedir que as transexuais utilizem os serviços de saúde, outro direito fundamental que é sistematicamente violado por constrangimentos relacionados ao uso do nome social, entre outros (TAGLIAMENTO, 2012).

Por serem temas recorrentes, a estigmatização e sobretudo a violação de direitos das travestis têm sido cada vez mais abordadas nas discussões acadêmicas, evidenciando que as travestis são reiteradamente alvo de discriminação e de violências diversas.

1.1. A estigmatização das travestis

A humilhação e a violência são constantes na vida das travestis e a maioria delas passa por isso desde pelo menos a juventude, mas muitas já sofrem violências desde crianças. O processo social de estigmatização das travestis resulta em discriminações reiteradas da maioria delas: são expulsas da escola (ANDRADE, 2012), de casa e da maioria dos espaços de convivência social, seja de lazer e entretenimento, de consumo, de educação e cultura, de saúde (TAGLIAMENTO, 2012) ou trabalho. A maior parte das travestis se prostitui para sobreviver (KULICK, 2008; PELÚCIO, 2005; PERES, 2010). Segundo a ANTRA¹⁴, cerca de 90% das travestis e pessoas transexuais do País atuam na prostituição e grande parte destas pessoas preferiria não atuar nesta profissão.

Geralmente as travestis enfrentam muitas dificuldades para sair à rua à luz do dia, pois frequentemente sofrem agressões verbais e físicas, humilhações, escárnio e desprezo. Com isso, as travestis além de se encontrarem praticamente impedidas de recorrer a equipamentos públicos como postos de saúde e hospitais (TAGLIAMENTO, 2012), também são de certa forma impedidas de simplesmente transitar pela cidade, desenvolvendo redes de socialização muito específicas que fornecem ao mesmo tempo proteção, cuidados, e pertença a um grupo social, ainda que marginalizado (PELÚCIO, 2005).

Evidentemente que, além de terem sua cidadania sistematicamente interdita, as travestis normalmente também se deparam com os problemas de desigualdade de classe, uma vez que a maioria delas está na base da pirâmide social e, pela estigmatização que sofrem, ficam sem possibilidades de ascensão social, permanecendo sem acesso à educação formal (ANDRADE, 2012), exploradas na prostituição ou em subempregos e, conseqüentemente, empobrecidas (FACHINNI, 2012).

Não por acaso, somente em 2012 uma travesti obteve o título de doutora no Brasil: a professora Luma de Andrade, aos 35 anos, conseguiu se tornar a primeira travesti doutora do País pela Universidade Federal do Ceará. Algo nem tão incomum na vida de

¹⁴ Articulação Nacional de Travestis e Transexuais é uma entidade que abriga mais de 178 ONGs de travestis e transexuais em todo o país. Fonte: Alegria Falhada. Disponível em: <http://www.alegriafalhada.com.br/antra-articulacao-nacional-de-travestis-e-transexuais-solicita-que-se-trate-travestis-no-feminino/> Acesso: 14. Jan. 2015.

peessoas não travestis, o título obtido por Luma, por seu ineditismo, virou notícia nos principais jornais brasileiros¹⁵.

No imaginário social, as travestis são invariavelmente associadas à prostituição, à imoralidade e à ilusão enganadora (MARANHÃO Fº, 2013; CARVALHO, 2011; ANDRADE, 2012), sendo r sempre representadas de forma estereotipada e ridícula. No trecho da música Vasilhame, de Criolo, *rapper* paulistano que se preocupa em passar mensagens contra violência e drogas para jovens da periferia, a capacidade de discernimento destes jovens ficaria comprometida pelo uso do álcool, o que os levaria a uma ilusão indesejada:

*Eu ouvi falar que os maluco quer entornar
Enxugar o caneco pra depois úh úh ahh
Os traveco tão ali aaah
Alguém vai se iludir¹⁶*

A representação da travesti como uma mentira, um engano, é muito comum e os homens que se deixam enganar são também motivo de riso e chacotas. Programas humorísticos de televisão, quando retratam uma travesti sempre o fazem com uma estereotípia desrespeitosa, porque tendem ao escárnio grosseiro. A travesti também é utilizada como meio de punir moralmente alguns homens, como “os maluco” da música do Criolo citada acima. Ou como ocorreu na “pegadinha” veiculada em um episódio do programa CQC, da Rede Bandeirantes, transmitido no dia 7 de maio de 2014, em que homens que abusavam sexualmente de mulheres embriagadas eram “punidos” ao abusarem inadvertidamente de uma travesti, que pensavam ser uma mulher¹⁷.

No romance Cidade de Deus, baseado em entrevistas realizadas com traficantes de drogas do Rio de Janeiro, há uma personagem travesti, que é irmã de um dos mais cruéis e temidos traficantes da comunidade, o Inferninho. Em sua primeira aparição, a travesti está sendo violentada e humilhada por um grupo de homens. Inferninho vê a multidão aterrorizando a travesti e se diverte, até perceber que se trata de “seu irmão Ari”. Inferninho morre de vergonha e, depois de espantar a multidão a tiros, manda seu irmão embora e certifica-se de que não vai mais aparecer ali, uma vez que isso o

¹⁵ Fonte: Portal G1. Disponível em <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/08/minha-conquista-serve-de-exemplo-diz-1-travesti-doutora-do-brasil.html>. Acesso: 10 . jun. 2013.

¹⁶ Trecho da música Vasilhame, do cantor e compositor Criolo. Em: Criolo (Página oficial no Facebook). Disponível em: <https://www.facebook.com/criolo.official> . Acesso: 01. jun. 2014

¹⁷ Fonte: NLucon. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2014/04/cqc-transfobia-abusadores-mulher.html> . Acesso: 12. maio.2015.

desmoralizaria. A presença da travesti “contamina” com vergonha e humilhação as pessoas com as quais se relaciona¹⁸.

Até mesmo dentro da militância LGBTT¹⁹ e feminista, muitas vezes se discriminam as travestis. Das pessoas que o fazem, não é tão incomum ouvir expressões pejorativas em relação às travestis, com quem não gostam de ser identificadas. Ainda é possível ouvir comentários de que, em algum evento público, não gostariam de aparecer ao lado “daquele traveco”. Também aparentam ter receio de serem “contaminadas”. Seria a impossibilidade que as travestis têm de disfarçar seu estigma – e, portanto, de mantê-lo em segredo (PECHENY, 2005) - o que incomodaria alguns gays?

Em discussões ocorridas há alguns anos, algumas lésbicas diziam que não achavam justo que travestis ocupassem a ala feminina do hospital, afinal, as mulheres não deveriam ser obrigadas a ver “aquele pintão”. Se as travestis se identificam com o feminino a ponto de realizarem transformações em seus corpos que as estigmatizam e as tornam desacreditadas (GOFFMAN, 1988), como entender que a presença de elementos “escandalosamente” masculinos, como o pênis e o pomo-de-adão, incomodem tanto algumas lésbicas?

Em 2012, um protesto contra a organização da Parada LGBT de São Paulo, realizado às vésperas do desfile pela Frente Paulista de Travestis e Transexuais, repercutiu na mídia. Motivo do protesto: não haveria um trio elétrico para dar visibilidade às especificidades desse segmento, como houvera em outros anos. Por isso, as travestis e transexuais tinham acordado previamente com a organização da Parada que elas sairiam no primeiro carro, o trio elétrico oficial de abertura, e no Carro da Paz, que encerraria o desfile. No entanto, haveria determinadas condições para a participação delas nestes carros, regras que não foram aplicadas a participantes de outros trios elétricos: as travestis e transexuais deveriam utilizar fantasias que remetessem a diversas profissões, mas as roupas não poderiam ser sensuais ou eróticas, com decotes insinuantes ou saias muito curtas. Apesar do descontentamento, as travestis e transexuais aceitaram o acordo, mesmo sabendo que GoGo boys – dançarinos que fazem performances eróticas seminus, muito comuns em boates gays – não teriam restrições do mesmo tipo para participar dos outros trios elétricos. Pouco antes da Parada, a organização do evento

¹⁸ LINS, Paulo. (2002) *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras. A cena acima descrita se encontra na página 40.

¹⁹ LGBTT é sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

decidiu, de forma unilateral, que as travestis e transexuais só sairiam no sétimo carro, descumprindo o acordo previamente feito. Isso motivou o protesto, realizado por meio de uma nota oficial que, dentre outras coisas, afirmava:

Nesse sentido não nos cabe outra atitude senão PROTESTAR pela forma transfóbica dos organizadores da 16ª Parada e esperar que a gente possa ser incluída não somente nos discursos, mas nas ações e atitudes que tenham a ver com a população LGBT de São Paulo, pois também fazemos parte dessa cidade e estado.²⁰

Por volta do início da década de 2010, uma militante lésbica feminista de uma organização não governamental, convidada a participar de um debate público em que estive presente (promovido por grupo feminista composto por estudantes de Direito da Universidade de São Paulo), afirmou que as travestis (e as transexuais), mesmo identificando-se com o feminino, não poderiam ser consideradas mulheres “porque não tinham sido, na infância e juventude, socializadas como mulheres”, e que isso faria toda a diferença quanto à desigualdade que as mulheres “de verdade” sofriam. Curiosamente, a jovem militante reforçou a naturalização e essencialização que o movimento feminista se esforça tanto por rechaçar, motivo pelo qual inclusive Joan Scott (1990) criou a categoria gênero. Houve um caso parecido, mas bem mais antigo, em que uma mulher transexual foi chamada, por outra organização, a compor uma mesa em um encontro de lésbicas, mas foi proibida de participar como ouvinte do restante do evento por não ser “mulher de verdade”, ou seja, “por não ter vagina”.

Se entre as pessoas que integram o movimento LGBTTT e feminista - que se reúnem para obter justiça e igualdade social, lutam pelo fim do preconceito, de discriminações e estigmatizações motivadas por orientação sexual e identidade de gênero - há tantos preconceitos contra as travestis baseados num binarismo de gênero essencializado e “biologizado”, não é difícil imaginar que fora desse segmento social as violências sejam ainda mais explícitas e recorrentes.

Comparativamente ao segmento LGBTTT como um todo, reiteradamente alvo de violências diversas, as travestis e transexuais compõem o subgrupo com percentuais mais elevados de discriminação e violências (FACCHINI, 2012). As agressões contra

²⁰ Fonte: Blo Gay, da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://blogay.blogfolha.uol.com.br/2012/06/09/travestis-e-transexuais-protestam-contra-parada-gay-e-machista-e-misogina/>. Acesso: 17. maio. 2013.

as travestis chegam à violência física com muita frequência, inclusive com grande índice de homicídios.

A violência contra travestis no País não é contabilizada de forma precisa por diversos motivos. Como aponta o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil relativo ao ano de 2012²¹, o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ainda não contém perguntas específicas sobre identidade de gênero, não havendo portanto dados oficiais sobre quantas pessoas se identificam como travestis. As análises contidas no Relatório foram feitas sobre dados provenientes do Disque Direitos Humanos (Disque 100) da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, que tem sido o principal canal oficial de denúncias relacionadas às violações de direitos de pessoas LGBTT. Essas denúncias geralmente não informam orientação sexual ou identidade de gênero da vítima. Além disso, muitas violências e crimes cometidos contra travestis, devido à confusão existente entre orientação sexual e identidade de gênero, são denunciados como praticados contra um “homossexual” ou “gay”, o que invisibiliza a violência cometida especificamente contra as travestis - o que é, em si, uma violência. Desta forma, ao mesmo tempo em que elas são superexpostas, são também invisíveis.

Um indicador não oficial disponível a respeito da violência cometida contra as travestis é um levantamento, realizado anualmente pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), de assassinatos de pessoas LGBTT. O GGB, que é uma conhecida organização não governamental que integra o movimento LGBTT, publica os resultados deste levantamento em um Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais (LGBTT) no Brasil²². O relatório relativo aos dados de 2013 aponta que, segundo agências internacionais de notícias, 40% dos assassinatos de travestis e transexuais no mundo ocorreram no Brasil. Segundo este relatório, 108 travestis foram assassinadas no País em 2013²³. Outro indicador são as estimativas da ANTRA, que apontam que a expectativa de vida das travestis fica em torno de 30 anos, menos da metade da média

²¹ Publicado pela Coordenação Geral de Promoção dos Direitos de LGBT, vinculada à Secretaria Nacional de Promoção e Defesa de Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos>. Acesso: 12.dez.2014.

²² Em que pese as críticas a respeito de falhas metodológicas cometidas nestes levantamentos do GGB, cuja precisão fica posta em cheque, trata-se de um dos raros documentos com informações disponíveis sobre homicídios contra pessoas LGBTT do país, sendo largamente usado como referência.

²³ Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil (LGBT) relativo a 2013.

da população brasileira. Antunes (2010), em sua dissertação de mestrado, mostra que, em decorrência disso, as raras travestis que chegam à velhice são vistas como um exemplo e com respeito pelas travestis mais jovens, não tanto por serem vistas como “senhoras”, mas por terem resistido, sobrevivendo a violências diversas, à infecção pelo HIV, às drogas, à prostituição, etc.

Jaqueline Gomes de Jesus, doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília e investigadora da Rede de Antropologia Dos e Desde os Corpos, aponta em artigo que o Brasil é tido “[...] entre outras 55 (cinquenta e cinco) nações, como aquela na qual mais se registram assassinatos de tal natureza [contra travestis e transexuais], no período entre 2008 e 2011”. (JESUS, 2014). Caracteriza os crimes contra pessoas transexuais no País como “de ódio”, em um nível superficial, mas em um nível mais profundo, segundo ela, seria possível falar em “genocídio”, que busca assim não deixar que sejam invisibilizados como uma série de crimes isolados.

Um aspecto importante da estigmatização de travestis diz respeito à classe social. As travestis, como disse anteriormente, normalmente têm de enfrentar barreiras quase intransponíveis na escola e no trabalho, na família e nas ruas. Quanto mais jovem uma travesti se feminiliza, maiores são seus desafios para sobreviver. Se a sobrevivência não ficar completamente comprometida, as dificuldades materiais se somam e normalmente resultam em pobreza. Mas a classe não se apresenta somente neste aspecto. Outro aspecto importante está no fato de travestis de classe média ou alta não serem tão visíveis, pois se protegem do estigma não se identificando como travestis: não se consideram “barraqueiras” e não exercem, normalmente, a prostituição, estereótipos fortemente amalgamados à existência travesti, o que as de classes mais altas rejeitam. Isso é claramente expresso por Laerte, a famosa cartunista brasileira que se transformou depois dos 60 anos de idade. Em entrevista à Revista Piauí, de abril de 2013, Laerte conta que iniciou sua transformação frequentando um Fórum de *crossdressers*. E explica:

“O *crossdresser* é um travesti. Só que de classe média. Se lhe aplicarem a pecha de travesti, ele morre. *Eu? Sou fina. Sou educada,*

não faço barraco na rua!”, disse Laerte, imitando uma personagem de voz afetadinha²⁴.

Laerte tem dado grande visibilidade à causa travesti: por ser uma das poucas travestis famosas, de classe alta, com tremendo sucesso profissional, a se assumir publicamente. Ela tem provocado alvoroço por onde passa. Articulada, inteligente e culta, está sempre concedendo entrevistas na mídia. Em outra entrevista, desta vez concedida em março de 2014 ao site IGay, ela comenta:

*Sempre fui gay, comecei minha vida sexual como gay, mas entrei em pânico e bani isso pra baixo do tapete. Só depois de muito tempo me entendi como uma pessoa bissexual. Foi transformador aceitar viver o inesperado, isso me levou a transgeneridade. Fui fazendo coisas e respondendo a determinados estímulos e convites. **Hoje até me questiono: eu teria conseguido se não tivesse a idade que tenho, se não tivesse com a vida profissional resolvida e se ainda tivesse filho pequeno em casa?** Não posso ficar construindo passados hipotéticos, mas eu gostaria de não ter renegado minha homossexualidade por 40 anos, acho que teria sido mais saudável para mim e para as pessoas com as quais me relacionei.*²⁵

Apesar de ser famosa e “descolada”, nem por isso deixa de sofrer discriminação. Na entrevista à Revista Piauí contou, entre outros episódios, que foi constrangida por usar o banheiro feminino do restaurante em que estava, por causa da reclamação de um cliente.

Outro caso interessante e recente é o da cantora austríaca Conchita Wurst, que ficou conhecida mundialmente ao disputar o famoso Eurovision, festival europeu de música. Ao ser selecionada por uma comissão julgadora, no final de 2013, por ser a concorrente com melhor voz entre os inscritos pela Áustria, foi alvo de protestos e milhares de ataques pela internet. Sete meses antes da etapa final do concurso, uma página na internet intitulada “Não à Conchita Wurst” recebeu mais de quarenta mil assinaturas. Tudo isso porque, diz uma matéria no site Pragmatismo Político:

Tudo porque Conchita Wurst, de 25 anos, é uma travesti que se destaca por seu visual incomum à maioria das moças: com cabelos

²⁴ **Laerte em trânsito.** Entrevista a Fernando de Barros e Silva. Revista Piauí, n.79. Abril, 2013, p. (18)

²⁵ **Laerte:** “Gostaria de não ter renegado minha homossexualidade por 40 anos”. Entrevista a Iran Giusti. Fonte:IGay. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2014-03-11/laerte-gostaria-de-nao-ter-renegado-minha-homossexualidade-por-40-anos.html>. Acesso: 12.fev. 2015

compridos e um perfeito corpo e rosto de mulher, sua proeminente barba se destaca em meio aos traços femininos²⁶.

Apesar de todos os protestos, Conchita foi mantida no concurso e venceu o Eurovision, em 2014, com votação surpreendente.

Tanto a história de Laerte como a de Conchita Wurst mostram que os marcadores de diferença se articulam de formas diversas para produzir-se ao mesmo tempo. Assim, nesses dois casos, a interseccionalidade entre gênero e classe produziu maior margem de liberdade, ainda que a estigmatização tenha perdurado e tenha sido manifestada explicitamente.

Por isso, neste trabalho, a discussão sobre a violência contra as travestis passará, sempre que possível, pela questão das interseccionalidades entre marcadores de diferença. Verificarei de que forma eles se articulam, examinando se o resultado dessa articulação se dará em forma de domínio e opressão, transformando diferenças em desigualdades, ou, ainda, se eventualmente os marcadores se interconectam de forma que as diferenças sejam significadas como diversidade (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

As travestis sofrem violências por se afastarem da conduta esperada de pessoas do “sexo masculino”, abandonando sua masculinidade valorizada e aproximando-se do feminino, desqualificado nas redes de poder de sexo e gênero (SANTOS 2012; FACCHINI, 2012). Mas não se trata apenas disso. As causas das violências são sempre múltiplas (CRETTEZ, 2011; MINAYO, 2006). Lembremos, então, a noção de lugar simbólico que Carrara (2005) utiliza ao se referir à homossexualidade:

Um “lugar” que, se fala de estigma, de preconceito e de aprisionamento identitário, fala também de prazer, de potência, de irreverência, de transgressão, de mobilidade, de migração, de deriva, de uma contínua e árdua transformação de si e dos outros (CARRARA, 2005, p. 23).

Assim, pensamos que o lugar simbólico ocupado pelas travestis é também, ao mesmo tempo, marcado por estigmatização, violência e estereotipia, mas também por uma capacidade incrível de resistir e transformar, de criar e transgredir. Ou seja, de resistir às forças que as oprimem como sujeitos de direito violados, mas que não se conformam,

²⁶ Fonte: Pragmatismo Político. Disponível em: <http://www.pragmatispolitico.com.br/2013/10/travesti-barba-sofre-preconceito-selecionada-festival-musica.html>. Acesso: 04. out. 2013.

pois elas não são vítimas. No entanto, cabe ressaltar ainda que as violências dirigidas a esse segmento da sociedade são recorrentes, sistemáticas e extremas. E, como violência é o foco deste estudo, para algumas pessoas este texto poderá dar a entender que travestis são apenas seres que sofrem e sucumbem. Não são. Como se poderá acompanhar ao longo do presente trabalho, travestis se percebem como sujeitos da vida cotidiana e, crescentemente, como agentes de transformação com enorme potência. O recorte desta pesquisa foi violência, portanto minha escolha foi mostrar o quanto a sociedade dificulta o exercício de cidadania das travestis, que para isso cotidianamente têm de superar inúmeros e violentos obstáculos que a outras pessoas não se apresentam.

Assim, por meio desta pesquisa, busco compreender como se dá a dinâmica psicossocial da discriminação imposta às travestis de maneira reiterada: quais processos fazem com que a ostensiva superposição de características masculinas e femininas se constitua como um dos elementos de legitimação social da violência a que elas estão submetidas? Qual seria o lugar simbólico das travestis que colaboraram com esta pesquisa? Como elas experienciam a diferença? Como elas vivenciam as violências?

Cabe neste ponto salientar que usarei a proposta de Avtar Brah de tomar a *diferença* como categoria de análise e que, portanto, ao me referir à diferença no singular, não vou tratá-la de forma essencializada, nem estou tomando os padrões sociais como referentes. Ao contrário, ao fazê-lo escoro-me na formulação de Adriana Piscitelli, pois ao falar “a” diferença, faço-o “[...] em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos.” (PISCITELLI, 2008, p.266)

Ouvi oito travestis nesta pesquisa. Elas falaram de si, de seu cotidiano, de suas histórias de vida. Com isso, mas sem a intenção de generalizar o que se encontra no âmbito deste trabalho, espero obter pistas que possam contribuir com mais elementos para se compreender a dinâmica psicossocial que tem legitimado a discriminação e as violências cometidas cotidianamente contra as travestis.

Neste ponto, uma observação se faz necessária. Apesar de nem todas as colaboradoras deste trabalho se identificarem como travestis atualmente, todas elas tiveram pelo menos uma fase da vida em que se identificaram ou foram identificadas por outras pessoas como travestis. Considerando que ouvi de algumas das participantes que a palavra *travesti* é malvista e que elas temem pela morte simbólica das travestis, em

consideração a elas uso **preferencialmente** travestis, no plural, quando me refiro a este grupo de pessoas no presente trabalho, até porque todas tiveram experiências como travestis. No entanto, tomei o cuidado de, no singular, utilizar a palavra *transexual* ou *mulher transexual* quando me refiro à pessoa que não mais se identifica como travesti, pois é assim que passou a se referir a si própria.

Da mesma forma, quando me refiro aos modos de expressar o feminino e às mulheres, mesmo que em algumas passagens utilize o singular, não se trata de uma essencialização redutora. Em cada passagem em que estas referências surgem, eu as enquadro na perspectiva que concebe, por um lado, que há várias possibilidades de ser e se sentir mulher e, por outro, que há inúmeras maneiras de expressar o que socialmente *se considera* feminino.

Também cabe observar que, ao reproduzir falas transcritas ou textos das colaboradoras no presente trabalho, mantive a forma literal e particular com que cada uma se expressou. Não fiz correções gramaticais, nem mesmo usei [sic], mantendo a singularidade de cada uma em sua maneira de se expressar. Eventualmente, interpolei entre colchetes, em algumas poucas passagens, palavras ou pequenos trechos meus somente para facilitar a compreensão de algumas referências feitas por elas.

Utilizo, portanto, muitas transcrições das falas das travestis e considero que foi necessário trazê-las desta forma ao texto, pois elas expressam de forma singular e potente as suas experiências, relações sociais, subjetividade e identidade. É a força da palavra delas que legitima que eu, que não sou travesti, possa falar sobre suas vidas e perspectivas.

Ainda neste ponto é importante explicitar a escolha do título deste trabalho. Como relatei acima, indaguei às colaboradoras sobre violências e, obviamente, ouvi delas muito mais sobre violência do que qualquer outra esfera de suas vidas - que incluem prazer, realização, satisfação. Ao mesmo tempo, a escolha pelo tema das violências contra as travestis não se deu por acaso, pois como já mencionei, este surge nos relatos das histórias de vida delas de forma reiterada e extrema, assim como na expressiva maioria dos trabalhos acadêmicos sobre as travestis. Por isso, o que ouvi das oito participantes desta pesquisa foi sintetizado por mim pelo título “Morra para se libertar”, com o qual busquei expressar os sentidos atribuídos por estas travestis às violências que

vivenciaram em suas histórias de vida. Formas diversas de morte física e simbólica acompanham a vida das colaboradoras desta pesquisa. Para elas, as opções seriam basicamente: 1) expressar-se abertamente de forma considerada feminina e correr o risco de sofrer violências brutais, incluindo sério risco de morte; ou 2) morrer simbolicamente como travestis, deixando de se expressar como se sentem, para se livrar das outras violências.

Por fim, vale ressaltar que, com esse trabalho, busco juntar minha voz à das travestis, trazendo uma contribuição não apenas para compreender teoricamente a estigmatização e a consequente violência a que as travestis estão sujeitas, mas fundamentalmente para contribuir para transformar essa realidade, buscando, ao final, discutir políticas públicas que promovam a proteção das travestis e o direito a uma vida sem violência, plena, com cidadania e, acima de tudo, dignidade.

1.2. Objetivos

Os objetivos deste trabalho são descrever quais são e como são experienciadas as violências cotidianas sofridas por travestis e investigar sua dinâmica psicossocial, focalizando como o gênero se articula a outros marcadores sociais da diferença.

1.3. Estrutura deste trabalho

A análise das informações obtidas foi inspirada pelo construcionismo social, utilizando as cenas como unidade de análise privilegiada. Descrevo como as violências simbólica, física e econômica, incluindo as expressões de violência sexual e psicológica, perpassam a trajetória singular de cada uma delas desde o momento em que expressaram rupturas com os scripts de sexo e gênero em que foram socializadas. Utilizando a perspectiva de Avtar Brah para pensar *a diferença* como categoria de análise, analiso essa diferença em termos de *identidade*, *experiência*, *relações sociais* e *subjetividade*. A diferença é pensada não de forma essencializada, nem toma como referente a roteirização de sexo e de gênero hegemônica, mas sim de forma a compreender se ela é decodificada como forma de opressão ou, ao contrário, se diferença permite criatividade e expressão de diversidade.

Para discutir os temas da forma proposta, o trabalho se estrutura em um capítulo de metodologia, dois de resultados, dois de discussão e um de palavras finais. Em seguida, virão as referências bibliográficas utilizadas e alguns anexos.

As hipóteses que formam o eixo de interpretação dizem respeito à superposição do feminino e do masculino, que seria vista como uma espécie de “marca” das travestis. Em um contexto social marcado por um rígido binarismo de gênero, a ostensiva ruptura desta roteirização “engessada”, fundamental para a ordem vigente, representaria uma ameaça não apenas à norma, mas às relações de poder estabelecidas em função da divisão de trabalho e estruturação sociais de gênero. Da mesma forma, outros marcadores de diferença atravessam a produção das diversas formas de violência que atingem sistematicamente as travestis, como classe social e raça, por exemplo.

No próximo capítulo, **Metodologia**, apresento o desenho metodológico deste trabalho: como foi realizada a pesquisa de campo, incluindo o relato de como encontrei as colaboradoras, como me desencontrei de outras, quais foram meus critérios de busca e os procedimentos que foram utilizados durante as entrevistas realizadas. Detalho também neste capítulo todos os cuidados éticos que tive para desenvolver a pesquisa, informo dados sobre as colaboradoras e sobre o material obtido para a análise e descrevo o procedimento aplicado para analisar o conteúdo das histórias de vida. Em um breve referencial teórico, informo as bases teóricas utilizadas para a análise do conteúdo: o construcionismo social. Trabalho com a noção de carreiras sociais, condutas sexuais, cenários culturais com John Gagnon e as cenas como unidade de análise, conforme formulado por Vera Paiva. Destaco a articulação entre marcadores sociais de diferença com Avtar Brah, Adriana Piscitelli, Regina Facchini e Gustavo Venturi. Trabalho estigma e processos de estigmatização, utilizando Erving Goffman, Vera Paiva e Eliane Zucchi, Mario Pecheny. Trabalho também noções de subjetividades, identidades e estigmas, contando, além dos autores já mencionados, com Michel Foucault. Para trabalhar violências, uso principalmente Xavier Crettiez e Maria Cecília Minayo, entre outros. Para violência de gênero, me apoio em Gayle Rubin, além de Regina Facchini.

Os capítulos de resultado e discussão que vêm a seguir estão construídos para estruturar as análises da diferença em termos de identidade, experiência, relações sociais e subjetividade, conforme propõe Avtar Brah.

O terceiro capítulo (**Mulheres com pau, mulheres na bolsa**) é o *primeiro capítulo de resultados* desta pesquisa em que focalizo *identidade* e *experiência*, sem desconsiderar que *subjetividade* e *relações interpessoais* estão inextricavelmente ligadas. Assim, por meio da *identidade* busco mostrar como as pessoas que participaram desta pesquisa entendem o que é ser travesti, apontando características comuns, mas evitando dizer algo sobre elas além do que elas mesmas quiseram dizer de si próprias. A *experiência* é o que estrutura o segundo propósito (e subitem) deste capítulo. Vale antecipar que a experiência, para Brah, se constitui no próprio ato de narrar. Assim, busco ressaltar como as travestis significaram suas experiências no momento em que me contaram as suas histórias de vida. São oito pessoas que moram na grande São Paulo, têm mais de dezoito anos e se autoidentificam como travestis. Ao relatar o que ouvi, procuro mostrar como elas vivenciam a diferença: ora como estigma, diante de tantas violências sofridas, ora como fantasia, diversidade, ousadia e liberdade. Busco mostrar como elas experienciam as violências cotidianas, o que sentem e como as enfrentam. Aponto também algumas interseccionalidades dos marcadores de diferença que são perceptíveis a partir de seus relatos. Neste primeiro capítulo de resultados não utilizo as cenas, que foram apresentadas no capítulo seguinte.

No quarto capítulo (**As violências contra as travestis**), *segundo capítulo de resultados* deste trabalho, destaco as cenas narradas pelas travestis para mostrar a dinâmica psicossocial das violências sofridas. São relevantes os cenários culturais e os scripts de sexo e gênero que vivem cotidianamente. Nestes contextos, especialmente as *relações sociais* com atores diversos contribuem para a construção de suas *subjetividades*, que se constituem a partir da maneira como elas *interpretam* e *atribuem significado* às suas experiências. Internalizam scripts, vivenciando diversas formas de violência simbólica, física e econômica, bem como violências psicológicas e sexuais. Sempre que possível, apresento as articulação dos marcadores sociais de diferença compondo cenários, scripts e resistências.

No quinto capítulo (**A singularidade das trajetórias psicossociais das travestis: da infância ao mercado de trabalho**), faço uma *primeira discussão* dos resultados apresentados nos capítulos anteriores, relacionando *identidade*, *experiência* e *relações sociais* para sublinhar e dar maior relevo aos *processos de subjetivação* das travestis colaboradoras que se dão a partir da dinâmica psicossocial das violências que elas vivenciam cotidianamente.

No sexto capítulo (**Violência de gênero: uma proposta de ampliação**), apresento uma proposta de formulação ampliada de violência de gênero que, espero, possa também comportar as experiências das travestis.

No sétimo capítulo (**Outras palavras**), apresento temas para possíveis futuras pesquisas, bem como discuto algumas políticas públicas para enfrentar as violências sofridas pelas travestis. Encerro este capítulo e o trabalho com algumas palavras finais, especialmente desvelando o impacto que o processo de pesquisa teve em minha vida.

Em seguida, estão as **Referências Bibliográficas** utilizadas e os **Anexos** aos quais faço referência ao longo do texto.

Pela forma como o trabalho foi estruturado, algumas repetições de temas se tornaram inevitáveis. Tais repetições têm um sentido, porém: captar a atenção para algumas narrativas a partir de ângulos diferentes, na tentativa de deixar mais nítida a complexidade de certas dinâmicas. Escolhi correr o risco de talvez cansar o leitor para, ao (re)contá-las, ressaltar nas histórias os múltiplos nuances de análise e significados.

Ao escolher trabalhar com relatos de histórias de vida não tenho a pretensão de reconstituir fatos verídicos ou realidades concretas. Como define Avtar Brah:

[...] 'experiência' é um processo de significação que é a condição mesma para a constituição daquilo a que chamamos 'realidade'. Onde a necessidade de reenfatizar uma noção de experiência não como diretriz imediata para a 'verdade', mas como uma prática de atribuir sentido, tanto simbólica quanto narrativamente: uma luta entre condições materiais e significado. (BRAH, 2006, p. 360)

Assim, aponto também, no decorrer do trabalho, algumas contradições presentes nas narrativas que mostram que se trata não de uma reconstituição absolutamente fiel de fatos e da história, mas de uma narrativa marcada pela relação que se estabelece entre a pesquisadora e as colaboradoras, que se entretete ainda pelo recorte feito pelo tema da pesquisa e que explica por que, afinal, não falei tanto de purpurinas, desejos e prazeres.

Ainda que a violência esteja dolorosamente presente em todo o texto, peço que se leia a todo momento as histórias de oito pessoas que, à sua moda, encontram forças para enfrentar a recorrente violação de seus direitos fundamentais, que se mostram como agentes de transformação com brilho, criatividade e ousadia. O que não estiver explícito, encontra-se nas entrelinhas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se construiu a partir de uma abordagem qualitativa, porque ela nos “[...] permite compreender o ser humano na fluidez das relações sociais” (SPINK; MENEGON, 2004, p. 84), e pela crença de que **não** existe apenas uma única verdade a ser encontrada e revelada pela pesquisa.

2.1. Pesquisa de campo

2.1.1. Obtendo informações

Em termos metodológicos, trabalho com **histórias de vida** de travestis. Traço a história de vida de oito travestis com características diversas: raça, classe social, origem geográfica, escolaridade, inserção no ativismo LGBTT. Além disso, as colaboradoras desta pesquisa têm trajetórias profissionais distintas: algumas são profissionais do sexo e vivem da profissão, outras foram profissionais do sexo e agora exercem outras profissões e há as que não tiveram atuação como profissionais do sexo.

Reforço que, ao ouvir os relatos de vida, o que será relevante são os pontos de vista dessas pessoas, os quais “[...] por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte.” (BERTAUX, 1980 apud SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121). A história de vida põe em foco o momento de vida do/a participante, mas a temporalidade do relato o circunscreve num tempo histórico. Assim, como assinalam Spindola e Santos, “[...] possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência” (2003, p. 121).

Assim, **história de vida**, segundo Queiroz, é um relato de um/a narrador/a sobre sua existência através do tempo, buscando sempre reconstituir fatos que viveu e passar a experiência que obteve (1988, p. 20). Cabe à/ao pesquisador/a desvendar, nessa narrativa individual, os acontecimentos que considere significativos, por meio dos quais se delineiam as relações com pessoas de seus grupos de pertença: trabalho, amigos, família, etc. Lembrando Avtar Brah, da mesma forma que as biografias individuais e as histórias coletivas são construídas culturalmente no processo de significação das relações sociais cotidianas, é preciso considerar que “O mesmo contexto pode produzir várias ‘histórias’

coletivas diferentes, diferenciando e ligando biografias através de especificidades contingentes. Por sua vez, a articulação de práticas culturais dos sujeitos assim constituídos marca ‘histórias’ coletivas contingentes com novos significados variáveis.” (2006, p. 362).

Um procedimento utilizado quando possível foi a investigação a partir de **cen**as que surgiram espontaneamente ou que estimei enquanto pesquisadora acerca dos temas do estudo (PAIVA, 2000). Como afirma Paiva: “[...] a descrição densa de uma cena é uma entrada para o diálogo com o sujeito, para a observação de sua espontaneidade com contexto. [...] Cenas narradas ou dramatizadas têm estimulado a compreensão dos obstáculos sócio-culturais e políticos para agir segundo decisões e opções das pessoas” (2008, p. 649).

A descrição densa de cenas por parte das colaboradoras - práticas, falas e interações -, é uma experiência de intersubjetividade entre pesquisadora e participantes que permitiu acessar a espontaneidade, ou seja, falas menos presas a discursos normativos, além de contribuir para identificar desigualdades e relações de poder existentes na vida cotidiana.

2.1.2. O correio nagô²⁷: encontrando as colaboradoras

*E eu me sinto mal com isso. Isso me faz mal, porque **eu não consigo confiar em ninguém**. Algo que me faz mal mesmo, sentindo que pra mim, todo mundo pode uma hora... me ferrar de alguma maneira. (Iara Pereira²⁸.11.06.2014)*

A fala acima é de Iara, uma das entrevistadas, e indica o grau com que as travestis são marcadas pela vivência de tantas violências, o que para muitas torna difícil confiar nas pessoas. Por isso, a tarefa de encontrar travestis que concordassem em participar dessa pesquisa não foi simples. Demandou muitas negociações e muito tempo, durante o qual realizei contatos com mais de cem pessoas, por meio de solicitações realizadas pessoalmente, por telefone, e-mail, Facebook²⁹ e Whatsapp³⁰. As únicas colaboradoras com quem o primeiro contato foi feito diretamente foram duas travestis militantes do

²⁷ **Correio Nagô**: meio de transmissão pessoal e direta de informações entre travestis, conhecido popularmente como “boca a boca”

²⁸ Todos os nomes das colaboradoras desta pesquisa, assim como de locais ou de outras pessoas por elas citadas, foram trocados ou suprimidos.

²⁹ **Facebook**: é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004 que já ultrapassou a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso considerada a maior rede social em todo o mundo.

³⁰ **Whatsapp**: é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular.

movimento LGBTT, que me conheciam, ainda que apenas por contatos superficiais, por minha atuação tanto no movimento LGBTT, como feminista. As demais aceitaram colaborar depois de ter sido acionado o correio nagô³¹ e, ainda assim, algumas somente depois de muita negociação direta.

Neste ponto, é importante explicar as origens da expressão “correio nagô” no universo travesti. Originalmente, a expressão correio nagô, como outras expressões da língua iorubá utilizadas pelas travestis (Benedetti, 2005), vem dos terreiros do Candomblé. E como explica Maria Stella de Azevedo Santos, “Correio nagô é a expressão usada pelos candomblezeiros para transmitir de boca em boca as notícias e os eventos que ocorrem dentro do terreiro/temple³².” É interessante notar que as travestis de diversas regiões do Brasil se utilizam de várias expressões vindas do iorubá em uma espécie de linguagem cifrada que chamam de **bate** ou **bate-bate**. Autores que etnografaram as travestis no Rio Grande do Sul (BENEDETTI, 2005), em São Paulo (PELÚCIO, 2005) e na Bahia (KULLICK, 2008), entre outros, falam sobre essa espécie de “dialeto travesti”. Benedetti (2005, p. 46) relata que as travestis que observou usavam essa linguagem como forma de defesa, para se comunicarem diante de pessoas estranhas ou quando se sentiam em perigo. As colaboradoras desta pesquisa, porém, utilizaram nas entrevistas, algumas expressões do **bate** que já incorporaram em sua linguagem cotidiana, como uma gíria comum.

Uma das pessoas que me ajudaram a fazer contatos com travestis, em determinado ponto de minhas buscas, foi um amigo do ativismo LGBTT que neste trabalho recebeu o nome de William. Seu nome foi trocado para preservar a identidade de algumas colaboradoras que o citam. William é muito querido pelas travestis que o conhecem, pois coordenou um programa de apoio a travestis na Zona Sul de São Paulo. Quando recebeu meu pedido mais difícil – conseguir contato com travestis que não tivessem trabalhado como profissionais do sexo -, recebi uma resposta dele pelo *Inbox*³³ do Facebook dizendo que eu poderia confiar no correio nagô:

³¹ Segundo o Dicionário Houaiss, Nagôs era a designação dada aos negros escravizados e vendidos na antiga Costa dos Escravos e que falavam o iorubá. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nag%C3%B4s>. Acesso: 14. Jan. 2015.

³² Fonte: Geledés. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-correio-nago-entra-em-acao/#axzz3On4nGhbY>. Acesso: 14. Jan. 2015.

³³ **Inbox**: área de troca de mensagem privativa no Facebook, que outras pessoas que visitam o perfil podem ver.

Tbm vou conversar com algumas meninas que estão no meu FB [Facebook] e saber se posso te por em contato com elas. Vc já deve ter percebido que nesse universo o Correio Nagô é mais importante e eficaz. Uma historia pra ilustrar, hahaha, queria entrevistar uma bombadeira³⁴, para um vídeo que ia fazer pra faculdade, uma amiga bombadeira tinha desistido de me dar a entrevista, pois tinha acabado de morrer uma garota que ela bombou³⁵, e as outras da região eu não conhecia e não quiseram dar a entrevista. Já tinha desistido, fechado as entrevistas, quando num sábado à tarde me liga alguém e diz: “Soube que vc tava querendo entrevistar uma bombadeira, se vc quiser eu dou a entrevista, vc pode vir amanhã em casa?” Era nos confins do [nome do bairro], que já é longe. Claro, fui e foi ótima a entrevista. Então pode apostar no correio nagô que nunca falha, hahaha. (William, 23.04.2014)³⁶

No contexto deste trabalho, fiz o primeiro contato com muitas pessoas utilizando o Facebook. As destinatárias eram amigos/as do movimento LGBTTT que, eu sabia, tinham tido contato mais próximo com travestis. Encaminhei minhas solicitações com uma explanação breve sobre o propósito da pesquisa e a necessidade de encontrar travestis que atendessem a certos critérios. E pedia, para quem me retornou informando conhecer travestis que se encaixavam no perfil desejado, que primeiro perguntassem a elas se poderia procurá-las. Não me bastava que me dissessem: “Entre em contato com a fulana de tal, ela tem essas características.” Eu escrevia novamente, com certo constrangimento por pedir mais favores, indagando: “Será que você poderia entrar em contato com ela e perguntar se eu posso procurá-la?”. Depois disso, ainda buscava a travesti pelo Facebook ou por email, e, mesmo já estando de posse de seu número de celular, perguntava-lhe se poderia ligar e em qual horário.

O correio nagô foi imprescindível para que seis das oito participantes aceitassem participar da pesquisa, mas apenas porque alguma pessoa do elo de comunicação era de extrema confiança delas. Muitas respostas tinham teor parecido: “Falei com a fulana, que conversou com a ciclana que disse que conhece alguém que poderá ajudar”. Duas das colaboradoras já conheciam a pesquisadora, Roberta e Iara. Roberta indicou uma conhecida dela, a Rebecca. Já Iara, que trabalhava em um serviço que presta serviços de assistência social para travestis, indicou uma conhecida, a Kharla, e uma usuária do serviço, a Sharon. Pryscilla foi indicada por William, o amigo ativista já citado. Camily

³⁴ **Bombadeira/o:** pessoa que “molda” os corpos das travestis por meio de injeção de silicone líquido, normalmente próprio para uso industrial, para deixá-lo com características consideradas femininas (seios, quadril largo, etc).

³⁵ **Bombar:** injetar silicone líquido no corpo para moldá-lo com formas consideradas femininas.

³⁶ Mantive a forma com que a mensagem foi escrita, com abreviações etc.

foi indicada por outro amigo ativista, Gilberto Maia³⁷. Uma delas, Cynthia, que atua na mesma organização em que Iara, foi indicada por várias pessoas: uma acadêmica e um acadêmico que pesquisaram o universo trans e duas travestis ativistas que tinham sido indicadas por outras pessoas amigas.

Algumas das travestis contatadas preferiram conversar comigo e marcar os encontros utilizando Whatsapp. Outras, marcaram tudo pelo próprio Facebook. Poucas quiseram conversar por telefone. Algumas possíveis colaboradoras que, em princípio, por mensagem ou email, aceitaram participar, depois deixaram de retornar minhas mensagens e desistiram. Outras diziam que, sim, poderíamos conversar, mas não me diziam quando nem onde. Uma delas só marcou a entrevista depois de ver uma postagem favorável às travestis que fiz no Facebook. Outra me fez uma série de perguntas no Facebook e pelo Whatsapp.

Todas as entrevistas e os contatos para agenda-las foram realizadas por mim, pesquisadora-autora desta tese. As negociações foram delicadas e lentas. Do primeiro contato até a realização da entrevista, os processos de negociação duraram de alguns dias a alguns meses. E nem todas resultaram em efetiva participação na pesquisa.

2.1.2.1. Alguns desencontros

Algumas travestis que foram contatadas, inicialmente aceitaram participar do trabalho, mas depois simplesmente sumiram. Uma delas, formada em pedagogia e diretora de escola, já tinha sido candidata a um cargo no parlamento, foi indicada por William e eu a contatei no dia 24 de abril de 2014 pelo Facebook. Apesar de já ter seu número de celular, mantive o procedimento de perguntar antes, por mensagem, se ela aceitaria participar da pesquisa. Perguntada se preferia que eu ligasse ou se ela ligaria, respondeu no mesmo dia: “Ligarei para você. Será um prazer em colaborar... Beijos”. No dia 25 de abril respondi agradecendo e informando que aguardaria a ligação dela. No entanto, essa ligação nunca ocorreu. Tentei mais duas vezes, deixando mensagens para ela no Facebook nos dias 5 e 7 de maio de 2014, mas ela simplesmente deixou de responder. Não houve a entrevista.

³⁷ Gilberto Maia é pseudônimo para um conhecido ativista do movimento LGBTTT da região da Grande São Paulo

Outra travesti, garota de programa³⁸, foi indicada por Gilberto Maia. O primeiro contato foi feito no dia 12 de abril de 2014 pelo Facebook, e ela respondeu prontamente dizendo que aceitava. Depois de dez dias, fiz novo contato, conversamos a respeito do local e do dia. Ela não quis se deslocar até o local onde eu poderia encontrá-la e preferiu marcar na sua residência. Chegou a passar números de celulares e seu endereço, marcando dia e hora para o encontro: dia 29 de abril, às 14h. Pediu apenas que confirmasse na véspera o encontro, por celular, para que ela pudesse confirmar o horário agendado. No dia marcado, todos os contatos que eu tinha com ela foram bloqueados: no Facebook, fiquei impossibilitada de acessar sua página; as ligações para seus dois números de celulares caíam sistematicamente na caixa postal. Recados foram deixados no dia 28 e no dia 29 de abril, mas o recado principal também entendi: não haveria entrevista.

Uma terceira travesti, indicada por Rogério³⁹ um funcionário da entidade em que trabalhavam também Iara e Cynthia, foi contatada por email. O primeiro contato se deu em 14 de abril de 2014. No mesmo dia, veio a primeira resposta:

Boa noite.

Aceito a entrevista a senhora explicou tudo.

Vou pedir que aguarde um dia para marcar a entrevista

por eu estar desempregada e correndo atrás da mudança de meus documentos.

Eu avisarei o melhor dia para poder conversar e o melhor dia para ligar⁴⁰

Uma de suas condições para participar da pesquisa, informada por Rogério, era de que não queria ser filmada. No dia 15 de abril, informei a ela que não haveria filmagem, que as conversas seriam gravadas, mas nem a voz dela seria utilizada e que os nomes seriam trocados no texto transcrito. Perguntada se preferia que o encontro fosse em algum lugar que ela indicasse ou se eu poderia conseguir um local com privacidade para a entrevista, ela retornou, no dia 16 de abril, informando sinteticamente: “Pode procurar um espaço, pra conversarmos.” No dia 17, eu lhe escrevi informando onde seria o local, indagando se para ela o acesso àquela região era fácil, etc. Não houve retorno. No dia 23 de abril, mais um email foi enviado, mas não obtive resposta. Ela nunca mais fez contato.

³⁸ **Garota de programa:** pessoa que exerce a prostituição, mas não aguarda a abordagem do cliente em logradouro público, podendo permanecer em bares ou prostíbulos ou ser contatada por telefone. No âmbito deste trabalho, porém, as colaboradoras utilizam a expressão como sinônimo de “prostituta”, independentemente da forma e local em que a abordagem é feita pelo cliente.

³⁹ Rogério é nome fictício.

⁴⁰ A mensagem foi transcrita de forma literal, mantendo-se forma e erros gramaticais constantes na mensagem original..

Para conversar com travestis moradoras de rua, fiz contato com conhecidas que trabalhavam em um equipamento de saúde da Prefeitura de Santo André, que mantinha um trabalho com moradores de rua e conhecia, por isso, uma travesti que se encontrava nestas condições. Um pedido de autorização chegou a ser enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa para que o equipamento público pudesse ser utilizado para a pesquisa, o que foi autorizado pelo CEP no início de junho de 2014. Infelizmente, esta entrevista não foi realizada por uma série de percalços. A equipe do centro de saúde chegou a consultar a possível colaboradora, que aceitou participar da pesquisa. A primeira data agendada teve de ser cancelada, pois não haveria expediente no equipamento público devido a um jogo do Brasil pela Copa do Mundo de futebol. Na segunda data agendada, a entrevista foi cancelada porque a travesti estava muito alterada pelo consumo de drogas. Na terceira data, o cancelamento se deu pela morte de uma pessoa da minha família. Poucos dias depois, me mudei de cidade e região e não tive mais oportunidade de reagendar as entrevistas com esta travesti.

Outras travestis contatadas não aceitaram participar da pesquisa, mas contribuíram indicando outras possíveis participantes. Muitas foram contatadas por mim depois destas indicações: “Pode falar com fulana em meu nome, ela vai atender você”, mas em diversas situações em que isso foi feito, não houve qualquer resposta.

2.1.2.2. Critérios de busca

Para encontrar pessoas que colaborassem com a pesquisa relatando sua história de vida, alguns critérios comuns foram adotados: as participantes deveriam ser moradoras da região metropolitana de São Paulo, todas deveriam ter mais de 18 anos e, à sua maneira, identificarem-se como travestis de alguma forma.

Uma das participantes, que se autoidentifica mulher transexual, foi incluída entre as colaboradoras, pois até assumir-se definitivamente como transexual teve, em sua trajetória de vida, uma fase em que se considerou travesti. Ela é “um pouco travesti”, segundo seus próprios critérios, na medida em que não deseja a cirurgia de transgenitalização e também, apesar de não gostar e de não querer ser sexualmente “ativa”, realiza a penetração em alguns de seus parceiros (característica atribuída por ela às travestis), pois “nove entre dez deles adoram ser penetrados”. Apesar disso, ela reforça, sente-se totalmente mulher 24 horas por dia.

A primeira contatada para ser colaboradora da pesquisa, Roberta Barretto, já era minha conhecida. Foi selecionada porque este conhecimento prévio era superficial, mas havia uma fundamental e imprescindível relação de confiança entre nós. Outro critério dessa escolha se deu porque havia indícios de que ela sofrera violências, conforme relatado no item 2.2 abaixo.

Dos três encontros realizados com Roberta e do relato que fez da história de sua vida, surgiram questões sobre o envolvimento de algumas travestis com a prostituição, o que também está fartamente retratado pela literatura acadêmica (BENEDETTI, 2005; DENIZART, 1997; GARCIA, 2007 e 2008; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2005; PERES, 2010; SILVA, 2007). Roberta⁴¹, porém, envolvera-se na prostituição não por necessidade financeira ou por um gosto particular pela profissão, mas por achar que só existiam travestis – e que, portanto, ela só poderia ser travesti – exercendo a prostituição. Diante desta violência simbólica narrada, a passagem pela prostituição se tornou um critério para a busca de novas colaboradoras. No período em que contou sua história de vida, em maio de 2013, Roberta já não exercia a prostituição. Desta forma, outro critério para a busca de colaboradoras foi: travesti que ainda se prostituía e travesti que nunca tivesse se prostituído.

Outro critério de busca de colaboradoras foi socioeconômico. Na literatura acadêmica, repete-se a informação de que as travestis estão entre os estratos sociais com mais baixa renda, sendo grande parte da população moradora de rua, o que as expõe ainda mais à violência, fato confirmado por Roberta e Rebecca. Dessa forma, houve busca específica por uma colaboradora que fosse moradora de rua.

Também o envolvimento ou não no ativismo LGBTTT foi critério relevante na medida em que, a partir da inserção no movimento social que algumas travestis começaram a se reconhecer como pessoas com direitos violados, conseguindo reagir a algumas violências e passando a se utilizar de certas redes de serviços e de solidariedade que as protegem. Assim, foi critério a busca de diversidade de vínculos com o ativismo LGBTTT: a busca se deu por colaboradoras que não tinham passagem pela militância, que já tiveram passagem pelo ativismo e outras que se considerassem engajadas e organicamente atuantes, ou seja, que se consideravam parte de um grupo militante organizado.

⁴¹ Ver relato de sua história de vida no próximo capítulo deste trabalho.

Por fim, outra característica que demandou uma busca ativa de colaboradoras foi a idade, já que a maioria das entrevistadas relatava que são poucas as travestis que chegam a idades acima de 50 anos. A violência contra travestis é tão elevada que as estimativas informais⁴² para o Brasil - e para a Argentina e outros países da América Latina - apontam que as travestis vivem, em média, 30-35⁴³ anos de idade, menos da metade da expectativa de vida da população brasileira que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), subiu para 74,9 anos⁴⁴. Iara, inclusive, inicia assim a primeira conversa com a pesquisadora:

Atualmente estou com 3.8. Aí eu costumo dizer que é 8 no lucro. 30 tá na idade, na média, está na faixa. E o 8 estou comemorando como lucro. [Referindo-se às estatísticas que dizem que as travestis vivem, em média, apenas 30 anos] (Iara Pereira. 11.06.2014)

Assim, foi possível conversar e traçar a história de vida de oito travestis que, além dos critérios acima citados, apresentaram características diversas em termos de origem geográfica, cor da pele, filiação religiosa.

2.1.2.3. Perfil das participantes da pesquisa

Na Tabela 1, a seguir, é apresentando o perfil das oito participantes desta pesquisa.

⁴² Não há uma estatística oficial para expectativa média de vida das travestis brasileiras. Números encontrados em notícia, entrevistas e reportagens publicadas em sites indicam uma média que varia entre 30 e 35 anos. Em sua dissertação de mestrado em gerontologia pela PUC/SP denominada *Travestis envelhecem?*, Pedro Paulo Sammarco Antunes, que pesquisou o envelhecimento das travestis, fala genericamente em “expectativas muito baixas”.

⁴³ Fonte: Brasil de Fato. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/28082>. Acesso: 14. jan. 2015.

⁴⁴ Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados divulgados em 1 de dezembro de 2014. Fonte: O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/expectativa-de-vida-no-brasil-aumenta-para-749-anos-diz-ibge-14706410>. Acesso: 14. jan. 2015.

TABELA 1. PERFIL DAS COLABORADORAS:**Por idade, cor da pele, origem geográfica, trabalho, condição socioeconômica, inserção no movimento LGBTT**

NOME FANTASIA	DATA DE NASCIMENTO / IDADE	COR DA PELE POR AUTO IDENTIFICAÇÃO	ORIGEM GEOGRÁFICA	TRABALHO	CONDIÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA	RELIGIÃO	ATIVISTA DO MOVIMENTO LGBTT
Roberta Barretto	22/04/81 32 anos	“Eu sou negra”	São Paulo (Capital)	Atua como cabeleireira autônoma, como <i>promoter</i> em eventos de casas noturnas voltadas ao público LGBTT e em alguns projetos sociais de educação de jovens LGBTT. Já foi cabeleireira em salão. Já foi prostituta de fazer pista. Não atua mais na prostituição.	Moradora de periferia distante e pobre da zona sul de São Paulo. Mora em uma edícula construída no quintal da casa dos pais. Não tem emprego regular. Passa por dificuldades financeiras. Vai pouco ao centro, por dificuldade de pagar a condução. Parou de estudar na 5ª série.	De família católica, que frequenta a igreja até hoje. “Domingo era o dia que íamos todos pra Igreja, tinha toda aquela coisa da família, cristã católica, de domingo de manhã, junta todos os seus filhos e vão todo mundo pra Igreja, faz as orações pra poder voltar pra casa.” Ela não se diz católica. Não falou se tem religião ou frequenta igreja.	Se considera ativista, mas não participa mais de nenhum grupo ou atividade militante de forma regular.
Kharla Limeira	12/04/1993 20 anos	“Eu me identifico morena. No meu documento tem parda. Mas eu sou bem moreninha.”	Teresina (PI)	Garota de programa como ocupação principal. Vende calcinhas, roupas e bolsas	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu gosto de passear, conhecer lugares novos, gosto de ir pra parque, ir pra cinema, adoro viajar, conhecer outras cidades. Já fui em Fortaleza, já fui em Piauí, no Maranhão, Rio de Janeiro, aqui em SP. E eu já fui pra vários interiores do Piauí, fui pro litoral.” • Mora em uma quitinete (de um quarto) no centro, divide o aluguel com uma amiga. • Estudou até a 8ª série. 	Não falou	Não.
Camilly Pergolini	13/07/87 26 anos	“Acho que branca, eu não sei. Eu não sei como são essas	Cidade litorânea do Rio Grande	Garota de programa. Modelo de revistas e TV. Afirma que perde muito trabalho por	Família de origem possuía bons recursos financeiros. Passou por certa instabilidade na infância, quando o pai perdeu tudo,. Na pior fase financeira da família, morou	Não tem. Muito crítica quanto à religião e ao uso que, diz, fazem da Bíblia para julgar as pessoas.	Não. Eventualmente dá apoio a uma ONG, mas apenas comparecendo a

		coisas. “	do Sul	causa dos documentos.	<p>com uma tia que lhe dava “do bom e do melhor”. Depois de um tempo, a família se recuperou financeiramente e voltou a morar com os pais. Estudou em boas escolas.</p> <p>Atualmente, mora em uma quitinete no centro de São Paulo.</p> <p>Estudou até o primeiro colegial. Repetiu de ano e desistiu. Voltou a estudar em outra cidade algum tempo depois, cursou supletivo e concluiu o Ensino Médio.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Não é um preconceito meu. A religião só faz as pessoas se afastarem uma das outras. Sem mais portas, infelizes, porque as pessoas querem, como se fosse Harry Potter, vai ficar a vida toda vivendo acreditando nisso e aquilo e não é, cada um tem um ponto de vista. Entendeu?” • “As pessoas se frustram, matam, tudo por causa da bíblia.” • “Religião. Destrói muitas coisas, fazem as pessoas serem infelizes.” • “Os evangélicos, ou qualquer religião, mas a evangélica é a pior. Não adianta, eles que criam o preconceito, o ódio. Entendeu?” 	eventos (seu nome é citado na divulgação do evento como atração)
Rebecca Thyfany	22/07/1991 22 anos	<ul style="list-style-type: none"> • “Ao mesmo tempo negra, depois parda. Depende.” • “Eu me sinto morena. Como não existe lá, mas eu me sinto morena. Eu não sou nem negra e nem parda, eu sou amarela, uma cor assim, meio que apagada.” • “Tem um [documento] que está negra e outro que está parda.” 	São Paulo (Capital)	<p>Desempregada.</p> <p>Tentou trabalhar como prostituta, chegou a tentar fazer um programa, mas não gostou e desistiu.</p>	<p>Moradora de periferia distante e pobre da zona sul de São Paulo.</p> <p>Primeira de nove filhos. Ela e mais quatro são do mesmo pai. Os demais são da mãe com um ex-padrasto. Parou os estudos na 8ª série, está tentando voltar agora.</p>	<p>Acredita em Deus, mas não vai à Igreja. Já frequentou a Igreja Universal do Reino de Deus. Vai às vezes ao terreiro com a mãe, mas para acompanhá-la.</p>	Não.
Pryscilla Stephanie Gomes	14/01/1976 38 anos	Branca	São Paulo (capital)	Trabalha nos Correios, concursada. Se feminilizou tardiamente, depois de já estar atuando neste emprego.	Família de classe média baixa. Completou o Ensino Médio. Não gosta de estudar, não tem paciência, se tivesse oportunidade de voltar a	<p>Já foi do Candomblé, mas agora frequenta a Umbanda</p> <p>(Mãe evangélica, Batista. O pai</p>	Sim. Foi atuante, atuou em um grupo, mas agora não participa

				Nunca atuou na prostituição.	estudar, não o faria. Gosta de viajar e conhecer lugares novos.	agora frequenta a igreja com a mãe, mas antes não.)	mais. Já trabalhou como voluntária na parada. “Eu apoiava as causas. Eu sempre fui uma pessoa assim, falou em LGBT, eu estou. Eu sou uma pessoa que levanto a bandeira.”
Sharon Pinheiro	01/07/1991 22 anos.	“Morena”	Interior de São Paulo	Desempregada. Vive da assistência social e de pequenos “bicos”. Já foi prostituta de prostíbulo e de pista.	De família muito pobre, que foram sem teto, mas conseguiram casa por meio de invasão de casa no interior de São Paulo. Estudou até o Ensino Fundamental I. Quando jovem, fez curso de dança e canto em um projeto social. Atualmente, é moradora de rua na capital paulista.	De família evangélica, não tem religião atualmente, mas simpatiza com o candomblé.	Não.
Iara Pereira	8/10/1975 38 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Cor da pele. Quando eu olho para o meu registro, sou parda... • Mas quando me pergunto eu digo – nem digo cor da pele, digo questão de raça – sou negra. 	Nasceu no Rio Grande do Norte, mas a família migrou para o interior de São Paulo quando era bebê.	<p>Já foi profissional do sexo. Atuou por 3 anos em um equipamento de assistência social voltado ao atendimento de pessoas transexuais, travestis, lésbicas, gays, bissexuais e que tem seus direitos humanos violados.</p> <p>Também revende produtos de beleza femininos e lingerie feminina. Desde julho de 2014, quando pediu demissão de seu trabalho, voltou a atuar como profissional do sexo.</p>	<p>Mora em uma quitinete no centro de São Paulo.</p> <p>Parou de estudar no início do segundo ano do Ensino Médio, quando se feminilizou e foi rejeitada e pelos colegas. Depois voltou a estudar e fez faculdade.</p> <p>Entrou na militância e foi estimulada a voltar a estudar. Concluiu o Ensino Médio (segundo e terceiro anos) em um supletivo. Depois prestou ENEM, conseguiu bolsa do PROUNI e se formou em Pedagogia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Porque minha família era evangélica. Aliás, a família toda não era, mas depois o meu pai, depois foi a minha mãe e depois a gente acabou seguindo também. Então eu costumo, quando as pessoas perguntam eu digo: tenho religião porque a religião que eu me formei, que eu aprendi, então eu sou evangélica. Só não pratico.” • “Continuo acreditando. Como evangélica. Não sei como evangélica, mas como cristã. Eu acredito por exemplo na santíssima trindade. Então não vou dizer evangélica porque tem um grupo de evangélicos que só acreditam em Deus. Eu acredito nos três, na santíssima trindade. No que aprendi e eu ainda acredito na santíssima trindade 	Sim. Ativista importante, que se tomou referência tanto no movimento LGTT paulista, quanto no nacional.

						que é o pai, filho e espírito santo.”	
Cynthia Toledo	26/06/1949 65 anos	“Eu me acho negra”	Cidade pequena do interior de Minas Gerais (MG)	Exerceu prostituição de luxo. Hoje atua em um equipamento de assistência social voltado ao atendimento de pessoas transexuais, travestis, lésbicas, gays, bissexuais e que tem seus direitos humanos violados. Tem renda de um salário mínimo e meio.	Mora em um apartamento no centro de São Paulo. Pessoa de modos refinados, se veste de forma muito elegante. Não terminou a escola, parou no Ensino Médio, agora voltou a estudar, está fazendo EJA. Conta que teve acesso à cultura. Viveu em Paris, fala, lê e escreve francês fluentemente. Morou na Itália, em Roma, e fala, lê e escreve fluentemente italiano. Morou em Hamburgo, na Alemanha. Leu Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Jorge Amado, Machado de Assis.	“Nasci Católico e eu tive todo aquele “trampo” de um filho Católico dos anos 50, primeira comunhão, essa coisa toda, mas intuitivamente na medida em que eu fui crescendo, que eu fui descobrindo nas leituras o significado de religiões e tudo, eu fui me libertando de qualquer coisa que pudesse me levar pra essa coisa supersticiosa e me transformar numa pessoa ignorante. Depois eu descobri o Kardecismo que é uma filosofia, ela não responde a tudo, mas responde a mim e a meus questionamentos e a muitas coisas..	Sim.

2.1.3. Procedimentos durante as conversas com as travestis

Para traçar a história de vida das travestis que colaboraram com esta pesquisa, foi elaborado um roteiro (Anexo II), dividido em três partes. A primeira parte era uma introdução, utilizada para explicar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e como a entrevista iria funcionar. Ou seja, a introdução servia também para informar que haveria duas outras fases distintas. A primeira fase seria mais objetiva, com perguntas de respostas rápidas, mas na segunda fase a pessoa contaria espontaneamente a sua história. Nesta explicação, era feita a ressalva de que a forma de condução da conversa na segunda fase poderia ser um pouco diferente do que costuma acontecer em entrevistas, pois investigaríamos as cenas. A instrução dada a respeito da segunda fase era:

O que a gente vai fazer é o seguinte: eu vou pedir pra você contar a sua história de vida e você vai falando. De vez em quando, eu vou pedir para gente aprofundar um pouquinho alguma coisa que você me contar. Posso pedir, por exemplo, p'ra você fechar o olho, p'ra me contar como se você estivesse lá novamente, naquele momento, quando as coisas aconteceram. Essa é a única coisa que pode ser diferente do que costuma acontecer em entrevistas. Então a gente vai conversando e você pode se sentir à vontade p'ra falar tudo como quiser. Às vezes, durante a sua fala, eu vou lhe fazer perguntas e em alguns momentos eu vou falar: "Será que agora você poderia tentar voltar para a situação, como se você tivesse vivendo de novo aquela cena?"
(Pesquisadora)

Na Fase I, foram feitas apenas três questões: 1) nome pelo qual a pessoa quer ser chamada na transcrição da entrevista, 2) data de nascimento e idade atual, 3) Cor da pele. Tais dados são importantes para traçar o perfil das colaboradoras. Na Fase II, a técnica da entrevista mudava um pouco, sendo feitas outras perguntas de acordo com o andamento da conversa e, então, eram exploradas as cenas, conforme descrito anteriormente. As cenas que foram exploradas diziam respeito a episódios em que eu identificava violências sofridas pelas travestis no decorrer de sua narrativa.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a realização das análises. Todos os nomes de pessoas ou locais que pudessem identificar as travestis foram trocados ou suprimidos.

2.1.4. Aspectos éticos

Antes de a pesquisa de campo ser iniciada, o projeto de pesquisa foi submetido ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo** - de acordo com a Resolução 196/96, vigente à época da submissão do protocolo ao CEP, do Conselho Nacional de Saúde - que emitiu parecer, autorizando a realização da pesquisa (Anexo IV).

A pesquisa foi realizada em total conformidade com a Resolução nº 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia, que normatiza a pesquisa realizada com seres humanos, observando-se todos os protocolos exigidos.

A participação na pesquisa foi voluntária e não remunerada. Todas as participantes tomaram conhecimento dos objetivos da pesquisa pela leitura, esclarecimento de dúvidas e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE, modelo no Anexo I). Garanti anonimato e sigilo a todas as participantes da pesquisa de campo. Os nomes das participantes não constam nem na transcrição das entrevistas, nem nos TCLEs, onde consta somente a assinatura dos/das mesmos/as. Pedi autorização para as últimas entrevistadas para que uma terceira pessoa, de confiança, fizesse as transcrições.

Para a realização desta pesquisa, porém, cuidados redobrados foram tomados do ponto de vista ético. Pelo fato de as pessoas que se consideram travestis formarem um dos segmentos socialmente mais vulneráveis em termos sociais, individuais e programáticos, justamente pelo estigma que as marca, elas estão sempre superexpostas. O cuidado com a privacidade delas foi absolutamente rigoroso e redobrado. Exemplo disso foi a preparação dos recepcionistas de um consultório psicológico onde duas das entrevistas foram realizadas. Para evitar que as travestis passassem por algum tipo de constrangimento ao chegar para as entrevistas, as pessoas que estavam trabalhando na recepção do prédio foram avisadas e orientadas a respeito de seus documentos terem nome masculino e aparência feminina.

Outro aspecto relevante é que, como a maioria das travestis é expulsa de casa e/ou escola muito cedo, outros problemas que as atingem recorrentemente são a desigualdade de classe – a maioria é pobre e grande parte é explorada no mercado do sexo – e a baixa escolarização. Assim, outro cuidado foi atentar para a linguagem (termos, expressões e conteúdo) ao explicitar àquelas que participaram como colaboradoras da pesquisa os

motivos da entrevista, ou seja, para obter um consentimento de participação realmente esclarecido e livre.

Antes da defesa pública da tese, as colaboradoras receberam o texto deste trabalho para ter ciência do que foi feito com a generosa contribuição que elas deram à pesquisa. Depois da defesa, todas receberam por Facebook ou Whatsapp uma entrevista que dei para a Agência Universitária de Notícias da USP e que explicava os pontos principais da tese. Uma delas informou-me, após a leitura dessa matéria, que se sentia contemplada pelo trabalho. Também contatei todas para um encontro pessoal, mas apenas duas tiveram interesse em realizá-lo. Uma dela me pediu a tese em papel e eu entreguei-lhe em mãos.

Por fim, antes de iniciar a pesquisa de campo, busquei informações sobre serviços de atendimento psicológico gratuito disponíveis para encaminhar, caso necessário, informantes que fossem afetadas emocionalmente pela participação na pesquisa. A lista de instituições e profissionais que se dispuseram a prestar esse serviço de forma voluntária e gratuita se encontra no Anexo III, assim como declarações formais dos/as psicólogos/as a respeito do compromisso estabelecido com essa pesquisa. Não houve, no decorrer da pesquisa, necessidade de recorrer a esses serviços.

2.2. Sobre as entrevistas⁴⁵

2.2.1. Os primeiros contatos com as colaboradoras

Abaixo, descrevo os caminhos e descaminhos que me levaram ao encontro das oito participantes desta pesquisa, assim como relato algumas impressões deixadas por elas em nossas conversas. Apresento as participantes na ordem cronológica das entrevistas, da mais antiga para a mais recente. Em seguida, apresento um quadro síntese com as informações de cada entrevista: data, tempo de duração e número de páginas transcritas.

a) Roberta Barreto

Conheci a Roberta Barreto, em 2007, em um evento organizado pela ONG em que eu atuava. O evento ocorreu em um hotel no centro da capital paulista e durou dois dias e meio, período em que tive um contato superficial com ela. Àquela época, dois fatos

⁴⁵ Todos os nomes de pessoas, locais ou eventos que pudessem identificar as entrevistadas foram trocados.

chamaram muito a minha atenção: 1) quando a vi pela primeira vez, ela estava sentada em um sofá, na recepção do hotel, ao lado de um rapaz bem franzino que parecia ser seu conhecido, e ela olhava com uma frequência incomum para todos os lados, como que avaliando se o local era seguro. Neste momento, chamou-me a atenção o fato de que ela atraía todos os olhares. Qualquer pessoa que passasse por ali a olhava de uma forma relativamente acintosa, com uma indisfarçável curiosidade ou com certa desconfiança; 2) O outro fato que me chamou a atenção foi que, mesmo sendo muito alta, com mais de um metro e noventa centímetros de altura, Roberta usava sandálias com saltos muito altos e muito finos, tanto que, ao final do evento, o carpete da sala em que ficávamos estava todo marcado pelo salto agulha que ela utilizou na maior parte do tempo. Vestindo-se sempre muito bem, sempre muito maquiada, Roberta parecia ser muito tímida, muito envergonhada. Acabado o evento, não nos vimos mais por alguns anos.

No início de 2012, Roberta me adicionou como amiga em seu Facebook. Ao fazê-lo, perguntou-me em uma mensagem: “você se lembra de mim? Eu estava naquele evento, etc.” Eu a reconheci imediatamente e comentei, também por mensagem: “Como eu iria esquecer aquela pessoa tão elegante, que usava uns saltos tão altos que me fazia morrer de inveja!” Sua mensagem de resposta me surpreendeu: “Só que agora eu não uso mais salto, eu tive um acidente.” Depois disso, não trocamos mais mensagens. Em meados de 2012, fui convidada para fazer uma palestra em um grupo de ativismo LGBTTT da periferia sul de São Paulo. Durante minha fala, vejo-a entrar e sentar-se na plateia. Ao final, fui falar com ela e vi que ela usava sandálias de salto baixo e brinquei: “Você me enganou, você ainda está usando salto!”, ao que ela respondeu: “Mas agora eu só uso saltos baixos, aqueles que você viu eu usar, não posso mais.”. E eu: “Você me disse pelo Facebook que tinha tido um acidente, o que aconteceu?” Ela imediatamente baixou os olhos, como se estivesse envergonhada, e me disse: “Eu fui assaltada”. E eu perguntei novamente: “Assaltada? O que roubaram: “Nada... meu celular e algum dinheiro”. Na hora, deu-me um estalo e imaginei que ela não tinha sido assaltada apenas, mas também tinha sido agredida de forma brutal, muito provavelmente por ser travesti. Imediatamente, perguntei a ela: “estou fazendo uma pesquisa sobre violência contra as travestis, você aceitaria participar, me dando alguns depoimentos?”. E ela, solícita e gentil: “Claro, quando você quiser.” Passaram-se alguns meses, até que eu obtivesse autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos para fazer minha pesquisa de campo. Imediatamente, eu a contatei por mensagem privada no Facebook:

“Roberta, como você se considera, travesti ou transexual?” Ela me respondeu que se considerava travesti. Convidei-a novamente para fazer parte da entrevista, ela continuava disposta a participar. Trocamos telefones, liguei para ela para marcarmos nossa primeira conversa. Combinamos de confirmar o acordado pelo Facebook e estabelecer data, horário e local. Perguntei, ao telefone, se poderia ser na casa dela ou algum outro espaço que ela quisesse – queria evitar que ela tivesse de se deslocar, gastar dinheiro. Ela disse que preferia que nossa conversa fosse em algum lugar que eu determinasse, não quis que eu fosse até a casa dela. Minha ideia inicial de local alternativo era conversarmos no escritório da ONG feminista que fica em uma área de fácil acesso por condução pública e que era bem tranquilo à noite, sem ninguém presente. No entanto, ela me disse: “eu vou onde você quiser, só não pode ser à noite. Quero sair do centro até seis, sete horas no máximo”. Com essa informação, procurei um outro local alternativo e uma amiga ofereceu seu apartamento que, no horário da tarde, estaria vazio. Era um local de fácil acesso também, perto da ONG, perto do metrô. Perguntei à Roberta, por mensagem, se ela poderia ir para aquele local na quinta-feira, dia 16 de maio, por volta de 13h. Então ela me respondeu também por mensagem: “se você não se importar, um amigo vai comigo. Eu não estou andando sozinha, estou com medo. Alguns amigos foram agredidos recentemente e eu não quero correr nenhum risco.” Ela ainda brincou: “não se preocupe, ele vai ser como um abajur!” Eu expliquei que, para que ela tivesse liberdade de falar e privacidade, eu preferia que ele não estivesse junto no momento em que estivéssemos conversando, mas que ele poderia ir com ela até a porta do apartamento, depois sairia de lá e a esperaria por perto. Quando terminássemos, ligaríamos para ele voltar para buscá-la ou eu poderia acompanhá-la até algum local seguro. Ela aceitou essas condições e, na verdade, combinamos de nos encontrar nas catracas de acesso à estação do metrô, onde ela chegou sozinha. O amigo e “guarda-costas” dela a buscaria mais tarde, no Anhangabaú, onde um primo dele tinha um quiosque e ela ficaria em local seguro. Assim, eu a encontrei no metrô e, depois de finalizado o primeiro encontro, eu a deixei no metrô também. No caminho de ida que fizemos a pé do metrô até o apartamento, um fato me chamou a atenção. Ao passarmos em frente a um local com muitos homens – era uma oficina mecânica ou borracharia, algo assim – ouvi um homem gritar algo, que não consegui entender, mas ele olhava para o nosso lado. Instintivamente, olhei para a Roberta, que pareceu nem ter ouvido nada e continuava andando e conversando comigo despreocupadamente.

A história de vida de Roberta Barreto foi traçada em três encontros diferentes. O primeiro encontro foi nessa tarde, e ocorreu na sala de estar do apartamento, onde havia um sofá confortável onde nos acomodamos. Essa primeira conversa durou três horas e meia. No início, Roberta estava tensa e ansiosa, mas aos poucos foi relaxando e se soltou completamente. Tanto que, depois da primeira cena, quando pedi para ela fechar os olhos, ela permaneceu de olhos fechados quase todo o tempo. Se não fosse pelo adiantado da hora, Roberta poderia ter ficado falando por muitas horas mais. Houve vários momentos em que ela se comoveu bastante, mas chorou de forma muito discreta, quase imperceptível.

O segundo encontro ocorreu na terça-feira seguinte, dia 21 de maio de 2013 à tarde, no centro da capital paulista, em outro apartamento, que também estaria desocupado durante todo o período em que estivéssemos lá. O apartamento ficava perto da Praça da República, onde também há uma estação de metrô, mas desta vez o amigo e “guarda-costas” de Roberta não pôde comparecer. Ela foi assim mesmo, porque tinha se comprometido comigo. Cheguei antes do horário, liguei para ela avisando que estava lá e perguntei onde ela queria me encontrar. Ela me explicou onde seria melhor nos encontrarmos na saída da escada rolante do metrô mais próxima da Secretaria de Educação, que fica dentro da Praça da República. Ao nos encontrarmos, Roberta ficou visivelmente aliviada. Daí até o apartamento, fomos conversando e caminhando. A entrevista durou três horas e doze minutos e quando saímos para a rua já tinha anoitecido. Fomos caminhando e conversando até o metrô. Neste dia, outra coisa me chamou muita atenção. Na volta, por ser horário de grande movimento, percebi que quase todo mundo olhava para nós, sem quase nenhuma preocupação em disfarçar. Muitos olhares eram apenas de curiosidade, mas outros tinham uma indisfarçável desconfiança, outros ainda eram francamente hostis. Eu olhava para a Roberta, que parecia não notar tantos olhares. Comentei com ela o que eu estava vendo e ela me disse que isso era muito comum, que outras pessoas não travestis já haviam comentado a mesma coisa com ela. Perguntei se ela não se incomodava. Respondeu que não mais, porque tinha aprendido a não ver esses olhares, a não ouvir os comentários, como um ator que desfoca a plateia para poder representar. Fiquei muito impressionada. Marcamos a terceira conversa para a quinta-feira seguinte, dia 23 de maio, no mesmo local. No dia combinado, pela manhã, ela me ligou avisando que não poderia comparecer, pois na terça-feira, quando ela voltava para casa, encontrou uma amiga travesti caída na rua,

muito mal de saúde. Ela a socorreu e ficou com ela no hospital, pois a amiga não tinha nenhum parente para acompanhá-la. Remarcamos, então, para a terça-feira seguinte, dia 28 de maio. Em princípio, conversaríamos no mesmo local do segundo encontro.

No dia combinado, houve um imprevisto e o apartamento não estaria desocupado à tarde. Consegui agendar de última hora uma sala no Instituto de Psicologia da USP e marquei de encontrar Roberta na estação Pinheiros do metrô, na plataforma de embarque. Fomos juntas dali até a USP. Quando chegamos à sala, Roberta parecia pouco à vontade, meio constrangida. Não perguntei para ela o motivo, mas me pareceu que o ambiente universitário, assim como a sala onde conversamos, por ter uma mesa muito grande e imponente, eram fatores de intimidação para ela, que não tinha terminado seus estudos básicos. Não se foi isso, mas desta vez, Roberta não fechou os olhos imediatamente, como havia feito no segundo encontro. Somente quando eu pedi, ela o fez. Não parecia estar tão à vontade, mas mesmo assim foi totalmente colaborativa em todo o tempo em que estivemos lá. A conversa durou duas horas e dezenove minutos. Voltamos juntas até o metrô, conversando. Descobri, nesses encontros, uma pessoa tão íntegra e generosa, que sinto de forma ainda mais intensa como é injusta e cruel a estigmatização das travestis.

b) Kharla Limeira

A indicação para conversar com Kharla Limeira foi dada por Iara Pereira. Iara, por seu ativismo e sua atuação na entidade que presta serviços para a comunidade LGBTT, conhecia muitas travestis. Neste momento, eu buscava uma travesti que fosse trabalhadora do sexo e, de preferência, que não tivesse atuação na militância LGBTT. Iara Pereira fez o primeiro contato com Kharla e me passou o endereço do Facebook dela, dizendo que ela aceitaria participar da pesquisa. Fiz meu primeiro contato com Kharla no dia 2 de abril de 2014. Ela me respondeu dois dias depois, dizendo que eu poderia fazer as perguntas. Expliquei-lhe que a conversa seria presencial e lhe perguntei em que local preferia me encontrar. Ela preferiu em sua casa, mesmo, um prédio localizado no centro velho da cidade. Durante esta conversa virtual, disse-me que o pior era a “falta de respeito”. Informei-a de que conversaríamos sobre a história de vida dela e que, por isso, talvez fosse necessário que nos encontrássemos mais de uma vez. Ela disse que não haveria problemas. Antes de marcarmos nosso encontro, ela me disse que iria tomar café e que voltaria logo para nossa conversa virtual. Mas não voltou. Dois dias

depois, 6 de abril, eu voltei e escrever para Kharla. Desejei bom dia e perguntei se poderíamos marcar um dia e horário para nos encontrarmos. Ela me respondeu na mesma hora, dizendo que sim, que ela sairia naquele momento, mas depois escreveria me passando seu telefone e endereço. Não respondeu. No dia seguinte, 7 de abril, eu lhe escrevi novamente perguntando se poderíamos conversar ainda naquela semana e ela concordou. Marcou para a próxima quarta-feira, dia 9 de abril, à tarde. Pedi-lhe endereço, telefone e perguntei se às 14h seria bom para ela. Kharla concordou com o horário, deu-me as informações solicitadas e, no dia, ainda enviei uma mensagem informando que estava em uma estação de metrô próxima, quase chegando. Ela respondeu que estava me aguardando. Ao chegar, fui instruída pelo porteiro do prédio para aguardar um pouco, poderia subir logo. Esperei cerca de 15 minutos. Kharla me atendeu muito bem, tinha preparado uma mesa com suco, água. Conversamos na sala. Dividia a quitinete com uma amiga, que chegou acompanhada com um rapaz durante a entrevista, mas foi para o quarto e fechou a porta. Sempre reforçava que ela não passara por nenhuma situação de violência, não tinha nenhuma recordação ruim, de ordem alguma. Atribuiu às próprias travestis o desrespeito que ela sofriam, porque a maioria delas não sabe se comportar. Isso, de alguma forma, incomodou-me. Mais tarde, pude significar esta postura como uma espécie de defesa, mas no momento creio que chegou a interferir na minha possibilidade de escuta. Isso se refletiu, sem dúvida, na entrevista. Depois de eu lhe fazer algumas perguntas de forma insistente, ela mostrou-se impaciente e cansada, quis interromper a conversa. Kharla deu sua entrevista em uma hora e vinte e três minutos.

c) Camily Pergolini

Conheci Camily Pergolini por intermédio de Gilberto Maia⁴⁶. Ele deixou um recado no Facebook dela, informando que eu faria o contato, mas eu tinha entendido que ela já tinha aceitado fazer parte da entrevista. Quando Gilberto desfez o mal entendido para mim, escrevi novo recado, desculpando-me e dando mais informações sobre o propósito do meu contato e da solicitação da entrevista. Minhas duas primeiras mensagens foram no dia 12 de abril. Camily respondeu no dia 13 e me pediu mais informações sobre o propósito do meu trabalho. Quando ela entendeu do que se tratava, tivemos uma longa troca de mensagens que durou das 18h35 às 20h55 por Facebook e, depois, ainda durou

⁴⁶ Nome fictício de um conhecido militante por direitos das pessoas LGBTTT da região da Grande São Paulo.

um pouco mais por Whatsapp. Essa troca de mensagens inicial foi como um início de entrevista, pois ela já se abriu. Reclamou da falta de respeito nas escolas, falou da hipocrisia das pessoas que se escondem atrás da religião para condenar as travestis, queixou-se, de forma bastante desesperançada, de que não havia nada que pudesse fazer, jamais seria aceita⁴⁷:

o que mais me doi que sei que sempre serei uma deficiente pras pessoas, nao importa se tiver faculdade, ser for bonita, se for bem sucedida, sempre seria algo ruim, ou alguem bonita em 4 paredes, e mt doloroso ser travesti a sociedade te empurra pra coisas ruins e vc acaba "se acostumando" deixando pra la, quando ve sua vida passa e vc vive sozinha longe de familia e longe de pessoas q vc poderia amar que n te assumem por medo, ou seja travesti e apenas uma passagem dolorosa de ilusoes... e isso que somos pra varias pessoas moentos nada alem disso

Mostrou certo constrangimento por se sustentar como profissional do sexo. Várias vezes, era possível sentir que havia um receio de que eu a julgasse. Dizia que seus horários não eram muito certos, de que não teria certeza se não precisaria interromper a nossa conversa para atender um telefonema ou receber um cliente. Insistiu nisso algumas vezes. Expliquei que isso não teria problema para mim, que era o trabalho dela e que, se precisasse interromper a entrevista, continuaríamos em outro momento. Ela concordou, marcou para o dia 16 de abril, uma quarta-feira à tarde, e preferiu que a conversa fosse em sua casa. Lembrou-me diversas vezes de que poderia ter alguma interrupção por causa do seu trabalho. Passou-me endereço e número do celular, pediu para que nos comunicássemos pelo Whatsapp. Depois que a adicionei, continuamos ainda a conversa por mais algum tempo naquele dia mesmo. Camily estava muito desanimada, deprimida, infeliz com sua vida, infeliz por trabalhar como garota de programa. Não meu deu o número do apartamento, ao chegar na porta do seu prédio eu deveria contatá-la pelo Whatsapp, para não interrompê-la caso estivesse trabalhando. Apesar de todas as advertências que me fez de que poderíamos ser interrompidas durante a entrevista, creio que uma relação de confiança se estabeleceu, pois enquanto conversamos, Camily desligou seu celular. Ela tornou a ligá-lo somente ao final da entrevista e, daí em diante, ele não parou de tocar. Eram clientes pedindo informações sobre programas. Nossa conversa durou pouco mais de três horas.

⁴⁷ A grafia original da mensagem, com abreviações, erros gramaticais e de digitação, foi mantida aqui.

Ao final da entrevista, sentindo que Camily estava muito deprimida, falei-lhe da possibilidade de fazer terapia, que eu poderia ajudá-la com isso. Também falei de um encontro de travestis que ocorria em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA)⁴⁸, na região sul da cidade. Camily, durante a entrevista, não quis fechar os olhos nenhuma vez, voltava às cenas de olhos abertos. “Não gosto de fechar os olhos”, disse-me. Pediu-me que lhe enviasse a nossa conversa gravada, eu o fiz no dia seguinte. Meses depois, em contato pelo Whatsapp, pediu-me indicação de terapia. Eu lhe passei os nomes mais próximos de sua casa. Perguntei se ela queria que eu conversasse primeiro com as terapeutas, ela disse que sim, mas disse que me avisaria quando, naquele momento não. Depois disso, não entrou mais em contato, provavelmente desistiu de fazer terapia.

d) Rebecca Thyfany

Rebecca foi indicação de Roberta. Eu procurava alguém que não tivesse trabalhado como profissional do sexo, Roberta nos colocou em contato. Nossos contatos foram rápidos e agendar a conversa com Rebecca foi muito simples. Deixei um recado em seu Facebook no dia 27 de abril de 2014, ela me respondeu no dia seguinte. Trocamos algumas mensagens em alguns minutos, em seguida ela me deu o número de celular e eu liguei para combinarmos nosso encontro. Ela preferiu que nossa conversa fosse no local que eu designasse, mesmo sendo muito distante de sua casa. Marquei nossa conversa em um consultório psicológico que uma amiga havia me emprestado. Confirmamos dia e horário. Rebecca generosamente se dispôs a dar a entrevista no dia 2 de maio, uma sexta-feira que era “emenda” de feriado. Nossa conversa fluiu bem, embora Rebecca aparentasse sempre um pouco de tensão. Aos poucos foi se soltando, mas preocupava-se um pouco em dar explicações quando me relatava fatos que poderiam ser considerados como algo incorreto, ilegal, pouco aceitável. As três horas e vinte e três minutos que a entrevista durou passaram rapidamente. Ao final, ela me disse que a entrevista tinha sido muito legal, que ela tinha gostado muito. Fiquei um pouco surpresa, porque achei que a tinha cansado. Perguntei se ela tinha mesmo gostado, ela disse que sim, tinha adorado.

⁴⁸ Os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) são serviços de saúde que realizam ações de diagnóstico e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Nesses serviços, é possível realizar testes para HIV, sífilis e hepatites B e C gratuitamente. Todos os testes são realizados de acordo com a norma definida pelo Ministério da Saúde e com produtos registrados na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e por ela controlados. Fonte: *Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>. Acesso: 22.fev.2015.

Perguntei o porquê. “Porque você não me julgou!”, me contou Rebecca com um sorriso aberto no rosto.

e) Priscilla Stephanie Gomes

Conheci Priscilla por meio de William. Eu deixei uma mensagem em seu Facebook no dia 24 de abril de 2014. Eu tinha já número do celular dela, mas segui o procedimento de primeiro fazer contato por mensagem pedindo autorização para telefonar. A cada mensagem que eu deixava, Priscilla respondia com alguma figura me dando a entender que a entrevista iria acontecer, como uma carinha sorridente, uma flor ou um coração. Mas não escrevia nenhuma palavra ou, no máximo, dizia “Sim, ok.”, mais nada. Nada de marcar dia, de dizer onde preferia fazer a entrevista ou até mesmo se eu poderia ligar para ela. Deixei mensagens para ela no dia 25, 27 e 28 de abril, todas respondidas da mesma forma. No dia 27 ou 28 de abril, postei uma notícia em meu perfil do Facebook que falava sobre o direito de as pessoas trans utilizarem seu nome social nas escolas. Priscilla curtiu esta postagem e, finalmente, no dia 29 de abril conseguimos trocar mensagens menos monossilábicas e definimos o local e a hora do encontro. Realizamos nossa conversa no mesmo consultório onde havia conversado com Rebecca. Priscilla trabalhava até às seis da tarde em um local bem distante de onde seria a entrevista, mas mesmo depois de uma longa jornada de trabalho, teve disposição para ir me encontrar. Combinamos por volta de 19h ou 19h30min, mas ela só conseguiu chegar às 20h. A conversa foi fluida e divertida. Priscilla foi bastante falante. Mostrou todo o tempo um enorme orgulho de não se parecer transexual, isso foi o que ela mais frisou durante as duas horas e quarenta e quatro minutos em que durou a entrevista. Algumas vezes, Priscilla dizia que era muito assediada pelos homens e chegava a, sutilmente, checar comigo se ela se parecia “sem dúvida” uma mulher. Depois de encerrada a entrevista, fomos juntas para o metrô, viajamos até a estação República, onde ela desceu para pegar outra linha. Na curta viagem em que fizemos até a República, um homem ligeiramente embriagado perguntou-lhe se ela não era a fulana de tal. Ela disse que não, com educação. O homem insistiu, parecia haver certo tom de cantada em suas perguntas. Priscilla olhou para mim, olhar radiante, e perguntou: “Não disse?”.

f) Sharon Pinheiro

Sharon Pinheiro foi apresentada a mim por Iara Pereira. Não houve negociação entre nós para a realização da entrevista. O contato e o convite foram feitos pela própria Iara. Na

verdade, no dia de nossa entrevista, que ocorreu dia 10 de junho de 2014, eu havia me dirigido ao local de trabalho de Iara para entrevistá-la, mas como Iara estava me ajudando a encontrar pessoas para entrevistar e eu estava buscando uma moradora de rua para entrevistar, quando cheguei e encontrei Iara, ela me disse que a Sharon havia aparecido no local naquele final de tarde. Iara lhe contara da pesquisa e perguntou se ela aceitaria conversar comigo. Sharon tinha ido apenas jantar e voltaria em seguida. Caso ela não voltasse, eu faria a entrevista com Iara mesmo. Esperamos uns quarenta minutos e, quando resolvemos começar a conversa, Iara e eu, Sharon chegou para ser entrevistada. Veio com seu marido, que ficou na sala da recepção do local nos aguardando. Iara conseguiu uma sala reservada para que eu e Sharon pudéssemos conversar. Nossa conversa durou pouco mais de uma hora e meia, mas foi de extrema riqueza. Sharon estava tossindo com frequência, pois o tempo de inverno em São Paulo estava muito seco. Sharon pedia desculpas por quase tudo, o tempo todo. Um olhar amedrontado, mas doce, como doce era seu jeito de falar. Quando tinha de relatar algum episódio em que não tinha sido “santa”, introduzia sempre a parte “condenável” com um “Não vou mentir para você, Valéria”. Foi muito honesta, uma franqueza de doer. Sua história dolorosa me estampava expressões de espanto no rosto, que ela, atenta, identificou. Doce e generosa. Quando já havíamos terminado e ela me contava que iria se apresentar em um evento que ocorreria no centro no dia seguinte – ela iria cantar - , ouvimos batidas na porta. Era seu marido, que já estava ansioso pela demora. Tossindo, ela se despediu ainda me dando dicas para falar com outra amiga, moradora de um abrigo. Saí atarantada da entrevista. Um gosto amargo na boca pela crueldade que Sharon vivera, misturada com suas marcantes doçura e gentileza, acompanharam-me naquela noite. Não pude dormir.

g) Iara Pereira

Iara Pereira era uma conhecida de longa data. Nunca havíamos conversado, mas nos conhecíamos de vista da militância LGBTT e de termos participado de algumas atividades juntas. Foi uma das primeiras pessoas para quem pedi ajuda para encontrar as colaboradoras deste trabalho. Além de seu trabalho no equipamento que prestava serviço social para travestis, Iara é uma militante reconhecida e respeitada. Mas também senti necessidade de conversar com uma travesti com uma militância mais visível, com inserção orgânica em um grupo de ativismo, que coordenava projetos e organizava

protestos. As militantes com quem havia conversado antes, Roberta e Pryscilla, não tinham atuação regular no movimento, haviam abandonado os grupos de ativismo dos quais participaram, eram ativistas autônomas. Depois de pedir auxílio para Iara na busca de colaboradoras, com muito jeito perguntei se ela poderia também participar. Naquela época, Iara tinha sido eleita para um cargo representativo importante, o que lhe gerou uma enorme demanda por entrevistas e outras tantas homenagens. Ela logo aceitara meu convite, mas foi a penúltima que consegui entrevistar. Eu a convidei no dia 3 de abril de 2014, via Facebook. Ela não me respondeu de imediato, mas estava me ajudando a encontrar outras pessoas, como Kharla, e me dando algumas indicações. No dia 17 de abril, insisti mais uma vez no convite. Neste dia, ela me disse se poderíamos conversar durante a Parada de Orgulho LGBTT de São Paulo ou depois. No ano de 2014, a Parada ocorreu, diferentemente do que costuma acontecer, fora do feriado de Corpus Christi, por causa da realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Foi adiantada para o dia 4 de maio. Como sabia de todo o envolvimento que Iara tem nos eventos da Parada, disse que poderia ser depois, que seria mais tranquilo para ela. Nos dias 5 e 12 de maio, voltei a deixar mensagens para Iara em seu Facebook, pedindo com delicadeza e me desculpando pela insistência. Ela respondeu no dia 12 de maio, dizendo que ela entraria em contato para marcarmos e conversa para a semana seguinte, mas não o fez. No dia 17 de maio e no dia 7 de junho, insisti novamente. Então, finalmente no dia 8 de junho Iara concordou em marcamos a nosso encontro para o dia 10 de junho à noite, em seu local de trabalho. No dia marcado, ela havia conseguido que Sharon, moradora de rua, desse a entrevista para mim, cedendo portanto sua vez. Marcamos novamente para o dia seguinte, dia 11 de junho. Neste dia, finalmente conversamos. A entrevista durou duas horas e dezesseis minutos. Iara teve de encerrar a conversa porque tinha uma atividade em seguida. Marcamos, então, uma nova entrevista para o dia 18 de junho, que ocorreu na casa dela, na parte da manhã. Este segundo encontro teve duração de uma hora e quarenta e seis minutos, sendo interrompida porque chegara a hora de Iara sair para o trabalho. Ainda tínhamos alguns tópicos sobre os quais gostaria de ter um pouco mais de informações, mas nossas agendas estavam apertadas. Marcamos no dia 20 de junho, “emenda” do feriado de Corpus Christi, na cidade onde ela morara a maior parte de sua vida, onde eu também teria um compromisso. Liguei no horário combinado para nos encontrarmos, mas ela tinha permanecido em São Paulo. Tentamos agendar para a semana seguinte, mas o falecimento de uma parente minha atrapalhou esse plano. Na outra semana, mudei de residência, indo morar numa cidade em outro estado, mas

deixamos marcada a possibilidade de conversar por Skype⁴⁹. Várias tentativas de agendar uma última conversa de forma virtual foram feitas, mas Iara estava sem tempo e sem internet. No dia em que eu escrevi sua história de vida, deixei-lhe um recado no Whatsapp, apenas para lhe deixar um abraço, pois recordar sua história havia me comovido. Iara então se preocupou por não termos feito a última conversa virtual, quis agendar uma conversa para aqueles dias. Conversamos por Whatsapp e ela me atualizou sobre sua vida. Iara continuava como sempre: estranhando o preconceito, inquieta com as injustiças.

h) Cynthia Toledo

Cynthia Toledo foi uma indicação que me chegou por diversas vias. Eu estava buscando por uma travesti com mais de 50 anos. Fiz e refiz o pedido e, de forma surpreendente, todos os caminhos me levaram a Cynthia Toledo. Conheci algumas outras travestis mais velhas, mas além de serem muito poucas, moravam em outros estados, não poderiam fazer parte da pesquisa. Mas o percurso foi longo: “Fale com fulana”. “Acho que ciclana pode te ajudar”. “Eu falei com tal pessoa e me disseram para você fazer contato com tal pessoa”. E eu fui seguindo por todas as trilhas indicadas. Depois de algum tempo, comecei a receber indicações de pessoas diferentes, com quem tinha feito contatos por meios diferentes e de círculos de relacionamento muito distintos. Os três me indicaram Cynthia Toledo. Entrei em contato com Cynthia dia 7 de junho pelo Facebook. Cynthia não utiliza muito tecnologia, não gosta do Facebook, nem usa Whatsapp. Mesmo assim, dia 10 de junho Cynthia me deu seu número de celular para que combinássemos o encontro. Dia 12, respondi-lhe dizendo que ligaria no dia seguinte, para não perturbar seu feriado. Combinamos de nos encontrar dia 18 de junho no final da tarde. Cynthia queria fazer a entrevista em um local público, um bar ou lanchonete. Preocupei-me. As entrevistas que eu já realizara tinham despertado memórias dolorosas nas outras sete participantes, mesmo nas que estavam bem e felizes. Algumas se comoveram até às lágrimas. Fiquei preocupada em expor Cynthia, minha preocupação estava muito além da falta de privacidade para que ela pudesse me fazer confidências, desenterrar de seu baú de lembranças histórias que fossem importantes para minha pesquisa. Minha preocupação era em deixar uma pessoa - que generosamente me cedia seu tempo e sua memória da vida - ter de se encontrar com

⁴⁹ Skype é um software que possibilita comunicações de voz e vídeo via Internet, permitindo a chamada gratuita entre usuários em qualquer parte do mundo.

experiências dolorosas em público, com plateia. Argumentei algumas vezes, mas acatei. Não queria ser inconveniente. Entre o momento em que telefonei perguntando se poderia ir encontrá-la até chegar perto de onde morava, Cynthia mudou de ideia. Abriu generosamente as portas de sua casa, assim como as portas de seu coração. Foram duas horas e dezesseis minutos em que tivemos uma conversa extremamente agradável. Senti-me não apenas uma pesquisadora. Senti-me humilde e respeitosamente uma discípula, aprendendo com a sabedoria de vida daquela mulher refinada e elegante, consciente e inteligente, que com simplicidade falou da complexidade de ser travesti. Encantador encontro.

2.2.2. Dados sobre as entrevistas realizadas

Na Tabela 2 abaixo, estão as datas em que cada entrevista ocorreu, a duração que teve e o número de páginas transcritas que cada uma gerou.

TABELA 2. INFORMAÇÕES SOBRE DATA E DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS

NOME FANTASIA	DATA DAS ENTREVISTAS	DURAÇÃO DA GRAVAÇÃO	NÚMERO DE PÁGINAS DA TRANSCRIÇÃO
Roberta Barreto	16.05.2013	3h30min07seg	123
	21.05.2013	Parte I: 2h00min43seg	35
		Parte II: 1h12min35seg	30
	28.05.2013	2h19min07seg	56
Kharla Limeira	09.04.2014	1h23min31seg	35
Camilly Pergolini	16.04.2014	3h05min25seg	76
Rebecca Thyfany	02.05.2014	3h23min41seg	110
Priscilla Stephanie Gomes	13.05.14	2h44min37seg	60
Sharon Pinheiro	10.06.2014	1h34min22seg	46
Iara Pereira	11.06.2014	2h16min24seg	73
	18.06.2014	1h46min27seg	53
Cynthia Toledo	18.06.2014	2h21min40seg	45

2.3. Procedimento de análise do conteúdo

No âmbito desta pesquisa, primeiro foi feita uma análise temática do conteúdo, ou seja, busquei os núcleos de sentido que surgiram nas entrevistas realizadas para a construção da história de vida das travestis colaboradoras desta pesquisa.

Para proceder à análise, fiz uma primeira organização das informações, ou seja, foi feita a transcrição e a leitura de todas as entrevistas, o que seguiu critérios orientados pelos objetivos definidos na pesquisa (LAVILLE; DIONNE, 1999). Com o material organizado, seguiu-se uma leitura flutuante (MINAYO, 1994, P. 209) e uma nova leitura minuciosa e atenta de todo o conteúdo assim organizado, ao mesmo tempo em que foram extraídas, do material bruto, as narrativas sintéticas de cada história de vida das colaboradoras, a partir das transcrições das entrevistas. Durante esta leitura, foram definidos eixos temáticos, ou seja, foi construída uma grade de categorias de análise a partir do conhecimento prévio da literatura, mas com a flexibilidade de reorganizá-la durante o processo em decorrência do que foi encontrado (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Nesse processo, construí duas tabelas para organizar as informações relevantes, de acordo com os objetivos delimitados para a pesquisa, retiradas das transcrições da entrevista. Uma tabela foi dividida em colunas com as cenas de violência tipificadas por forma de manifestação: simbólica, física, psicológica, sexual e econômica e, na mesma tabela, destaque em uma coluna o gênero como motivação mais evidente das violências sofridas. Para a construção das análises, no entanto, realço nas colunas das demais violências, diferenças como classe e raça, buscando compreender como a intersecção desses marcadores contribuíram para engendrar as violências tipificadas (Modelo no Anexo V). A outra tabela foi feita tanto para organizar a narrativa em uma ordem cronológica, quanto para contribuir para a descrição dos cenários culturais (GAGNON, 2006) e dos processos que “abrigaram” as cenas analisadas. Pude identificar que, confirmando a literatura existente, os eixos principais estão nos processos de feminilização das travestis (emocionais ou corporais), nas suas relações interpessoais (família, escola / amigos, no encontro com pares, no relacionamento amoroso, outras relações), nas suas identidades (nome social / nome de registro, autoaceitação, autoidentificação como travesti), nas formas de renda (caminhos da prostituição / outros trabalhos) e nas formas que encontraram para lidar com a situação. (Modelo no Anexo VI)

Em seguida foi feita a análise do conteúdo desse material, sempre iluminado pela teoria. O foco, para as análises, foram as cenas (PAIVA, 1999; 2000; 2008, 2012) que permitiram evidenciar a interação dinâmica das dimensões pessoais, culturais, morais, religiosas, políticas e econômicas em cada situação concreta narrada pelas travestis. Conforme Paiva (2008):

A exploração desta inter-subjetividade dramática permite ampliar detalhes da vida cotidiana, decodificar desejos, experiências prévias, recursos pessoais e comunitários, descobrir personagens onipresentes (pais, ex-parceiros, o pastor da igreja), ou crenças e valores encarnados em personagens. *Permitirá também identificar desigualdades, relações de poder*, avaliar o acesso a informação, a insumos, a serviços e *observar o desrespeito ou violação de direitos* relevantes em diversos cenários, palcos e interações intersubjetivas. (PAIVA, 2008, P. 645, grifos meus).

As informações obtidas na pesquisa de campo foram analisadas a partir do referencial que apresento a seguir.

2.4. Referências para a análise

O construcionismo social é o campo teórico que orientará as análises realizadas no âmbito deste trabalho. As noções de script (roteiro)⁵⁰, cenários culturais e cenas foram produtivas, assim como a proposta de Avtar Brah (2006) de analisar a diferença como *experiência*, como *relação social*, como *subjetividade* e como *identidade*. Dentro desta perspectiva, pensarei a partir das interseccionalidades entre marcadores sociais de diferença que se tornam marcadores de desigualdade, assim como a partir da noção de estigma e processos de estigmatização. Quanto às violências, o foco recairá sobre violências físicas, simbólicas e econômicas, e também, em termos de tipologia, aquelas que denominei de violências de intersecção: sexual, psicológica e de gênero.

2.4.1. O construcionismo social

O construcionismo social aplicado aos estudos da sexualidade é uma abordagem teórico-metodológica que começa a se delinear mais precisamente a partir de meados da década de 1990, mas podem-se localizar como seu ponto de partida algumas produções

⁵⁰ Neste trabalho, optei por trabalhar com o termo “script” ao invés de “roteiro”, mas utilizo o termo “roteirização” para indicar os processos de construção ou internalização do script.

teóricas da década de 1970, especialmente trabalhos publicados por Simon e Gagnon em 1973⁵¹ e por Gayle Rubin (1975), expoentes do construcionismo social norte-americano. O construcionismo social de Gagnon e Simon se diferencia da tradição construcionista alemã (de Alfred Schultz, Peter Berger e Thomas Luckman, entre outros), sendo mais enraizada na tradição do pragmatismo estadunidense (GAGNON, 2006).

Desde então, os autores que, em todos os continentes, vem produzindo evidências a respeito da construção social do gênero e da sexualidade “[...] fizeram-no interpelados pelo seu compromisso com a desnaturalização da desigualdade entre os homens e as mulheres e a proteção das pessoas afetadas pela discriminação associada às identidades sociais de gênero e por sua atividade sexual.” (PAIVA, 2012, p. 177).

O construcionismo social - ao desconstruir a ideia de que a suposta inferioridade das mulheres e a primazia heterossexual são fatos biológicos, ou seja, dados pela natureza - rompeu com o paradigma sexológico (de Freud a Master & Johnsons) e evidenciou a relevância de se entender a sexualidade como fenômeno social. Esta abordagem que pensa a construção social, inclusive da sexualidade e dos gêneros, apresenta-se, assim, como uma postura “desrreificante, desnaturalizante e desessencializante, que radicaliza ao máximo tanto a natureza social do nosso mundo, como a historicidade de nossas práticas e de nossa existência” (IBÁÑEZ, 2005, p. 43).

2.4.1.1. Carreiras sociais, condutas sexuais, cenários culturais e cenas

John Gagnon e Willian Simon, que desenvolveram algumas das bases mais relevantes para a utilização do construcionismo social nos estudos sobre sexualidade, trouxeram da escola de Chicago, em seu trabalho inaugural, a noção de **carreiras sociais**, uma forma metafórica de pensar, como carreiras, aspectos não profissionais da vida social. “O modelo da carreira ofereceu uma visão processual e contingente de como as pessoas assimilavam novos estilos de vida, de como os colocavam em prática e de como as escolhas de vida modificavam o eu.” (GAGNON, 2006, p. 405).

Outra noção desenvolvida por esses autores foi a de **conduta sexual** (em contraposição a comportamento, porque este é sempre moralmente avaliado). Gagnon e Simon criaram a **teoria dos scripts** (roteiros), que serviu como um recurso para descrever o

⁵¹ SIMON, William; GAGNON, John H. **Sexual Conducts: Social Problems And Social Issues.**

modo como as pessoas praticam sexo socialmente, buscando demonstrar a importância de elementos sociais na prática sexual. Para os autores, haveria três níveis de roteirização: cultural, interpessoal e intrapsíquico.

Gagnon e Simon também introduziram o conceito de **cenários culturais**, que é definido como o “sistema semiótico de instruções que é o espaço intersubjetivo do sociocultural” (GAGNON, 2006, p. 410). A sexualidade se realizaria, então, em arranjos sexuais que formam uma matriz composta por um eixo de scripts e outro, de atores. Em síntese, nas palavras de Vera Paiva, temos cenários culturais definidos por Simon e Gagnon:

[...] como uma sintaxe operante para a sexualidade ao nível da vida coletiva, onde as instituições e os arranjos institucionalizados são também sistemas de signos e símbolos. Definiram que a sexualidade se realiza por meio de scripts, scripts de tipo interpessoais, intrapsíquicos, ou abstraídos como cenários culturais, necessários para que a conduta sexual - o comportamento sexual necessariamente implicado em sentidos e significados - possa acontecer. Scripts são “metáforas para a concepção de produção dos comportamentos implicados na vida social”. Na atividade social, discutem os autores, a “*performance* de quase todos os papéis deve, direta ou indiretamente, refletir o conteúdo de cenários culturais apropriados. (Simon; Gagnon, 1999, p. 29).” (PAIVA, 2012, p. 179)

A essas noções apresentadas por Gagnon e Simon, introduziu-se a noção de **cena** que Paiva propõe que seja o foco da análise psicossocial. (PAIVA, 1999; 2000; 2008; 2012) Assim, uma mesma pessoa, que é ator em um determinado cenário, poderá encenar scripts distintos, ainda que o palco seja o mesmo em cenas distintas.

É relevante assinalar que a dinâmica de uma cena será sempre única, mesmo que muitas cenas sejam parecidas em um mesmo contexto sociocultural e trajetória pessoal: “[...] nessa perspectiva metodológica, considera-se a cena o foco e a unidade psicossocial a ser abordada para que o cenário (mais abstrato) seja descrito (codificado) e decodificado (compreendido).” (Paiva, 2012, p. 182)

Nos casos em que há um distanciamento dos scripts assimilados na socialização primária para a sexualidade e identidade de gênero, como é o caso das travestis, haverá a necessidade de uma ressocialização, ou seja, de uma assimilação dos scripts (roteiros) próprios do cenário cultural novo (PAIVA, 2012). Neste processo em que se criam novas subjetividades, demarca-se uma ruptura com os scripts tradicionais de

sexualidade e gênero, diferença experienciada pelas travestis ao mesmo tempo como encantamento e estigma, como se verá nos próximos capítulos.

2.4.1.2. Diferença, marcadores sociais e interseccionalidades

Nos debates e produções teóricas feministas que se deram no final do século XX, muita dificuldade se apresentou para que se pudessem lidar com as demandas específicas de grupos de mulheres marcadas por identidades distintas. A diferença, muitas vezes, foi invisibilizada por grupos hegemônicos de mulheres, como as mulheres brancas, ou foi motivo de rupturas e dissensos sentidos como desagregadores, pois supostamente se perderia a unidade e se enfraqueceria a luta cujo objetivo deveria ser comum: o enfrentamento da opressão contra as mulheres. (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008)

No final dos anos 1980, estudos feministas críticos, vindos especialmente do feminismo negro, repensam as premissas existentes nas teorias feministas liberais, socialistas e radicais – todas tendo a questão do racismo como ponto de conflito –, especialmente quanto à centralidade dada à discussão sobre as distinções dos sistemas sexo-gênero. Esses estudos críticos ressaltavam, entre outras questões relevantes, os problemas que tais pressupostos traziam a reboque: fixidez do binarismo e das identidades de gênero, a partir do reforço da base biológica que as essencializava, tornando invisíveis não apenas o ponto crítico da racialização do gênero, mas também a vivência das transexualidades. (BRAH; PHOENIX, 2004; BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

No entanto, as diferenças existiam e eram relevantes. Não era – e não é – o mesmo ser mulher e ser negra ou branca, ser da classe trabalhadora ou da classe média, ou ainda: não ser branca, mas também não ter a cor da pele negra (como as mulheres indianas). Mas a discussão acabou fortalecendo políticas identitárias, de forma que a superposição linear de opressões diferentes chegou a ser encarada uma espécie de “troféu”, que legitimaria mais certos grupos em suas reivindicações, como, por exemplo: ser mulher e negra e do terceiro mundo e da classe trabalhadora e lésbica. Nas palavras de Avtar Brah:

[...] começava a surgir dentro do movimento de mulheres como um todo uma ênfase na política da identidade. Em lugar de embarcar na tarefa complexa, mas necessária, de identificar as especificidades de opressões particulares, entendendo suas interconexões com outras formas de opressão, e construir uma política de solidariedade, algumas

mulheres começavam a diferenciar essas especificidades em hierarquias de opressão. (BRAH, 2006, p. 348)

Como aponta Brah, então, a hierarquização e a sobreposição de marcadores de diferença se tornaram equivocadamente um diferencial: quanto mais opressões uma mulher pudesse ostentar, maior seria a “superioridade moral” que ela teria desde seu lugar de reivindicação.

Autoras como Kimberlé Crenshaw, Leslie McCall, Ann Phoenix, Anne McKlintock e Avtar Brah, entre outras, contribuem de forma intensa para desconstruir essa maneira de encarar as relações de poder e as diversas formas de opressão como simples superposição. Elas passam a aprofundar as discussões que demonstram como os marcadores sociais de diferença - como gênero, raça, classe e sexualidade – entrelaçam-se, articulam-se e engendram umas às outras, gerando desigualdades (BRAH; PHOENIX, 2004; BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

Anne McKlintock e Avtar Brah, entre outras, inserem-se no campo do construcionismo social. McKlintock explica que as categorias de diferenciação “[...] não são idênticas entre si, mas existem em relações íntimas, recíprocas e contraditórias.” (PISCITELLI, 2008, p. 268). Não são, portanto, como peças de um jogo de armar que simplesmente possam ser encaixadas umas às outras. Ao contrário, constituem-se e criam-se a partir da própria relação que se estabelece entre elas (PISCITELLI, 2008). Exatamente da mesma forma pensa Avtar Brah, quando afirma que as “Estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela.” (BRAH, 2006, p. 351). É necessário, portanto, compreender de que forma ocorrem essas interseccionalidades, ou seja, como “[...] o gênero está vinculado à sexualidade, mas também ao trabalho subordinado, e raça é uma questão que vai além da cor da pele, incluindo a força de trabalho, atravessada por gênero.” (PISCITELLI, 2008, p. 268)

Nessa abordagem, as formas de discriminação e as diferenças são tratadas de forma distinta. Trabalha-se, assim, com noções de diferença relacionadas à desigualdade ou à diversidade. Ou seja, importa pensar se a diferença está a serviço de quem oprime, gerando discriminação e desigualdade, ou se, por outro lado, produz diversidade e cria

as margens em que se pode viver com mais liberdade. Neste sentido, nem sempre a diferença é marcador de hierarquia ou de opressão.

Se nem sempre a diferença gera desigualdade, vale ressaltar, porém, o que Gustavo Venturi aponta: na base das desigualdades, expressa por discriminações e opressões, sempre encontraremos marcadores sociais de diferença.

Marcadores sociais de diferenças - como raça/cor, etnia, gênero, orientação sexual, posição geracional e classe social - são componentes determinantes em nossa sociedade para a sustentação de preconceitos, atitudes estigmatizantes e comportamentos discriminatórios que permeiam as relações sociais, tanto na esfera pública como na privada. (VENTURI, 2012, p. 95)

Venturi comparou dados obtidos em pesquisas de opinião pública realizadas no Brasil sobre preconceito por gênero, raça, classe social, geração e sexualidades. Ele constatou que os preconceitos, evidentemente, são sentidos pelos grupos discriminados, mas também são percebidos pela população em geral, inclusive por aqueles que não estão entre os grupos discriminados. Segundo Venturi,

“[...] o preconceito mostrou-se onipresente na população adulta (99%), ainda que com predomínio do que se classificou como portadores de um preconceito leve (54%), mas seguido de uma parcela considerável com preconceito mediano (39%) e de 6% de portadores de um forte preconceito.” (VENTURI, 2012, p. 102).

Outras constatações obtidas por Venturi (2012) merecem destaque no contexto deste trabalho. O preconceito racial é mais velado do que o manifesto contra a população LGBTT, mas os estigmas tanto por raça, como sexualidade e gênero implicam discriminações no âmbito do trabalho, lazer e na escola, como também, em muitos casos, na família. Venturi (2012) afirma ainda que os preconceitos de gênero, racial e por sexualidades estão disseminados pelo País, são de natureza múltipla e são vividos de forma frequente por segmentos sociais que são estigmatizados pela diferença.

No âmbito deste trabalho, pensarei essa multiplicidade de preconceitos experienciados para além de uma simples superposição de marcadores estigmatizantes, mas como diferenças intersectando-se e fecundando-se mutuamente, gerando desigualdades. Em

alguns casos, as diferenças vão, ao contrário, produzir, com criatividade e ousadia, diversidades e resistências. Portanto, importa identificar como os discursos sobre a diferença se produzem, ressignificam-se, perpetuam-se ou são contestados (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

A proposta de trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata da diferença sexual, nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos. (PISCITELLI, 2008, p.266)

Brah (2006), dessa forma, vai tratar a própria ideia de diferença como uma categoria de análise e propõe que se pense na diferença em termos de experiência, de relação social, de subjetividade e identidade.

2.4.1.3. Subjetividades, identidades e estigma

A experiência, para Brah, é uma construção cultural, ou seja, é uma forma de significação, é a prática de dar sentido ao que chamamos de “realidade” e não a instituição de uma “verdade”. Trata-se, então, de um processo simbólico e narrativo, “[...] uma luta entre condições materiais e significado.” (BRAH, 2006, p.360). Para Brah (2006), a experiência contribui para formar o sujeito, mas não em um sentido determinista, pois ela é também lugar de contestação. A experiência é, então, um espaço discursivo ao mesmo tempo criativo e de tensão, em que subjetividades diferentes são reafirmadas ou rejeitadas. Brah afirma, recorrendo a Joan Scott, que a experiência é necessariamente uma interpretação e também precisa ser interpretada.

O significado atribuído a um dado evento varia enormemente de um indivíduo para outro. Quando falamos da constituição do indivíduo em sujeito através de múltiplos campos de significação estamos invocando *inscrição* e *atribuição* como processos simultâneos através dos quais o sujeito *adquire* significado em relações socioeconômicas e culturais no mesmo momento em que atribui significado dando sentido a essas relações na vida cotidiana. (BRAH, 2006, p. 362, grifos da autora)

Nesse sentido, tanto histórias individuais quanto coletivas são contingenciais e marcadas pela articulação das práticas culturais dos sujeitos, assim como seus significados são variáveis. A diferença, no âmbito das relações sociais, diz respeito à maneira como são construídas as identidades pessoais e de grupo. Quer dizer, como discursos e práticas – sejam econômicos, culturais, políticos ou institucionais – organizam e constituem, em relações sistemáticas, a noção do que é comum – e, portanto, a sensação de comunidade e pertença – e aquilo que é diferente, o outro (BRAH, 2006).

“A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade.” (BRAH, 2006, p. 371). Não se trata, portanto, da expressão de uma substância ou de uma essência. A subjetividade é produzida discursivamente e é resultado de um processo de interação interpessoal – quando a pessoa faz contato com o repertório social que a posiciona socialmente por meio de atributos (HEILBORN, 1996) – e da interpretação que a pessoa faz de suas experiências, em múltiplas (re)combinações e em diversas encenações.

Assim, é no plano das relações pessoais que a interdiscursividade permite que múltiplas vozes alheias se incorporem à própria voz da pessoa (ARFUCH, 2005). Isso vai se dar nos processos de: a) socialização primária (em relações travadas com o mundo social mais significativo da primeira infância, como família, escola e, em certa medida, também a mídia eletrônica, implicando elevada identificação emocional); b) socialização secundária (por meio da internalização da cultura das diversas instituições das quais a pessoa passa a fazer parte, como as que encontra no mundo do trabalho, por exemplo, com identificação emocional menos intensa); e c) alternância (interação com pessoas muito significativas, assemelhando-se ao que ocorre na primeira infância, com vínculos carregados emocionalmente, mas que se dão num processo de ressocialização por uma ruptura com o que foi internalizado como valor na socialização primária. Esse é um processo muito comum às travestis, que assumem uma identidade moralmente estigmatizada) (PAIVA, 2012b, p. 55).

Os discursos, como já dizia Foucault (2007), são práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. A linguagem – em seu sentido mais amplo, inclusive cênico – institui o mundo, constitui realidades e nos permite atuar sobre e com as pessoas. A

linguagem atua sobre as relações pessoais e as práticas sociais. (IBAÑEZ GRACIA, 2005, p. 41). Dessa forma, “[...] papéis acionados pelos atores na encenação cotidiana, carregados de sentidos, são suas interpretações das normas culturais, dos mitos e das formas de conhecimento encarnadas em uma pessoa em ação” (PAIVA, 2012b, p. 53).

Segundo Spink e Medrado, uma “(...) pessoa, no jogo das relações sociais, está inserida num constante processo de negociação, desenvolvendo trocas simbólicas, num espaço de intersubjetividade, ou mais precisamente, de interpessoalidade” (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 55). As construções identitárias, as produções de sentido, ocorrem num processo de produção discursiva de pessoas em interação, que se posicionam em relação às múltiplas narrativas com as quais entram em contato.

É preciso lembrar, então, que nesse contínuo processo de se construir e de se (re)inventar em seu cotidiano, nas relações que trava, haverá sempre uma relação de poder em jogo. Brah (2006) relembra que qualquer formação discursiva é também um lugar de poder, o que implica ora relações de dominação e subordinação, ora de solidariedade e filiação. No entanto, não existe possibilidade de assegurar que relações baseadas em afinidade e igualdade sejam produzidas e mantidas definitivamente.

É importante, também, lembrar a noção de poder construída por Foucault, que contesta a noção de que ele seja uma entidade única, centralizada, localizada e somente repressiva. O poder é multifacetado, polimorfo, encontra-se pulverizado em todas as partes e não é uma força de simples negação. O poder é aceito porque permeia relações interpessoais, produzindo discursos, formas de saber e também prazer. (FOUCAULT, 2007). Para Foucault, poder não é uma substância e não é mais do que um tipo particular de relações entre indivíduos. Um traço distintivo do poder é que algumas pessoas podem, mais ou menos, determinar por completo a conduta de outras pessoas, mas não de maneira exaustiva ou coercitiva. De qualquer forma, também não existe poder sem que haja rebelião em potência (FOUCAULT, 1990).

Abordagens socioconstrucionistas colocam peso nas características dinâmicas e relacionais da identidade, pensando assim na articulação de marcadores como uma prática que relaciona elementos e modifica a identidade conforme se produz esta articulação (PISCITELLI, 2008). A identidade pode ser compreendida, então, segundo Brah:

[...] como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como ‘eu’ . (BRAH, 2006, p. 371, grifo da autora).

Desta forma, chamo a atenção para a centralidade que a identidade sexual adquire nos processos de subjetivação contemporâneos, pois ela “[...] se ancora e se impregna do lugar que a sexualidade desfruta/ocupa na cultura ocidental como *locus* privilegiado da verdade do sujeito.” (HEILBORN, 1996, p. 138). No caso das identidades sexuais consideradas desviantes da norma, como a de homossexuais e travestis, esta centralidade transforma a diferença em desigualdade, pois se trata de um estigma de cunho moral (GOFFMAN, 1988).

Estigma é um atributo que, visto como diferença desqualificadora, coloca uma pessoa ou grupo social em situação de inferioridade ou descrédito. Trata-se de um tipo especial de relação entre diferença e estereótipo e assume maior relevância do que qualquer outra característica que a pessoa possua (GOFFMAN, 1988). Os estigmas concretizam e, no caso das travestis, corporificam, relações de poder e de dominação, “[...] que dependem da produção de simbolismos que associam uma ‘diferença’ ou ‘desvio’ a pessoas e a estereótipos, seja no plano macrossocial da cultura, das normas e instituições, seja no plano cotidiano das interações pessoais.” (PAIVA; ZUCCHI, 2012)

Os valores e normas que a pessoa estigmatizada internalizou em seus processos de socialização fazem com que ela pressinta que não será aceita, que será vista como inferior e passível de julgamento, fazendo-a acreditar que está “[...] abaixo do que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele.” (GOFFMAN, 1988, p. 17). Como aponta Gustavo Venturi (2012), é na socialização primária que muitos destes valores estigmatizantes se manifestam, reproduzem-se e são propagados através das gerações (VENTURI, 2012, p. 108).

Pensando em marcadores sociais de diferença que sistematicamente têm funcionado como estigma ou marcadores de desigualdade - como gênero, sexualidade e raça/etnia -,

pode-se localizar as origens da “biologização” e naturalização desses marcadores em um tipo de eugenia produzido discursivamente pelo ideário burguês do século XIX (FOUCAULT, 2006). Mas este processo, como os que produziram a regulação das práticas sexuais tornadas sexualidade, não foi feito só por meio dos discursos, mas também nas relações e na realidade das instituições e das práticas (FOUCAULT, 2007, p. 230).

Pessoas com um estigma não visível são “desacreditáveis”. O gerenciamento deste segredo coloca a pessoa em estado de permanente tensão, fazendo-a constantemente avaliar o que pode perder ou sofrer se seu estigma for percebido (GOFFMAN, 1988; PECHENY, 2005). Já as que têm um estigma visível são automaticamente ‘desacreditadas’, por isso a visibilidade do estigma é de extrema relevância (GOFFMAN, 1988).

Como se verá nos capítulos a seguir, todas as travestis que colaboraram nesta pesquisa passaram pelas experiências de se sentir possuidoras de um estigma moral invisível, o qual, posteriormente, no processo de transformação corporal, tornou-se visível. Esses processos foram vividos internamente com extrema angústia e, externamente, com o enfrentamento de inúmeras violências.

2.4.2. Violências

A palavra violência vem de *vis*, de origem latina, e significa força associada a constrangimento. Não existe uma definição consensual para a violência: trata-se de um termo polissêmico e muito potente. A violência é múltipla em intensidade, causas e formas (MINAYO, 2006; CRETTEZ, 2011). No âmbito popular, é associada a pecado, maldade, crime e corrupção. Trabalharemos, porém, com a noção de violência produzida sob a ótica do quadro ético e político dos direitos humanos, que entende a violência como negação de direitos (civis, políticos, sociais, econômicos, culturais) de alguém e também como instrumento de poder (MINAYO, 2006; SOUZA, 2003).

Minayo (2006) indica que a violência está relacionada a conflitos de autoridade, à busca por poder e à intenção de domínio, como também pode se relacionar ao desejo de possuir ou aniquilar outra pessoa e seus bens. Crettez (2011) assinala ainda que a violência não existe em si mesma e é contingente, apresentando-se sob formas dessemelhantes tanto em sua natureza como finalidades. Portanto, a definição de

violência como um ato de coerção - por meio de força ou constrangimento - que é dolorosamente vivenciado por quem o sofre é, a um só tempo, completa e incompleta. Completa por permitir que as pressões sociais que ferem vontades individuais sejam consideradas violência, mas é também incompleta, pois desvela apenas a dimensão objetiva da violência. A intenção, para além de constranger, segundo Crettiez (2011), é também aviltar e destruir. “É antes de tudo a intenção da vontade do outro, geradora de sofrimento, que deve ser levada em conta para definir violência” (CRETIEZ, 2011, p. 11). A violência só pode ser compreendida, portanto, em uma dimensão relacional, estando também inscrita nas subjetividades e consciências (MINAYO, 2006; CRETIEZ, 2011).

2.4.2.1. Tipologia das violências

Há violências de todos os tipos: condenadas ou rejeitadas, toleradas ou incentivadas. Há violências explícitas e outras, invisíveis. Há violências que deixam marcas mais físicas, outras deixam marcas mais emocionais. Sejam quais forem, as marcas deixadas em quem sofre violência, especialmente aquelas vividas com maior carga de sofrimento, são quase sempre indelévels.

A tipificação – ou tipologia – da violência pode se dar, por exemplo, pelo espaço onde ela acontece (doméstica, urbana, pública), por quem a sofre (violência contra a mulher, contra o idoso, contra a criança), por quem a comete (individual, coletiva) e por sua forma de manifestação (física ou simbólica). (CRETIEZ, 2011; PINHEIRO; ALMEIDA, 2003; SOUZA, 2003; BUSIN, 2008).

Crettiez (2011) divide as violências majoritariamente em simbólicas (ou morais) e físicas. Minayo (2006) acrescenta a violência econômica às duas. Algumas formas de manifestação de violência, como a sexual e a psicológica, se encontram na intersecção entre as violências física, simbólica e/ou econômica, mas com uma forma de expressão específica. Um estupro fere tanto física, quanto moralmente. Alguém que é atingido intencionalmente por excrementos, por exemplo, também experimenta a violência ao mesmo tempo na humilhação e na violação do corpo.

A violência física coloca em risco a integridade física de uma pessoa, o que pode ocorrer por ação de outra(s) pessoa(s) (ou também por omissão). Violência sexual é uma ação por meio da qual uma ou mais pessoas obriga(m) outra(s) a manter(em) contato

sexual (físico ou verbal) sob intimidação, ameaça, coerção ou uso da força física. A violência psicológica tem por objetivo o controle das ações, comportamentos, crenças e decisões de alguém, por meio de reiterada humilhação, intimidação, isolamento ou qualquer outra forma de prejudicar a saúde psicológica de uma pessoa, rebaixando sua autoestima (PINHEIRO; ALMEIDA, 2003; TELES; MELO, 2002; BUSIN, 2008).

A violência econômica, segundo Minayo (2006), se dá por meio de apropriação indébita de bens ou propriedades, por meio da força ou agressividade. No mesmo sentido, Teles e Melo (2002) utilizam a expressão violência patrimonial. No presente trabalho, porém utilizarei a expressão violência econômica de uma forma mais ampla, significando não apenas a retenção ou subtração de patrimônio, mas adicionarei ao sentido usual a compreensão de violência econômica como aquilo que sistematicamente impede, por processos de estigmatização, que uma pessoa possa, de alguma forma, obter alguma fonte de rendimento no mercado formal de trabalho.

2.4.2.2. Violências simbólicas

Foucault descreveu como os mecanismos de violência passam da explícita imolação cruel em praça pública por um algoz e festejada pelo público, para mecanismos de vigilância e controle dos corpos, que tornam a violência mais ascética, menos visível e mais eficaz, por meio do poder disciplinar: uma violência simbólica. As disciplinas, por meio de seus discursos, criam saberes e naturalizam a regra (FOUCAULT, 2007).

Bourdieu vai dar notoriedade à noção de violência simbólica, que se destaca como um dos pontos centrais de sua produção teórica. O autor, detendo-se mais nas questões de classe social, utiliza a noção de violência simbólica para desvelar as relações de dominação entre as pessoas e entre os grupos presentes no mundo social que prescindem da violência física. O sociólogo francês afirma que a violência simbólica corresponde a um tipo de coerção que, por ser invisível, é exercida, segundo ele, em parte com o consentimento de quem a sofre, a partir de um reconhecimento tácito da autoridade exercida por certas pessoas e grupos sociais. Assim, a violência simbólica não chega nem mesmo a ser percebida como violência. Conforme explica Crettiez (2011), para Bourdieu a violência simbólica funciona por causa de

[...] um duplo mecanismo de reconhecimento e desconhecimento. A dominação de uns só é possível [...] porque os dominados *reconhecem* como legítima a ordem social dominante, *desconhecendo* seu caráter arbitrário de

ordem alienante. [...] esse mecanismo é temível, pois a violência, invisível para aqueles sobre quem se exerce [...] mostra-se totalmente interiorizada nos hábitos de cada um (CRETTEZ, 2011, p. 13-14, grifos do autor).

Ou seja, há uma espécie de naturalização da ordem social injusta, mascarando – e legitimando – dessa forma relações de dominação invisíveis, mas com graves consequências sociais.

Segundo críticos, Bourdieu atribuiria ao Estado o monopólio da expressão e reprodução da “violência simbólica legítima”, esquecendo-se de que o papel do Estado situa-se no âmbito da legalidade, sendo que as sociedades consideradas democráticas são definidoras do que é legítimo, por meio dos discursos e práticas das instituições de domínio privado (CRETTEZ, 2011). Outra crítica feita à violência simbólica tal como proposta por Bourdieu, como aponta Crettez (2011), é que ele visualiza as instituições do Estado, sejam as educacionais ou as comunicacionais, entre outras, como sendo apenas perversas reprodutoras das violências simbólicas, não reconhecendo seu possível papel de contribuinte para a ruptura, subversão e libertação de “dominados”. Minayo (2006), em outra discussão, aponta a importância de levar-se em conta a micropolítica e as vidas singulares ou coletivas que são afetadas pelas violências.

No âmbito deste trabalho, utilizarei a noção de **violência simbólica** forjada pelos autores anteriormente citados. Trata-se, então, de uma forma de **coação invisível** que pode fazer uma pessoa estigmatizada perceber e avaliar o mundo segundo critérios disseminados por discursos e práticas de grupos dominantes. Isso ocorre por meio da construção contínua de crenças coletivas. Tais crenças, produtoras de desigualdades, são internalizadas nos processos de socialização (e, portanto, de subjetivação). A violência simbólica, nesse sentido, ofende a dignidade de quem a sofre, afetando existências singulares e coletivas.

Trata-se então de uma reiterada violação de direitos que ocorre **de forma invisível**, pois é naturalizada por meio de processos discursivos, práticas sociais e em múltiplas interações pessoais, sempre atravessadas por relações de poder. É internalizada e vivida como “verdade” inclusive pelas pessoas ou grupos estigmatizados, muitas vezes nem sendo percebida como violência. É importante ressaltar, porém, que essas pessoas ou

grupos podem oferecer resistência e, por meio de alguns processos e em certos contextos, reinventar-se e subverter a cultura e a ordem dominantes.

A violência simbólica - invisível por sua legitimação cultural, pela naturalização das desigualdades e pela violação do senso de humanidade de certas pessoas ou grupos -, pode funcionar como uma justificativa para que outras violências mais visíveis (ou de alguma forma, perceptíveis), como as físicas, sexuais, psicológicas e econômicas, sejam cometidas e toleradas por certos grupos sociais. (CRETTEZ, 2011; MINAYO, 2006)

Ao discutir as formas de expressão da violência, Cretiez (2011) apresenta três abordagens: a passional, a instrumental e a depreciação identitária. A depreciação identitária, apesar de ter sido discutida por Cretiez (2011) no âmbito das violências físicas, pode ser pensada como uma violência simbólica (que, de qualquer maneira, “justifica” a violência física dela resultante). A depreciação identitária seria uma forma de afirmar a identidade coletiva dos seus agentes, que a utilizam para negar a identidade reivindicada por aqueles que sofrem este tipo de violência. Como aponta Cretiez, “[...] é a dimensão performativa da violência identitária que é preciso reter.” (2011, p. 17).

No âmbito deste trabalho - considerando as intersecções entre as diferentes formas de expressão da violência, as interconexões entre os diferentes marcadores sociais de diferença e os processos de estigmatização -, trabalharei com a noção de depreciação identitária de gênero como um tipo de violência simbólica (considerando, também, as demais violências específicas dela resultantes).

2.4.2.3. Violência de gênero

Gayle Rubin (1975) mostrou que as ideias que partiam da noção de patriarcado - e localizavam as desigualdades de gênero na sexualidade e na reprodução - eram essencialistas e não suficientes para explicar as desigualdades de gênero encontradas em contextos culturais e sociais distintos. Uma formulação importante de Rubin (2003), publicada originalmente em 1984, apontou que sexo e gênero, mesmo que absolutamente interconectados, são sistemas distintos, necessitando, portanto, de distintas teorias que os explicassem. Rubin (2003) também (re) afirma o quanto gênero e sexualidade são políticas e organizadas em sistemas de poder que, ao mesmo tempo, recompensam e estimulam algumas atividades e pessoas, punindo e reprimindo outras.

Neste sentido, há uma hierarquização que distingue sexo bom e sexo mau, da mesma forma como há hierarquização do gênero.

Para o contexto do presente trabalho, considerando-se a dinâmica social que essencializa e deslegitima as identidades LGBTTT - empurrando as travestis para a prostituição, profissão desqualificada pela relação direta com práticas sexuais -, é relevante o que Rubin aponta:

Maltratam-se de forma sistemática indivíduos e comunidades com base no gosto ou no comportamento erótico. Há sérias punições contra aqueles que pertencem às várias castas profissionais sexuais. [...] Grupos específicos sofrem o impacto do atual sistema de poder erótico, mas sua perseguição sustenta um sistema que afeta todo mundo (RUBIN, 2003, p. 80).

Neste trabalho, a violência de gênero será pensada como efeito desse sistema de poder, ou seja, trata-se de uma violência baseada nas relações desiguais de gênero e também de sexo. Sendo assim, trabalharei com uma noção de violência de gênero como um ato social derivado da hierarquização naturalizada das relações de gênero e de sexo, reforçando a supervalorização de atributos socialmente considerados masculinos em detrimento das características atribuídas ao feminino. Por se tratar de uma crença naturalizada, invisível e que induz as pessoas afetadas por ela a se sentirem desqualificadas, a violência de gênero pode ser compreendida como uma violência simbólica cujas formas de expressão são múltiplas: física, sexual, psicológica, econômica, entre outras.

Entre os principais autores estudados no âmbito desta tese em relação à questão das violências, Crettiez (2011) não trata da violência de gênero. Já Minayo (2006) e Teles e Melo (2002) definem violência de gênero quase como um sinônimo de violência contra as mulheres. Teles e Melo, mais explicitamente, explicam que “O conceito de violência de gênero deve ser entendido como uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher” (2002, p. 18). Minayo, por sua vez, entende que a violência de gênero baseia-se na relação entre homens e mulheres, mas indica que as mulheres é que são as mais afetadas: “A violência de gênero, embora diga respeito a relações que envolvam homens e mulheres, incide principalmente sobre as pessoas do sexo feminino [...]” (2006, p. 94).

Em pesquisa na base de dados de artigos do Scielo brasileiro⁵², com utilização dos descritores “violência” and “gênero” encontram-se 342 artigos. Dentre estes, 32 foram encontrados com a expressão “violência de gênero”. Ao se levar em conta resumos e palavras-chave ou a definição presente no corpo do texto e/ou as considerações ou palavras finais do artigo, a expressão estava atrelada ao equivalente à violência de homens contra mulheres (ou entre gêneros, considerando a possibilidade de a mulher ser agressora) ou à violência doméstica. Nos poucos casos em que se fugiu ao par homem-mulher, violência de gênero ainda ficou circunscrita à violência de casal ou entre parceiros íntimos (considerando-se casais homoafetivos, por exemplo).

Como a expressão tem origem nos movimentos feminista e de mulheres e foi forjada, a partir da década de 1990, especialmente no ensejo de enfrentar a grande ocorrência de violência contra as mulheres, o contexto sociocultural induziu a uma utilização restritiva da expressão. No entanto, gostaria de propor, ao final do quarto capítulo, que equivale ao segundo capítulo de resultados desta pesquisa, uma utilização mais ampla da expressão *violência de gênero*, uma vez que a depreciação identitária de gênero é a violência simbólica que afeta, de forma preponderante, as travestis que colaboraram com este estudo e cujas origens se encontram na mesma relação de poder dos sistemas de sexo e de gênero (RUBIN; 2003).

Nos capítulos que se seguem, inspirada pelo construcionismo social farei as análises das histórias e das cenas relatadas pelas travestis. Apresentarei as violências simbólica, física e econômica, incluindo as expressões de violência sexual e psicológica, perpassando a trajetória singular de cada uma das colaboradoras desta pesquisa, o que se iniciou logo que expressaram rupturas com os scripts de sexo e gênero em que foram socializadas. Utilizarei a proposta de Avtar Brah para pensar *a diferença* como categoria de análise em termos de *identidade, experiência, relações sociais e subjetividade*.

Mais uma vez, ressalto que a ideia não é tratar a diferença de forma essencializada, mas como instrumento para compreender a forma como ela é decodificada: opressão e violação de direitos ou, ao contrário, como expressão de criatividade e diversidade que ampliam as margens de escolhas das pessoas, respeitando-as como sujeitos de direitos.

⁵² Scielo. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> Acesso: 28.dez.2014.

3. MULHERES COM PAU, MULHERES NA BOLSA

Este é o *primeiro capítulo de resultados* desta pesquisa. Ele se estrutura basicamente pelo foco principal em *identidade e experiência*, sem desconsiderar que *subjetividade e relações interpessoais* são indissociáveis deste foco.

Assim, este capítulo tem dois propósitos. Um deles é trabalhar a noção de *identidade* “[...] como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade [...]”. (BRAH, 2006, p. 371). Por isso, importa-me expor *como as travestis desta pesquisa entendem o que é ser travesti*. Por meio das palavras delas, evidencio que buscar a essência de uma identidade travesti pode ser uma tarefa não apenas infrutífera, mas equivocada. Apontarei características comuns entre as pessoas que se dispuseram a colaborar com este trabalho, mas ao fazer isso, tentarei evitar dizer algo sobre elas além do que elas mesmas quiseram dizer de si próprias, inclusive sobre o que quiseram expressar ao se montar⁵³, ao se transformar⁵⁴, ao se travestir⁵⁵.

A *experiência*, portanto é o que estrutura a segunda parte deste capítulo. Vale lembrar que a experiência, para Avtar Brah, se constitui no próprio ato de narrar. Assim, busco evidenciar como as travestis significaram suas experiências no momento em que me contaram as suas histórias de vida, retomando aqui a ideia de Brah (2006) de que a própria experiência se tece no ato e no contexto de narrar.

Assim, também mostraremos neste capítulo e nos seguintes algumas contradições que evidenciam que a narrativa foi marcada pela relação que se estabeleceu entre a pesquisadora e as colaboradoras e, ainda, entre as colaboradoras e sua própria história de vida, por interpretação e atribuição de sentido às experiências vividas.

⁵³ **Montar-se:** “vestir-se” de mulher, ou seja, usar roupas, sapatos, apetrechos, maquiagem e outros acessórios considerados femininos para obter aparência feminina.

⁵⁴ **Transformar-se:** realizar alterações na aparência, transformando um visual masculino em feminino, seja por uso de acessórios, ou por marcas inscritas no corpo com utilização de hormônios, silicone ou intervenções cirúrgicas.

⁵⁵ **Travestir-se:** tem o mesmo significado de montar-se, significa: “vestir-se” de mulher, ou seja, obter aparência feminina.

3.1. SER TRAVESTI

travesti tra.ves.ti *sm* (*fr travesti*) 1 Disfarce sob o traje de outro sexo. 2 *por ext* Disfarce.⁵⁶

Significado de Travesti: s.m. e s.f. Em espetáculos ou shows, o artista que se veste com roupas características do sexo oposto. Geralmente, refere-se aos homossexuais cujas vestes e/ou comportamentos denotam particularidades ou ações características do sexo oposto. (Etm. do francês: travesti)⁵⁷

Significado de Travesti:

1 Disfarce sob o traje de outro sexo.

2 Papel de um ator com vestuários usuais no outro sexo.

3 Pessoa que pratica o travestismo.⁵⁸

O oculto supereposto, a representação teatral, a *performance* de “sexo” - considerando o gênero como irremediavelmente conectado ao sexo biológico, aprisionado ao binarismo de “um sexo” e seu “oposto”-, são as noções mais evidentes do senso comum. A travesti é vista sob uma nebulosa mistura de sexualidade, gênero e *performance* teatral. Uma rápida busca nos dicionários disponíveis na internet mostra que a ideia mais presente é a do disfarce.

Por outro lado, no mundo acadêmico, temos definições que colocam as travestis como aquela que está “na fronteira” entre os dois sexos. O binarismo revisitado, com aparência de ruptura. Em outras definições, temos o travestismo como prática, a travestilidade como identidade, a passagem de um sexo ao outro como travessia interrompida. Não há consenso.

Não há consenso tampouco para as pessoas que colaboraram com esta pesquisa. Para Roberta, a primeira entrevistada, ser travesti é ser a “essência do homem e da mulher”, mesmo que ela não se veja nem como homem, nem como mulher:

⁵⁶ Fonte: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (Versão Online). Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=travesti> Acesso: 19. jan .2015

⁵⁷ Fonte: Dicionário Online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/travesti/>. Acesso: 19. jan . 2015

⁵⁸ Dicionário do Aurélio <http://www.dicionariodoaurelio.com/travesti> Acesso: 19. jan .2015.

Então, eu não me vejo como homem, mas também não me vejo como mulher. Eu me vejo como travesti, porque a travesti é uma essência desses dois, essência do homem e da mulher. Eu me vejo isso, não consigo me ver diferente .[Roberta Barretto]

Para Kharla, ser travesti é se sentir mulher, tendo a consciência de que não é mulher, mas, segundo ela, um homem que se adapta em um corpo feminino:

Na realidade, eu não me considero mulher. Me considero travesti. Entendeu? Não sou mulher, mas também não sou homem.

Ah... travesti pra mim é o homem que se transformou, que se adapta em um corpo feminino, entendeu? Eu me sinto, sim, mulher, mas eu também tenho a consciência que eu não sou mulher. [Kharla Pinheiro]

Já Camily, não se considera nem homem e nem mulher, porque ela tem um corpo feminino, mas um órgão masculino:

É engraçado, porque, tipo assim, eu não sou nem homem e nem mulher. Porque assim, homem tem uma aparência e comportamento masculino. Mulher uma aparência totalmente feminina. Eu me considero travesti, né? Porque eu só tenho um corpo feminino, mas com um órgão masculino. Então só muda o gênero, sou travesti. Nem homem e nem mulher. Quando me perguntam: ‘Ah, você é homem?’ ‘Não, eu não sou homem. Sou travesti. Não sou homem e nem mulher. [Camily Pergolini]

Para Rebecca, ela tem um pouco de homem e um pouco de mulher, está no meio dos dois. Mas quando não se sente muito bem, sente-se “mais menino”:

Um pouco dos dois, homem e mulher. No meio dos dois. Tem coisas que me percebo masculino, outras feminino. Até então, quando a gente sai, eu tenho uns olhares daqueles de que... quando a gente não está muito bem, fica assim meio masculino. Aí a gente já se sente um pouco mais menino. [Rebecca Thyfany]

Rebecca tem um grupo de amigos muito queridos, mas mesmo entre eles se sente deslocada, pois acha que não a entendem totalmente, pois alguns são gays, outra é travesti. E ela se sente trans, sente-se mulher, apesar de ter se chamado de travesti durante todo o tempo em que contou sua história. Diz que às vezes fica confusa, sente-se totalmente mulher, mas daí por algum motivo “volta a se ver como é”:

Tipo assim, é por causa, como eu tomo hormônio, isso vamos dizer, mexe um pouco com a gente. A gente fica com aquela beleza, mulher totalmente. Aí é quando a gente cai em si mesmo e fala: “Não, eu não sou mulher. Sou isso, sou travesti. Tenho que aprender a lidar com isso. Como eu sou. [Rebecca Thyfany]

Pryscilla, que se autodenomina transexual, vê a travesti como uma pessoa metade homem e metade mulher, especialmente no que tange à questão da prática sexual. Para ela, a travesti teria alternadamente um papel sexual ativo (equivalente ao masculino: penetrar), ou passivo (exercendo o papel feminino: ser penetrada). Ela, por sua vez, diz que se sente mulher todo o tempo, mas também exerce o “papel ativo” em 9 de 10 de suas relações sexuais, apenas para agradar seus parceiros. Cumprindo, talvez, o papel que se espera da mulher – agradar –, Pryscilla subverte suas próprias definições:

Ao meu ver, assim... a travesti, ela seria uma pessoa que, assim, vive metade homem e metade mulher. Assim, tem vontade de se vestir de mulher, mas ainda tem aquela parte do homem que mexe com ela, que, no caso, seria o sexual. Às vezes ativo, às vezes passivo.

No meu caso, eu me considero trans, não por querer operar e virar mulher definitivo, não. Uma, porque eu não sou ativa. Não é a minha praia fazer a linha ativa na parte sexual. E eu não me vejo homem. Não tenho jeito de homem, não tenho nada. Eu vivo mulher 24 horas.

*Às vezes tenho [vergoinha de ficar nua] . Quando eu saio com alguém, assim, que eu já tenho alguma liberdade, pra mim não é tanto. Mas vamos supor que eu conheci um rapaz, saí com ele e a gente vai pra um motel. Eu fico, assim, envergonhada. E muitos falam: “Não precisa ter vergonha. Eu sei quem você é. Deixa eu ver”. Eu acabo mostrando, assim, mas depois: “Ah, deixa quieto”. **É do meu eu isso aqui.** Não sei explicar. Eu não sei se [ter pênis] seria um incomodo ou não, porque, assim, cirurgia, coragem eu não tenho. Eu acredito que se um dia eu fizer, eu vou me arrepender. E muitas pessoas já me falaram que não gostaram, outros falam que gostaram. Eu não vou fazer porque eu nunca passei por nenhuma situação mais agravante referente a isso, porque todas as pessoas que eu tive relação... **é o que eu sou.** De 10 homens que eu saio, 9 faz a festa. Gosta [de ser penetrado]. Tem um mesmo que eu saio com ele, você olha assim e não acredita. E ele adora fazer um boquete. Ele adora! Mas você olha, às vezes fico olhando e penso: “Meu Deus, eu não acredito”. Não dá pra acreditar, mas é verdade. Não [acho ruim]. Acho interessante. [Mas] Prazer mesmo... [é dar]. Dar pra mim é tudo! **Mas já teve situações que eu tive que comer. Não poucas, muitas.** Uma vez sai com um rapaz. Cara! Foi muito engraçado! Terminei e ele virou assim, falei: “Você vai descansar?” Ele: “Não, eu quero que você me coma”. Eu pensei: “Ai meu Deus do céu”. Foi a maior frustração, aquele homem perfeito. Corpo, rosto, voz, pênis. Tudo! 2, 3 anos atrás não, **mas hoje pra mim é comum. Eu faço. Só pra fazer a vontade dele. A maioria quer.** [Se não tivesse pênis], Não teria tanto sucesso. Não interfere. **O que mexe comigo é o nome. É uma coisa assim que não dá.***

Sharon se sente mulher, mas ela se diz travesti “pela lógica”. Para ela, ser travesti é um comportamento que vai além de “colocar uma saia e sair rebolando”, tem toda uma identificação com a maneira como as mulheres se comportariam em cada situação, aparentemente mais requintada ou, pelo menos, mais elegante. Somente se sentir

mulher, para Sharon, não é suficiente. Para ela se considerar mulher, seria necessário ter vagina. Se ela pudesse fazer cirurgia para construir uma, então ela seria mulher:

Eu me identifico como travesti mesmo. Travesti não é só você vestir uma saia, sair rebolando no meio da rua. Você tem que ter um comportamento, porque a gente se espelha nas mulheres. E uma mulher não vai sair fazendo escândalos no meio da rua. Eu acho que ser travesti não é só por uma saia. Ser travesti é também pensar como mulher, ser uma mulher. Fazer o que uma mulher faria. Porque você ser mulher realmente, eu acho que é quando a gente consegue chegar naquela fase de transgenitação. Quando você consegue fazer sua vagina... e você ser mulher. Ai sim dá para você dizer: 'Agora sim eu sou uma mulher!' [Se eu pudesse fazer cirurgia], É, eu seria uma mulher." Sim, eu sou uma travesti. Não tanto pelo desejo, mas pela lógica, né? [Sharon Pinheiro]

Iara não se sente homem, mas também não se sente mulher. Ela se sente travesti, se identifica como travesti. Sua identidade é de travesti. Mas Iara relata, em um desabafo, que se sente sofrendo violência dentro da militância LGBTT, já que as pessoas a pressionam para se assumir como “pessoa trans”. Seu sentimento é que as pessoas a querem higienizada e travesti seria um termo sujo:

*Eu não me considero nenhum dos dois [homem ou mulher].
[E você se considera travesti?]: Sim.*

*[Estou repensando meu lugar na militância] Então, talvez se eu me inserir na educação, quebrar o preconceito que eu tenho [sofro] na sala de aula. Vou dar aula, vou trabalhar com criancinhas e com criancinhas eu não preciso falar de travesti. Mas eu consigo abordar respeito, solidariedade, tolerância, um monte de coisa que eu vou criar cidadãos e cidadãs com outro pensamento que vai poder **olhar pra uma travesti e não achar nada demais. Vai só saber que é diferente dela, porque diferente todo mundo é, e acabou.** Então eu estou nesse momento mesmo. Porque eu sinto que ali não vai mais. [No centro onde trabalho], [na] Militância, o machismo me consome. A militância fez mal pra mim, Valéria, nesse sentido. Ela me fez mal nesse sentido. Porque, por exemplo, dependendo da piada que você faz, eu já fico... sabe? E eu não posso te falar, porque, por exemplo... sabe? Porque tudo me incomoda hoje em dia. E em todo lugar eu vejo acontecendo. Quando vem de uma pessoa ignorante, pra mim beleza. Mas quando isso vem [de diversas entidades da militância], eu [penso] “O que eu estou fazendo aí?” **Agora eu estou nesse processo de violência.** Porque eu estou sofrendo essa violência o tempo todo. **Eu estou sofrendo violência [dentro da militância LGBTT], por exemplo, porque eu sou travesti. Porque eu não assumo a transexualidade.** Porque eu não assumo ser uma pessoa trans. Porque eu tenho que usar o termo pessoa trans.*

Cynthia Toledo se identifica como travesti. Para ela, travesti é fantasia, sonho, mas acima de tudo, ousadia. E ela não precisa se identificar. Ela tem já tem identificação:

uma carteira de identidade com nome masculino (e não quer mudar). O resto, as pessoas que descubram:

Travesti. Travesti é um sonho, uma fantasia, uma capacidade. Eu sou a imagem personificada da palavra travesti, eu nasci biologicamente homem e eu tenho certeza que você não vê esse homem diante de você. Isso aqui é uma fantasia, um sonho, é uma ousadia acima de tudo. Não [me sinto] nas fronteiras, porque as pessoas precisam demarcar lugares. E se eu me colocar como sexo primeiro, eu estou desfazendo dos outros sexos que são muitos, e se eu me colocar no último, também estou desfazendo de mim, então eu prefiro abolir essas situações quando se fala de ser humano. Eu não me sinto na obrigação de me identificar. Eu já tenho uma carteira de identidade que me identifica quando há a necessidade. E o resto as pessoas que descubram.

Podemos dizer, então, que as pessoas que contribuíram com esta pesquisa têm em comum o fato de terem sido designadas como “homens” ao nascer, tanto oficialmente (pelo Estado, em seus documentos de identificação), como pelos scripts de gênero que a produção discursiva de sua socialização exigia que encenassem. Mas todas elas sentem-se desempenhando o papel principal de suas próprias vidas e não os papéis secundários de tramas banais. Todas se reinventaram, fantasiando seus figurinos para viver suas fantasias. Todas romperam com as mesmices do binarismo de gênero. Mesmo quando incorporaram o próprio binarismo, fizeram-no à sua maneira, subvertendo a norma para viver o sonho. Todas ousaram. O nome dessa liberdade, inaceitável para a maioria das pessoas que se escorou no intolerante comum, é o mesmo: travesti.

3.2. A história de oito pessoas que moram em São Paulo

Busco, como já havia antecipado, evidenciar aqui a forma com que as travestis significaram - ou seja *interpretaram e atribuíram sentido* - as suas *experiências* no momento em que me contaram a suas histórias de vida. São oito pessoas que moram na grande São Paulo, têm mais de dezoito anos e se autoidentificam como travestis. Ao relatar o que ouvi, procuro mostrar como elas vivenciam a diferença: ora como estigma, diante das tantas violações de direitos, ora como fantasia, diversidade, ousadia e liberdade. Busco mostrar como elas experienciam as violências cotidianas, o que sentem e como as enfrentam. Aponto também interseccionalidades de marcadores de diferença e algumas contradições que são perceptíveis a partir de seus relatos.

3.2.1. Saindo da bolsa rumo à cidadania – a história de Roberta Barretto

A história de Roberta Barretto começa em 22 de abril de 1981, na cidade de São Paulo. Quando começamos as entrevistas, estava com 32 anos. Roberta tem uma trajetória marcada pela pobreza, pela violência e pela superação. Outra forte marca que aparece na vida dela é o sentimento de ser diferente. Na maioria das vezes, esse sentimento é relativo a diferenças que a estigmatizam, como ser negra, pobre e travesti. São diferenças que a desqualificam e ferem-na. Em outras oportunidades, porém, a diferença lhe serve como forma de resistir às injustiças, de se superar e de, generosamente, contribuir para que outras pessoas possam se perceber como cidadãs com direitos violados, que merecem estar no mundo sendo tratadas com respeito, como iguais às demais. Ela mesma ainda não se sente tratada como igual. Mas desenvolveu diversas estratégias para enfrentar as adversidades. Roberta entende que quem não a vê como igual e a exclui é o problema. Não ela.

*Vamos começar do início, da parte que eu me lembro. Quando criança, **uma vida de criança normal, como outra qualquer, não me entendia como um ser diferente**, porque eu achava que era tudo normal, eu sou de família cristã, católica, e em casa nunca teve esse problema. Eu tenho um tio gay, eu tenho uma tia lésbica, e a gente sempre conviveu com eles sem problema em casa.*

De família muito humilde, sempre morou na periferia mais distante da Zona Sul da capital paulista. Foi moradora de comunidade⁵⁹, seus pais sempre foram trabalhadores, mas em trabalhos considerados sem qualificação.

O meu pai, ele é até hoje pintor de apartamentos. Ele sempre trabalhou em casa de advogado, de doutor, ele sempre trabalhou com gente muito rica, e minha mãe era cozinheira. Minha mãe era cozinheira de um casal que tinha só um filho, um casal que era super do bem, que levava a gente pra passear, dava muito presente pra gente. Era a época que eu me recordo de vê-los trabalhando é essa. O meu pai até hoje trabalha e a minha mãe já não trabalha mais, há alguns anos a minha mãe não trabalha.

Tem dois irmãos mais novos que ela, mas com pequena diferença de idade (um tem três e o outro, cinco anos a menos do que ela, aproximadamente). Recorda-se de que sentia vontade de se vestir de forma feminina desde muito pequena, talvez com quatro ou cinco anos de idade. Ela assistia às novelas na TV e se imaginava como a mais bonita das moças.

⁵⁹ Comunidade é o nome que atualmente se dá para o que se denominava mais comumente como favela.

Eu era bem criança, brincando com os meus irmãos, era uma época, eu não me lembro bem qual era a novela que passava, mas era uma novela que as meninas vestiam aquelas roupas de sinhá, novelas de época, então era aquelas saias muito amplas, uns corseletes bem apertados e eu fazia as mesmas roupas, só que eu fazia com cobertor e com o cinto do meu pai. Eu sempre me imaginava no lugar daquelas moças mais bonitas, aquelas que usavam os vestidos mais bonitos, usavam aqueles penteados, tanto que o penteado era a toalha.

Foi nesta época mesmo que se vestiu pela primeira vez com roupas femininas de verdade. Foi quando o pai trouxe roupas doadas da igreja.

A primeira vez foi, quando eu lembro, meu pai ganhou um saco de roupas e calçados que veio de uma igreja e tinha muito salto alto dentro desses ganhados dele. Tinha muito salto alto e muita roupa feminina. E eu acabei colocando um salto e um vestido que tinha dentro desse saco. E acabei até quebrando esse salto, eu não sabia nem ficar em pé em cima. É quando eu me recordo de ter posto roupa feminina. Lembro que era um vestido que lembrava muito vestido de noiva, mas era um vestido mais simples, meio amarelado assim, até tinha umas manchas amareladas nesse vestido, e o salto era uma sandália. Assim... devia ser uns quinze [centímetros de altura], um salto agulha muito fino, eu coloquei no pé e pluf, quebrou...

Mas Roberta não se sentia diferente, seus irmãos e mãe não a incomodavam. Ela começou a se sentir diferente depois da experiência da estigmatização, ao se relacionar com outras pessoas (crianças e adultos) na escola.

[Eu brincava de usar roupas femininas] Na frente das pessoas. Eu não tinha problema, porque era uma brincadeira. Eu acho que até eles mesmos [irmãos e mãe] viam dessa forma. Não tinha peso nenhum, não tinha aquele peso moralista, um sentimento de pecado, de erro, não tinha.

Mas nem tudo foi tão tranquilo em sua socialização familiar na primeira infância. Ela já percebia que o que fazia não era muito aceito pela necessidade de esconder do pai a brincadeira de vestir-se de menina.

Perto do meu pai, eu não vestia, eu não brincava. Tanto que... assim, quando eu sabia que ele estava pra chegar, eu corria e tirava a roupa [feminina]. Porque eu sentia que ele não gostava. Ele não falava, mas ele não gostava de me ver brincando daquela forma. Eu percebia que isso era um incômodo pra ele, porque muitas vezes, eu tinha dele as palavras: “Se arruma direito, se põe que nem homem”. Ele tinha isso.

Cursou o antigo pré-primário (período escolar atualmente chamado de educação infantil) em uma escola particular, cuja mensalidade era paga pelos patrões de sua mãe. Foi ali que experimentou as primeiras situações de discriminação por ser feminino e pobre, com as diferenças confluindo para sua estigmatização:

Eu não sei se porque a gente já tinha isso de que eles eram melhores do que a gente, porque as crianças - essas que chegavam na escola com os melhores lanches, chegavam na escola com as melhores roupas, quando tinha as festinhas de final de ano, que toda mãe faz um prato de doce ou de salgado pra levar, a deles chegava as coisas do buffet, chegava salgadinhos de festa, aquelas coisas mais -, a gente sabia que eles eram mais ricos do que a gente, por esse motivo, então a gente acabava percebendo que eles também tinham um tratamento diferente do que a gente tinha.

*Eu passei pelo “prezinho” e tudo e, já no “prezinho”, **eu percebia que eu era diferente dos outros meninos**. Tinha até alguns meninos que se pareciam comigo, mas os outros meninos tinham outras formas de estar no meio dos meninos. E eu, como sempre muito grande, muito desajeitada, eu acabava me destacando no meio deles. **Eu me sentia diferente, nesses espaços eu me sentia diferente**. Lá tinham as crianças, era uma escolinha particular, então tinha as crianças que eram filhas de **gente que tinha mais dinheiro...** e tínhamos nós, os pobrezinhos, que quem pagava a escolinha era a patroa do meu pai, que pagava a escolinha da gente. **E eu lembro que esses meninos, filhos de pessoas mais adinheiradas, eu lembro que eles acabavam me xingando às vezes.***

Sentia que recebia um tratamento diferente também por ser mais delicada. Era chamada de mulherzinha, tanto por pessoas mais pobres (os iguais) como por pessoas “adinheiradas”. No entanto, o peso das ofensas era muito maior quando as chacotas vinham de pessoas de classe social superior à sua:

*Sim [as **pobrezinhas** também me chamavam de mulherzinha]. Era um apelido que, naquela época, eu achava muito constrangedor, porque **eu já entendia um pouquinho do que era ser chamado de bicha ou de bichinha**⁶⁰ ou de **mulherzinha**, que era sempre no sentido pejorativo, então aquilo me incomodava um pouco, mas eu não tinha reação nenhuma. Eu vim ter alguma reação já depois na fase da escola, mas na fase do “prezinho” eu não me recordo de ter reação a esses xingamentos, não.*

*Na verdade, todo mundo [me xingava de mulherzinha]. Mas assim, **eu sentia que os que tinham mais dinheiro**, os que o pai ia buscar de carro, os que iam embora de perua [escolar], porque, nossa!, andar de perua naquela época era um luxo. A perua ir te buscar e te levar pra escola, você podia falar que você era rico mesmo. Mas esse pessoal, eu sentia que eles... **eu sentia que tinha um peso maior a fala deles do que a fala das outras crianças que eram da mesma faixa etária minha, assim. É como se tivesse mais força.***

Seus pais saíram da comunidade e foram morar em outro bairro da periferia da Zona Sul, por isso Roberta mudou de escola, passando a estudar em uma escola pública. Na nova escola, por ser grande e forte, era sempre escolhida para fazer parte das

⁶⁰ **Bichinha**: homem identificado pelos outros como homossexual, visto como frágil, muito feminino, às vezes desqualificado por isso.

brincadeiras, mas ao mesmo tempo era constantemente ridicularizada, chamada de *bichinha*, *viadinho* e *mulherzinha*. Nesta escola, talvez por todos serem “iguais”, Roberta conseguia retrucar aos xingamentos.

Na época, o nome era Roberto. “Eu quero que o Roberto venha pro nosso time, venha pro nosso lado”, então eu sempre acabava sendo escolhida por alguma turma, mais pela força, pelo tamanho, mas em relação ao meu modo de ser eu nunca tive problema. A não ser... ser chamada de bichinha, de viadinho, alguma coisa desse tipo. Eu acabava xingando, retrucando de volta, e ficava por isso mesmo.

Com cerca de 10 ou 11 anos, Roberta se apaixonou por um rapaz mais velho (que deveria ter uns 16 anos) da escola, com quem se encontrava escondido no banheiro para ficarem se beijando.

[Eu beijava o rapaz escondido no banheiro da escola, mas isso] Não tinha conotação de erro ou de perigo, não tinha, era só porque... como as meninas também faziam. Muitas meninas às vezes entravam no banheiro masculino pra poder beijar o namorado, ou o namorado entrava no banheiro feminino pra poder beijar elas. Porque não podia beijar no corredor, então era assim, uma turma ficava observando se vinha inspetor e os outros iam beijar. Todo mundo fazia isso. Pra mim era o normal, porque as meninas faziam e eu convivia com as meninas. Não sei se na minha cabeça, na minha época, eu também já era menina, eu fazia igual elas estavam fazendo, levava o meu namorado no banheiro.

Ela achava tão normal beijar o rapaz, que contou para a mãe que estava fazendo isso. Sua mãe a obrigou a contar para seu pai e para os irmãos. A reação do pai foi extremamente violenta e, para ela, absolutamente inesperada e chocante: deu-lhe um tapa na cara, dizendo que tinha somente filho homem. Mas ela relata que mesmo antes deste episódio, o pai já a tratava de forma diferente em relação aos irmãos: batia mais nela do que neles, levava-os para passear, mas não a levava.

Ele [o pai] já não me tratava bem, mesmo antes [de ter contado que beijava um menino na escola]. Então assim, eu precisava saber o porquê daquela raiva toda que ele tinha de mim, eu precisava saber de onde surgiu esse ódio que ele tinha, esse me tratar mal, que era a forma que ele me tratava. Eu tenho recordação dele saindo com os meus dois irmãos e eu ficando no portão, ele saindo... ele não me levava. Eu tenho recordações de estar indo pra alguns lugares e o meu pai estar com um dos meus irmãos no ombro, o outro dando a mão [para o pai] e eu dando a mão pra minha mãe. Eu não tenho recordação de eu com carinho com ele, eu abraçada com ele, eu no colo dele, eu não tenho essas recordações.

Chegou a surrá-la debaixo do chuveiro e depois jogar sal e vinagre em seu corpo. Na época, não tinha ideia de que era tratada de forma diferente, pensava que o pai não a levava por falta de recursos financeiros ou dificuldade para carregar três crianças:

Então eu tinha consciência de que, naquele momento, eu não ia poder ir [passear com o pai e os irmãos], porque assim... não ia ter condução, ia ser gente demais pra carregar, ia ter que comprar lanche pra todo mundo, então... eu me recordo disso, assim, eu nunca tive esse sentimento assim, de estar sendo punida por ser diferente dos outros. Esse sentimento eu nunca tive.

Roberta conta que começou a se feminilizar, com mudanças corporais, com 11 ou 12 anos, tomando hormônio. Aprendeu com as amigas da escola com quem convivia.

[Em seis meses] O primeiro efeito que eu tive foi o surgimento dos seios, que aí já começa o pessoal a achar estranho, começa a olhar e a querer descobrir por que a pessoa está ficando de peito, e as pessoas acham meio que estranho. Cabelo comprido eu já tinha. [...] as calças de menino já não serviam mais, porque eu estava com muita perna, muita bunda, então eu não entrava mais na roupa de menino, as camisetas tinham que ser muito folgadas pra esconder que estava aparecendo seio, já não tirava a camiseta perto de ninguém, alguns tipos de brincadeira que tivesse contato físico, eu já evitava, pra que as pessoas não percebessem que eu estava com seio. [...] era o meu querer contra o querer geral. Eu queria ser daquela forma, mas eu sabia que as outras pessoas não iriam me aceitar daquela forma, porque mesmo você sendo o ser como qualquer outro, no meio de todo mundo, acabava saindo uma piadinha, você percebia que as pessoas meio que te deixavam de canto em alguns momentos, isso sempre acontecia. Então, ainda mais sabendo que você ia estar de peito, no meio de outros meninos que não iam ter peito, já era xingado de formas diferentes, então eu fiquei com um pouco de receio nessa época.

Com treze anos, ela começou a sair com um grupo de rapazes gays. Ela se sentia bem com eles, mas sentia que era mais feminina que a maioria deles e sentia sua feminilização como perda de controle e algo perigoso.

Porque quando eu conheci essa turma de gays, eu percebi... que eu já sabia que eu não era gay, porque eu nunca tive identidade gay, eu nunca me vi como os outros meninos, eu era a menina no meio dos meninos. Eu era a “menina gay”, menina! E os meninos, os “gays meninos”. E eu percebia que eu estava ficando cada vez mais feminina, e que aquilo não ia ter como ser diferente.

Os amigos gays a levaram para uma boate gay pela primeira vez. A boate ficava na região central da cidade, bem distante de onde ela morava. Era quase uma viagem a

outro mundo. No caminho, na Avenida Paulista, eles cruzaram com algumas *drag queens*⁶¹. A reação de Roberta foi de puro encantamento:

*Nós saímos de casa era por volta das oito da noite, então devia, no máximo, ser umas dez horas, não mais do que isso. Eu lembro que uma coisa que me chamou muito a atenção na Paulista foi quando eu vi as drag queens. Ver aquela coisa colorida, linda, grande que nem eu, que coisa maravilhosa! Fiquei encantada com elas. Nossa, eu fiquei muito encantada! [...] Eram quatro drag queens, todas com umas botas muito grandes. Duas, eu sei que elas estavam de botas brancas, as que mais chamaram a atenção, que eram aquelas botas tipo bota da Xuxa, que ela desce no meio da coxa, aquela coisa bem grande... e plataforma, peruca muito colorida, muito alta, maquiagem forte, aquilo me chamou muito a atenção, **aquela visão do feminino com o exagero**, aquilo me chamou muito a atenção. Eu lembro da imagem delas, assim, de eu olhar e elas mandarem beijo, dar tchau, e eu fiquei encantada olhando pra elas...*

Na entrada da boate, ela viu outra *drag queen*, vestida de demônio e com os seios de fora, atuando como *hostess*⁶². Aquilo a deixou ainda mais encantada.

E eu fiquei encantada com a imagem dela, de saber que ela estava do lado de fora de uma boate, na porta, todo mundo vendo ela com o seio pra fora, toda aquela imagem, aquela exuberância, aquela coisa assim que, na época, naquela idade, por não conhecer, pra mim se eu me pusesse daquela forma, ia ser a realização de um sonho aquilo era, sei lá... Eu acho que naquela época, ela me passava isso.

Mas a primeira reação que teve dentro da boate gay foi de choque. Os amigos gays com que tinha ido à boate diziam que lá ela poderia se sentir à vontade. Para Roberta, isso significava apenas que ela iria poder ter trejeitos ao dançar, poderia rebolar e ninguém iria incomodá-la. Não imaginava que veria beijo entre homens.

Aquilo foi ficando na minha cabeça, eu tive esse sentimento de “Não pode, é proibido, é errado, é estranho”. E depois... eu não sei se aquilo foi ficando dentro de mim, foi ficando comum, normal, eu me acostumei... A sensação da visão... acho que me remetia ao carinho, ao prazer, a alguma coisa assim, a alguma coisa muito boa.

Ela começou a frequentar a boate e, naquele mesmo ano, conheceu um rapaz chamado Sérgio. Ele era bem mais velho. Ela tinha 13 anos e ele, 25. Ele era fotógrafo de uma revista importante e tinha um bom poder aquisitivo. No primeiro dia em que se encontraram, Roberta e Sérgio apenas conversaram. No dia seguinte, um sábado, ela

⁶¹ **Drag queen:** artista performático que se traveste, fantasiando-se exageradamente, podendo ser de forma glamourosa ou com intenção cômica.

⁶² **Hostess:** espécie de recepcionista de restaurantes, bares, eventos, festas, discotecas ou hotéis.

voltou à mesma boate e o encontrou novamente. Daí se beijaram pela primeira vez. Ela foi com ele para a boate e fizeram sexo. Ela conta que ele, todo o tempo, foi atencioso, cuidadoso, respeitoso. E convidou-a para morar com ele.

Por conta desse encontro, ela chegou a sua casa depois que a família tinha saído para a igreja. Isso fez com que, na volta da igreja, seu pai brigasse com ela, humilhando-a, xingando-a muito.

Eu lembro que ele falou que eu era imprestável, que eu não sabia fazer nada, que nada que eles tentassem fazer pra mim iria mudar o meu jeito, que eu ia ser essa porcária a vida inteira mesmo. E aí eu resolvi, falei assim, “Não, não sou obrigada a passar por isso, já está me xingando, pra me colocar pra fora é mais fácil, é só pegar as minhas roupas, embolar numa sacola e jogar pra fora que me colocam na rua”. Eu fui, peguei os três fiapinhos de coisa que eu tinha, coloquei numa bolsa, e aí eu falei pra minha mãe: “Mãe, eu estou indo embora”.

Aos treze anos, Roberta saiu da casa dos pais, largou os estudos na 5ª. Série e abandonou um curso que fazia de cabeleireira para morar com Sérgio no centro da cidade. Sérgio passou a sustentá-la e comprar tudo o que ela desejasse. No entanto, Roberta sentiu necessidade de trabalhar e de ter seu próprio dinheiro. Conseguiu um emprego de cabeleireira no salão em frente de casa. A dona do salão, sua patroa, era nigeriana e os outros empregados eram nigerianos também. Isso lhe trouxe mais uma vez a experiência de ser diferente. Havia um certo desconforto com isso, porque:

*Isso, só de nigerianos, então eles falavam na língua deles... e aquilo, eu **ia ficando mais confuso** do que tudo, sem entender o que eles estavam falando ali. E à vezes eu ficava até com medo que eles estivessem falando alguma coisa de mim, querendo aprontar alguma coisa comigo, porque as pessoas **falavam que os africanos eram muito ruins...** As pessoas **no cotidiano falavam que os africanos eram pessoas ruins, que eles matavam**, que fazia e acontecia, aquelas histórias que as pessoas contam sem ter certeza da vida de ninguém.*

Considerando que, neste período, Roberta era muito jovem, há que se pensar o quanto este “falar das pessoas do cotidiano” contra as pessoas africanas também não a afetava, considerando que ela é negra e sempre disse que chamava a atenção por ser grande e negra.

Logo em seguida, porém, o salão foi vendido para um casal brasileiro e ela continuou trabalhando no mesmo salão. O desconforto permanecia, de qualquer forma, porque ela não podia se vestir e se comportar como “menina”, como desejava, era apenas o cabeleireiro superfeminino. Roberta conta que trabalhou no salão por oito anos, o mesmo período em que viveu com Sérgio. Durante estes oito anos, sua mãe a visitava e se dava bem com o Sérgio, mas não falou com o pai nenhuma vez. Neste período, acabou passando paralelamente por dois processos: acentuou seu processo de feminilização, inclusive com a colocação de prótese de seio, (mas nunca andava de menina durante o dia) e entrou para a prostituição.

*[No período que estive com o Sérgio, não saía durante o dia] Vestida como mulher, não. Só à noite, pra ir trabalhar, fazer programa⁶³ ou ir pra boate. Tanto que eu evitava sair da boate ao amanhecer, pra não ter que sair na rua vestida de mulher. Então eu saía da boate às quatro horas da manhã, que era pra dar tempo de eu chegar, tirar tudo aquilo e ninguém precisar me ver daquela forma. **Eu tinha vergonha de que as pessoas me vissem vestida daquela forma. Não entendo por quê, era uma forma que me fazia bem, eu me sentia bem estando vestida daquela forma, só que eu ficava com vergonha das pessoas me verem vestida daquela forma. Não sei explicar bem o porquê.***

Há, nos relatos de Roberta, algumas incongruências, pois alguns detalhes sobre certos episódios foram relatados em entrevistas realizadas em dias distintos. As diferentes versões para os mesmos fatos podem se dever à memória ter sido trazida à tona pelas entrevistas e detalhes terem surgido. Podem também ter outros significados, que não nos cabe investigar no âmbito deste trabalho, apenas assinalar.

Um exemplo dessas incongruências é justamente sobre seu processo de feminilização. A primeira versão, já citada, diz que ela começou a tomar hormônios ainda na casa dos pais e por indicação de amigas da escola com quem convivia. Conta, inclusive, que a mãe encontrou a cartela de anticoncepcionais e ela disse que, como desculpa, falou para a mãe que estava escondendo os anticoncepcionais para uma amiga. Há um relato de

⁶³ Existiria uma diferença entre “fazer pista” e “fazer programa”. O primeiro diria respeito àquelas que esperam a abordagem do cliente em logradouros públicos, enquanto a segunda expressão diria respeito a um exercício da prostituição mais privado, em bordéis ou por contato do cliente sendo realizado por internet ou celular. No entanto, as colaboradoras deste trabalho utilizam as expressões “fazer pista”, “fazer programa” e “ser garota de programa” como sinônimo de exercer a prostituição, independentemente de aguardarem clientes em ambientes mais protegidos ou de o fazerem em logradouros públicos.

que um professor, percebendo o surgimento dos seios, constrangeu-a diante de toda a sala.

Na segunda versão, que apresento agora, Roberta diz que começou a tomar hormônios e se feminilizar quando já morava com Sérgio, aos 13 ou 14 anos, por indicação de Tatiana, amiga que estava também se feminilizando e que era um dos rapazes do grupo gay com quem começou a frequentar as baladas gays. Conta que Sérgio bancou a colocação da prótese de seio, quando ela tinha 17 anos, e apoiou-a neste processo todo. Disse que aí passou a se considerar travesti, porque tinha seio, não dava mais para passar por um menino gay.

A entrada na prostituição, segundo Roberta, se deveu ao encontro com uma travesti que costumava passar em frente ao salão no qual ela trabalhava, a Pietra, que teve sobre ela uma impressão muito forte. Ela descreve a Pietra de duas formas diferentes, em conversas realizadas em dias diferentes. Em um dia, diz que se encantou com suas formas exuberantes: ruiva de cabelo liso, seios grandes, cintura fina, coxas grandes, bunda grande, apesar de ter estatura baixa, o que a encantava como tendo as formas que desejaria ter. Em outra conversa, realizada em outro dia, Roberta descreve Pietra como uma mulher miúda, com formas femininas não exageradas, seios pequenos, silicone no quadril, mas não muito, o que a fez pensar que seria possível ser uma travesti, afinal Pietra não tinha um padrão distante dela, não era um padrão inalcançável, mas alguém que tinha formas femininas que ela própria poderia vir a ter.

Seja pelo motivo que for e quais formas tinha, de alguma forma Pietra materializou para Roberta a possibilidade de ser travesti, a realização de seus sonhos. Uma leitura plausível desse fato é justamente a de que, em sua cabeça, pelo que todos falavam, só existia travesti que se prostituía, portanto para ser travesti ela teria obrigatoriamente de se tornar prostituta, porque não seria mais aceita em nenhum outro espaço.

*Onde travesti vive? Não sei. Travesti só aparece na esquina, travesti só está ali. E era ali que a gente ia poder conhecer elas, porque não tinha outro lugar pra conhecê – las. Então eu tinha pra mim que ser travesti... **você quer ser travesti? Você vai ser travesti, só que você vai ter que largar o resto do mundo e ir se prostituir.***

Eu acho que ela [Pietra] foi a pessoa que me mostrou o que era o mundo da noite pra uma travesti. Porque na verdade, eu não enxergava que a travesti pudesse trabalhar num serviço comum, cotidiano, como outro qualquer. Ser travesti era

ser prostituta, porque não tinha outro lugar. [...] Pra mim, se tornou travesti, colocou a roupa de mulher, deixou o cabelo crescer, afinou a sobrancelha, automaticamente você tinha que ir pra esquina, porque nenhum outro lugar ia te aceitar mais.

Por outro lado, ir para a prostituição também lhe dava a possibilidade rara de se encontrar entre iguais.

*Eu via travesti, mas eu via travesti na boate ou via travesti descendo a [rua] Augusta, mais nada. **Eu não via travesti em outros lugares.** E aí quando eu peguei amizade com essa travesti [que se prostituía], que ela falou assim: “**Mona**”⁶⁴, tem um monte de travesti lá onde eu trabalho...”*

*Você podia trabalhar na lanchonete enquanto você era um ser que era identificado, a pessoa olhar pra você e não saber se é homem ou se é mulher, “não sei se é menino ou se é menina”. [...] A partir do momento que você colocasse uma roupa feminina de vez, fizesse uma maquiagem, afinasse a sobrancelha, arrumasse o cabelo, ali você não poderia mais estar no meio daquele povo, porque você já não era mais parte daquilo, **você já não era igual a ninguém.***

[...] e você olha, tem dez, vinte travestis uma do lado da outra. Aí eu falei: “eu quero conhecer onde é esse lugar, porque eu quero conhecer as travestis, eu quero saber como que é a vida de travesti”. Aí quando chega, lá encontra as travestis todas siliconadas, lindas, operadas, nariz feito, cabelão, plástica em tudo que é lugar e aquilo, pra mim, foi um deslumbre.

No primeiro dia em que foi para a prostituição, Roberta ficou em uma área em que ficavam as travestis que ainda não estão “prontas”, ou seja, ainda não são totalmente femininas. Era chamada a rua da neca⁶⁵.

*E como **eu negra, bem dotada**, e tudo, na época ela me colocou lá, ela falou, “é aqui que você vai ganhar dinheiro mona, porque lá embaixo você não vai ganhar dinheiro, lá embaixo só ficam as femininas e mais parecidas com mulher”. Na época, realmente, **eu não era tão feminina** como eu sou hoje, e acaba não sendo tão parecida com mulher. E aí a rua que ela me deixou pra trabalhar foi essa rua.*

⁶⁴ **Mona**: forma de tratamento que as travestis utilizam entre si.

⁶⁵ Neca, na linguagem das travestis, é sinônimo de pênis.

Em diversos outros momentos da história de Roberta, a diferença aparenta ser positivamente importante, especialmente quando se refere a ser grande, ocupar espaço, mas não apenas no sentido sexual, como acima.

*O que me chamava muito a atenção nessas novelas era sempre a forma do corpo delas, porque era aquela cintura bem apertadinha e aquela saia bem aberta, **assim bem grande, como se ocupasse muito espaço**. E eram imagens bonitas, as meninas sempre muito bonitas, muito bem maquiadas, os cabelos muito bem penteados. Eu me recordo da forma do corpo mesmo. Era a imagem dessa forma corporal, dessa beleza, era a imagem que me atraía.*

***Como eu sempre fui muito grande**, e muito forte, as pessoas quando iam brincar de handball, ou brincar de cabo-de-guerra, as brincadeiras mais frequentes da nossa época, eles me escolhiam pra brincar, “ah, eu quero que...*

*Eu lembro que eu falei “eu vou vestida de mulher hoje, eu vou pra festa deles e o pessoal vai me ver vestida de mulher”. Aí eu coloquei uma calça bem justa, coloquei uma bota, eu ainda lembro até hoje, que era uma bota de plataforma, e eu fiquei **muito grande, mas muito grande, muito grande** [ênfatisando]. E eu fui pra essa festa.*

Roberta se prostitui por alguns anos. Na prostituição, ela começa a usar drogas, especialmente cocaína, e se tornou dependente química. Ao mesmo tempo em que começou se sentir deprimida pelo uso das drogas, pela violência cotidiana na pista⁶⁶ e por sentir-se distante de Sérgio, teve uma infecção na prótese e precisou retirá-la. Na noite em que, ainda trabalhando na região do Jockey, decidiu descer da rua da neca para a avenida principal, onde ficavam as travestis prostitutas consideradas mais *glamourosas* e femininas, Roberta presenciou um assassinato. Ficou apavorada e decidiu que não queria mais fazer pista⁶⁷. Neste mesmo período, Roberta contou a Sérgio que estava se prostituindo. Ambos tiveram uma briga muito violenta e ela levou uma facada. Neste momento, Roberta resolveu voltar para a casa dos pais.

Ao voltar para a casa dos pais, com aproximadamente 20 anos de idade, descobriu que não tinha mais um quarto onde pudesse dormir, porque seus irmãos eram meninos e ela voltou como menina.

⁶⁶ **Pista:** logradouro público onde pessoas que exercem a prostituição aguardam abordagem de clientes.

⁶⁷ **Fazer pista:** exercer a prostituição aguardando a abordagem de clientes em locais públicos, como ruas, praças, avenidas etc.

[O quarto dos meus irmãos] Ainda continua montado da mesma forma, como se eles fossem voltar daqui a meia hora, continua lá, montadinho. [O meu quarto] Não, o meu lugar nunca mais voltou. Minha cama foi desmontada, deram pros outros minha cama, e por isso ficou...

Passou a dormir na sala, sentia-se excluída. Ela continuava se prostituindo e usando drogas, até que sua mãe a internou, com a ajuda de um padre, para se reabilitar.

Vinha, vinha louca dentro de casa. Quando eu não arrumava alguém que me trouxesse, eu pegava um ônibus, pegava um táxi, quebrava o taxista na porrada, descia do táxi, largava lá e vinha embora, não pagava, não fazia nada, louca, louca, louca. Aí minha mãe ofereceu se eu não queria me tratar. Aí foi a época que ela me internou.

Depois de cinco meses internada, Roberta conseguiu para de usar cocaína e decidiu também parar de trabalhar na prostituição. Voltou a trabalhar como cabeleireira.

Logo que ela voltou da reabilitação, por longos dois meses passou por um martírio doméstico diário. Seu pai a acordava todos os dias às 4h30min da manhã para obrigá-la a vê-lo sair para trabalhar, dizendo que vagabundo tinha de ver trabalhador para aprender como se deve fazer.

Roberta chora quando conta esta passagem, diz que isso a machucava profundamente, pois neste período, apesar de não estar trabalhando, tinha dinheiro e ajudava com as despesas na casa dos pais, pois todo o dinheiro que ganhara no salão ela havia guardado, já que Sérgio bancava todas as despesas. Já o dinheiro que ela ganhava na prostituição tinha sido todo gasto em drogas, bebida e farra.

Sem aguentar mais esta situação, decidiu construir um cômodo no quintal da casa dos pais, para não ser mais submetida pelo pai à humilhação cotidiana. Mesmo assim, continuou fazendo as refeições dominicais na casa deles e se sentia sempre expulsa por ele, mas apenas pela forma com que a olhava. Ela sentia que ele dizia, com o olhar, que ali não havia lugar para ela, que ela não era bem-vinda. Sua mágoa mais profunda é com seu pai e comenta que isso é muito comum com as travestis com as quais convive.

*Ele sempre me bloqueou em muita coisa, e eu acho que isso eu guardei. E é uma coisa difícil, porque eu não consigo colocar pra fora, [tirar] ele de dentro de mim, é muito difícil. Porque ele sempre vai estar lá dentro e não quer sair. Quando eu tento colocar, eu lembro de tudo aquilo que eu passei com ele. Porque a primeira agressão que a gente tem é com o pai. **Pode perguntar pra qualquer travesti, a primeira agressão que ela tem é com o pai, porque o pai é o primeiro a enfrentar ela, o primeiro homem que enfrenta ela. É o primeiro homem que diz que ela não pode ser o que ela quer ser.***

Algum tempo depois de ter voltado para a casa dos pais, Roberta decidiu se tornar travesti em tempo integral. Até então ela levava seus apetrechos na bolsa e se montava à noite já nos locais que frequentava.

Naquela época, a Roberta tirava o sutiã de bojo, guardava ele dentro da bolsa. Tirava a peruca, guardava ela dentro da bolsa. Tirava os quadris que eram de espuma e guardava dentro da bolsa. Tirava o salto alto, o cílio postiço... e assim a gente ia desmontando a Roberta e remontando o Roberto. Ou colocando o Roberto pra fora da Roberta. Que é aquela velha história: eu tiro algumas peças e me torno o menino, pego as peças novamente e me torno a menina. É isso, a Roberta ia pra dentro da bolsa porque algumas peças dela não eram dela, então ela tinha que ir pra bolsa, pra [que], quando ela saísse novamente, aquelas peças voltassem pro corpo pra poder mostrar que a Roberta estava ali novamente. Muitas das vezes, a Roberta estava na bolsa ao lado. Não sempre, mas muitas das vezes ela estava ali na bolsinha do lado.

A lembrança da “Roberta na bolsa” também a comove muito e ela chora mais uma vez. Diz que é uma emoção boa, pois hoje não precisa mais levar a Roberta na bolsa.

Lembra-se de um dia em que saiu como Roberta durante o dia e foi a uma festa de aniversário de um amigo. Uma festa à tarde, com feijoada e pagode. Foi uma das primeiras vezes em que ela saiu como Roberta durante o dia. E a experiência foi tão positiva, sentiu-se tão bem, que resolveu tirar definitivamente a Roberta da bolsa.

*É uma sensação estranha, mas boa. Uma sensação de percepção, de ser notada. Estou chamando a atenção de uma forma legal. E aí foi assim. A partir daí eu me lembro que essa foi a deixa pra que a Roberta nunca mais se guardasse dentro da bolsa. Foi o momento que a Roberta saiu pra viver a vida que ela vive até hoje, que eu vivo até hoje. Eu lembro que as pessoas me respeitaram, nesse dia não teve piada, não teve nenhum disse – que – me – disse, **tiveram muitos elogios. Esse momento foi aquele start, agora a Roberta não vai mais voltar pra bolsa. A Roberta vai poder continuar vivendo no meio de todo mundo porque não vai ser novidade, não vai ser estranho pra ninguém.***

Ali foi praticamente o nascimento da Roberta. Apesar da Roberta já ter ido a algumas outras [festas], essa é a que eu tenho certeza que a Roberta não vai voltar pra bolsa mais... a partir daí eu comecei a ficar 24 horas como mulher, não sempre maquiada, não sempre bem penteada, não sempre de salto alto, mas sempre muito feminina e muito mulher dentro de casa mesmo. Ou na rua. Sempre já com a roupa mais justa, uma blusa que marcasse mais o corpo, algo que remetesse ao feminino.

Depois que a Roberta saiu definitivamente da bolsa, sofreu três agressões físicas em locais públicos que a marcaram profunda e terrivelmente. As cenas destas agressões serão discutidas com mais detalhes no capítulo 4, mas aqui são relatadas como parte importante da história de Roberta. A primeira, quando estava indo ao centro da cidade com uma amiga travesti para fazer compras. Estavam em um ônibus, sentadas nos bancos que ficam um pouco antes da porta. Um passageiro se levanta para sair do ônibus e, ao passar por elas, as ofende e soca-lhe a cabeça.

[...] ele deu um murro na minha cabeça e falou “esses viado do caralho”, e saiu.

Como será retomado no capítulo 4, esta cena condensa um mix de estigmas e frustração que intensificam o grau da violência, dolorosamente sentida por Roberta como sendo causada pela diferença:

Desde que você se percebe como ser humano diferente [ênfatisando muito e fazendo aspas com as mãos] do restante, porque eu não me vejo como diferente, eles é que me veem como diferente, a primeira agressão foi essa.

A segunda agressão foi um tapa no rosto, que ela levou em uma passarela próxima ao lugar onde morava. Três garotos vêm ao seu encontro e um deles lhe dá um tapa no rosto, de forma gratuita, sem nenhum incidente que justificasse tal ato. Em seguida, os três saem correndo e rindo.

Que não tinha um porque... daqueles meninos me baterem naquele momento, eu não tava mexendo com eles, eu não tinha dito nada que pudesse ofender eles. Não tinha nada que... que... que chamasse a atenção deles para que eles me ofendessem, que eles me agredissem como me agrediu.

A terceira agressão ocorreu em um parque público. Após o almoço, caminhando com uma outra amiga travesti, elas foram cercadas por seis homens, que as perseguiram. Cada uma correu para um lado. Roberta rolou um barranco, caiu no chão com a perna quebrada e foi agredida violentamente com chutes e pauladas, enquanto era ofendida e humilhada.

Eles xingam. Eles só tão xingando, xingando. O tempo inteiro xingando: “Viado”, xingando “Traveco do caralho” e batendo. Só isso que eles estão gritando e xingando.

A violência, interrompida por um garoto acompanhado por um cão da raça pitibull, não se encerrou com a fuga dos seis homens. Enquanto esperava o socorro que o garoto foi buscar, um outro homem se aproximou, aparentemente para ajudá-la. No entanto, o homem ainda tornou a violência mais assustadora, pois ao fingir que estava compadecido ao auxiliá-la a se levantar, ele mostrou uma arma na sua cintura e disse que não deveriam apenas tê-la agredido, mas deveriam tê-la matado. Pessoas da administração do parque chegaram neste momento, impedindo um desfecho ainda mais terrível. O homem desapareceu, mas deixou marcas profundas em Roberta.

Novamente a experiência de ser diferente e de expectativas que se frustram desembocam em uma turbulência de sentimentos que acentua o grau da violência física sofrida. Um passeio no parque, que deveria ser uma distração, se tornou uma cena de violência e horrores. Uma pessoa que aparentemente vai ajudá-la, subitamente mostra-se outro algoz, muito cruel e sarcástico. O sentimento de Roberta é o de que ela não tinha o direito de estar lá, de se distrair, de se divertir.

Eu não precisava ir pra lá. Eu não tinha direito [ênfatisando], na minha cabeça eu não tinha direito [ênfatisando] de estar ali.

O sentimento de, à época, não se ter percebido como pessoa com direitos ficou como forte sensação.

Ah, eu fui agredida dentro de um parque público, eu poderia ter processado o Estado, eu poderia ter feito tantas coisas contra o Estado e eu não fiz nada.

*Nem o Boletim de Ocorrência! Eu não fiz porque eu era viado, viado não tinha direito de nada. Na minha cabeça era isso. Na minha cabeça, eu acho que... no... meio que internamente eu **fiquei com o sentimento que fui eu que provoquei tudo aquilo.***

Roberta ficou em coma por quinze dias no hospital. Depois de ter alta, levou mais de um mês para conseguir retomar suas atividades e três meses para conseguir sair de casa sozinha. Diz que ficou com o joelho com problemas, assim como com falhas de memória. Mas das sequelas, a pior para ela foi um medo forte que persiste. Ainda hoje tem medo de andar sozinha em locais que não têm câmara de segurança, especialmente quando há notícias de agressão homofóbica na mídia ou quando sabe que amigos próximos foram agredidos por homofobia⁶⁸.

Apesar destas graves sequelas, Roberta diz que o episódio, a pior violência física sofrida por ela, também teve um papel empoderador. Ela se sentiu acuada e sem direitos, quase que culpada pela agressão sofrida, mas, ao mesmo tempo, relata que foi esse episódio que a impulsionou a procurar seus direitos, a encontrar seus pares e se envolver no ativismo.

Me deu mais força para eu ser quem eu sou hoje, porque eu fui atrás. Eu fui procurar saber. “Não! Eu quero saber qual direito que eu tenho, o que eu posso fazer, aonde eu posso estar, aonde eu não posso estar.”

Roberta passou a frequentar atividades voltadas para travestis em um Centro de Referência e Treinamento (CRT)⁶⁹ da Zona Sul da cidade, local também chamado pelas travestis de “postinho”. Foi para as reuniões a convite de uma colega de bairro que também é travesti, mas confessa que sua motivação inicial, na verdade, era conhecer uma “bombadeira”⁷⁰ que ela sabia que frequentava as reuniões.

⁶⁸ **Homofobia:** é uma série de atitudes e sentimentos negativos em relação a pessoas homossexuais, bissexuais e, em alguns casos, contra transgêneros e pessoas intersexuais. As definições para o termo referem-se variavelmente a antipatia, desprezo, preconceito, aversão e medo irracional. A homofobia é observada como um comportamento crítico e hostil, assim como a discriminação e a violência com base na percepção de que a orientação não heterossexual é negativa. (Fonte: Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia> Acesso: 22.Fev.2015)

⁶⁹ CRT - Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS-SP da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo

⁷⁰ **Bombadeira/o:** pessoa que “molda” os corpos das travestis por meio de injeção de silicone líquido, normalmente próprio para uso industrial, para deixá-lo com características consideradas femininas (seios, quadril largo, etc).

Essa travesti já era uma amiga, já de algum tempo, que a gente se conheceu no bairro mesmo, que ela morava ali no bairro. Aí ela trabalhava no CR⁷¹ e, através dela, eu acabei indo conhecer esse espaço, que era um espaço de todas as quintas-feiras, que se encontravam as travestis para poder falar sobre tudo. Era uma reunião pra você encontrar amigos e falar sobre tudo. Nessa reunião que eu comecei a me interessar pelos direitos, né?

Roberta encontra-se, nestas reuniões, ao mesmo tempo com seus pares, com as iguais, e consigo mesma como pessoa com direitos. Destaca-se por ser diferente: ser participativa e fazer muitas perguntas. Nestas reuniões, conheceu William, jovem gay ativista que atuava em uma ONG LGBTT e que coordenava as reuniões das travestis. William⁷² é uma pessoa muito importante na vida de Roberta. Foi um incentivador para que ela frequentasse espaços em que poderia aprender mais sobre seus direitos. Convidou-a a representar a ONG em atividades que julgava serem importantes para ela. William a convidou para fazer parte da equipe que coordena as reuniões no “postinho”.

Roberta tem orgulho desta atividade, mas lamenta que, por falta de interesse da unidade, as reuniões foram encerradas de uma forma muito ruim.

Aí acabou... Nós conseguimos juntar quarenta e cinco travestis às três horas da tarde, dentro de uma unidade de saúde. Para quem conhece travesti, sabe o quão é difícil fazer isso. Normalmente as pessoas não tem o costume de ver travesti no dia-a-dia, não encontra travesti dentro do ônibus, na rua... por quê? Porque normalmente no horário diurno, é o horário que elas estão dormindo. Trabalharam a noite inteira porque o único serviço que as... é... as aceita é a prostituição e a prostituição normalmente fica à noite. E quando é o horário do dia, elas estão... dormindo, descansando. E para você conseguir juntar quarenta e cinco [ênfatisando] pessoas trabalhadoras da noite... dentro de uma sala às três horas da tarde é uma dificuldade imensa! A gente teve que ir na casa, convencer, literalmente mostrar que era um espaço de aceitação, um espaço de ela ser respeitada, que no início realmente foi. Todas eram muito bem respeitadas, tavam lá todas juntas, não faltava nenhuma, levavam amigas... e a gente ficou muito contente quando... no dia em que nós conseguimos lotar a sala, que foi até no dia da apresentação de um filme.

Sem aviso, sem conversa. As reuniões acabaram porque a sala onde elas ocorriam foram paulatinamente sendo ocupados por outras atividades sem aviso prévio. As travestis

⁷¹ Roberta chama de CR o serviço de CRT onde ocorriam os encontros, chamado por Priscilla de CTA.

⁷² William foi um meio de contato importante para esta pesquisa, pois duas colaboradoras aceitaram participar por convite dele, embora apenas uma delas tenha efetivamente participado.

chegavam e a sala estava sendo ocupada por um bazar. Ou estava simplesmente trancada e ninguém tinha a chave. Elas foram expulsas do espaço e as reuniões foram extintas sem as travestis nem mesmo terem o direito de saber o motivo.

Roberta chegou a ser ativista de uma ONG LGBTT, a mesma onde William atuava. Atualmente, no entanto, ela não participa mais como ativista em grupos LGBTT, mas continua atuando efetivamente como ativista autônoma. Sente-se ainda pouco à vontade para falar em eventos como conferências e encontros, mas participa de reuniões e sente-se representada por travestis ativistas e atuantes, entre elas, Iara Pereira, colaboradora desta pesquisa, de quem se confessa admiradora devido à força com que enfrenta as injustiças, inclusive as que acontecem dentro do próprio movimento LGBTT.

Nesse sentido, uma das queixas de Roberta é de que, no movimento LGBTT, onde supostamente todos seriam iguais na luta por direitos, as travestis são vistas mais uma vez como diferentes. São parte do movimento, mas invariavelmente tem sua fala impedida por integrantes de ONGs LGBTT, PIS, segundo ela, as travestis tem poucos estudos, não falam bonito, por isso normalmente suas falas são interrompidas com impaciência.

*Ah... sim, em situações em que tem esse problema de falar “A gente já entendeu, tudo bem, a gente já sabe qual é o problema de vocês” **em espaços em que teoricamente deveria ser espaços de aceitação de travestis**, né? Porque seriam os espaços LGBT e a gente acaba vendo isso. Ta conversando e de repente: “Ah, ta bom, ta bom, a gente já entendeu o seu problema, ta?” E aí já muda de assunto, porque não querem dar voz para a pessoa. A pessoa não tem direito de falar o que ela tá sentindo ou pelo que ela está passando.*

Roberta se queixa desta invisibilidade não somente nos espaços LGBTT, mas na vida cotidiana. Ela diz que as travestis não são vistas, pouca gente sabe o que passam as travestis, ao mesmo tempo em que estão superexpostas pelo seu aspecto masculino-feminino e exagerado.

É assim que ela fala dessa superposição do feminino ao masculino, o típico traço de construção do corpo travesti. Para ela, a imposição da exuberância, do exagero e do *glamour* foram superados pelo conhecimento de seus direitos como pessoa travesti, pelo reconhecimento de que seu sentimento de ser o que é deve ser suficiente para ter direito de sê-lo, essa é a sua auto-aceitação.

Hoje eu continuo me arrumando bastante, mas eu não tenho a necessidade de me maquiar como eu me maquiava. Eu me maquiava muito, era uma... como se fosse uma obrigação de esconder alguma coisa, que hoje eu entendo que era o... por ficar o mais parecido com mulher, o mais heteronormativo possível. Hoje eu entendo isso. Naquela época eu achava que não, eu achava que toda travesti tinha que se maquiar muuuuito pra sair de casa. Se não tivesse muito [ênfatizando] maquiada, não estava bom. [Se não estivesse muito maquiada] Não era travesti, não estava bom, tinha que... porque assim... a ilusão, que naquela época eu tinha na minha cabeça, é que a maquiagem iria quebrar ou esconder os meus traços masculinos. E... hoje eu sei que... pode-se fazer a cirurgia que quiser fazer, você pode se assemelhar a uma face feminina, mas se você não tiver isso de dentro de você, jamais vai acontecer. A maquiagem não vai te dar alguma coisa que não é seu. Naquela época eu achava que a maquiagem podia mostrar muito mais de mim do que realmente estava mostrando sem maquiagem. E hoje eu sei que não, hoje eu sei que a maquiagem é... um... complemento, é um adereço, é só uma parte. [Antes] Sem a maquiagem, eu não conseguia me apresentar perante as pessoas como a Roberta.

Por tudo isso, para Roberta, de todas as agressões que sofre, o que mais a machuca ainda é ouvir “Seja homem!”

3.2.2. A empreendedora que se dá respeito – a história de Kharla Limeira

A história de Kharla Limeira começou em 12 de abril de 1993. No dia da entrevista, faltavam alguns dias para ela completar 21 anos.

Kharla nasceu em Teresina, a capital do Piauí. Sua mãe era prostituta e, depois que ela nasceu, abandonou-a com a família do pai e foi embora. Foi criada pela irmã mais nova do pai a quem chama de mãe, e pelos avós paternos. Seus avós tinham oito filhos, sendo seu pai o mais velho e a mãe adotiva, a caçula. Por parte de pai, tem quatro irmãos. Todos moravam juntos na mesma casa que, segundo ela, era bem grande. Cresceu, portanto, em uma família grande, com avós, pais, tios e primos convivendo. Estudou, sempre foi esforçada. Apesar de ter sido reprovada nas 5ª e 8ª séries, completou seus estudos. Relata que teve uma infância normal, sem luxo, mas sem nunca passar necessidade.

Ah, minha infância foi uma infância ótima. Eu estudei, eu ia nos passeios da escola, eu ia no zoológico, pontos turísticos da minha cidade. Brincava na rua, e tinha hora pra chegar em casa. Era uma coisa toda limitada, mas tudo uma coisa boa, entendeu? Tinha hora pra comer lá em casa, hora pra estudar, a escola era perto de casa. Eu nunca sofri assim por nenhuma falta de educação, comida, financeira. Como eu te falei, minha família era pobre, mas era uma família que se sustentava, entendeu?

Uma marca perceptível da conversa com Kharla é que ela sempre usa a função fática da linguagem, testando a comunicação todo o tempo, finalizando quase todas as suas frases com “Entendeu?”.

Ela conta que nunca conviveu com a mãe biológica, disse que sente vontade de conhecê-la. Com o pai conviveu, mas conta que ele é bruto, chama-o de *boçal*. Diz que ele usa drogas e álcool e que é estúpido com todo mundo: vizinhos, parentes, colegas. Não tem boa convivência com ele. E ele não é bem visto e não é querido por ninguém.

Eu não tenho uma relação muito boa com meu pai, por conta que ele é muito bruto e muito ausente na família também. Então, a família tem um certo receio com ele. Mas ele sempre morou lá, entendeu?

Sempre sentiu atração por meninos, nunca por meninas, e isto desde que se entende por gente. Chegou a namorar uma garota, mas não gostava. E se reconhecia como gay, abertamente para os amigos, mas não amigos de infância. Afirmou algumas vezes que nunca tinha sido um menino feminino, que se sentiu feminina apenas depois de se transformar em travesti, há dois anos. Somente depois de ter se perguntado quando se sentiu feminina pela primeira vez, admitiu que tinha algo de feminino quando garoto.

***Eu tinha um feminino sim**, mas, que eu sempre fui muito aberta pra amigos assim, entendeu? Só não os amigos da infância, eles sabiam, mas também fingiam que não sabiam. Nunca fiz brincadeira de mau gosto, **nunca faltei com respeito com eles**, então era aquela coisa, respeitava e deixava nós dois no mesmo limite. Entendeu? Mas, fora isso, não.*

De alguma forma, parece que, para ela, ser um garoto feminino carregaria, talvez, uma certa dose de desrespeito. E outra característica marcante de Kharla é demonstrar sempre o quanto ela é correta e esforçada. Sempre reforça que gosta de ganhar dinheiro, mas que nunca faz nada ilegal. E nunca faz nada que seja depravado ou desrespeitoso.

*[...] com 15 anos eu comecei a trabalhar em uma loja da minha amiga Suzana. Uma loja de roupas. Só que eu ainda não era travesti. **Era só gay**, já tinha assumido pra minha família. **Mas também, não era depravada, nada dessas coisas**. Aí minha amiga sempre gostou de mim, fui trabalhar pra ela. O salário era muito pouco, mas eu gostava. Era o que me mantinha. Passei a não depender muito da minha mãe, nem da minha família. Era super esforçada.*

Ela sempre se vê como uma pessoa empreendedora. Desde que conheceu, aos 12 ou 13 anos de idade, a Suzana, uma amiga que tinha dinheiro e proporcionava a ela algumas viagens e diversões que não podia ter, Kharla se interessou em buscar formas de ganhar mais dinheiro e viver melhor.

*Eu sempre fiz programas, desde 13, 14 [anos de idade]. **Aí eu comprei um notebook com o dinheiro que eu trabalhava, fui juntando. Aí foi quando eu comecei a fazer mais programas, foi uma ajuda maior. Entendeu? Aí eu também sempre tive celular. Aí foi acontecendo isso. Eu fui pro Rio. Já na intenção de fazer programa e virar travesti.***

Com quinze anos de idade, começou a trabalhar na loja de roupas da Suzana. Teve um namorado, que a levou a uma boate gay. Na boate, viu a *drag queen* Drica Woman, que a impressionou muito. Sentiu-se atraída pelo brilho e pelas cores. Foi a primeira vez que sentiu vontade de vestir algo feminino.

*Eu fui em uma boate quando eu completei 15 anos, eu namorei um menino e ele me levou nessa boate. A gente conheceu uma drag chamada Drica Woman o nome dessa drag. Aí ela convidou a gente pra ir na casa dela. Nunca dava. Sempre quando eu ia na boate ela estava lá, **com aqueles acessórios, aquelas coisas brilhosas, toda colorida.** E um dia a gente foi lá na casa dela, eu fiquei experimentando as coisas. Achei tudo aquilo bacana. Eu sempre gostava de ir lá, porque ela deixava eu usar as coisas. Até que teve um dia em que eu fui. Fui lá [na casa dela], ela me maquiou, a gente foi pra boate. Pessoal ficou me elogiando. **Foi uma coisa bizarra, pra te falar a verdade.** (rindo)*

Apesar de dizer que foi bizarro, a experiência motivou-a a começar a fazer shows como *drag queen*. Gastava o dinheiro que ganhava na loja de roupas para comprar perucas, roupas e acessórios para se montar. Mas era um hobby, apenas uma diversão.

Diz que nunca sofreu preconceito na escola, porque era amiga de todo mundo. Brincar com todas as pessoas lhe servia de defesa.

*Sempre fui brincalhona assim. Tirava onda da cara dos professores. E aquilo me estimulava porque eles gostavam, entendeu? Mas eu sempre na sala, depois dos 16, eu nunca escondi que eu era gay, entendeu? Eu dizia: “Ó, eu sou gay”. Acho que a forma de eu me assumir. Uma pessoa brincalhona que conhecia todo mundo. Na escola, sempre todo mundo me conhecia, o professores, os alunos, tudo. **Isso fez com que fosse uma defesa pra mim, entendeu? Pra que eles não tirassem sarro da minha cara.***

Apesar de não sofrer preconceito na família, porque era discreta, e na escola, por ser amiga de todos, diz que estranhos às vezes a ofendiam, mas ela nunca se importou com isso. Ou, pelo menos, não guardou ressentimentos.

Eu já ficava meio brava, discutia e tudo. Mas eu nunca... De lembrar assim, da cena da história eu não lembro. Porque eu nunca me importei tanto pra isso. Eu nunca me importei com ofensa nenhuma, entendeu? Então não é umas coisas que eu trago pra memória.

Na família, as pessoas notavam que era afeminada, mas havia um acordo tácito: fingiam que não notavam. Não chegou a sentir discriminação quando alguém contou para sua mãe que era gay. Apenas seu pai, algumas vezes, a ofendia.

Não tem como esconder aquele jeitinho feminino, aquele feminino de gay, entendeu? Então assim, na minha família todo mundo sabia, mas faziam vista grossa, não prestava muita atenção. E eu fui levando aquilo. Até então, a pessoa que contou pra minha mãe, não foi aquele choque, entendeu? Mas o meu pai discutia, como ele tinha a boca boçal que te falei, quando ele bebia ele chamava: "Ah "viado" ". Mas quando ele estava bom, ele não falava nada. Todo mundo fazia vista grossa, mas até um ponto que chegou aos, foi aos 15 anos de idade pra 16, mais ou menos, que minha vida foi bem corrida...

Quando completou 17 anos, conheceu uma tia que morava no Rio de Janeiro, que a convidou para ir morar com ela. A avó prometeu que, quando completasse 18 anos, compraria a passagem para que ela fosse pra capital fluminense, mas não comprou, porque disse que seria perigoso. Assim mesmo, ela foi. Juntou suas economias e foi morar com esta tia e alguns outros parentes.

Durante os primeiros meses, sentia-se desencantada, pois a tia trabalhava o dia todo e não gostava de sair nas folgas, ela não tinha oportunidade de conhecer a cidade, de passear. Depois de um tempo, conheceu conterrâneos seus que a indicaram para trabalhar em um restaurante. Ela não gostava muito desta experiência, pois era um trabalho duro, ainda que o considerasse bem remunerado, pois ganhava mais do que um salário mínimo. O restaurante foi vendido, o novo proprietário não ficou com os funcionários mais novos e ela foi demitida.

Passou a trabalhar em outro restaurante, mas este parecia ser um local de lavagem de dinheiro, pois não tinha clientes. Em pouco tempo, o restaurante faliu e ela ficou sem emprego. Durante o tempo em que viveu no Rio, ela fazia programas para se divertir e

complementar a renda. Ela não encarava aquilo como um trabalho: ela não dependia dos programas para viver, não era algo cotidiano, mas eventual, e ela gostava dessa atividade.

[Fazer programa no Rio de Janeiro] Era meio que diversão. Até então, aí eu gostava. Depois que eu comecei a depender, aí eu já não gostava mais.

Foi então que ela veio para São Paulo para se tornar travesti e trabalhar como garota de programa. Quando passou a depender dos programas para viver, Kharla deixou de gostar de fazer programa, a obrigação e a rotina a cansaram. .

*[Não gosto de fazer programa] Aqui em SP. Não foi sofrido, mas **é uma coisa que eu não gosto mais**, entendeu? No começo eu gostava. Hoje eu não gosto mais. Ter que sair todo dia. Tem que se maquiar, se arrumar. Não é uma vida assim de dormir, acordar, se divertir, ir trabalhar. Aí eu comecei a juntar dinheiro, vender calcinha e tudo pra não fazer programa. Fazendo um aqui, outro acolá. Como eu ainda faço, entendeu? Então assim, **eu hoje, não dependo tanto de programa, mas ainda dependo. Eu pago minhas contas através de programas, de vender calcinhas. Faço negocio, compro roupas para as meninas, e vendo mais caro. Vendo bolsas que eu já compro pra mim. Sou negociante. Então vou me virando. Me virando do jeito que eu posso**, entendeu?*

Depois de conseguir juntar algum dinheiro, investiu na sua transformação como travesti. Até então, ela diz, não tinha tomado hormônio, não tinha feito nenhuma intervenção cirúrgica.

Faz 1 ano e 4 meses [que vim para São Paulo]. Aí eu ganhei um dinheirinho e ela falou: “Kharla, você não quer colocar seu peito?” Só que eu ainda me montava, não era travesti. Nunca tinha tomado hormônio, entendeu? Aí eu disse: “Quero”. Eu fui e peguei um dinheiro que eu tinha na minha conta, ela [a cafetina] financiou a outra parte. Eu fiquei pagando como eu pude a ela. Ela não me pressionou em nada, entendeu? Aí eu comecei a trabalhar mais, a conhecer, fazer negócio. Aí fiz⁷³ meu nariz, coloquei silicone na bunda. Preenchi meu rosto.

Kharla faz questão de ressaltar que não foi explorada e que a pessoa nem era de fato uma cafetina, era uma pessoa que alugava vagas para as travestis. Ela afirma que não tem do que reclamar de sua vida como travesti, pois consegue viver bem, fazer as coisas de que gosta, morar bem.

⁷³ **Fazer (parte do corpo):** modelar parte do corpo (por meio de injeção de silicone).

Ah, eu sempre gostei assim. Foi uma experiência boa e foi uma coisa que eu gostei. A condição de vida, morar com outras pessoas. você nem conhecia. Eu não tenho nada pra falar da minha vida de travesti não. Conheci muita gente boa mesmo. [Quando vim para São Paulo] Eu já ia depender só de programa. Aí eu morei em um apartamento com mais duas meninas. Pagava 30 reais todos os dias, mas o dia que não tivesse podia dar no outro. Aí eu comecei a dar [o pagamento] por semana. Viajei para os interiores, para Campinas, viajei pra Santo André. E, e comecei a ganhar um dinheirinho e fui fazendo a minha vida. Conseguia [ganhar dinheiro todo dia]. Pra comer, comprar roupas, depositar, ajudar minha família.

Depois de morar em São Paulo, Kharla foi fazer pista em Santo André. Em seguida foi para o Rio de Janeiro novamente, mas acabou voltando para São Paulo depois de pouco tempo. Neste período, apaixonou-se por um rapaz, de quem diz ainda gostar, mas com quem não quer nenhum relacionamento porque ele, além de tê-la traído, mente e usa drogas. Mas, segundo ela, ele não é má pessoa, pois trabalha. Novamente, então, vê-se que ter trabalho e, portanto, ganhar dinheiro ajuda a manter o respeito.

Eu gosto dele. Ele não é uma pessoa ruim, ele trabalha. Ele não é uma pessoa ruim. O problema dele é que as mentiras dele. Ele cheira coca, cocaína. Ele fuma maconha. Ele bebe todo dia também, cerveja. Ele só não gosta que as pessoas vejam ele cheirado, entendeu? Mas aí, às vezes eu ia dormir com ele. Ele ficava lá normalzinho. As vezes ele ficava de mau humor, as vezes não. Mas a gente sempre teve uma relação legal. Agora que eu não quero mais me encontrar com ele, que é justamente pra não atrapalhar nenhum dos dois, entendeu?

Aliás, essa é uma das conexões mais presentes em sua fala: ter dinheiro e bens traz respeito.

*Então, acho que tem que construir alguma coisa pra ter respeito. Porque, pra muita gente, você tem que ter alguma coisa. Se você tem alguma coisa na vida, tem dinheiro, ou algum bem material, que todo mundo está vendo que você tem, você também adquire um respeito grande. Entendeu? **Se você é uma pessoa que não tem nada, você também não vai ter nada pra se defender Principalmente trans e gays.** E qualquer tipo de pessoa, entendeu? **Assim as pessoas não te ofendem tanto. E se te ofendem, não é na sua frente assim..***

Kharla parece sempre querer marcar uma diferença entre ela e outras travestis. Entre ela e outras pessoas que se prostituem para viver. Mais uma vez, diz que nunca falta com o respeito com ninguém, por isso também se diz bastante respeitada. Aponta uma diferença entre ela e a maioria das travestis que conhece. Ela se feminilizou mais tardiamente, o que permitiu que estudasse, que tivesse mais oportunidades.

Travesti não é bagunceiro, só quando quer. Acho que vai muito da cultura. Da educação da infância, entendeu? Acho que vai muito disso. A maioria das travestis, elas não tem a 5ª série, 8ª série. E isso empatou muito, elas são bem mais agressivas. A falta de conhecimento deixa o povo mais bruto, entendeu?

Eu acho que por falta de oportunidade, na cidade delas, entendeu? Aí o jeito afeminado, a exclusão social, faz com isso atrapalhe. Porque a maioria das travestis também, começaram muito cedo a ter esse jeito afeminado. A usar roupas mais apertadinhas, roupa de mulher. Começar a tomar hormônio, os peitinhos vão crescendo. Isso tudo faz a exclusão social. E atrapalha um pouco ir à escola. Fica com vergonha. Então é isso. [...] não foi minha história.

De forma recorrente, Kharla aponta a relação entre preconceito e um “jeito afeminado” mais ostensivo. E com a falta de conhecimento, com falta de acesso à educação, o quê, para ela, tornaria as travestis mais brutas, mais agressivas. Como se sente, de alguma forma, privilegiada nestes aspectos, afirma sempre que não sofre preconceito, nem violência.

Kharla também aponta que no centro de São Paulo sente que é menos discriminada do que se sentiria no bairro em que morava, em sua cidade natal, pois em São Paulo as travestis não são vistas diferentes, as outras pessoas já estão acostumadas com elas.

O pessoal já está acostumado, porque isso não é de agora. Então não sofri tanto preconceito. Porque eu vim de bairro onde as pessoas não tinham tanto conhecimento, como te falei. Entendeu?

Assim, então, para Kharla, o estranhamento vem também do “ser diferente”. A família, por exemplo, ainda não a viu pessoalmente como travesti, pois saiu de casa aos 18 anos e ainda não voltou para vê-los. Ela diz que sua mãe acompanha toda a sua vida, acompanhou a sua transformação corporal por meio de fotos e sabe que ela faz programas. Sua visita à família estava programada para o mês seguinte à entrevista.

Sai de casa com 18 e tudo. Fui virando travesti. Minha família ainda não me viu de travesti, só fotos. Então, eu sempre avisei minha mãe, como os programas que eu faço, que eu ganho. Eu nunca escondi nada dela. Entendeu? Quando eu fui colocar meu peito, eu falei: “Ó, mãe, vou colocar”. Ela começou a brigar, disse que eu ia estragar meu corpo. Mas hoje ela diz que eu estou bonita, que gostou da foto, gostou do corte do meu cabelo. Já está uma coisa mais tranquila. Eu sei que quando chegar lá ela vai ter aquele lado de reação, diferente. Ver que eu não sou mais a mesma pessoa que saiu de lá, entendeu? Que está diferente.

Acho que ela vai ficar um pouquinho em choque assim. Ela sempre acompanhou minha vida, desde quando eu sai de lá. No Rio de Janeiro, aqui em São Paulo, ela nunca ficou sem saber de nada. Quando eu estou doente eu conto, quando eu estou feliz eu conto, quando estou triste eu conto. Todo dia eu ligo pra ela.

Kharla, em diversos momentos, apesar de entender que há desrespeito com as travestis, responsabiliza as próprias travestis pela violência que sofrem. Seja na pista, seja em locais de trânsito cotidiano, como uma padaria.

As meninas que fazem ficar perigoso [fazer programa]. As travestis que fazem ficar perigoso, porque elas que se alteram. E elas sabem disso. É triste falar isso, mas elas sabem disso. Tem umas que já vão com intenção de roubar, algumas fazem alguma coisa para o cliente ser roubado. Entendeu? Que estressam eles. Elas que fazem ficar perigoso. Se fosse fora isso, ia ser normal.

*Tem sim [muito desrespeito com as travestis], bastante. Já vi em vários lugares, casos. Tem uma padaria que eu frequento todo dia, **chegaram umas travestis bagunceiras** lá, eles tipo que **não deram atenção**, ela derrubou a maquininha de café, chutou o lixo, ficou gritando. Eles colocaram ela pra fora. Eu fiquei horrorizada, **mas a culpa foi delas**. Eu vi que a culpa foi delas, entendeu? Mas eu acho que tudo vem de um respeito, né?*

Mas Kharla reconhece que, algumas vezes, mesmo sem dar nenhum motivo, o desrespeito acontece. Relata uma situação em que tentam acertá-la com um ovo quando fazia pista em Santo André.

Na rua, quando a gente passa, somos chamadas de “viado” feio, de dragão, de xingamento na rua. De uma pessoa estar passando e a outra falar... Já aconteceu bastante. Uma vez eu estava na rua, me jogaram ovo, mas não pegou em mim. Na Avenida Industrial, em Santo André. Estava fazendo pista. Estava na calçada, aí passou um carro, era uma Export branca, até peguei uma pedra, um caminhão atravessou a frente deles assim, quando eu vi que eles atravessaram eu pensei em não tacar mais não. Aí deixei de mão, sabe? Mas fiquei bem chateada.

E mais uma vez, aponta que o “dar motivo” para a violência, o desrespeito, também pode ser simplesmente mostrar-se mais feminina. Ostensivamente feminina.

*[Porque não estava fazendo nada, não mexi com ninguém] De jeito nenhum. **Nem trabalhar de biquíni eu gosto, trabalho de blusinha, shortinho, salto. Até de tênis eu vou pra ir pra rua, nem de salto eu gosto mais. Mas é isso.***

Kharla sempre se defende dos estigmas que recaem sobre as travestis. Ela diz que se dá ao respeito e, por isso - apesar de todas as contradições que seu relato encerra -, ela afirma que tem respeito.

3.2.3. Arrependida de ter se tornado uma das travestis mais bonitas do mundo – a história de Camily Pergolini

A história de Camily Pergolini começa no dia 13 de julho de 1987, no Rio Grande do Sul. É a caçula de quatro irmãos, os dois mais velhos são meninos e a terceira, menina. Antes de Camily nascer, sua mãe tinha tido uma gravidez malsucedida. A criança que não vingou, Camily reforça, era uma menina. Sua família tinha muito dinheiro e seus pais viajavam muito. Seu pai, porém, não soube administrar o dinheiro e a família faliu. Seus pais se mudaram para uma cidade no litoral gaúcho, próxima à divisa com Santa Catarina. Os avós, tios e tias por parte de pai ficaram na região serrana.

Camily não foi com o restante da família, ficou com seus avós e uma tia. Segundo o que sua mãe conta, como Camily era muito pequena, seus pais não queriam que ela passasse fome e ficasse na situação ruim em que ficaram ao tentar recomeçar a vida. Ela ficou, então, até cerca dos oito anos separada dos pais, sendo criada por uma tia, irmã do seu pai, que lhe dava tudo do bom e do melhor. Ela recorda, deste período de sua vida, que ficou muito doente, passou algum tempo no hospital em estado grave. Os médicos chegaram a lhe dar menos de uma semana de vida, mas ela acabou se recuperando, sobreviveu.

Outra memória desta época é sua primeira recordação de ter sofrido algum tipo de preconceito na escola. Foi pra aula usando uma pena pintada na cabeça e uma máscara vermelha e os garotos a ofenderam, chamando-a de “bichinha”. Na mesma época, porém, lembra-se de também de ter dado um selinho em uma menina. Estava explorando as possibilidades, acha Camily.

Por volta dos oito anos, foi se juntar aos pais na cidade litorânea. Lembra-se de a casa ser muito pequena, pobre e muito fria. Mas seus pais estavam começando a se estabilizar e melhorar novamente de vida, então logo se mudaram para uma casa espaçosa, de dois pisos, em um bairro melhor.

Antes de se mudarem, recorda-se de uma experiência com um garoto vizinho, cerca de dois ou três anos mais velho, que era, Camily ressalta, muito rico. Ele pegava revistas pornográficas do pai e reproduzia as posições sexuais com Camily.

Agora eu esqueci o nome do menino, John, uma coisa assim. E eu era muito criança ainda, não entendia o que era certo e o que era errado. E eu lembro que

*ele pegava revistas, acho que era do pai dele, essas coisas de posição e não sei o quê e fazia comigo, só que eu não entendia. Eu não entendia o que era. Ele falava: “Faz a posição e tal”. E eu fazia. Mas nem tinha penetração e nada. Não sei, mas talvez tinha mais malícia dele, ele era mais velho, lógico. Tipo uns 2, 3 anos mais velho do que eu, por aí. Acho que ele tinha uns 10, 11 anos e eu tinha 8. E daí fazia as posições, me convidava pra ir à casa dele. [...] Eu me lembro dessas coisas assim. Me lembro que **ele tinha bastante dinheiro**, que na época eles viajavam pra Disney. **Na época só ia quem tinha muito dinheiro, porque era muito caro essas coisas**. Ele foi ver a Xuxa uma vez, tirou foto no programa da Xuxa. Fiquei morrendo de raiva.(risos)*

Pouco depois, mudaram-se e Camilly brincava com muitas crianças da vizinhança. Frequentava a escola, mas não gostava muito de estudar, era preguiçosa, por isso estava sempre algumas séries atrasada. O pai era caminhoneiro e viajava muito, os irmãos mudaram-se para outras cidades e a mãe abriu uma frutaria. Nesta época, ela convivia mais com a irmã e gostava de brincar com as Barbies dela.

Essa época tinha a Barbie, eu brincava com as meninas. Minha mãe ficava louca comigo, porque eu brincava com Barbie, essas coisas. E ela não gostava. Eu tinha mania de cortar tecido de vestido, de roupa da minha mãe, tecido velho, eu costurava e fazia roupas para as bonecas. Até aquela Barbie ali [apontando para a estante] era a que eu usava, eu tenho até hoje ela.

Além de brincar com as garotas de Barbie, Camilly também “brincava de menino”, como um menino, porque tinha menino com quem brincar e ela “ia no impulso”. E, mais tarde, entre 10 e 12 anos, fazia troca-troca com os outros meninos e gostava.

Nesta época, diz que já sentia, como os garotos, certa malícia na brincadeira. E também já se questionava se isso seria ou não certo, porque na escola já começavam a importuná-la, mas mais por brincar com meninas e não gostar de jogar futebol. Ela se sentia bem em todas as brincadeiras que fazia, sendo ou não considerada de menino, mas colocara em sua cabeça que, quando crescesse, namoraria meninas, pois isso é o que diziam ser certo. Ficava em conflito entre seu desejo e o que era considerado certo pelas demais pessoas.

É. Normal, de criança e tal. Mas eu me lembro que eu gostava. Tinha um menino, lindo o menino, surfista, todo definido, lindo. Foi onde eu comecei: “Não gente, espera aí só um pouquinho, estou gostando disso”. Mas ao mesmo tempo: “Não, você não está”. Entendeu?

Apaixonou-se por um garoto, mas ao mesmo tempo mandava cartas apaixonadas para a irmã dele para, talvez de forma inconsciente, provar para as outras pessoas que não queria ser gay. Diz que as pessoas deduziam que era gay, mas ela mesma não se dava

conta disso. No colégio, por volta dos 15 anos, já havia algum tempo que estudava com a mesma turma e Camily sempre ficava só com as meninas. Por causa disso, infernizavam sua vida, com ofensas de “viado”. E ela baixava a cabeça.

Eu me sentia mal, não vou te mentir. Porque as pessoas vinham pra cima de mim sem motivo nenhum. É ruim. A pessoa fazer isso com você pelo seu jeito, sem você estar fazendo mal a ninguém.

Conta que, quando fez 10 anos aproximadamente, a tia com a qual morara antes de voltar a viver com os pais adotou uma menina, que acabou roubando toda a atenção da tia. Camily diz que toda a atenção da família era para ela e que, depois disso, passou a disputar o afeto familiar com essa prima adotiva.

Em um episódio de que se lembra, quando estava na 6ª ou 7ª série, um rapaz da escola - que ela e todas as garotas com quem andava achavam bonito -, agrediu-a porque pensou que ela tinha assoviado para ele. Camily conta que ainda tentou explicar que não havia sido ela, mas não adiantou. Ela sentiu-se péssima.

*Um sentimento ruim assim. **Sentimento de culpa**, talvez. Por estar, por achar ele uma pessoa bonita. Ou **por me sentir atraída talvez por ele**. E, sei lá assim, um sentimento de culpa mais assim. **Sentimento de insatisfação por não poder responder aquilo**. Não poder dar resposta e falar que ele está sendo ignorante. Porque pra mim, como eu te falei, **a visão que eu tinha, era que eu estava errada**. E que até então, pelo ponto de vista, ele tinha razão de querer bater em mim, porque era uma coisa errada. Era uma coisa que eu não tinha que estar sentindo.*

Camily sente-se culpada por ter sentido atração pelo rapaz. E ficou muito aborrecida por não conseguir reagir à altura. Sentia que era a errada, apesar de ela ter sido agredida. Camily não pensava ter direito de sentir o que sentia e que, por isso, o garoto podia agredi-la. Era como se ela merecesse a ofensa e a agressão. Ela chorou de raiva. Chorou mais pelas ofensas do que pelos empurrões. Sentiu-se envergonhada por causa das amigas. Em outras oportunidades, até reagiu, mas não o suficiente. Sentia medo, vergonha e culpa misturados. Pensava que, sem mostrar que era gay, já era agredida. Se mostrasse, talvez até a matassem.

É como eu estou te falando, não vou conseguir lembrar exatamente. Era um sentimento de raiva. Me dava raiva e gerava um sentimento de mais culpa por eu ser aquilo que eu era. Que talvez estava pensando em assumir. Então, o que acontece: “Eu não mostro isso, imagina na hora em que eu assumir isso? Imagina, vão me matar”.

Essas agressões, então se tornaram constantes. E Camily não falava para ninguém o que estava acontecendo. Sua vida virou um inferno. E tinha de gerenciar esse segredo, pois temia que sua mãe soubesse que estava apanhando e, pior, tinha medo de que ela soubesse o motivo de estar sendo agredida. Imaginava que sua mãe ficaria contra ela. E chorava sozinha, em silêncio.

Eu lembro que cheguei em casa e chorei um monte, mas eu não contava pra minha mãe. Não contava pra ninguém isso. Eu ficava pensando: “Qual é o motivo que eles estão me batendo?” Daí iam falar, entendeu? Minha mãe não sabia, então eu não falava nada. Porque eu não queria que minha mãe soubesse disso. Minha mãe também iria ficar contra mim. Por isso eu não falava. Tudo, lógico. Daí, o que mais que agora eu me lembro. Eu lembro que nessa época todos os dias eles queriam me bater. Todos os dias eles tentavam me bater. [...] Mas era porque eu era gay, óbvio. Não tem outra explicação.

Mas depois de um tempo, Camily não aguentava mais a situação. Contou finalmente para sua mãe que estava apanhando, mas disse que não sabia o motivo. Para proteger Camily, a mãe pediu que uma funcionária da frutaria a levasse e trouxesse da escola de carro por um tempo, daí as agressões no trajeto escola-casa pararam.

Camily, nesta época, achava que ser gay era querer ser mulher ou ser passiva. Foi quando conheceu uma amiga lésbica que a ajudou a perceber que não precisava ser assim. Camily também conheceu um garoto da sua cidade que era gay.

Eu comecei a criar coragem de me assumir. Ela me mostrava, tinha uma revista de Porto Alegre, de balada GLS, um travesti lindo fazendo shows. Eu comecei ver aquilo, aquilo me deslumbrava. Falei: “Gente, tem um lugar pra mim no mundo”. Entendeu? Aquilo começou a me dar mais forças. Em seguida, eu conheci um menino da cidade, que era gay também. Eu comecei a conversar com ele, percebi que não era uma coisa só minha. Eu pensava que era só comigo. Aí foi indo assim, começou a me dar mais coragem. Já estava nessa fase, de começar a me aceitar.

A descoberta de que não era a única “diferente” deu para Camily a coragem que lhe faltava para assumir-se de vez. Primeiro assumiu-se para si mesma. Depois, para as outras pessoas. Passou a fazer um curso em Porto Alegre, aos finais de semana, para se preparar para ser modelo. E lá começou a conviver com muitos “viados”, montava-se de *drag queen*, ia para boates.

[O curso] Era sábado e domingo. Na sexta de noitinha a gente pegava o ônibus e ia. Ficava lá [em Porto Alegre] no final de semana. Curtia shopping. No domingo também, depois tinha um negócio onde se reunia um bando de “viado” lá, né? Daí a gente ficava lá conversando. Era legal, porque eram pessoas que

pareciam comigo, me sentia normal. Porque na minha cidade todo mundo me via como...

Deixou de sentir-se aberração. Percebeu que não era ela quem estava errada, mas as pessoas que a agrediam. Passou a sentir que tinha direito de ser o que era e não ser humilhada. Percebeu-se como pessoa com direitos violados. E começou a reagir às agressões. Exigiu da direção da escola que fizessem algo para que parassem as gozações. Nada foi feito efetivamente, então conta que, nesta fase, se tornou “revoltada”. Todas as semanas, estava na diretoria para reclamar de alguém ou porque tinha brigado com alguém.

Nesse tempo, passou a fazer shows junto com uma amiga, faziam *cover*⁷⁴ de Sandy & Júnior⁷⁵. Faziam shows na praia nas temporadas de verão. Camily fazia o Júnior, mas ela era quem criava o design das roupas e as coreografias da Sandy. Sente saudade dessa época e uma vontade de ver os vídeos em que aparecia como menino. As fotos não bastam.

Sua mãe acabou sabendo o que acontecia com ela, mas o pai não – ele viajava muito. Camily diz que a mãe sempre soube, na verdade. Com o pai, não tinha – e não tem – uma relação afetiva, ele sempre foi muito ausente. A relação com o pai sempre passou muito pelo material, seu pai dava presentes, mas não acompanhava sua vida nem expressava afeto. Sua mãe também foi relativamente ausente em boa parte de sua vida, mas Camily entende que foi por necessidade, não por vontade.

Quando Camily estavam com cerca de 17 anos, seus pais se separaram e a família faliu novamente. Sua mãe foi morar com um namorado no sul, Camily ficou morando com a irmã, marido e um filho dela, e um irmão.

Ela se recorda de quando começou a conversar com a única travesti que havia na sua cidade. Sentia, ao mesmo tempo, empatia e vergonha. Imaginava que a travesti sofria o mesmo que ela por ser “diferente” das outras pessoas. No começo, não tinha coragem de falar com ela, pelo que os outros iriam falar, mas depois passou a não se importar.

⁷⁴ **Cover:** shows em que um artista ou grupo imita ou canta o repertório de um artista famoso.

⁷⁵ Dupla de cantores adolescentes, que são irmãos e filhos de Chitãzinho, um cantor sertanejos famoso. Fizeram muito sucesso na década de 1990.

Eu não falava com ela no começo porque pensava no que os outros iam falar. Mesmo sendo gay eu tinha medo do que as pessoas iam falar. Mesmo tempo que eu tinha vergonha, eu queria fazer parte daquilo. Não sendo travesti. Mas porque eu ficava pensando “Putá que pariu! Elas devem sofrer as mesmas coisas que eu sofro, deve ter muitas coisas pra contar”. Sabe quando você cria um afeto pela pessoa? De querer dar carinho, querer: “Eu sou igual a você, sofro isso”. “Te entendo”. Sabe? Mesma hora que eu tinha vergonha, eu queria me aproximar.

No entanto, para seu pai, que a advertiu de que a travesti não era “o tipo de gente” com quem ela deveria estar, Camily negou a sua própria diferença, negou para ele que fosse gay.

“Você não é gay, né?” Eu falei: “Não”. Porque eu já sabia que eu ia me estressar, com gente ignorante não dá pra bater boca, né? “Não, eu não sou gay. Só porque eu estou conversando com ela eu tenho que ser gay?” Aí ele: “Ah não, então tá. Mas cuidado com essas companhias”.

Camily, em Porto Alegre, começou a sair na noite com os amigos sempre montada de drag. Mas depois passou a sair montada em sua cidade, nas cidades próximas, para ir a festas, inclusive em companhia da amiga travesti. Ela não identifica com o feminino, diz que até hoje tem “conversa de gay, cabeça de gay”, que se montava apenas por brincadeira. E feminino, para Camily, apesar de tudo, continua relacionado a ser sexualmente passiva.

*Eu saía com os meninos vestida de menina de noite. Mas não era uma coisa que eu queria pra mim até então. Era mais uma brincadeira. Nunca foi uma coisa que eu me sentia feminina. Até hoje eu não me sinto feminina, começando por aí. Eu tenho papo de gay, gosto de gay, tanto que **minha preferência sexual, eu sou mais ativa. Eu mudei meu corpo, mas não mudei minha cabeça.** Depois eu comecei a sair, mas não mais escondida. Sair em festa com essa amiga travesti. Aí o que acontece, contaram pra minha irmã ou meu irmão e contaram pra minha mãe.*

Depois que sua família soube que ela saía montada, sua vida virou um inferno em casa. Mas um dos motivos, também, era a falta de dinheiro. Camily, na época, não trabalhava e o pai lhe mandava dinheiro de pensão alimentícia, mas era pouco. Quem bancava a casa, mesmo, era o cunhado e o dinheiro que ele ganhava era insuficiente. E a irmã de Camily não aceitava que ela se montasse, que saísse pintada. Ela dizia que iria fazer o que bem entendesse, mas a irmã dizia que não seria bem assim.

“Eu faço o que eu quiser da minha vida”. Não lembro direito o que eu falei pra ela. “Se você fizer você vai embora daqui e não sei o quê. Você não trabalha, não faz nada. Você vai embora”.

Não ter como se sustentar financeiramente era também não ter poder de ser o que quisesse, de se vestir como quisesse. Era ter de se submeter às regras da família preconceituosa, que lhe cerceavam a liberdade.

A mãe de Camily que, mesmo sabendo de suas paixões por outros rapazes, nunca a havia incomodado até aquele período, acabou sendo influenciada pela filha, a que ocupava agora o papel de provedora. A mãe de Camily tentou pressioná-la, então, para que ela mudasse sua maneira de ser.

Ela chegou: “Então meu filho, o quê que você é? O que você quer?” Eu falei: “Mãe, eu sou um menino que gosta de menino, só que ponto. Eu não quero ser mulher, eu não vou ser mulher. É isso. Não tem nada a mais disso. Eu faço isso pra brincar”. Ela disse: “Então meu filho, faça o seguinte, faz isso em Porto Alegre, quando você for viajar. Aqui é cidade pequena, você sabe como é que é, sua irmã vai te expulsar de casa, ela não gosta”. Ai eu chorei, aquela coisa toda. Ai tá, beleza. Mas eu continuei fazendo de vez em quando.

Camily fazia alguns shows como *drag*, se montava, mas mesmo assim o dinheiro era insuficiente. A irmã lhe deu um ultimato para deixar aquela vida, Camily não aceitou e saiu de casa, indo morar com um ex-namorado, agora apenas amigo, que tinha muito dinheiro e a acolheu, bancando-lhe as despesas. A mãe ajudava-a de forma bem eventual, comprando mantimentos e levando para a casa onde Camily estava morando. Mesmo assim, ela chegou a passar fome, seu amigo viajava muito e ela não tinha como se sustentar. Nesta época, abandonou o colégio. Estava no início do Segundo Grau, não chegou a completar o primeiro ano.

Nesta época, Camily não se importava mais em ser vista como diferente, como gay ou o que fosse. Saía montada para se divertir à noite nos quiosques da praia com amigos. Hoje Camily diz que procura ser muito discreta, mas naquela época queria chamar a atenção, queria muito chamar a atenção. Até ali, ela ainda se montava apenas por diversão. Ainda era o Júnior, um rapaz gay, não era Camily em tempo integral. Incomodava-se, inclusive, porque, quando não ia montada para as baladas, as pessoas não identificavam Júnior como Camily, chegando até a se perguntarem se ela não apareceria.

Certa vez, fazia uns dois meses que tinha saído de casa, seu pai foi procurá-la no quiosque da praia. Sua irmã havia contado tudo para o pai e o irmão. Até aquele momento, ela dava um jeito de enrolá-lo, pois falavam-se pouco, mais por telefone. Mas

naquele dia, pouco antes de completar 18 anos, o pai de Camily fez uma cena no meio de todas as pessoas. Ele a ofendeu e humilhou, arrancando-lhe a peruca e envergonhando-a diante de todo mundo. Era verão, o quiosque estava lotado, havia umas 600 pessoas lá. O pai de Camily mandou que ela voltasse para casa, mas ela não voltou. Após este episódio, Camily foi morar com a Lia, a única travesti da cidade, que ainda morava com a família. Como não trabalhava, a mãe de Lia vivia lhe dando indiretas e a Lia acabou conseguindo um outro local para ela morar, com uma amiga dela.

E, eu não tinha dinheiro pra nada. Eu era um estorvo ali, não trabalhava, não fazia comida. Do bom e do melhor, entre aspas, ali. Eu estava com três mochilinhas ali, que eu andava pra cima e pra baixo. Aí foi isso. Me lembro que eu fiquei ali e é isso. A mãe dela dava um monte de indireta. Em seguida ela me colocou pra morar com uma amiga dela que trabalhava em uma sorveteria o dia todo e eu ficava na casa dela.

Conta que, nesta época, se alimentava de sobra de sorvete que Marie, amiga da Lia levava para casa. O pai ligava toda a hora, mas Camily não queria falar com ele. Certa vez, Camily pediu que Lia atendesse o telefone e dissesse que ela não falaria com ele, mas ele chorou, disse que estava errado e pediu desculpas. Ela acabou indo morar com ele na região da Serra. Um período que, ela lembra, foi muito ruim, porque ficou longe das pessoas amigas com quem podia ser ela mesma. Ficou longe de Porto Alegre e não se encontrava mais com seus pares e dizia para a família que não era mais “viado”.

Depois de um ano morando com a família de seu pai, conheceu um rapaz de quem recebeu um convite para morar em uma cidade próxima a Porto Alegre. Conseguiu convencer seu pai, dizendo que iria para lá para fazer faculdade de estilismo, depois de fazer supletivo.

Falava [para meu pai] que eu não era mais "viado", falava isso porque sabia que ele não ia deixar, né? Aí aconteceu o seguinte, eu conheci um menino de SP que eu tinha ficado uma vez, ele pegou e falou: “Olha só, Júnior, eu tenho amigos maravilhosos, moro em [nome da cidade], em uma casa maravilhosa, tenho um emprego maravilhoso, só falta um namorado maravilhoso igual à você”. E eu sempre fui muito carente, até hoje eu sou muito. Eu sempre quis ter alguém pra mim. Eu acabei acreditando. Eu fui.

Foi uma experiência péssima. O rapaz saía com vários homens, mentia e continuou mentindo. A casa não era dele, mas de um outro homem, que tinha uma franquía de curso de informática. Depois de duas semanas, o rapaz que havia convencido Camily a

largar tudo, voltou para São Paulo e abandonou-a em uma cidade em que não conhecia nada nem ninguém. A única pessoa que conhecia era o dono da casa e ficou morando lá com ele.

Passou por um período longo de falta de dinheiro e humilhações diversas, mas apesar de todas as dificuldades, conseguiu terminar os estudos. Durante todo o tempo em que viveu essas agruras nesta cidade próxima a Porto Alegre, ela continuava como Júnior. Montava-se de Camily muito eventualmente, sempre como uma brincadeira.

Nesta época, seu pai mandava dinheiro para ele pagar aluguel e se sustentar, mas os negócios iam mal e ele começou a enviar dinheiro de forma irregular. Às vezes, não mandava. Camily passava fome ou se alimentava muito mal. E começou a dever dinheiro para o dono da casa, que a humilhou e expulsou de casa.

*Aí ele foi se mudar para um apartamento maior e falou que não queria que eu fosse junto e tal, porque eu não pagava as minhas contas. Me humilhou, aquelas coisas todas, sabe? Me humilhou. **Falou que eu não tinha dinheiro.** Que não me queria mais na casa dele, que eu não era mais bem vindo, que queria que eu fosse embora. Uma vez eu fui acusado por ele de ter roubado não sei o quê, nem me lembro agora. Aí ele ligou pro meu pai falando que eu tinha roubado e eu não tinha roubado nada. Meu pai me ligou chorando, falando: “O que você está fazendo? Está louco?” Aí depois, nem desculpas ele pediu, mas ele achou o negócio [que pensava ter sido roubado].*

A falta de condições financeiras mais uma vez coloca Camily em situação de humilhação. Mas na roda-viva em que vivia, é difícil saber se não conseguia ganhar dinheiro por se sentir afetada por ser “viado” ou se a falta de dinheiro a deixava humilhada e sem poder ser o que bem entendia. A mesma situação, de sofrer humilhações por não pagar suas contas, repetiu-se com a amiga com quem foi morar em seguida. E mais uma vez foi expulsa de forma humilhante. Socorreu-se com o pai, que lhe arrumou dinheiro para alugar um quatinho.

Mais tarde, foi morar em Porto Alegre, com a amiga lésbica que tinha sido fundamental para que se assumisse como gay e passasse a reagir às ofensas. Ela morava lá havia um tempo e ele foi se juntar a ela. No entanto, continuava a ter o mesmo comportamento folgado, imaturo, inconsequente e incapaz de se manter sozinho.

Daí o que acontece, a gente combinou e eu acabei morando com ela em Porto Alegre. Mas aconteceu o mesmo problema, eu era filhinho de papai, meu pai depositava dinheiro às vezes sim, às vezes não. E não estava nem aí pra arrumar

emprego. Sempre fui mal acostumado, de dormir até mais tarde. Eu, quando era mais criança, era muito ridículo. Eu sofri e tal, mas eu era muito nojenta, muito mesquinha. Lembro que nessa época que minha família tinha dinheiro, eu jogava [chiclete] Babaloo, comprava caixa de Babaloo e jogava. Chamava o povo de pobre. Eu tinha mania de pagar viagem para as pessoas no final de ano pra dizer que eu era rica. Não era porque tinha coração bom. Hoje em dia, é diferente. Mas eu pagava para as pessoas falarem: “Ah, ele é rico”. Eu era muito ridículo.

Camily, ao mesmo tempo em que se diz uma pessoa folgada, conta que se sentia desnorteada desde a época em que sofria as humilhações na escola, quando ainda morava com sua irmã. Reconhece que não fazia sua parte para se sustentar, mas também demonstra que estava psicologicamente abalada. Por outro lado, não ter dinheiro a deixava mais exposta e com menor possibilidade de se afirmar e ser o que desejava. As linhas que formam as tramas deste tecido de sofrimento vão sendo simultaneamente entrelaçadas.

Em Porto Alegre, em algum momento, seu pai parou de lhe enviar dinheiro. Fazia shows montada, mas era mais para diversão do que por grana. A amiga ajudava muito, mas Camily diz que se sentia incomodada. Camily voltou pra Serra, completou seus 20 anos por lá.

Depois voltou a morar em Porto Alegre com Denise. Nesta mesma época, um amigo “viado” lhe sugere fazer programa, o que lhe parece uma boa saída. Era uma maneira fácil de fazer dinheiro. Ela começou a entrar em chats na internet para “caçar⁷⁶”, mas sempre tinha um ou outro com quem podia fazer programa, então era meio de brincadeira, não se sustentava com isso.

“Era só brincadeira. Pensava: “Deus que me perdoe fazer programa na minha vida”.

Ela, que então estava com 21 anos, achava que quem fazia programa era sem vergonha, fazia porque queria. Mas o que começou na brincadeira foi ficando mais sério, Camily disse que precisou dar um tempo, porque estava fazendo programa demais. Denise e Camily já não se davam muito bem, era questão de tempo para ter de se mudar da casa da amiga. Aí um amigo sugeriu que ela virasse travesti, que iria ganhar muito dinheiro.

⁷⁶ **Caçar**: procurar ativamente parceiro(s) ou parceira(s) para atividade sexual.

Foi então que ela resolveu tentar ser travesti. Saiu da casa de Denise e foi para uma casa de prostituição. Durante o dia, fazia programa como menino e, à noite, como travesti. Ganhava muito dinheiro e se deslumbrou com isso. Mas achava que tinha que tomar uma decisão.

*De dia eu fazia programa de menino e de noite fazia programa de travesti. Só que chegou uma hora em que falei: “Eu vou ter que ser uma, ou vou ter que ser outra”. E todo mundo falava, **as travestis**, porque tem muita competição entre as travestis, não adianta. Elas querem que você vire travesti. Elas **não querem aceitar um “viado” de peruca ganhando dinheiro na rua, enquanto elas morrem de sofrer preconceito. E você tira a peruca e não sofre nada, porque não é visível.** Entendeu? Eu até entendo elas. E de tanto: “Ah, você vai ficar linda. Vai ganhar dinheiro”. E eu estava realmente ganhando mais dinheiro de travesti. Eu estava em uma fase ruim. Tinha brigado com a minha melhor amiga, que era uma irmã pra mim, não estava falando com os meus pais, com minha mãe, minha irmã, com ninguém.*

Ela resolveu começar a se transformar corporalmente e se tornar uma travesti “de verdade”. Primeiro, “bombou⁷⁷” a bunda. Depois, resolveu colocar seios. Nesta época, ela tinha um namorado, o Michael. Camily conta que se amavam muito, mas ela estava abalada psicologicamente.

Eu psicologicamente não estava bem. Eu fazia programa, chegava em casa e me lavava, chorava. Até hoje eu paro pra pensar e fico muito mal. Procuro não pensar. Lembro que eu chorava horrores, muito. Me sentia um patinho feio, sabe? Minha família não estava nem aí, minha vida era só em galho em galho, casa em casa, passava fome, passava necessidade. E uma pessoa adotada estava ganhando muito mais atenção do que eu. Eu já estava com raiva da minha família. Eu estava com ressentimento da minha família, sabe? “Quer saber de uma coisa? Foda-se”. Estava [muito só]. Daí eu: “Quer saber de uma coisa? Vou colocar peito. Foda-se. Depois eu tiro”. Porque pra mim era brincadeira. Eu falei: “Michael, é o seguinte...”. Até hoje eu me lembro desse dia. “Eu te amo, gosto muito de você, mas infelizmente eu tenho que fazer dinheiro. Eu vou fazer isso porque eu preciso fazer dinheiro”. E ele: “Não faz isso, Ju. Eu te amo. Você vai estragar sua vida. Você sabe que a vida de travesti é difícil”. “Não, eu quero que você pegue as suas coisas e vá embora”.

Assim, abriu mão deste relacionamento para fazer o Júnior dar lugar à Camily. Definitivamente. Porque entre as travestis, ela era apenas um “viadinho com peruca”. E ela queria ser mais. Para colocar prótese de silicone nos seios, fez programas ininterruptamente durante 21 dias, até conseguir a quantia necessária. Ela ainda pensava que, quando quisesse, poderia voltar atrás. Mas ainda assim era vista como inferior entre

⁷⁷ **Bombar:** injetar silicone líquido no corpo para moldá-lo com formas consideradas femininas.

as travestis. Elas diziam que seu rosto era masculino, que ela aparentava ser macho. E ela queria ser mais. Resolveu fazer cirurgia no nariz, colocar botox no rosto para tornar seus traços faciais mais femininos. E se arrependeu. Completamente.

Nem passou pela minha cabeça que eu ia me ver totalmente diferente. Uma voz falou assim pra mim: “Você se fodeu”. Daí, na hora que olhei, gente, parecia que eu tinha morrido. Naquela hora, não era [mais] eu. Tipo, nasceu outra pessoa que eu não queria ser. Eu me arrependi muito. E até hoje eu me arrependo, entre aspas, a Camily me trouxe muita maturidade, pra muitas coisas, sabe? Mas ao mesmo tempo eu me arrependo, porque, a partir desse fato, a minha vida virou um inferno. Tanto pessoalmente, espiritualmente, sentimentalmente, sabe? Com tudo. Minha vida praticamente mudou, sabe?

A sensação de ter se tornado Camily é amarga. O feminino escalavrado no corpo de forma quase irreversível é uma sentença de morte. Não apenas para Júnior. Camily nasce se sentindo morta por dentro. O momento de se ver como mulher, que para muitas travestis é glorioso, para Camily é um desconhecer-se. Seu sentimento é que, a partir daí, ela se integrou à escória do mundo. E não tem volta. Nada faz com que ela possa ser vista com dignidade. Nada alivia esse sentimento de perda de valor.

Não adianta ser bonita. Não adianta, tipo, ser inteligente. Ter estudado. Não adianta nada disso. Porque eu sou travesti. Você entendeu? Não adianta. Tem tantas travestis que falam: “Ah, é falta de estudar”. Tem travesti que eu conheço que vai, faz faculdade, e eles não chamam [para trabalhar]. Você fica estudando anos e anos pra você não ser aceito. Aí as pessoas falam: “Ah, porque travesti é á escória da sociedade. É o câncer da sociedade”.

O fato de ser travesti pesa demais para Camily. Ela quer se parecer o mais feminina possível. Diferentemente de outras colaboradoras da pesquisa, seu desejo não tem a ver com o sentimento de ser homem ou mulher. Em um mundo ideal, ela tanto poderia se sentir bem como Júnior ou como Camily. Mas a sua realidade cotidiana mostra que a Camily sempre trará com ela o fantasma do Júnior.

Camily tem uma beleza estonteante, todas as pessoas lhe dizem sempre o quanto ela é linda. Ela sabe que é, mas não se sente assim. Olha-se no espelho e não se acha bonita. Esteve entre as 15 mais lindas travestis do mundo. Mas não está satisfeita com a aparência que conquistou. Vê-se sempre muito masculina. Agora está juntando dinheiro para uma cirurgia plástica tecnicamente complicadíssima - implica quebrar o osso da testa - e muito cara, cerca de 20 mil reais para realizá-la.

Além disso, a beleza conquistada arduamente - e que ainda obsessivamente persegue - não se reverte em dignidade, porque de Camily é subtraída a possibilidade de escolha.

Eu tenho evitado ao máximo usar drogas agora. Até em festas me ofereceram, mas eu estou com medo de fazer besteira. Medo de muita coisa, sabe? Eu estou saturada de fazer programa. Eu não aguento mais.

É sistematicamente excluída de trabalhos como modelo, apesar de já ter participado de programas de TV famosos e de ter feito ensaios fotográficos, entre outros trabalhos artísticos. Na maioria das vezes, esses trabalhos não são bem remunerados, muitas vezes nem são remunerados. É como se fosse uma permuta: ela oferece sua beleza em troca de visibilidade, o que teoricamente lhe garantiria trabalhos bem remunerados. Mas não é o que lhe acontece.

Você não é bem vista. Tipo assim, é muito complicado isso. No Rock in Rio mesmo “Ah, você é muito linda. Você tem muito perfil pro evento”. Mandaram eu mandar os documentos, mandei. “Ah, você não me mandou”. Eu falei: “Menina, eu já te mandei meus documentos”. “Eu sou trans”. “Ah, então tá, então deixa. Eu vou ver outro trabalho pra você”.

Camily tem um discurso muito articulado, amargo e sem esperança. Não é ativista política, embora às vezes participe de ações de uma ONG que luta por direitos LGBTT, mas o faz apenas desfilando em trios elétricos ou, de alguma forma, emprestando sua beleza para valorizar o evento. Faz discursos longos e irados contra as religiões, especialmente contra as pessoas que, ela diz, escondem-se atrás da Bíblia de forma hipócrita, usando a condenação moral de gays e travestis como mero exercício de poder.

Para Camily, as dores mais profundas e insuportáveis são afetivas: são o abandono e a rejeição que sofreu e sofre por parte da família de origem. E a impossibilidade de ter um amor que a assuma como ela é, que ande com ela de mãos dadas na rua, que seja parceiro da vida.

Camily, no fundo, queria apenas ter atenção. E queria muito ser amada.

3.2.4. Ela só quer a gentileza que a vida lhe sonegou – a história de Rebecca

Thyfany

A história de Rebecca Thyfany começa em 22 de julho de 1991. Quando ela nasceu, sua família morava na Bela Vista, região central de São Paulo. Quando ainda era bebê, sua

família foi morar na Zona Sul, no bairro do Jabaquara. É a mais velha de nove irmãos de uma família muito pobre.

A gente vivia atrás de brinquedo que estava no lixo. A gente vivia caçando ali. A gente andava tudo ali. A gente andava tudo. Até hoje ela joga na minha cara que vai falar pra todo mundo que a gente catava brinquedo no lixo.

Os sete integrantes da família – ela, pai, mãe e mais quatro irmãos e irmãs por parte da mãe - moravam numa casa de fundos, com dois cômodos e um grande quintal. Ela tem também uma irmã e irmão por parte de pai, mas não moravam com a família. Muitas pessoas da sua família, como tios e primas, moravam bem próximo de sua casa.

Rebecca cresceu no mundo das drogas. Seu pai era usuário de crack e foi assassinado em frente de sua casa quando ela tinha seis ou sete anos. Ela não presenciou o assassinato, mas viu o corpo do pai estendido na calçada.

Desde muito pequena, já sabia que era feminina, pois gostava de brincar com coisas de menina.

Eu era muito feminina. Quando eu era pequena, vivia brincando que eu era Angélica ou a Xuxa. Já me assumia. Falava que era a Angélica, por ser loira. Achava bonito. Aí eu falava, colocava um pano na cabeça e saía andando.

Rebecca gostava de seu pai, mas achava que ele era homofóbico. Pressentia que “o que ela é” não era aceito por ele.

Porque tipo assim, eu já conhecia, não sei como, mas eu já conhecia, já sabia, porque desde pequena assim eu já sei o que eu sou. Desde pequena mesmo. Eu percebia já, tipo, eu já sabia.

A primeira memória que tem de brincar com apetrechos “de menina” ocorreu quando tinha cerca de seis ou sete anos, é a cena deste período de que mais se lembra, que mais a marcou. Lembra-se de que seu pai a interrompeu de forma agressiva uma brincadeira em que usava lacinhos nas mãos e nos tornozelos. Sente-se um pouco comovida por lembrar essa história.

Mas já superei, já passou. Não me mexe tanto, porque tem tanta coisa que acontece, que a gente começa sendo fria pra certos tipos acontecimentos assim. Eu me tornei um pouco fria. Às vezes eu aturo bastante. Não, é que tem vezes que eu lembro. Só mexe um pouquinho, mas não tanto assim. Não é uma coisa que ficou: “Nossa!” [Mas é] Bastante desconfortável.

Tem poucas recordações do período em que seu pai era vivo. Estudava à tarde, seus irmãos e irmã ficavam na creche. Lembra apenas que desde muito pequena era esperta e já se virava sozinha: tomava ônibus e ia para a escola sozinha. Lembra-se também de que era uma criança agressiva, que batia nos outros sem muito motivo. E, da mesma forma, apanhava de outras crianças também.

Depois que seu pai morreu, quando ela tinha por volta de nove anos, sua mãe frequentava festas “da macumba” e fez uma aposta com uma amiga para ver quem ficaria com um determinado homem. Sua mãe ganhou a aposta, levou-o para casa e ele passou a morar com ela desde o primeiro dia em que transaram. Segundo Rebecca, a partir daí sua vida se tornou um inferno.

Virou um inferno. Tipo, ele me odiava. Não cansava de falar que me odiava e não sei o quê. Eu apanhava todos os dias por qualquer motivo. Eu tenho comigo que é por ser gay. Porque até então ele já percebia. Porque quem não percebesse, também, era cego. [Eu já era] Bem feminina.

Mais ou menos nesta época, o padrasto aprontou alguma coisa na região em que moravam. Rebecca não sabe exatamente o que aconteceu, mas acha que ele roubou alguém. Ela sabe que alguns homens queriam bater nele e, por isso, mudaram-se para um bairro da periferia da Zona Sul bem distante do centro.

Quando era menor, Rebecca gostava de brincar de carrinho. Gostava de ônibus, queria ser motorista quando crescesse. Mas aos poucos, foi se interessando por bonecas. E passou a querer ser estilista.

Ah, eu gostava de carrinho. Adorava carrinho, até hoje, tipo, até os ônibus, acho lindo os ônibus. Eu acho muito bonito. Antigamente eu queria ser motorista de ônibus. Quando eu era pequena. Eu adorava ônibus, nossa. Minha mãe até me deu um ônibus de presente, um bem pequenininho. Depois foi passando os anos e eu não quis mais ser não. Queria ser cabeleireira. Depois não queria mais não. Não quis. Quis ser estilista, que até então, quando eu morei pra cá, pro [nome do bairro da periferia], eu fazia roupa pra boneca. Tipo, eu tinha um monte de Barbie, toda boneca que minha irmã tinha eu pegava e falava: “É minha. Não vou te devolver mais”. Ela ficava louca de raiva. Tomava as Barbies dela. Fazia linha nas Barbies dela, é minha, vou fazer um monte de roupinhas. Aí quando ela pedia eu falava: “Não, vou fazer uma roupinha bem bonitinha pra ela, porque essa roupinha está horrorosa, cafona. Aí eu te dou”. Aí fazia as roupinhas e não devolvia mais. Pegava pra mim as bonecas. Escondia pra ela não achar. Aí nesse tempo eu queria ser estilista.

O padrasto não gostava dessas brincadeiras e, por isso, vivia xingando Rebecca de “viadinho” e “bichinha” e dizia para ela “virar homem”. Seu padrasto costumava bater em Rebecca, na mãe e na irmã dela. Nos filhos e filhas dele e no enteado caçula, não batia. Os principais alvos de sua violência eram Rebecca e sua irmã. Ele vivia batendo nela, sem nenhum motivo. Batia em casa, batia em público, batia nela até usando fios de telefone. Na maioria das vezes, batia nela sem motivo. Em outras vezes, ela enfrentava seu padrasto para evitar que ele batesse em sua mãe.

Ai tipo, tinha horas que ele estava querendo bater nela, eu meio que percebia, aí eu começava entrar em discussão com ele pra ele não brigar com ela. Eu virava foco principal para tirar ela da linha.

Rebecca conta que aprendeu a fazer coisas erradas com outras crianças, mas assume toda a responsabilidade por seus atos. Diz que as crianças não eram as más influências, porque ela só foi influenciada a fazer coisas erradas porque quis, como roubar canetinhas coloridas em uma loja de bairro. Conta também que, como a mãe tinha muitos filhos, não podia cuidar de todos direito, então sua criação foi na rua. Por isso, hoje ela se espelha em pessoas boas para aprender a fazer as coisas de um jeito melhor.

Porque querendo ou não, a minha educação veio tipo assim, da rua. Como minha mãe tinha muitos filhos pra olhar, até então eu não tinha como ficar cobrando isso dela. Aí tipo, veio da escola, veio da rua, eu meio que sozinho, automaticamente. Meio que novela mexicana. Aí ficou por isso. Aí quando eu conhecia uma nova amizade, eu sempre espelhava nas coisas boas que ela tinha.

Mas Rebecca não se faz de vítima. Diz que aprontava muito, que não era uma criança boa, era arteira também. Mas ficava com muita, mas muita raiva quando apanhava do padrasto. Ficava “possessa”.

Rebecca conta que as crianças na escola diziam que ela e outro colega, também afeminado, eram gays, que namoravam. Mas que isso não a ofendia e eles não a incomodavam, pois ela se dava o respeito. Ficava focada em estudar. Bagunçava somente quando podia bagunçar.

Rebecca era também uma criança inocente, sem malícia. Mas ela conta que, quando pressente o risco, apesar de ter pouca força física, fica esperta e se safava. Batendo e agredindo, às vezes. Até “atuando”, se fosse necessário.

Nós dois éramos [ainda] meninos. Eu bati nele. Não sei por que foi, mas [acho que] foi porque ele me afrontou, aí peguei um cabo de vassoura e comecei a bater. [...] Mas foi mais na telha no que nele. Aí tinha uma menina “cavalona”, indiana, até hoje, gigante, maior que eu. Aí ela veio tomar as dores dele. Aí eu comecei a chorar porque eu não aguentava com aquela menina. Pensei: “Vou atuar”. E comecei a chorar. Aí ela não me bateu por dó.

Seu padrasto, como seu pai, também se tornou usuário de crack. E depois se tornou alcoólatra. E quando estava embriagado ou drogado, começava a desconfiar que a mãe de Rebecca o traía, que levava homens para casa, e criava muita confusão. Rebecca diz que ele a ofendeu tanto que ela aprendeu a não ligar para as ofensas vindas de outras pessoas, na rua.

Mas além disso, dele me xingar, eu aprendi assim, a andar na rua, tipo, não é todo mundo que eu vou ficar escutando me xingar. Falou: “Ô “viado” e não sei o quê”. Tá bom. Você tem opinião, tem o direito de se expressar, posso fazer nada por você. Foi com ele que eu aprendi, querendo ou não, fazendo as maldades comigo, sendo o alvo dele, foi até aprendizado também, porque eu aprendi com ele a não ligar para que os outros falam. De que tanto que ele me xingou, os outros pra mim não tiveram importância.

Antes de completar a 8ª série e antes de se transformar em Rebecca Thyfany, ela parou de estudar. Conta que era preguiçosa, que não tinha vontade de estudar, cabulava as aulas. Ao invés de ir para a escola, ela ia para as represas da Zona Sul nadar e passar o tempo com os amigos. Em uma dessas oportunidades, quando ainda estava na 7ª série, com 14 ou 15 anos, um conhecido tentou abusar sexualmente dela, que escapou por pouco. Mas também porque circulou um boato de que fumava maconha. Ela diz que, na época, não fumava. Esse estigma, para ela, foi pior do que ter sido chamada de “viado”. Mais tarde, quando estava andando com Julieta, chegou a usar algumas drogas, mas parou porque estava ficando feia e acabada. E ela é muito vaidosa.

Quando chegou aos 17 anos, começou a se transformar fisicamente em Rebecca. O período da transformação foi de muita turbulência. Rebecca já não admitia as ofensas do padrasto, retrucava e o xingava de volta, e o que chegou a gerar um episódio de extrema violência⁷⁸, em que chegou a dar uma facada nele.

Antes de passar por transformações corporais, Rebecca carregava os apetrechos até a casa de um amigo, para só então para se montar como mulher. Junto com Jucélio, amigo da escola que estava se transformando em Julieta, e Wilson, amigo da vizinhança que se

⁷⁸ Este episódio será detalhado e analisado no capítulo 4.

tornaria Suellen (e que mais tarde voltaria a ser Wilson), Rebecca começou a fazer transformações corporais.

Sim, eu me via como mulher, nunca tinha me identificado como gay. Até aí eu queria ter peito, ter cabelo grande. Ter cabelo tipo feminino. Rosto feminino. A voz eu queria ter. Isso por um tempo, que eu conheci a Ju, ela me apresentou o Perlutan⁷⁹. O santo Perlutan. Aí nisso eu comecei a me montar. Nisso eu tentei até fazer programa. Só que não deu muito certo.

Julieta levou ambas, Suellen e Rebecca para fazer programas, para se iniciarem na prostituição. Todas tinham cerca de 17 anos. Julieta já fazia programas e gostava, porque ganhava dinheiro de forma fácil. Rebecca tentou fazer programa, mas não gostou e desistiu depois da primeira tentativa. Sentiu nojo e também não queria fazer sexo por dinheiro.

Comecei a fazer, mas não deu muito certo. Eu vi que era muito velho. Muito velho, nojento, asqueroso, sabe? Cheguei a atender um cliente, mas não foi muito agradável. Por causa que eu sou daquele tipo que não gosta de ser paga pra fazer o que está fazendo. Entendeu? Então não me agradei muito.

As três que estavam se transformando, juntamente com Daiane, que já era travesti, competiam para ver quem se tornaria feminina primeiro. Rebecca era vista como a mais masculina das quatro, mas seus seios surgiram primeiro do que os de Julieta e Suellen. Julieta pagava o Perlutan para Rebecca, mas quando ela não conseguia fazer programa, as demais chamavam-na de “viadinho”, o que significava que ela não chegaria a ser travesti. Isso era sentido como humilhação para Rebecca.

Nos bares que frequentavam para fazer programa, elas eram as únicas travestis. Quando Rebecca ficava⁸⁰ com os rapazes por prazer, por diversão, ela adorava. Conta que ela “pegava” os mais bonitos.

Em uma ocasião, indo para uma dessas baladas por diversão, ela pegou carona com um conhecido por insistência de Julieta. No caminho, passou por um episódio muito traumático, com um misto de violência física, psicológica e sexual. O homem que lhes

⁷⁹ Perlutan é um medicamento indicado como contraceptivo injetável de uso mensal, que pode também ser utilizado no controle de irregularidades menstruais e como medicação supletiva estrógeno-progestacional. Fonte: MedicinaNet. Disponível em: <http://medicinanet.com.br/bula/4082/perlutan.htm>. Acesso: 12 jan 2015. As travestis o tomam para fazer os seios crescerem.

⁸⁰ **Ficar:** relacionamento afetivo ocasional, sem compromisso ou envolvimento. Inclui beijos, abraços e carinho, podendo ou não haver relacionamento sexual.

deu carona apontou-lhe uma arma, exigiu que fizesse sexo com ele, bateu nela e ainda a humilhou, dizendo que aquilo era para ela aprender a ser travesti. Ela ficou muito abalada com a situação e ainda sente muito medo de entrar sozinha em um carro em que tenha somente o motorista.

Eu fiquei com tanto medo porque eu não sabia a reação que ele ia ter. Não sabia. Nisso eu vi a Ju dando risada e fiquei meio que assim. Porque, ela não pode saber o que ia acontecer, tipo, eu fiquei meio traumatizada com isso. Eu não gosto mais de sair de carro sozinha. Quando eu saio, eu fico meio que assim. Meio que doida assim, olhando para os lados. E se eu vou pra algum lugar assim meio longe eu já fico com medo. Por isso eu já compro uma passagem. Qualquer coisa eu saio do carro e já venho embora. Tipo, foi horrível. Até quando eu lembro assim, me deixa uó. Fico bastante chateada.

Depois do episódio da facada, o padrasto não bateu mais em Rebecca, porque ela continuou revidando.

Depois da facada ele parou um pouquinho. Era só bate boca, porque eu tipo assim, se é bate boca, eu estou discutindo eu estou discutindo. Só não encosta a mão em mim, se não eu fico louca. Porque toda vez ele encostava a mão em mim, toda vez eu batia nele.

Rebecca passou por muitas situações violentas. Gente na rua que queria bater nela. Humilhação em batida policial. O padrasto que a ofendia frequentemente. Ela passava por tudo isso quase todos os dias.

Tipo, quando o meu padrasto me xingava. Me dava uma coisa ruim. Tipo, ele me xingava de tudo o que era nome. Aí eu deitava de noite e começava chorar. Tipo, quando eu passava na rua os meninos começavam a me xingar. Ficava xingando de “viadinho”, esse nomes populares.

As violências diversas pelas quais passou deixaram marcas profundas em Rebecca. Ela diz que tem medo de andar sozinha na rua, se tem um carro parado ela treme e já acelera o passo, mas em grupo ela fica bem. Disse que já ficou muito mal, deprimida a ponto de querer morrer, mas nunca teria coragem de se matar.

Ela tem dentro de si as marcas das muitas situações em que foi agredida de uma forma ou de outra, mas não consegue lembrar muitos episódios. A memória de Rebecca se apaga sem ela entender o motivo. Ela conta que sofria muito, chorava muito com tudo o que passou, mas que agora não consegue mais chorar.

Foi assim o que eu mais chorava, sabe? Esse tempo foi o que eu mais chorava, de tanto acontecer. Teve uma hora que parei, porque não conseguia mais chorar. Mexer, mexe. Mas chorar mesmo eu não consigo. Eu fui ficando fria.

Antes, Rebecca se sentia humilhada, encabulada, chateada. Mas alguém, alguma amiga da vida, lhe disse que, ao tomar hormônio e se vestir de mulher, ela não poderia baixar a cabeça, nem permitir ser agredida, porque se não, isso duraria a vida toda. Ela tinha de aprender a colocar limite nisso. E ela, mais uma vez, inspirou-se na amiga, aprendeu. Rebecca conta que não se importa mais. Agora muitas vezes também revida, agora já se sente forte para responder à altura.

*Hoje eu já tenho resposta à altura pra falar. Tipo, me xingar, eu olhar pra cara dele e falar: “Você não se enxerga não?” Porque tempos atrás, um gordinho, que eu não gosto dele, nós dois não se bate, ele estava me xingando. Sai do mercado e passei do lado dele, nisso eu estava indo, ele e a menina dando risada. De mim. Aí nisso, quando eu voltei do mercado, olhei assim e eles estavam continuando dando risada e começaram a me xingar. Falaram: “Ah, não sei o quê, ‘traveco’. ‘Traveco’ feio, **‘bicha’ pobre**”. Do nada. Só sei que eu olhei pra cara dele e falei assim: “Você se acha muito bonito. Você não consegue olhar pro espelho debaixo de tanta barriga? Porque o que eu mais vejo em você é barriga. É a única coisa que eu vejo em você, meu querido”. Aí eu peguei e sai andando. A menina que estava dando risada de mim, começou a dar risada da cara dele. E eu nem tchum, continuei andando normal.*

A pobreza herdada se emaranha no rol de ofensas cotidianas. O estigma de travesti e prostituta não contribui para que Rebecca encontre formas de superar a miséria. Seu maior medo é acabar como as travestis que não conseguem se manter e vão morar na rua.

Quando Rebecca desistiu de tentar fazer programa para ganhar dinheiro, arrumou emprego “no farol”, trabalhou distribuindo folhetos de propaganda nas ruas da cidade, mas era um trabalho exaustivo e ganhava muito pouco. Todos os finais de semana, saía de casa às 6h da manhã e voltava às 20h. Não conseguia nem meio salário mínimo por mês. Mesmo assim, sem outra oportunidade, trabalhou nessa atividade por dois anos e meio.

Tentou uma vaga numa lanchonete de rede de um shopping Center. Viu que um amigo gay trabalhava lá, então achou que poderia. A pessoa encarregada da contratação pediu-lhe que levasse todos os documentos em uma semana, ela providenciou tudo em três e gastou o equivalente a um final de semana de trabalho no “farol” para conseguir a

documentação solicitada. No entanto, a mesma pessoa lhe deu várias desculpas e não a contratou. Ela entendeu que o motivo de não ser contratada foi por ser travesti.

Pensei: “Nossa, agora entendi tudo”. Ela não quis que eu trabalhasse lá porque eu era travesti e os outros eram gays.

Rebecca, depois desta experiência dolorosa, chegou a viver o dilema de deixar de ser quem é para conseguir um emprego, mas aí seria violência demais com ela mesma.

*Essa da [nome da lanchonete] doeu muito. Muito. Muito, muito, muito! Porque foi uma experiência muito ruim. Eu me senti muito mal. **Eu até pensei em deixar de ser travesti pra arranjar emprego.** Até hoje eu estou pensando nisso assim. Mas tipo, é uma coisa me perguntando. “**Se eu deixar de ser assim, eu não vou ser feliz mais**”. Eu vou perder minha luz, sabe? Não tem como. Eu vou sentir morta. Eu não vou sentir a mesma coisa, **vai ser pior [do que fazer programa].***

Fez um curso de cabeleireira, mas não completou. Chegou a trabalhar em um salão, onde foi explorada. Sentiu nojo de fazer as unhas de uma travesti que gostava de mulher, porque disse que estava muito imunda. Além disso, a dona do salão disse que ela não sabia nada, teria de aprender tudo de novo. Não voltou mais lá, não pretende continuar na profissão.

Atualmente, está desempregada. Procura algum emprego, está disposta a trabalhar em qualquer atividade, está buscando uma oportunidade. Só não quer fazer programa.

Sua mãe começou a namorar o vizinho, mas o padrasto continuava morando na casa dela. E roubava dinheiro da mãe de Rebecca, roubava objetos dos irmãos dela para vender e ter dinheiro para comprar cachaça. Por um tempo, Rebecca e padrasto venderam balas nos ônibus, mas ele nunca lhe dava o dinheiro. O padrasto e sua mãe se separaram há algum tempo. Ele morreu de cirrose tempos depois. Foi Rebecca quem colocou o padrasto para fora de casa.

[O meu padrasto] Não trabalhava mais. Até teve um tempo em que ele trabalhou, vendia balas no ônibus. Que eu até cheguei a ir trabalhar com ele. Só que tipo, eu trabalhava e não recebia nada. Não me dava nada. Aí tá, nisso eu mandei ele ir embora de casa. Eu tive que mandar. Se eu ficasse esperando pela minha mãe, não ia ter mais nada em casa.

Com sua mãe, tem uma relação razoável. Diz que sua mãe nunca a rejeitou, embora às vezes, quando está brava, diga que é para Rebecca deixar de ser “viado” porque ela quer

netos. Rebecca não a chama de mãe, mas pelo nome, pois diz que, quando era muito pequena, foi deixada por um tempo na casa de uma tia e não “pegou o costume”.

A mãe de Rebecca parou de namorar o vizinho e saiu de casa com outro namorado. O novo padrasto, o “Alemão” também rouba a sua mãe. E também ofendia Rebecca reiteradamente, tratava-a por *aidética* (ela não tem HIV), mas agora ambos moram em outra casa, na mesma rua, porque Rebecca o colocou para fora depois de uma tentativa de agressão. Apesar disso, eles conversam bastante. “Alemão” não acha que Rebecca seja safada, pois sempre foi “assim”. Para ele, safados são os homens que se casam e depois se tornam travestis.

Foi Rebecca também que pressentiu perigo nas atividades criminosas de seu cunhado e, depois que ele ameaçou bater na sua irmã, Rebecca também o colocou para fora de casa. Como sempre, quando o perigo a ronda, ela fica esperta e dá um jeito de se livrar dele.

Rebecca agora cuida dos seus irmãos menores. A mãe paga a comida e lava a roupa deles. Ela também ajuda a olhar os sobrinhos, porque somente sua irmã trabalha em casa. Voltou a estudar recentemente, está cursando o Ensino de Jovens e Adultos - EJA⁸¹. Vai à escola todas as noites, mas tem receio de se entediar e parar novamente. No refeitório do EJA, já foi motivo de piada e risadas. Mas ela não abaixa mais a cabeça. Tomou satisfação com os rapazes que riram dela. E foi apoiada pela diretora.

Cheguei nos meninos e falei assim: “Eu quero saber do que vocês estão rindo. Por acaso eu tenho cara de Bozo? Estou fazendo palhaçada aqui? Estou fazendo malabares e não estou sabendo? Pra vocês estarem dando risada. Aí o menino: “Ninguém está rindo de você”. Falei: “Filho, eu não sou palhaça, eu estou vendo você apontando o dedo e olhando pra mim. Deixa eu te falar: o meu respeito vai até onde o seu vai, espero que você me respeite, porque até então eu estou te respeitando aqui. Não fiz nada com você, então acho bom você me respeitar”. Nisso eu virei as costas e sai andando. Nisso eu subi na diretoria pra falar sobre a vaga, aí ela subiu e falou assim: “Nossa, eu adorei a sua atitude”.

Rebecca reclama que sofre preconceito entre gays e travestis. Atribui isso à sua feminilidade, à sua beleza, como se isso despertasse inveja nas outras pessoas.

Tipo, o fato de todas as travestis, gays, me odiarem. Porque nenhuma delas gostam de mim. Além de tudo isso, tinha uma querendo brigar comigo.

⁸¹ A Educação de Jovens e Adultos é destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio.

O problema é que falam que só hétero é preconceituoso, não é só hétero que é preconceituoso. Os gays em si só preconceituosos. Não adianta achar que não são porque são. Porque até então tem travesti que não gosta de gay.

Ela mesma diz que não gosta de gay que é escandaloso, que fica se mostrando muito. Ela é discreta e, por isso, diz que consegue conquistar amizade até de quem declara que “não gosta de viado”.

Ao mesmo tempo em que diz que as pessoas tem inveja dela, também, contraditoriamente, diz que não se sente bonita, apesar de saber que é bonita. Rebecca não tem namorado, nunca teve. Já ficou com alguns rapazes, fez sexo com outros, mas nunca teve relacionamento sério. Lembra-se de três rapazes com quem ficou de quem se lembra com mais carinho, mas diz que eles nunca quiseram nada mais sério, só queriam fazer sexo. Um deles, ela imagina, não chegou a saber que Rebecca era travesti, porque disse que queria fazer um filho com ela. Daí ela desistiu dele e nunca mais ficaram. De todos os rapazes com quem ficou, foi este de quem mais gostou.

Não me arrependo não, porque tipo assim, geralmente quando os caras ficam comigo eu tenho em mim que eles pensam assim: “Ai, frágil. Ela é tão frágil. Delicada”. Sabe? Que parece que eu demonstro. Tem uns que dá a blusa de frio pra mim, todo cavalheiro, sabe? Totalmente cavalheiro. Mas tem algumas mulheres que falam que não acontece com elas o que acontece comigo. Eu fico meio que pasma, sabe? E nesses tipos de atitudes dos caras que eu vou gostando.

O que a encanta nos homens é o cavalheirismo. Rebecca gosta mesmo é de ser tratada com a gentileza que a vida quase nunca lhe proporcionou.

3.2.5. Orgulho de se parecer totalmente mulher – a história de Pryscilla Stephanie Gomes

A história de Pryscilla Stephanie Gomes começa dia 14 de janeiro de 1976, em São Paulo, capital. Pryscilla nasceu em um bairro de classe média baixa da Zona Sul da capital paulista. Mudou-se algumas vezes de bairro, sempre na zona sul. Por 22 anos, morou em um bairro um pouco mais afastado do centro, já considerado periferia. Há quatro anos, mora em outro bairro de classe média baixa da zona sul da cidade. Mora com seus pais e com sua irmã, que é 12 anos mais jovem.

Pryscilla sempre se sentiu feminina. Desde muito pequena, gostava de bonecas. Tinha carrinho e caminhão e até brincava com eles, mas não gostava. Como não tinha

bonecas, fazia suas bonecas com frascos de desodorante, prendendo um pano na tampa, como se fosse cabelo.

Com cinco anos de idade, gostava de ver os longos cabelos de sua mãe, presos sob um lenço, em coque. Achava isso lindo. Uma vez, para imitar sua mãe, pediu que ela colocasse um lenço em sua cabeça também e sua mãe o fez, mas advertindo-a para que tivesse cuidado, pois seu pai não podia vê-la daquele jeito. Ela diz que já entendia, apesar da pouca idade, que seu pai não iria gostar, pois tinha um filho homem.

Ele não poderia ver, uma porque ele não iria gostar e outra porque aquilo não era pra mim. Já entendia mais ou menos. [Pensava] Que ele ia me bater. Ele não iria aceitar, porque ele tinha um filho homem e não uma filha. Ele não iria aceitar eu vestido naquela época, devido as pessoas falarem também. Apesar que muita gente na época já falava.

Ela aparentava ser muito feminina e isso fazia as pessoas comentarem, mas sua mãe sempre a defendia, dizendo que ela era uma criança normal, como qualquer outra criança. Priscilla gostava de se maquiar, passar batom, e sua mãe também lhe dava cobertura, para impedir que seu pai a visse maquiada. Por conta disso, seu pai nunca a flagrou fingindo ser menina ou maquiada.

Teve uma vez que até me lembro, que não sei o quê que eu tinha feito, aí ele chegou e minha mãe: “Vai pro banheiro tomar banho”. Tinha passado batom, uma coisa assim. Eu fui e ele não viu. Então assim, minha mãe era “a” mãe.

Quando Priscilla tinha seis anos de idade, a mãe de engravidou, mas a gravidez não se completou. As amigas da mãe iam visitá-la e uma delas levava um bebê. Priscilla conta que adorava pegar o bebezinho no colo e ficava muito tempo embalando-o, como se fosse uma boneca. Nesta mesma época, gostava de ver as mulheres da TV, em seus programas favoritos, especialmente pelo exagero, porque elas usavam uma maquiagem carregada.

[Com] 5, 6 anos. Eu às vezes me vestia, me identificava com alguns personagens da época, Balão Mágico, o Bozzo, que tinha lá a Turma do Bozzo. Eu achava legal aquilo. Gostava de batom, achava bonito aquelas mulheres maquiadas. Naquela época eram aquelas maquiagens bem pesadas, aqueles olhos bem pretos, aquele batom vermelho. Eu achava lindo aquilo.

Com seis anos ainda, Priscilla começou a fazer troca-troca com os meninos e diz que teve certeza de que era disso mesmo que ela gostava. Só de ficar perto dos meninos, ela já achava muito bom.

Um pouco mais tarde, a família se mudou para um bairro mais periférico da Zona Sul. Ela conta que, na fase infantil, até seus 9 ou 10 anos, não sofria nenhum tipo de gozação, nem na vizinhança, nem na escola, mesmo as pessoas percebendo que ela era mais feminina, pois tudo era visto como brincadeira. Ao entrar no ginásio [atual Ensino Fundamental II], porém, começaram as primeiras ofensas, com termos como “bicha” ou “bichona”, que a deixaram receosa, chateada, mas não se sentia tão abalada..

“Ah, você é uma bichona!” Aí eu já fui começando sabe? Você já começa a ter aquela coisa. Começa ficar assim receosa. Eu tinha muita amizade com as meninas, as meninas falavam dos namorados, revistinha, figurinha. Eu adorava. Onde tinha um monte de mulher eu estava junto. Os meninos zuavam. Mas era tipo assim, Não me abalava tanto, né? Aquilo assim, logicamente que eu ficava chateada, porque eu era motivo de comentário para o povo. Mas eu não me abalava com aquilo porque eu era uma pessoa e eu era isso. Porque sempre fui uma pessoa de personalidade.

Apesar da chateação de sentir algum receio, Pryscilla não se sentia abalada, porque dizia que já sabia que não teria como mudar o que era, seu sentimento, seu desejo.

Pryscilla diz que sua puberdade se iniciou de forma precoce, aos 8 anos, mas manifestou-se com maior intensidade depois dos 12 ou 13 anos, quando já tinha barba, muitos pelos no corpo, inclusive na área genital. Neste período, começou a fumar e a beber, saía para os bailinhos e matinês. Ela sempre ficava acompanhada das meninas, pois era com elas que se identificava.

Aos 15 ou 16 anos, começou a namorar uma menina na escola, como um tipo de um teste. O namoro durou cerca de dois anos, mas Pryscilla ficava confusa, pois ao mesmo tempo sentia atração pelos meninos, mas ela não queria aceitar que sentia uma atração que “não era para ela”.

*Aí eu conheci uma menina na escola, e aí ela gostava de mim. Falava que eu era bonita e não sei o que lá. Aí pensei assim: “Vou fazer um teste”. Aí a gente teve um namoro. Durou dois anos até. Dois anos. Só que era assim, eu namorava com ela, mas sempre quando via um menino bonito eu ficava de olho. Mas até então eu pensava: **“Isso não é pra mim”**. Eu estava com aquela **confusão psicológica**, eu acho, né? Você não quer aceitar aquilo, **quer viver isso, mas isso não é pra você**.*

Neste período, deixaram de chamá-la de “bicha”, pois ela namorava uma menina e tinha já uma barba cerrada, estilo cavanhaque, e tinha muito pelo no corpo todo: peito, braços, pernas, tornozelos. Ela diz, rindo, que era praticamente um “Toni Ramos”⁸².

Na verdade, um garoto da escola continuou ofendendo-a reiteradamente. Dos 16 aos 21 anos, quando finalmente ela terminou o colegial, ele a chamava de “bicha”, até mesmo quando namorou as meninas.

*Tinha só um cara lá que eu não gostava dele. Me enchia o saco. **Falava assim, que eu tinha que sair da escola, porque lá não era ambiente pra mim. Era da minha sala. “Porque você é “bicha” e não pode ficar aqui com a gente”.** Era uma constante. Toda vez que eu trombava com ele. Porque ele era desagradável. Ele é uma pessoa desagradável. Sempre comigo. [...] sabe, ele enchia. Mesmo[eu] namorando [meninas], ele não se contentava. Ele era o único assim, sabe? Era. Estudei com ele muitos anos. Uns 5 anos. Sempre tem que ter uma pedra no seu caminho. Isso é fato. Depois eu descobri coisas e fiquei, está vendo como é a vida. [Na infância, não tive problema]. Por isso que eu falo, o meu problema maior foi mais a adolescência mesmo. **Naquela confusão de gosto. Você não quer aceitar uma coisa e acaba fazendo uma coisa que você não quer fazer.** Juntava um pouco a família e um pouco assim, o preconceito de algumas pessoas, né? Mas, normal. Não tive nenhum episódio assim desagradável. Não tive.*

A grande dificuldade de Pryscilla durante a juventude foi seu sentimento ambivalente. Todo o tempo, sentia desejo por rapazes, mas não conseguia aceitar que tinha essa atração. Mesmo quando namorou garotas.

Com a primeira namorada, não houve relação sexual. Depois dela, houve outra namorada. Com esta, relacionou-se sexualmente, mas sentia que faltava algo. Sentia até algum prazer às vezes, mas sentia que o sexo “não a completava”. Ficou com essa garota por um ano, “fazendo papel de homem”. Daí começou a ver revistas e vídeos pornográficos com um amigo, o Thomas, que era “a bicha da história”, com quem tem amizade até hoje.

As pessoas comentavam que Thomas era “bicha”. Sua mãe dizia para não andar com ele, porque estavam comentando que eles tinham um caso.

*Todo mundo falava que ele era “bicha”, que ele era isso e aquilo. Que eu não podia andar com ele, aquela coisa. **Foi quando começou a revolucionar tudo. Foi quando minha mãe começou a falar: “Olha, não fica andando com o Thomas,***

⁸² Referência ao ator de novelas da emissora Rede Globo de televisão que sempre fez papel de “galã”, o mocinho dos casais românticos, conhecido por ter excesso de pelos no corpo.

porque o pessoal está falando. Estão falando que vocês estão saindo”. “Nada a ver mãe, é um amigo”. Às vezes eu ia pra casa dele, a gente ficava ouvindo música. Entre eu e ele não tinha nada. Mas a gente via fotos. Tinha VHS, a gente via. Aquilo despertou de novo.

Eles viam filmes pornográficos homossexuais e também heterossexuais, mas nestes Pryscilla se identificava com a mulher, não com o homem. Olhava se o homem era bonito, avaliava o tamanho do pênis, era isso que mexia com ela.

Nesta fase, o namoro terminou e ela ficou sem nenhum relacionamento. Junto com Thomas, começou a frequentar a boate gay. Ela diz que foi nessa fase em que “tudo começou”, referindo-se ao início de seu processo de assumir-se como mulher. Ela relata que a primeira vez em que foi à boate, sentiu um misto de encantamento e estranhamento.

*Eu já estava com 17 anos. Foi quando começou tudo. A gente foi pra uma boate, era uma boate gay. Foi eu, ele e mais duas pessoas. Aí eu entrei naquele lugar, sabe? Escuro, aquele jogo de luz, música. **Vi os outros se beijando.** Pensei: “**Que lugar é esse?**” Ai me falaram: “Se solta, fica a vontade”. Se você gosta disso, você se joga. A primeira vez que eu fui não aconteceu nada. Andei, vi como que era, **fiquei meio assim.** “**Gente, o que é isso? O que eu estou fazendo aqui?**” **Porque** eu nunca tinha ido. Isso foi final dos anos 80, começo dos anos 90, mais ou menos. Só sei que a segunda vez eu fui pra boate, fui de novo. “Vamos comigo?” Falei: “Vamos, vai”.*

Na segunda vez em que Pryscilla foi à boate, ainda com visual bem masculino, pois usava barba e óculos, um rapaz se aproximou para conversar, sentiu-se atraído, quis beijá-la. Mas o beijo apavorou e Pryscilla fugiu.

*“Eu queria ficar com você”. Falei: “Mas como assim você quer ficar comigo?” Falou: “Ah, eu quero ficar com você”. Eu não entendia o que era ficar, porque **eu nunca tinha ficado com homem.** Aí ele veio e me abraçou, e me beijou. Quando ele me beijou eu empurrei ele. “Não, não quero isso não. Não é pra mim não”. Aí cheguei no meu amigo e falei: “Quero ir embora. Esse lugar não é pra mim”. Não gostei, porque o medo falou mais alto. Não. Eu sentia assim: “Meu, está todo mundo me olhando. O mundo inteiro está me vendo fazendo isso. **O mundo inteiro vai acabar comigo agora**”. Pensava nisso. Falei: “Não vou mais em boate”. Então, na época [senti que] estava exposto mas não tinha nada a ver. Era um lugar fechado. Fiquei um tempo sem ir, depois eu fui de novo.*

Pryscilla não gostou da experiência porque sentiu medo, sentiu-se exposta e em risco, mesmo estando em um lugar fechado. Ficou um tempo sem frequentar o local, mas depois de um mês e meio começou a lembrar do rapaz, do beijo, e sentia desejo, tinha

vontade de se masturbar. Resolveu voltar a frequentar boate, mas foi sozinha, em outra boate gay. Desta vez, ela ficou com um rapaz.

Mas assim, o prazer já estava falando um pouco mais alto. Aí dessa vez ele começou a andar comigo de mãos dadas na boate. Eu ficava assim ó. Se escondendo. Ele falava: “O que foi?” “Não, não foi nada não”. Achando que todo mundo ia me condenar. Só que até no entanto não, porque o propósito de todo mundo que estava ali era esse.

Pryscilla ainda sentia medo e vontade de se esconder, mas o prazer começou a ser maior que o medo. De qualquer forma, sensação ainda era a de que todo mundo iria condená-la.

Na escola, por ter namorado com garotas, não havia mais ofensas, ninguém falava mais nada. Viam-na como uma pessoa que estava sem namorar, mas não como “bicha”. Ela andava com uma turma de rapazes, entre eles alguns primos, e garotas, mas não tinha coragem de contar para ninguém sobre o que tinha acontecido na boate.

Aos 19 anos, ela conheceu Marcelo, o seu “primeiro homem”. Pela primeira vez na vida, ela tem uma relação sexual com um homem. Relaciona-se com ele por cerca de um ano, mas não o considera um namorado, porque era um relacionamento secreto. Para poderem se falar e marcar encontro, ele ligava para a casa dela, mas ela ligava para ele do orelhão. Até ela conseguir comprar um celular, o que facilitou um pouco as coisas.

Nunca ficavam juntos fora do cinema de filme pornô ou da boate gay, ninguém mais sabia que se relacionavam. Só ele e ela. Ela diz que achou melhor assim. Para fazer sexo, encontravam-se às vezes em motéis, mas tinham de chegar separados.

*Às vezes a gente se encontrava no motel. Mas naquela: vai você, depois eu vou. **E a vergonha agora de chegar lá no motel? (risos) Era o fim.** Mas eu pensava: “**Eu não posso, eu gosto. Me dá prazer**”. Me dava muito prazer. Quando a gente estava junto assim, que fazia tudo. Era uma loucura. Era muito bom.*

O sentimento de Pryscilla era muito ambivalente, havendo sempre muita vergonha e, ao mesmo tempo, um forte desejo. Com esse rapaz, ela teve todas as suas primeiras experiências com um homem.

Foi com ele. Com ele foi tudo. Foi o primeiro amasso, foi o primeiro beijo, primeira transa, primeira penetração. Sexo completo. Foi o primeiro homem que eu via nu na minha frente assim.

Segundo Pryscilla, ele foi sua primeira paixão, seu primeiro amor e também foi sua primeira grande decepção, pois depois de um ano ele sumiu. Ele simplesmente deixou de aparecer na boate, nos locais em que se encontravam. Ligou um tempo depois dizendo que não dava mais. Que estava com problemas com o pai, de quem ela nunca teve nenhuma informação, viu foto, nada. E assim acabou. Ela ficou tão arrasada, que acabou se abrindo com uma colega no trabalho. Nesta época, ela ainda estudava, mas já trabalhava como cozinheira em um restaurante. Essa amiga foi a primeira pessoa que lhe deu apoio.

Depois, Pryscilla contou para uma prima, com quem estudava e com quem se dava muito bem. Demorou muito para conseguir falar, mas assim que contou, a prima teve uma reação muito tranquila: “Isso é tão comum. Pensei que você ia me contar algo pior”. No restaurante, conheceu uma colega de trabalho que gostava de mulheres. Daí as coisas começaram a ficar mais fáceis. Passou a aceitar-se como gay.

Aos 24 anos, saiu do restaurante e passou em um concurso público e foi trabalhar nos Correios. Ainda não se vestia como mulher.

*Só que na naquela época eu ainda não era mulher. **Era menino, normal.** Cheguei no correio e tive que fazer todo aquele ritual porque: “Eu estou em uma empresa pública, eu não sei como vai ser”. Só que assim, **naquela época eu já me aceitava gay. Já era gay.***

O encontro com a amiga lésbica e a aceitação da prima lhe permitiram a autoaceitação como gay. Mas ainda precisava firmar-se no trabalho para poder se assumir publicamente. E para sua família, pois até aquele momento, apenas a prima e alguns amigos com quem ia nas boates sabiam que gostava de homens. Por isso, ao entrar para trabalhar nos Correios, Pryscilla resolveu fazer “papel de macho”.

*Fiz isso porque na época porque fiquei com medo deles não aceitarem. Porque eu já estava começando entender esse negócio de preconceito, **do que você pode e não pode.***

No entanto, ela conheceu um rapaz no trabalho com quem se deu muito bem, o Milton. Como eram muito amigos, os demais colegas começaram a fazer chacotas continuamente, dizendo que eles eram “viados”, que transavam, etc.

Pryscilla reagiu, chegou a ter uma conversa com o encarregado, dizendo que sairia do trabalho se aquilo continuasse assim, pois estava sentindo muito incomodada, não

aguentava mais aquela gozação constante. Ela tinha receio de perder o trabalho, mas, sobretudo, tinha medo de perder o trabalho por ser identificada como gay.

*O meu medo naquela época era perder o serviço, não queria perder o serviço devido eu ser gay. Eu poderia **perder por qualquer outra coisa, menos por isso.** Eu não iria aceitar. Então eu cheguei e abri o jogo. No entanto, este meu amigo, não era nada.*

Assim, além do medo de perder a estabilidade financeira conquistada, ter o estigma de gay era algo insuportável para Pryscilla e a amedrontava, pois, ela pensava, colocaria em risco a própria sobrevivência. Mas curiosamente perder sua fonte de renda por outro motivo causava-lhe menor temor.

O chefe tomou uma atitude. Fez uma reunião e exigiu que aquilo parasse. E aí as piadas ofensivas pararam. Nestes cinco meses em que passou por essa situação, Pryscilla nunca havia participado do churrasco mensal promovido pelos colegas. Quando as piadas acabaram, ela começou a frequentar e a relação com a turma do trabalho passou a ser tranquila.

Milton, na verdade, não tinha relacionamento com homens, mas de alguma forma parecia que sim, talvez porque fosse mais feminino como ela. Ela mesma, apesar da barba, não tinha muito como disfarçar um jeito feminino. Achava que até sua voz era feminina, ainda que fosse um pouco mais grossa do que é atualmente. Pryscilla dizia que achava que Milton era gay e chegou a perguntar-lhe. Ele disse que nunca tinha se relacionado com homens, mas estava aberto à experiência, dizendo que queria “provar do doce e do amargo”. Pryscilla apresentou Milton para seus amigos e começam a frequentar as boates gays juntos. E conheceu Marcos, uma pessoa com quem se relacionou durante nove anos e com quem chegou a morar junto.

O Marcos foi seu primeiro namoro de verdade. Com ele, Pryscilla frequentava bares, cinema, casa de amigos, viajava junto. Frequentava sua casa como amigo. Depois de sete meses de relacionamento, ela resolveu que precisava contar para a família. Reuniu-se com o pai e a mãe e foi direto ao assunto.

Olha, eu tenho uma coisa pra falar, eu vou ser claro e objetivo. Sabe o Marcos? Então, o Marcos não é meu amigo, ele é mais que um amigo. Ele é meu namorado”. Meu pai ficou parado olhando.

Curiosamente, sua mãe, que antes a ajudava a esconder-se de seu pai, foi quem reagiu pior. Priscilla surpreendeu-se com a reação do pai, tranquila.

Minha mãe gritou e aquela coisa toda. E eu: “Mas porque ela está tão assim, né?” Eu pensei que meu pai iria ter uma reação assim. Vir pra cima. E minha mãe: “Como você pode?” E meu pai: “É isso que você quer para a sua vida? Faça o que você quer. Mas cuidado, porque este é um caminho perigoso. Mas como você já é de maior, então boa sorte”.

Ela ficou chocada, pois esperava uma reação violenta. Pensou que iria apanhar, que seu pai não aceitaria, que diria que tinha num filho homem, etc. No entanto, ele somente advertiu para que ela se cuidasse, pois teria de enfrentar muito preconceito. Foi assim que Priscilla entendeu o significado de ser um caminho perigoso. Já a mãe teve uma reação que a assustou: gritava, chorava, dizia que estava tudo se acabando, fez uma confusão. Mas depois a família se adaptou à situação e Marcos passou a frequentar a casa. Depois de um tempo, foram morar juntos.

No período em que moraram juntos, Priscilla foi se tornando mais feminina. Deixou o cabelo crescer, às vezes eles faziam festa e ela “se montava”.

É. Era festa, não era uma coisa para a minha vida. Eu não tinha decidido nada ainda, mas a vontade era grande.

No entanto, o relacionamento não foi muito estável. Marcos a traía muito e eles tiveram muitas brigas por isso. Em uma briga, depois de alguns anos juntos, ela anunciou pela primeira vez o desejo de se assumir mulher.

Depois de quase cinco anos de relacionamento, eu já estava nos Correios de boa. Ah, quando eu voltei a segunda vez com ele, já tínhamos uns três, quatro anos. Eu tive uma conversa com ele, eu falei com todas as letras, falei assim: “No dia em que eu te largar eu vou virar mulher. Eu sinto isso”.

Neste período, Priscilla via o relacionamento com Marcos como o único empecilho para assumir-se mulher definitivamente, já que sua estabilidade financeira estava garantida e estava bem com seus companheiros de trabalho. Depois de romperem definitivamente, ela voltou para a casa da mãe. Tinha então 33 anos. A mãe, que em um primeiro momento não tinha aceitado que Priscilla se relacionasse com homens, acabou não apenas aceitando Marcos, mas gostando dele. Quando houve o rompimento, a mãe de Priscilla ficou até triste e chateada.

Priscilla então se decidiu de uma vez.

“Vou ser mulher. Me fascina. Eu não quero mais ser gay. Eu quero ser a mulher, a trans.” Não queria ser travesti. Eu queria viver uma mulher, porque minha feminilidade era muito grande.

Acho que vivi [a transição de heterossexual para gay, de gay para travesti e de travesti para trans]. Porque quando eu me descobri gay, eu falei que eu era gay. Quando eu vivia com o Marcos eu me vestia de mulher, aquela fase pra mim foi uma fase travesti. Porque eu comecei a me maquiar, comecei a colocar vestido, salto. Peruca, porque o meu cabelo não era tão grande, então colocava um maior. No meu caso não, eu em casa uso roupas de mulher, saio como mulher, não preciso colocar vestido pra sair. Ando assim, coloco uma calça jeans, camiseta ou blusinha e sapatilha ou salto, saltinho, salto não porque já sou grande e também devido ao joelho que sofri um acidente, cai da escada.

Pryscilla diz que se sente totalmente mulher, por isso se identifica como uma mulher transexual.

[Me sinto] Mulher. Pensamento, aquela coisa assim, sensível. Se um homem não me trata bem eu fico magoada. Tanto que eu fiz laser, comecei tomar hormônio. Comecei a ter peito. Quadril que eu não tinha. Barriga também. (risos). Eu cheguei a passar por uma médica e ela falou: “Você toma muito cuidado porque é perigoso. Porque você tem hormônio masculino e está injetando hormônio feminino”.

Para ela, travestis são pessoas que se vestem como mulheres durante uma parte do tempo, mas não ficam o tempo todo como mulheres. Neste sentido, ela diz que teve uma fase travesti, pois se vestia na rua, não estava totalmente assumida como mulher.

Aí comecei deixar o cabelo. Eu era a Stephie na época. Aí eu comecei a sair, no entanto o Milton virou a Michelle. (risos). Olha isso! Então na época ele já estava um pouco avançado, já tinha cabelão, aí voltamos a sair juntos. A gente ia pra barzinho, ia pra boate. Aí eu já comecei a colocar vestido. Eu estranhava mas ao mesmo tempo pensava: “É isso”. No começo eu sentia, porque você não está habituada a se mostrar daquele jeito para a sociedade. Uma coisa é você ser um gay e uma trans. Eu ia pra casa dela, aí eu saía com ela e a gente se montava na rua. Porque não podia se montar na casa dela e nem na minha. Por causa da vizinhança. Era uma coisa meio obscura. [Tive uma pequena fase travesti para chegar a ser] Pryscilla e ser o que eu sou hoje. Foi muito engraçado. Eu conheci muita gente. Nessa época eu já estava no CTA⁸³ também, que foi uma boa ajuda. Aí eu fui, comecei a ir e gostei. Aí toda segunda-feira eu ia e comecei a entrar de cabeça.

Pryscilla disse que frequentar as reuniões do CTA por seis anos foi um processo muito importante, pois ali ela se encontrava com as outras travestis, começou a se identificar, se sentir entre iguais e finalmente passou a ser a Pryscilla.

⁸³ Pryscilla chama de CTA o mesmo local que Roberta chama de CR ou postinho, onde havia encontro de periódico de travestis, reuniões coordenadas pelo William. Pryscilla participou da pesquisa por intermediação de William. Ela conhece a Roberta Barretto do período destas reuniões.

Foi quando eu comecei a conhecer as travestis. Eu vi que era uma coisa assim, comecei a me identificar muito. Foi uma ajuda muito grande. Foi quando a Pryscilla foi incorporando. Às vezes ia maquiada. Comecei a frequentar, fazer amizade com o pessoal.

Neste mesmo período, ela frequentou um grupo de militância LGBTT e também colaborava com a Associação da Parada de Orgulho LGBTT. Afirmo que ainda se considera ativista, que “levanta a bandeira”, mas não participa mais de nenhum grupo de ativismo. Poder estar com seus pares e sua participação na militância política LGBTT foi um processo tão empoderador, que ela fez sua transformação para Pryscilla trabalhando no mesmo setor em que tinha sido ridicularizada pelos 40 colegas carteiros. No trabalho, todo mundo a trata com respeito, pois ela se impôs.

Para Pryscilla, ter a aceitação da família e dos amigos é muito importante. E o trabalho é também um fator decisivo para sentir-se bem, realizada.

Eu falo que hoje eu sou uma pessoa totalmente realizada na minha vida. Porque eu tenho respeito dos meus colegas de trabalho. Tenho uma família que me apoia. E eu tenho... Sou uma cidadã, né? Todos que me conhecem sabem quem eu sou e me respeitam. E tenho emprego digno, né?

Pryscilla mudou de setor nos Correios durante este processo de transformação corporal, mas não teve mais nenhum problema no trabalho por conta de sua identidade de gênero. Agora trabalha com 220 pessoas, a maioria homens. Ela diz que, os companheiros do setor anterior às vezes ainda a chamam pelo nome de registro, mas ela não atende, só responde se a chamam pelo nome atual. No entanto, ela não vê isso como um preconceito, apenas uma dificuldade que os colegas sentem em assimilar sua nova identidade, segundo ela, devido ao costume, pela longa convivência anterior ao nascimento da Pryscilla. Já no setor novo, ela nunca enfrentou nenhuma dificuldade. Ela já chegou como Pryscilla e assim é chamada por todo mundo. Nos Correios, ela já usa crachá com seu nome social, Pry Stephie.

Pryscilla diz que muitas pessoas, quando sabem que ela é transexual, já perguntam se ela faz programas. Ela responde com orgulho e, talvez com um viés de preconceito, que não faz programa: *Não, sou trabalhadora!*

Ela demonstra muito satisfação por não aparentar ser transexual. Ela se sente mulher e as pessoas a veem como mulher, o que a deixa muito feliz. Percebe também que é como mulher que desperta desejo nos homens e isso a deixa visivelmente contente.

Pryscilla diz que sempre tem algum homem interessado nela. Apesar disso, não tem nenhum relacionamento amoroso. Depois da decepção com Marcos, diz que não pretende morar junto novamente, mas gostaria de ter um namorado, até se casaria novamente, mas morando em casas separadas. Enfim, ela gostaria de ter um relacionamento estável, mas diz que não está fácil de encontrar quem valha a pena.

Essa felicidade se quebra quando tem de apresentar seus documentos em qualquer situação. Como Pryscilla, o seu maior problema, talvez o único grande problema, é ainda ter um nome masculino nos seus documentos. Ela diz que se sente constrangida por seus documentos não condizerem com sua aparência e seu sentimento. Ela diz que, por ser uma militante, sempre cuida da saúde, se previne e usa sempre camisinha. Mas chega a deixar de ir ao médico pelo constrangimento de ser chamada por um nome masculino. Acontece com muita frequência de ser chamada pelo nome de registro e ela ter de se apresentar como mulher.

Relata também ter um certo desconforto com o fato de ter pênis. Não fica nua na frente de outras mulheres, mas usa o banheiro feminino. E, às vezes, ter pênis lhe cria um certo embaraço quando está flertando com alguém. Ela conta logo. Alguns duvidam que ela seja transexual, o que ela conta com uma indisfarçável satisfação. Alguns poucos, raros mesmo, se chocam. Mas na maioria dos casos fica tudo bem.

Ela não pensa em fazer a cirurgia, mas não apenas porque algumas pessoas que conhece não ficaram satisfeitas com o resultado. O outro motivo é que a maioria dos homens com quem sai – 9 entre 10, ela conta -, quer ser penetrado por ela. Pryscilla, por gosto próprio, não penetraria seus parceiros, mas o faz para satisfazê-los. Ela tem um pouco de vergonha, a primeira vez foi difícil, mas agora não se incomoda mais.

Tem um mesmo que eu saio com ele, você olha assim e não acredita. E ele adora fazer um boquete. Ele adora! Mas você olha, às vezes fico olhando e penso: “Meu Deus, eu não acredito”. Não dá pra acreditar, mas é verdade. Não [acho ruim]. Acho interessante. [Mas] Prazer mesmo... [é dar]. Dar pra mim é tudo!

Ela é uma mulher. Ela tem um pênis, mas e daí? Ela está feliz e realizada. Ela é mulher.

3.2.6. Da casinha de cachorro para o grande amor na rua – a história de Sharon Pinheiro

A história de Sharon Pinheiro começa no dia 01 de julho de 1991, numa pequena cidade do interior de São Paulo. É a caçula de três irmãos: um garoto é o mais velho e uma menina é a filha do meio. Sua família é muito pobre. Ainda bem pequena a família se muda para outra cidade da mesma região, onde ela vai morar em uma fazenda, numa área rural bem distante da cidade.

Nesta cidade, ela cursa que era chamado de jardim da infância, um período anterior ao pré-primário, hoje Educação Infantil. Desde essa época, Sharon já sente atração por meninos e por brincadeiras “de meninas”.

Só que já tinha aquele desejo de..., né?! Por outros meninos. Desde criança. Pegava a calcinha da minha mãe, vestia a calcinha da minha mãe. Eu ia no jardim de infância ainda. No jardim de infância tinha aquelas brincadeiras que a professora botava fazendinha para os meninos e a casinha de maquiagem para as meninas. Eu não ia na fazendinha, eu ia me maquiar. Eu e um amigo meu. Ficava todo maquiado. Hoje ele continua como homem, né!? Mas continua meu amigo até hoje também. Nós dois “entrava” na casinha junto com as meninas. As meninas deixavam um pouquinho. A gente ficava lá dentro passando batom, tudo.

Nesta época, não havia nenhum problema em brincar com as meninas, com brinquedos de menina. As demais crianças encaravam essa diferença normalmente e a professora não os reprimia e nem comentou com os pais dela sobre essas brincadeiras.

Quando tinha cerca de seis anos de idade, seus pais resolveram voltar para a cidade onde Sharon nasceu, pois a pobreza era extrema, tanto que a família voltou a pé para a cidade onde Sharon nasceu.

Esse tempo foi quando a gente estava em [cidade próxima à de nascimento], aí depois eu lembro que quando a gente voltou para [nome da cidade de origem], a gente voltou a pé. Meu pai levou a gente a pé. No meio do caminho tinha um “tubo” que descia água. Falamos: “Ai pai, tá um calor!” Aí ele disse: “Então entrem naquela água um pouco.” Aí a gente entrou naquele “tubo” de água. Começamos nadar, eu e meus irmãos brincando. Acho que eu tinha uns seis anos de idade.

De volta à cidade natal dela, seus pais ocuparam um terreno abandonado em uma favela, onde havia muito lixo. Seu pai limpou o terreno e construiu um barraquinho de madeira. Depois de um tempo, conseguiram a propriedade do terreno. Segundo Sharon,

eles vivem até hoje neste local, mas atualmente a casa é de alvenaria, muito boa e bem grande.

Quando Sharon tinha cerca de sete anos, seu pai começou a perceber que ela tinha um jeito mais afeminado e ela sentia que havia uma reprovação. Um dia, chegando do trabalho, ele a encontrou dançando atrás do barraco onde moravam. Estava vestida apenas com uma calcinha da mãe e rebolava, imitando uma dançarina de um grupo musical famoso à época. Neste dia, por causa disso, o pai lhe deu uma surra e a mãe, ao chegar, também a surrou. Ambos a surraram com fios elétricos⁸⁴.

Ah, [meu pai] falou que eu era homem, que eu não podia fazer aquilo. Só que eu não entendi nada.

Apesar da “explicação” do pai, Sharon não entendeu o motivo das surras. E daí por diante começou a apanhar mais.

Porque aí também eu fui crescendo, mostrando mais o meu jeito afeminado. Fui mostrando interesse por programas mais femininos do que masculinos da televisão. Meu irmão queria assistir futebol e eu Chiquititas (risos). Era assim, mais essas coisas. Entendeu? Aí eu acho que meu pai também começou a perceber, na televisão quando apareciam os homens de sunga eu ficava mais “assim”. Desde pequenininha. Entendeu?

Por causa dessa diferença que começou a se manifestar em relação ao irmão e aos colegas, foi sofrendo agressões diversas, tanto da família, quanto dos amigos e na escola.

Na escola... Ia! Sofri nesse período, foi quando começou esse meu jeito afeminado. Aí tinha gente que conversava comigo, tinha gente que não conversava. Tinha uns que me chamavam de “viadinho”.

Era sistematicamente excluída das brincadeiras. Na escola, família, além das surras, passou por humilhações extremas. Seu pai e seu irmão a levaram para pescar e, no meio do mato, deram para Sharon uma pimenta para comer, dizendo que era gostoso. Sharon sentiu que essa agressão só ocorreu porque ela se comportava de forma diferente do que era esperado, por ter cada vez mais trejeitos femininos. Ela vislumbrou no rosto do seu pai a marca do preconceito.

Outras violências pelas quais passou podem não se relacionar com sua aparência feminina, como no dia em que seu irmão e sua irmã lhe deram cocô para comer como se

⁸⁴ A cena dessa violência será descrita e analisada no capítulo 4.

fosse chocolate. Ela relaciona essas crueldades à sua feminilização, pois todas ocorreram quando ela tinha nove anos:

[Aos nove anos] Eu já rebolava, já dançava.

São diversos relatos de quando era chamada, na família e na escola, de “viadinho”, “bicha”, etc. Todos da mesma época.

É, eu já ouvia que eu era um “viadinho” [desde pequeno]. Meu irmão também, a partir de uma idade quando começou a bater de frente, já falava: “Eu não quero um irmão “viado”! De jeito nenhum!”

Aí eu fui crescendo, percebendo a diferença entre os irmãos, comecei a ficar uma criança problemática na escola. Não queria mais saber de estudar. Entendeu?

Sharon começou a se sentir isolada. Não queria ficar perto de ninguém. Seu principal passatempo no período era brincar de boneca às escondidas. Roubava as bonecas da irmã para brincar. Sozinha

Sharon conta que vestiu sua primeira saia e se assumiu de vez aos 12 anos. Até então, ela não sabia o que era realmente uma travesti.

*Eu nem sabia o que era ser uma travesti Não tinha nem ideia. Porque o mundo que eu vivia era totalmente “assim” [tradicional, fechado]. Era na cidade. Mas convivi só com o povo dali. Dali, entendeu? Então não tinha nem ideia. Até mesmo na televisão, eu via “bicha” se apresentando, mas para mim aquilo ali era só uma encenação. Não tinha ideia do que era aquilo, que elas eram travesti mesmo. Eram mulheres transexuais, entendeu? Iam só se apresentar ali e pronto. E acabou, tirava a roupa e voltava ao normal. Como se fosse um palhaço pintado. **Aquilo era um palhaço para mim.** Entendeu?*

Sharon identificava as poucas travestis que viu na televisão apenas como artistas, não como pessoas que se sentiam femininas. Mas do que artistas, ela também os via de forma ridícula, como palhaços. E ela mesma não se sentia aceita, porque se sentia feminina e por ter atração por homens. Sharon conversava sobre isso apenas com a Margarida, uma mulher mais velha, com seus 40 anos, e que era sua vizinha. Justamente um cunhado de Margarida se relacionava amorosamente com Anne Márcia, a travesti que procurou Sharon. A cena do encontro de Sharon com Anne Márcia é muito emblemática. Trata-se da primeira vez em que ela vê uma travesti em pessoa.

*Estava na minha rua, na esquina da rua em frente ao Centro Comunitário, sentada na calçada, brincando.. **Era noite. Eu estava brincando na rua.** Estava jogando pedrinha. Aquelas de pega e joga, sabe? **E sozinha, como sempre.** A gente só brincava a noite, porque de dia ia para a escola e depois para a outra, eram duas escolas que a gente*

estudava. Ela [travesti] veio da curva debaixo do estradão. Ai, **eu vi uma coisa louca chegando** (risos). Aí ela veio como se já me conhecesse. [Ela veio me procurar porque] Falaram de mim pra ela. É, porque uma pessoa que eu tinha amizade, que gostava muito de mim também, que sabia, que era uma das únicas que eu me abria. Eu falava pra ela mesmo que eu gostava de homem. Era a Margarida, uma vizinha minha que morava lá. Era uma pessoa adulta. E ela tinha um cunhado dela que era envolvido com essa travesti. “Você é a Cleiton?” “A” Cleiton, ela falou. Deu pra ver que era um homem. Que era uma travesti. [Nunca tinha visto uma travesti] **Na minha frente assim, não.** [Quando vi ela vindo] **Eu vi uma coisa que eu queria ser.** “Eu sou uma mulher”, entendeu? Mas **ao mesmo tempo eu fiquei** com aquela coisa, sabe? **Meio assim.** Aí foi onde eu conheci aquela travesti com estilo bem afeminada. “[Cleiton] Sou eu.” “Minha cunhada falou de você. Que você é assim e assado! Que você é afeminado. Você já pensou em começar a tomar hormônio?” “**Você é bonita, por que você não começa a se hormonizar?**” Aí eu: “O que é isso?”. Já foi começando a me explicar. “Tomar o hormônio é pra você ficar mais menina.”. “Olha, eu tenho vontade”. “E onde eu consigo isso?” “Na farmácia.” Ela pegou e me explicou, me deu uns para tomar. **Comecei a tomar escondido.** Ela falava: “Você não é assim, você é travesti”, foi quando **ela acabou me batizando de Cilene.**

Sharon se identifica com Márcia, sente confiança e começa a aprender a ser travesti com ela.

*Aí, eu comecei a usar a minha primeira saia. Ela começou a me mostrar como virava mulher, entendeu? **Como se comportar como uma mulher.** Já fui pegando confiança logo, entendeu? Porque foi uma coisa que eu já fui me identificando com ela. Não tinha ninguém para conversar sobre isso, a não ser a Margarida, mas a Margarida não sabia falar bem sobre isso. Ela era uma mulher, não era uma travesti. Aí a Márcia veio e começou a me explicar. Amiguíssima, por muito tempo. Acho que uns dois, três anos ali, naquela cidade. O marido dela depois de um tempo acabou falecendo. É uma pessoa que faz muita falta pra mim também. O marido, que faleceu.*

Ao vestir saia pela primeira vez, Sharon resolve se assumir para seus pais. Com isso, ela acaba sendo expulsa da casa deles. Eles a alojam em um barraquinho de madeira no fundo do quintal, excluindo-a da convivência com a família.

*Aí depois disso eu acabei assumindo para meu pai e minha mãe. Foi um grande preconceito. Daí separaram um quartinho pra mim. Me separaram de todos, tiraram eu do meu quarto, me tiraram da convivência da casa. Separaram um quartinho nos fundos pra mim. Aí meu quartinho não tinha nem cozinha e nem banheiro. Tinha que tomar banho de balde. Não podia usar o banheiro da casa. Nem cozinha, nada! Tinha um colchão. E quando chovia molhava tudo dentro do quarto, porque era um quartinho de madeira. Colocava algumas cobertas nas aberturas para não entrar vento. Ficava com aquelas coisas, **parecendo uma casinha de cachorro.***

Pouco depois, Sharon, então Cilene, passa a se prostituir. Para isso, teve de disputar espaço com as demais travestis, que também se prostituíam.

Aí foi onde também que ao passar dos anos, já estava formada. Comecei a descer a avenida para poder ir trabalhar. Aí onde tinham duas “bichas”: Jennifer e Leyla. Onde a Márcia já tinha me falado antes: “Olha, quando você começar a se prostituir. Se prostitua, mas tem uma coisa, chegou na avenida você tem que dar o nome. Se alguém

erguer a mão para você, você ergue. “Aí eu desci para trabalhar na [nome da avenida], é uma avenida que tem lá na cidade. E realmente, quando cheguei lá, acho que por eu ser novinha, aquela “bichinha” toda bonitinha, parecendo uma florzinha, uma menininha, né? As “bichas” já eram mais velhas, quiseram bater em mim e me tiraram de lá para não trabalhar. Aí foi onde eu tive que pegar e pular pra cima das duas. Foi onde passou a polícia, acabou levando todo mundo para o “xilindró” (risos). [A gente estava] No “maior pau.” Brigando pra ver quem iria ficar ali para trabalhar. As duas contra mim. Eu fiquei toda estourada. Era uma menininha! Tudo [isso] com 12 [anos].

Daí a polícia levou, como eu era “de menor”, né? Chamou meu pai e minha mãe. Foi onde que acabou expandindo esse “babado”⁸⁵, que eu estava me travestindo e descendo [para a avenida] como prostituta. Até então era escondido.

Quando os pais tomam conhecimento de que Sharon está se prostituindo, eles são obrigados a levá-la a uma psicóloga. Mas não contam a ela que Sharon está morando no quintal, na casinha de madeira. Ela achava seus encontros com a psicóloga muito infantis, pois tinha de ficar fazendo desenhos. E no fundo, sentia-se melhor na casinha, sozinha, pois tinha liberdade para ser o que queria ser, sem ter de ficar se submetendo à ridicularização e humilhação cotidianas que sofria em casa.

Sharon teve de brigar com muitos clientes, que faziam o programa, mas não queriam pagá-la, porque era muito criança. Sofreu inclusive ameaça de morte de um cliente que não queria pagá-la, livrando-se ao empurrá-lo de um barranco e sair correndo. Mas conseguiu se afirmar como prostituta e começou a ganhar algum dinheiro.

Quando começou a fazer dinheiro com a prostituição, Sharon começou a ajudar em casa. Comprou celular e microondas para a mãe, então foi levada de volta para morar com o restante da família. Por causa do seu dinheiro, começou a ser tratada com dignidade. Ao ter dinheiro e ajudar a família pobre tornou-se um motivo de aceitação, não importando mais a estranheza que causava por ser travesti, sua feminilização já não ofendia tanto assim a família. Mas para Sharon, trata-se de apenas de interesse e de uma grande falsidade, não de afeto.

É, começaram falar até “Eu te amo, meu filho”. Foi aquela coisa que nem quando eu era criança eu tinha ouvido falar. Eles começaram a me amar.

A escola, porém, tornara-se um verdadeiro inferno, ela passara a ser ofendida todos os dias, praticamente o tempo todo. Então, aos 12 anos de idade, abandonou a escola.

⁸⁵ **Babado:** pode ser um boato, uma intriga, um mexerico ou fofoca sobre assunto polêmico. Também pode significar situação difícil, constrangedora ou violenta.

*Eu gostava de estudar. Adorava ir à escola. Mas não dava. Era insuportável. O tempo todo. Jogavam papelzinho na minha cabeça. Eram quase todos. [Xingavam] de “viadinho”. Até mesmo quando eu entrava na escola, eu já pegava e saía. Pulava o muro da escola. Não queria ficar de jeito nenhum. Eu não queria ir. Na escola não teve agressões físicas. [Era os] Xingamentos mesmo. Me incomodavam. Na hora de comer eu ficava sozinho no recreio. Nem as meninas, nem os meninos [ficavam comigo]. **Era coisa do interior. Aquela coisa “caipirona”. Igual eu falei pra você, na cidade eram só quatro travesti só.***

Porque na cidade só havia quatro travestis, incluindo ela, Sharon tem a percepção de que sua forma de ser, considerada diferente, fazia com que as demais pessoas a estranhassem e hostilizassem. Esse estranhamento a estigmatizava.

Sair da escola a fez perder a oportunidade de dançar profissionalmente. Sharon, desde os sete anos, participava de um projeto social que conheceu no centro comunitário onde estudava. Seu pai queria que ela fizesse futebol, mas ela preferia a dança.

Eu fiz Balé Clássico. Depois do Balé Clássico eu passei pro Balé Russo. Foi no Conservatório Integrado de [nome da cidade] também. Nesse tempo meu pai queria que eu jogasse futebol, mas eu não queria jogar futebol. Aí eu acabei conhecendo o projeto no centro comunitário onde eu estudava, que dava esse curso de dança. A professora falou: “Por que você não vai aprender academia?” E me deu uma bolsa na academia. Aí eu comecei a estudar com ela. No Ballet Russo. Fiquei 10 anos ali na academia. Aí por conta da prostituição eu acabei parando [por ter ido se prostituir em São Paulo]. Mesmo entre “trancos e barrancos”, eu estava ali lutando. E ela [a professora] falando da escola, que eu não queria mais. Ela falava: “Volta a estudar porque vai ter um projeto que vão abrir vagas para um curso técnico de dança pra você fazer.” “Eu não quero mais ir pra escola, tia Geni.” Eu não queria. “Eu não quero ir pra escola, tia Geni.” “Mas você vai perder essa oportunidade?” E eu realmente perdi. As pessoas que faziam comigo estão todas formadas. Conversei com eles no Face [Facebook], são todos professores hoje de dança, trabalham na área. E é uma coisa que eu poderia ter feito também.

Sharon abandonou a dança com cerca de 17 anos. Aos 18 anos, talvez por ter-se percebido tratada de forma melhor ao ter dinheiro, resolveu mudar-se para São Paulo onde imaginava que ganharia muito dinheiro se prostituindo. Mas não foi o que aconteceu. Sharon conta, rindo, que em São Paulo ela acabou ficando “ainda mais fodida”.

Sharon veio para São Paulo com uma outra mulher de sua cidade que pouco conhecia. Não tinha onde ficar, não conheciam a cidade. Foram para uma casa na periferia da Zona Leste, onde a mulher tinha alguns conhecidos. Já na primeira noite, Sharon passou por problemas, com algumas pessoas desta casa perseguindo-a e tentando roubá-la. Ela

fugiu e, depois de algumas dificuldades, foi para o centro da cidade, percorrendo mais de 20 quilômetros a pé.

Encontrou na Praça das Bandeiras um grupo de “bichas” moradoras de rua, que a acolheram e mostraram-lhe onde poderia trabalhar como prostituta. Ela, então, já morando na rua, começou a se prostituir na região Estação da Luz, também na região central da cidade. Lá encontrou muita dificuldade, pois havia muitos usuários de drogas, que tentaram roubá-la várias vezes.

Como estava meio perdida na cidade, acompanhava quem quer que lhe desse alguma dica, alguma informação que lhe parecesse com alguma oportunidade de sobrevivência. Assim, depois de um ano em São Paulo, acompanhou uma travesti que lhe disse que a área de prostituição na avenida Cruzeiro do Sul era um bom lugar para trabalhar. Ela resolveu tentar a sorte.

Ah, foi uma “bicha” que me levou também. Porque como eu estava na rua, qualquer um que pagasse na mão e dissesse: “Vamos ali”, eu ia. “Vamos ali que é bom”, ou que fosse pra ganhar dinheiro: “Vamos”! É, eu ia. Embarcava de cabeça. Porque eu precisava de dinheiro. Agora eu já tenho outras fontes. Pessoas que me ajudam também, entendeu? Mas quando eu cheguei foi a minha única saída. A prostituição mesmo. Era a única coisa que eu sabia fazer na verdade. Né, menina!?

Lá, sofreu um ataque de um grupo de *skinheads*⁸⁶ que a cercaram e bateram nela a pauladas. Ficou quinze dias internada na Santa Casa, pois teve fraturas no crânio e muitos ferimentos. Ela mostra muitas cicatrizes desse episódio violento. Para ela, foi muito difícil superar esse momento, o que ela chama de “babado”⁸⁷.

Eu caí na base da paulada. Com um monte de pauladas na cabeça, no corpo. Fiquei ali desmaiada. Fui acordar na Santa Casa. Que foi “babado”, mulher, pra mim. Pra me recuperar. Eu fiquei duas semanas internada por conta dos ferimentos. Mas eu não queria ficar internada. Falava: “Pelo amor de Deus, quero sair daqui”. Entendeu? O médico não deixava. Os médicos falavam: “Você não pode sair agora”. No meio raio X dava algumas rachaduras no crânio. Até hoje eu sinto umas pontadas na cabeça. Isso daqui [mostrando uma cicatriz] foi por conta daquele dia também.

⁸⁶ **Skinheads:** Subcultura originária dos jovens da classe operária no Reino Unido no final dos anos 1960 e, mais tarde, espalhada para o resto do mundo. São chamados desta forma por cortarem o cabelo rente e se parecerem carecas. A moda *skinhead* apresenta um estilo particular de se vestir, o culto à virilidade, ao futebol e à bebidas. A cultura *skinhead* é também ligada à música. No Brasil, o termo comumente designa grupos de jovens que têm o cabelo raspado e que agredem com violência pessoas LGBTT, negras, prostitutas, entre outras.

⁸⁷ **Babado:** pode ser um boato, uma intriga, um mexerico ou fofoca sobre assunto polêmico. Também pode significar situação difícil, constrangedora ou violenta.

Depois de sair do hospital, ela voltou a encontrar as “bichas” da Praça das Bandeiras, as que a acolheram logo que ela chegou. Só então, por intermédio delas, descobre que as ruas da região da Cruzeiro do Sul são muito perigosas para quem faz pista sozinha, ou seja, não trabalha para alguma cafetina que domine a área. Mas ela conta que estava trabalhando fora da área das cafetinas e, talvez, por isso mesmo também não contava com proteção, ficando mais exposta à violência dos crimes de ódio do tipo cometido por *skinheads*.

Ah, eu voltei para perto das Bandeiras e peguei as “bichas”: “Nossa, quanto tempo!” Aí eu expliquei pra elas o que havia acontecido. Elas ficaram “passadas”. “Você é louca “bicha”, de querer ir lá justo de madrugada ainda.” Porque lá para as “bichas” é perigoso, ah não ser que você trabalhe. Foi onde eu conheci uma cafetina que trabalhava ali, só que tinha uma rua que era dela. O lugar onde eu estava exclusive não era uma rua dela fazer prostituição.

Depois, então, uma amiga a levou para trabalhar para uma cafetina dessa mesma região, a Monique. Ficou lá por um tempo, mas depois achou que não era necessário ter uma cafetina para trabalhar, pois tinha de pagar uma diária alta para ela (vinte reais). Neste período em que ficou na casa de Monique, ela se envolveu com drogas. Cheirava e bebia na rua, o que ela chamou de balada.

Comecei a me envolver muito na balada. Daí não vou mentir. Comecei usar cocaína sim. Até ela falava, quando ela via a na balada, que ela passava na avenida e via que a gente estava bebendo e estava cheirado. Pegava e falava: “Ah, você tá com dinheiro, já fez o dinheiro pra cheirar? Fez dinheiro pra beber? Então você também já fez o dinheiro da diária. Então vão pagar três diárias adiantadas.” Aí a gente tinha que dar a diária adiantada pra ela. Se não, era “babado” quando a gente chegava em casa. O “pau comia.”

Ela conta que, se não pagassem a diária, Monique batia nelas. Relatou, inclusive, que presenciou uma cena de violência contra outra travesti, que não havia conseguido pagar o empréstimo que a cafetina havia feito para que ela colocasse a prótese de peito. Monique cortou o peito da travesti e não deixou ninguém chegar perto dela para ajudar. Esse episódio deixou Sharon muito assustada, muito chocada.

Por trás dessas cafetinas tem uma má fé muito grande, né mulher? A gente pensa que é só elas ali, mas não é. Tem que ficar esperta. Tem cafetina boa, né mulher? Eu também nunca esperava isso da Monique quando eu via ela. Nunca esperaria isso dela. Sabe, mulher? Mas na hora que eu vi isso, eu tremi na base. Ela era uma pessoa maravilhosa.

Sharon saiu da casa de Monique e passou a roubar as “mariconas”⁸⁸, nome que ela dá aos clientes afeminados. Foi presa “por 57”, que é o número do código penal para assalto a mão armada. Sharon assaltava os clientes com uma faca, mas foi pega em flagrante. Ao ser presa, uma amiga “de rua”, que trabalhava fazendo pista como ela, prometeu ajudá-la.

É. Que quando eu fui presa ela foi lá no DP, [Mirella] olhou na minha cara chorando na frente da cela, eu presa na cadeia, ela olhou na minha cara: “Amiga, você tem uma amiga aqui fora. Vou te ajudar.” Eu nem poderia imaginar que tivesse uma amiga assim aqui fora. Aí ela correu atrás e me tirou da cadeia.

Mirella, inclusive, chegou a ligar para os pais de Sharon, mas eles não quiseram ajudá-la.

Ao sair da cadeia, Sharon decidiu tomar outro rumo na vida. Foi morar em um albergue e tentou trabalhar numa cooperativa de reciclagem, mas ganhava somente R\$ 200,00 por mês, o que é insuficiente para viver. Estava acostumada a ganhar mais na prostituição, mas não queria mais essa vida.

Depois que saiu da prostituição, foi morar na rua ou em albergues porque não consegue fonte de renda para pagar um local para morar. Sharon relata que existe um albergue chamado de Portal do Futuro⁸⁹, que é específico para acolher pessoas LGBTT. Ela conta que há alguns outros albergues em que as travestis podem dormir no quarto das mulheres, mas na maioria deles, as travestis tem de dormir no quarto com homens. Nestes casos, elas sofrem bastante discriminação, além de abusos sexuais.

Tudo no meio dos homens. Tem uns que são abusados e passam a mão na gente antes de dormir. Outros que querem agredir. Mostram o ódio na cara. Bastante! Mostra o ódio na cara. Mostra que não gosta de “viado”. Entendeu? Tem uns até que falam, começam a xingar. A gente fica até com medo de sair do portão pra fora ou até mesmo de dormir no próprio equipamento.

Há um ano, conheceu seu marido no cinema, numa sessão feita para moradores de rua. Apaixonaram-se e desde estão morando na rua, para poderem viver juntos. Estão providenciando a documentação para que possam se casar no cartório. Sharon adverte que, mesmo sendo casada agora, ainda sofre preconceito. E até violência física.

⁸⁸ **Maricona:** termo pejorativo utilizado para homem que faz programa com travesti ou gay. Também utilizado para ridicularizar homem afeminado ou homossexual.

⁸⁹ Centro de Acolhida oferecido pela Prefeitura Municipal de São Paulo para pessoas que não tem onde dormir.

Só que a gente sofre preconceito ainda, viu. Tem bastante gente que te olha feio. Tem pessoa que xinga. Melhorou bastante. O povo respeita. Tipo assim, melhor uma “bicha” casada do que uma “bicha” solteira. Acho que o pessoal vê de outra forma, entende? : É melhor estar casada do que ser uma prostituta, eu acho. Mas melhorou bastante. Mas sinto que tem pessoas “desrespeitadas”. Que mostram preconceito.

Já tem pessoas que agrediu ele. Um pouquinho que eu sai de perto, quando eu voltei ele tinha levado uma facada na cabeça. Por conta de ser homossexual. São os próprios moradores de rua. Tem muitos moradores de rua que não aceitam [travesti e homossexual]. A gente anda mais sozinho por conta disso. Por conta do preconceito. E tem muitos moradores de rua homossexuais que armam ciladas pra gente. Até os próprios homossexuais que armam ciladas para os outros. Acho que por “recalque” de ver que a pessoa está correndo atrás de alguma coisa. Sei lá.

Sharon diz, assim, que entre os mais desvalidos, iguais na miséria e na exclusão social, ainda há uma hierarquia. Todos são miseráveis. Mas ser miserável e travesti é ser ainda mais miserável. Sharon também percebe que ser miserável e ser casada significa ser menos excluída do que ser miserável, travesti e prostituta.

Hoje Sharon vive da venda de bijuterias. Frequenta serviços sociais oferecidos por ONGs para pessoas LGBTT, onde a conversa ocorreu. Lá ela participa de atividades culturais e de entretenimento. Algumas vezes, ela e seu marido vão para lá apenas para passar o tempo e estar com outras pessoas. Ela tem Facebook e mantém contato com quase todos os colegas de escola da infância e do curso de dança. Considera-os amigos.

Sharon diz que, de todas as violências que sofreu nos 10 anos em que vive como travesti, a pior de todas, a que dói mais, ainda é a rejeição da família.

Pela rejeição. As agressões que eu tive que enfrentar na sociedade não doeu tanto porque quando eu botei uma saia eu sabia que teria que passar por tudo isso. Mas agora, ser rejeitado pela família eu não esperava.

No dia da entrevista, fazia seis meses que Sharon havia descoberto que é portadora do vírus HIV. Seu marido não tinha o vírus quando começaram a viver juntos e ela mesma não sabia que vivia com o HIV, pois havia feito um teste anteriormente e tinha dado negativo. Quando ela descobriu ser portadora do HIV, eles começaram a ter relações sexuais com camisinha (antes, não usavam). Mas há algum tempo, ele resolveu que queria ter o vírus para ser igual a ela. E desde então, não usam mais camisinha. Ele agora também está contaminado.

3.2.7. Ela não quer homenagens, quer a cidadania para todas as travestis – a história de Iara Pereira

A história de Iara Pereira começa em 8 de outubro de 1975. Iara nasceu em uma pequena cidade que fica na divisa entre Rio Grande do Norte e Paraíba, mas veio ainda bebê de colo para uma cidade do interior paulista, mas não muito distante da capital. Os pais vieram em busca de uma vida melhor. Quando migraram para São Paulo, tinham quatro filhos, Iara era a caçula. Já em terras paulistas, tiveram mais dois filhos. Então, Iara tem seis irmãos e irmãs. Quando Iara tinha completado a 4ª série do antigo primário, atual Ensino Fundamental I, sua família mudou-se para outra cidade do interior paulista, maior e com mais oportunidades de trabalho. Iara sente-se mais ligada a esta última cidade do que qualquer outra em que já viveu, mesmo morando e trabalhando na capital paulista já há quatro anos.

Logo que migrou, sua família passou por muitas dificuldades financeiras. O pai e a mãe trabalhavam fora, mas mesmo assim Iara se lembra de terem passado muita necessidade, de não terem o que comer em muitas oportunidades.

O pai de Iara teve muito problema com alcoolismo, frequentava bares, tinha outras mulheres. O problema do alcoolismo do pai era recorrente. Foi constante até a família se converter e se tornar evangélica, quando ele parou por algum tempo. Porém, mesmo depois de convertido, passou por várias recaídas. O alcoolismo dele foi uma constante na vida da família, com interrupções temporárias. Por conta deste problema do pai, era a mãe quem sustentava mais a família. Ela trabalhava muito e, por isso, ficava pouco tempo com os filhos e as filhas.

Iara não brincava muito na rua, porque ajudava mais em casa, lavando louça, limpando a casa. Também não sentia muito atração por algumas brincadeiras. Gostava mais das que eram em grupo, em que meninas e meninos brincavam juntos, mas tinha pouca atração por brincadeiras com bola, como jogo de taco, vôlei ou futebol.

Lembra-se de que gostava muito da escola, chorava se, por algum motivo, era obrigada a faltar. Foi uma aluna mediana, nunca foi muito mal, nem tirava notas altíssimas. Também não se lembra, durante o período em que estudou no primário, de nenhum episódio ruim pelo qual tenha passado. O que Iara não gostava mesmo era de ver outras crianças brigando entre si.

Lembra que, em casa, os irmãos às vezes chamavam-na de “viadinho” ou “bicha” e que, nestes casos, a mãe a defendia. A mãe defendia todos os filhos e filhas, na verdade, mas com ela havia uma proteção um pouco maior. Por outro lado, era da mãe que Iara apanhava mais. Em um episódio que a marcou, Iara apanhou debaixo do chuveiro por uma arte de criança. Apesar dos machucados nas costas e de a mãe ter cuidado deles depois, Iara sente que foi muito mais doído emocionalmente, foi muito pesado para ela.

Inicialmente, Iara não tem muita recordação de ter sido ofendida na rua ou na escola enquanto morava na primeira cidade do interior paulista para onde se mudaram. Recorda-se de uma brincadeira de esconde-esconde no escuro, em que, muito pequena ainda, ficou dentro de um armário com um amiguinho mais velho, que pediu que ela lhe chupasse o pênis. Lembra-se de não atender ao pedido e de ter mordido o garoto, que gritou. Esse episódio lhe traz outras recordações, desperta memórias.

Na verdade, Iara passou por várias situações em que era chamada “viadinho” e “bichinha” na escola, tanto que um amigo muito próximo, para ajudá-la a se desvencilhar desse estigma, tentou fazê-la jogar futebol com os meninos, empurrando-a para a quadra, mas a tentativa dele não deu certo, porque ela não sabia e não queria jogar futebol.

Ele veio agora no sentido mesmo que as outras pessoas falavam que eu era “bicha”. E de repente ele não queria que eu fosse e queria me ajudar. No sentido de mostrar: “Não, ele não é “bicha””.

Iara sempre foi feminina. Sua mãe sempre dizia para seu pai, quando ela era criança, que ela não podia fazer serviço pesado, não tinha nascido para isso, mas Iara nunca foi frágil fisicamente. Lembra-se de que, aos sete anos, queria ficar com os meninos que se interessavam por sua irmã mais velha. Na época, ela entendia que sentia atração por eles, mas hoje acha que queria ser cortejada, queria ter a atenção deles.

Os meninos queriam ficar com ela e eu queria ficar com os meninos. E eu não entendia porque eles não queriam ficar comigo e queriam ficar com ela. Entendeu? Então, hoje eu me questiono [se sentia atração por eles], na época sim. Hoje eu me questiono assim, se eu sentia atração pelos meninos, ou eu queria ter a oportunidade de ser cortejada por eles. Ser paquerada.

Iara tinha sete anos quando teve sua primeira relação sexual. Foi com um garoto de uns 14 anos, vizinho da família. Não houve um abuso sexual, pois foi Iara que o seduziu, insistiu mesmo para ficar com ele.

Eu lembro de a gente brincar. Eu não consigo ter certeza de ter penetração ou não, mas eu lembro de a gente ter um ato sexual ali, que me marcou a ponto de, na minha cabeça, eu ter quase certeza de que ele chegou a me penetrar. E eu lembro de ter chupado ele também. [Não posso] Falar: “Ah, eu lembro o prazer que eu senti”. Não. [Não posso dizer que] “Lembro que eu senti dor”. Não. Creio que dor não, se não teria marcado. Entendeu? Não vejo nada de excepcional nele ou neste ato. Além da única coisa que eu disse pra você que eu consigo me lembrar, que é o cheiro.

Quando se mudaram para a outra cidade, lembra-se de ter feito, a partir de 12 anos, parte dos Patrulheiros, uma espécie de programa para menores carentes que, em tese, daria uma formação para que eles pudessem ter uma inserção no mercado de trabalho. Na prática, eles trabalhavam mesmo como *Office boys* e não havia nenhum tipo de formação, mas ela fez todo o programa, até completar os 18 anos, e depois foi trabalhar em um escritório de prótese dentária.

Depois da primeira relação sexual, aos sete anos, Iara acabou tendo relações sexuais com seus primos, depois de seus pais terem se mudado de cidade. Quando tinha seus 13 anos, lembra-se de um episódio em que um dos primos, com quem tinha tido relações sexuais, contou para os outros. A história chegou aos ouvidos de sua avó, que contou para seu filho, o pai de Iara. Ele veio lhe tirar satisfações, chegou a levantar a mão para bater em Iara, mas a mãe, segurando a mão dele, impediu-o. Ela passou a ter vários relacionamentos sexuais com homens, mas quando entrou para a igreja, parou.

Neste período, as gozações na escola eram mais frequentes. Iara nunca suportou ser chamada de gay, isso a fazia sofrer de forma muito intensa.

Na escola, neste período, ela não se via de uma forma feminina, mas as outras pessoas sim. Tanto que ela queria provar que não era feminina, que não era gay, que “era homem”. E se esforçava muito para ficar com garotas e provar sua masculinidade dessa forma.

“Mas gente, eu não posso. Eu tenho que ser homem. Tenho que ser homem”. Era só isso. E a única forma que eu conseguia provar era ficar com uma menina, arranjar uma namorada pra provar que eu era homem.

Com esta intenção, teve uma namorada por uns seis meses, mas não havia atração física, não “rolava química”. Chegou, inclusive, a tentar ter relação sexual com ela, mas não deu certo. Mesmo tendo namorada, as gozações na escola sobre sua feminilidade aparente não cessavam. Isso a incomodava.

Frequentando a igreja ela conseguiu apaziguar um pouco estes sentimentos.

Então, eu não desencanei. Eu fiquei tentando provar, até que, meus pais iam pra igreja, o pessoal ia pra igreja. Falei: “Pronto, este é o caminho a verdade, a vida. É a salvação, libertação... Então vai ser por aí”. Entendeu? Comecei a frequentar a igreja. Me batizei, acho que eu devia ter uns 15 [anos]. Creio que uns 15 ou 16 [anos]. Aí eu fui pra igreja, me entreguei pra Cristo, porque ia me ajudar. E aí, beleza, parece que as coisas estavam fluindo. Não tinha arranjado as namoradinhas, não tinha transa. Mas na igreja não precisa ter transa. Então era tranquilo.

Tinha parado de ter relações sexuais com outros rapazes, estava tentando mostrar sua masculinidade. Estava convivendo em um ambiente em que o sexo não era valorizado, ao contrário. Até que, um dia, tomando banho, um rapaz da igreja entrou no banheiro para tomar banho também. Não houve nada entre eles, mas vê-lo nu mexeu novamente com os desejos de Iara, que voltou a ter relações sexuais com rapazes.

Nesta época, ela teve relações sexuais com um rapaz que era diácono da Igreja Pentecostal Deus é Amor. Para esta igreja, quem faz alguma coisa que contraria seus princípios era chamado de “desviado” e tinha de cumprir um ano de prova. Isso significava ficar um ano sem fazer parte de certos ritos importantes para aquela comunidade religiosa, como se fosse um período de purificação. E descumprir os preceitos da religião e não passar pelo ano de prova atraía acontecimentos muito ruins para a pessoa, como punição divina. Como Iara não conseguia deixar de se relacionar com homens, resolveu não frequentar mais a igreja, não adiantava ficar mentindo e se enganando. Depois de alguma insistência de sua mãe, ela voltou e, para sua surpresa, viu que o diácono com quem ela tinha saído estava rezando o culto. Pelas contas de Iara, não tinha passado o tempo necessário para que o diácono “desviado” tivesse feito o ano de prova. Iara passou todo o culto esperando que uma tragédia acontecesse com o diácono – um raio lhe caíria na cabeça ou ele despencaria do púlpito, algo desse gênero – mas nada disso aconteceu. Para Iara, isso serviu como um fator de desencanto com aquela igreja.

Iara já havia se vestido com roupas femininas às escondidas. De forma eventual, usara peças de roupa de sua irmã e de sua mãe, mas sem ninguém vê-la. Mas a primeira vez em que usou uma roupa feminina com um homem vendo-a foi extremamente significativa. Ela tinha seus 16 anos e ficava às escondidas com um pastor de uma igreja batista. O pastor era casado, tinha filhos, mas levava Iara para sua casa, nos fundos da igreja, sempre que estava sozinho. Certa vez, viajaram para o Rio de Janeiro juntos.

Nesta oportunidade, o pastor contribuiu para que Iara vestisse roupas femininas de pessoas da casa em que estavam hospedados. Quando Iara foi vista vestida de mulher, sentiu que não queria mais deixar de vestir-se assim.

Só que com o pastor foi o clique, porque eu não queria mais tirar. [O fato de se vestir e] De [o pastor] me ver daquele jeito, e me aceitar daquele jeito... E aquilo fez diferença. Não sei se de mulher, mas com aquelas roupas. Até então eu não tinha essa noção de [estar vestida de] mulher. Só que isso foi um “bum”.

Quando voltaram do Rio de Janeiro, outra experiência marcante foi ter ido com o pastor, pela primeira vez, a uma boate gay. Ela se sentiu muito bem, dançou muito à vontade. E sempre que ia para a casa do pastor, ele a deixava usar as roupas da mulher dele. Na verdade, ela já não queria mais sair com o pastor, que se mostrava ciumento e “pegajoso”, mas poder usar as roupas da mulher dele fez com que ela continuasse se relacionando com ele por um tempo ainda.

Nesta época, ela terminou a 8ª série na escola em que estudava e teve de se mudar de escola, pois a família se mudou de bairro. Na escola nova, conheceu mais duas “bilus⁹⁰”, duas outras “bichinhas”. A partir daí, “foi babado”: começaram a se montar no carnaval. Um tempo depois, com seus 17 anos, as três iam de ônibus para uma cidade próxima, onde havia uma boate gay, e se montavam já no ônibus. Desciam do ônibus já vestidas de mulher, curtiam a noite na boate gay e depois voltavam para casa. A experiência era ótima para Iara, que estava começando a experimentar ficar um tempo como mulher em público.

E eu achava o máximo os meninos querer ficar comigo do jeito que eu era. E do jeito que eu era, era mentira. Porque eu não era daquele jeito. Só me arrumava dentro do ônibus e descia lá.

Assim o processo de feminilização de Iara, e das duas amigas com quem se montava, foi deflagrado. Uma delas acabou não querendo se transformar corporalmente, montava-se e fazia shows como transformista. Mas Iara e a outra amiga foram em frente. Elas descobriram os hormônios, passaram a raspar as pernas, iam ver as travestis “fazendo pista” antes de entrar para as aulas.

Comecei a comprar, foi onde a gente raspou as pernas, foi quando ela falou de hormônio, que eu não sabia. Foi onde fomos tomar hormônio. Foi quando ela falou pra mim: “Vamos olhar as travestis lá em cima”. A gente começou a subir escondida pra ver as travestis que trabalham lá em cima, na prostituição. Depois ia pra aula. Isso foi

⁹⁰ **Bilu:** homem com aparência feminina identificado pelos outros como homossexual

desencadeando neste período. Aí comecei raspar as pernas. Aí fui na farmácia tomar um hormônio. Porque eu descobri o hormônio.

Iara não se dava conta de que as transformações corporais estavam se tornando evidentes e de que não dava mais para esconder sua feminilização. Ela achava que conseguia passar despercebida, mas na verdade, não. Até que seu irmão veio tirar satisfações com ela.

Até que um dia o meu irmão chegou em mim pra brigar comigo, porque um amigo dele foi falar pra ele que tinha me visto na rua e tinha achado que era uma menina. “Ó, o seu irmão está muito feminino”. Aí ele veio brigar comigo e isso me causou preocupação. Falei: “E agora? Meu pai? Minha mãe? Meus irmãos?”

E pela primeira vez ela se deu conta de que, a partir dali teria de enfrentar situações para as quais não se sentia preparada, nas quais ainda não havia pensado. A preocupação foi tão forte, que Iara acabou saindo de casa.

[Saí de casa] Desse episódio, porque daí começou a me preocupar. Pensei: “Não dá mais pra esconder os meus peitos, o cabelo está descendo, as pessoas estão me confundindo. Então eu tenho que sair de casa”.

No momento em que ela saiu, seu pai e seu irmão pediram para que ela não fosse, o restante da família chorou muito. Eles disseram que, se fosse por Iara ser gay, que eles tentariam mudar para aceitá-la. Mas ela não quis ficar, porque ela não era gay. Já estava com seios, tinha as pernas raspadas e só andava de calça. Hoje, retrospectivamente, ela acha que se tivesse conseguido conversar com eles, eles a entenderiam e a aceitariam, mas naquele momento isso foi impossível para ela.

Iara foi morar em uma pensão. Ela já trabalhava desde os doze anos, portanto tinha como se sustentar. Nesta época, trabalhava como auxiliar de escritório, tinha seus 17 ou 18 anos. No entanto, depois de voltar das férias foi mandada embora. Um mês tomando hormônios tinha feito muita diferença. A alegação para sua dispensa foi a de que estavam fazendo cortes na empresa, mas Iara tem certeza de que o motivo real foi por ter se tornado “mega feminina”.

Neste mesmo período, Iara e suas duas amigas “bichas” da escola já estavam sofrendo muita perseguição na escola. Elas já não usavam o banheiro masculino e, com ajuda de outras colegas, usavam o banheiro feminino apenas quando ninguém mais estava

olhando. As amigas ficavam dando cobertura na porta para elas não serem surpreendidas usando o banheiro das meninas.

Ao voltar das férias de final de ano, quando estava começando o segundo ano do colegial, atual Ensino Médio, as três passaram a ser ainda mais hostilizadas, especialmente porque Iara e uma das outras “bichas” estavam tomando hormônios e voltaram para a escola muito diferentes, muito mais femininas do que quando tinham saído de férias. Isso fez com que a perseguição que já sofriam fosse muito intensificada, culminando com uma “chuva” de pedras portuguesas na porta da escola. Depois disso, elas abandonaram a escola, não havia como continuar.

Eles estavam sempre ameaçando a gente, e um dia que a gente estava do lado de fora, isso que eu te falei, parece que dentro do portão a gente sempre teve segurança, do portão pra fora não. Neste dia a gente estava do lado de fora do portão quando as pedras vieram não sei de onde, não sei quem foi. Aí uma disse pra outra: “Não vamos mais. A gente vai morrer”. E aí a gente decidiu não ir mais. E aí não fomos mais à escola.

Iara estranha, como ativista que é atualmente, que o corpo docente da escola em que estudou e de onde foi expulsa - não oficialmente, mas por tanta hostilização e violência que sofreu -, nunca tenha feito nenhum movimento para impedir as violências e propiciar um ambiente favorável para as três “bichinhas” - ela, Cristiana e Magnólia continuarem estudando. Como militante, voltou à escola muitos anos depois para dar uma palestra, relatou o que aconteceu com elas e, incrivelmente, não havia nenhum registro do ocorrido: não havia memória institucional das agressões e não havia ninguém que soubesse do fato, nem mesmo os professores que já atuavam na escola na época. A superexposição e a violência brutal pelas quais passaram acabou se tornando invisível, foi apagada.

Depois de perder o emprego e ser impedida de continuar na escola, Iara e Cristiana começaram a aumentar a frequência com que iam para a cidade vizinha e, ao mesmo tempo, passaram a visitar mais as travestis que faziam pista perto de onde tinham estudado. Sem alternativa para se sustentar e sem poder estudar, ambas começaram a fazer programas.

Na cidade vizinha, elas iam montadas e faziam alguns programas. Na cidade em que moravam, enquanto se montavam, ficavam em algumas praças. Mas a disputa de um

lugar no ponto de prostituição não foi tarefa fácil. Tiveram de enfrentar as travestis veteranas.

A gente se montava e ia para umas praças, umas praças específicas, e depois voltava pra casa. Depois, quando a gente começou a ficar 24 horas assim [como mulher], a gente começou a ficar em ruas desconhecidas. Então as “bichas” desciam lá de cima pra grudar⁹¹ a gente lá em baixo. Entendeu? Mas a gente já sabia que elas iam descer pra grudar, então ficávamos espertas. E quando a gente via elas, a gente ia embora.

O processo de conquista de espaço levou cerca de três anos. Elas conheciam algumas travestis nas boates, faziam amizade. Conheciam outras em outra oportunidade, até conseguirem chegar mais perto do ponto. Depois, a Cristiana começou a namorar um homem que conhecia todas as travestis, um cafetão, aí as portas se abriram para elas, que passaram a ocupar espaço no ponto juntamente com as outras. No início, fazer programa para Iara era muito bom. Ela se sentia valorizada, bem vista.

Olha, se eu disser pra você que foi bom, eu não vou estar mentindo. Porque era uma ótima. Você chegar e parar um carro. Um “puta” carro. Com um cara lindo, e o cara olhar pra tua cara e falar que você é a coisa mais linda que tem aqui. Entendeu? Então isso te dava uma mega valorização. Então no começo foi bárbaro, foi ótimo.

Isso, para Iara, significava aceitação. Ela vivia como Iara 24 horas por dia. Era Iara na pensão em que morava. Ela era Iara na rua. Ela era Iara nas boates. E na pista.

Na pensão, onde dividia um quarto com Cristiana, Iara conta que conseguiu descontos porque passou a trabalhar lá, ajudando a cuidar do estabelecimento. Essa é, aliás, uma característica de Iara: sempre ela procura ter diversas fontes de renda simultaneamente, para não depender de uma só. Mesmo quando teve trabalho fixo, Iara vendia produtos de beleza, *lingerie* ou fazia qualquer outra atividade paralela.

Com sua família, porém, Iara mantinha contato apenas por telefone. Eles não tinham o contato dela, sempre era ela quem ligava. O local onde ela morava e onde fazia programas não era distante da casa de seus pais, mas eles não a procuraram. Até hoje, Iara não sabe o motivo.

Não era distante. Não entendo porque nunca teve essa procura também. Entendeu? Tanto que, quando eu voltei a frequentar minha casa, a minha própria mãe que, a gente conversou, marcamos um lugar e se encontramos, conversamos e ela explicou que: “Ai, eu já sabia porque alguém tinha te visto na rua, alguém já tinha contado”. Por exemplo, nunca houve a procura porque não quis. Porque não quis ou não pôde também.

⁹¹ **Grudar**: neste contexto, é gíria para bater, espancar.

Iara sentiu-se muito aceita da forma como era e isso compensava, na época, as amizades que perdera e as pessoas que deixaram de falar com ela depois que ela se transformou. Amigos que tinham sido próximos no período da escola ou no projeto dos Patrulheiros fingiam que não a reconheciam se a viam na rua. Até amigos gays diziam para ela não se transformar, que estava ficando horrível, como se ela estivesse simplesmente fazendo uma tatuagem ou um corte de cabelo, como se fosse uma escolha ou uma moda. Não era.

Iara não sabe precisar se este momento foi de um encontro consigo mesma, de reencontro ou até um resgate. Talvez ali Iara estivesse nascendo. Ou renascendo. Ou ainda batizando-se. Iara não consegue dizer o significado preciso que sua transformação teve, mas sabe que foi um momento extremamente marcante. E imprescindível.

Iara se recorda do primeiro momento em que foi agredida fisicamente por um cliente, por volta dos 17 anos, quando ainda estava começando a se transformar e ainda frequentava a cidade vizinha. Ele lhe deu um soco nas costas e levou sua bolsa. Ao pedir ajuda para outro homem, para tentar localizá-lo de carro, ficou chocada quando se deu conta que o homem que a estava ajudando queria, na verdade, fazer sexo com ela. Sua sensação foi de choque.

E aquilo, por exemplo, eu achei o cúmulo. “Poxa, gente, eu fui assaltada, acabei de apanhar”. Eu não entendo isso, sabe? Isso era algo que eu não conseguia muito compreender. Que as pessoas só me olhavam por um lado. Eu comecei ter essa percepção lá. “Ele quer transar comigo, eu acabei de apanhar”. Esse foi o primeiro momento que eu parei assim: “Nossa!” Isso foi um choque.

O choque de Iara foi se dar conta, somente muito depois, de que não importava seu sofrimento, a experiência traumática que tinha vivido. O homem só a via como uma pessoa disponível para o sexo. No momento, porém, ela ficou se questionando como era possível o homem dizer que iria ajudá-la e depois tentar transar com ela. Ficou a dúvida, a sensação de estranhamento.

Iara passou por um episódio muito traumático com a amiga Cristiana. Por sua amiga ter furtado um sutiã numa grande loja de departamentos, elas foram mantidas em cárcere privado, foram obrigadas a limpar a loja, apanharam muito de quatro seguranças – e ela apanhava mais, porque não chorava -, tiveram de tirar as roupas, que os seguranças molharam antes de devolvê-las, quando elas foram finalmente liberadas. Só depois de ter se livrado daquele pesadelo, Iara chorou.

Terminamos de apanhar, vesti a roupa, toda molhada, passei no meio da loja. Pingando. Baixei a cabeça e saí da loja. Atravessei a rua da loja, aí eu comecei a chorar. Até então não tinha soltado uma lágrima. Aí ela que estava lá dentro chorando igual uma criança desmamada, parou de chorar.

Hoje, Iara sabe que, neste episódio, passou por tortura e teve vários direitos violados. Na época, com apenas 18 anos, provavelmente nem se reconhecia como uma pessoa com direitos. Não sabia que estava passando por abusos.

Eu tinha estranhamento. Não, eu achava um estranhamento. A palavra é essa. Eu sempre achei estranho. “Mas por quê?”

Fazendo ponto em sua cidade, Iara se deparou com a violência policial, outra coisa que a deixava perplexa. Não fazia nada de ilegal, mas passava por uma série de situações constrangedoras, humilhantes e, em algumas oportunidades, assustadoras.

Você tinha tipo, policia [civil] descia você tinha que correr. Isso eu nunca entendia também. “Gente, porque eu tenho que correr? Eu não fiz nada”. Então tinha esse lance. Aí tinha, e naquela época era policia civil. Que pegava a gente. Entendeu? Quando eles pegavam a gente, por exemplo, eles colocavam a gente dentro do camburão, levava em bares e abria. Chamava o povo pra ver que estava presa no camburão. Entendeu? Eles levavam a gente pra quebradas, pra bater. Mas por exemplo, eu costumo dizer que eu sempre tive muita sorte. Então a policia sempre esteve mais afastada de mim. As vezes que eles me pegaram foi pra me levar pra quebrada e eu voltar a pé. Então me deixavam em um lugar distante pra voltar a pé. Ou jogaram meu sapato no meio do mato e eu tive que procurar depois. Ou jogaram a minha bolsa e eu tive que procurar depois.

Da Polícia Militar, chegou a apanhar e levar tiro com bala de borracha. E o sentimento de Iara era sempre de incompreensão. Se não estava matando, roubando, usando drogas, enfim, não estava fazendo nada ilegal, por que tinha de passar por essas situações? Iara nunca conseguia compreender por que passava por esse tipo de violência, como também não conseguia compreender por que havia situações em que travestis cometiam violências contra travestis. Iara não reagia. Se pudesse, fugia. Mas ficava um estranhamento constante que, aos poucos, foi se tornando costume. Iara passou a achar que era normal ser travesti e passar por situações deste tipo.

Iara consumiu drogas, tanto de forma mais recreativa, como também de forma “mais pesada”. A primeira experiência foi com um cliente e, ela não tem bem certeza, acha que foi crack. Também usou álcool e cocaína. Fazendo programa, descobriu com a amiga Cristiana que não poderia fazer programa sem usar camisinha, mas chegou a fazer sexo sem preservativo. Dizia que havia clientes com quem teve relacionamentos

mais profundos, que se tornaram namorados e, com esses, ela deixava de se proteger. Outros iludiam Iara, diziam que iriam namorar ou casar, mas estavam mentindo.

Iara teve uma experiência de violência sexual com um bombador, casado com uma travesti que ela conhecia. Ele aplicava algum sedativo ou anestésico e, enquanto ela ainda não tinha voltado a si, ele se masturbou sobre os seios dela.

Na rua, quando Iara estava fazendo pista, era comum passarem pessoas de carro, geralmente homens, atirando sacos com fezes ou urina, arremessando ovos ou acionando extintor de incêndio sobre as travestis que estavam no ponto. Essas agressões sempre eram acompanhadas de ofensas e ameaças.

Xingavam: “viado”, “traveco”, “filho da puta”. “Vou te matar”. Normal. Não sei se é normal... Cotidiano, corriqueiro. Até hoje eu ouço isso. “Vou te matar”.

Por serem tão frequentes, as agressões contra as travestis acabam sendo sentidas como normais. Mas Iara se dá conta e se corrige rapidamente. Não é normal sofrer tanta agressão, ainda que seja muito frequente.

Então, é lucro isso porque, por exemplo, quando eu conto pra você ou pra qualquer outra pessoa, eu também acho um absurdo. Mas ao mesmo tempo que eu acho um absurdo, isso ficou tão comum na minha vida, que não me assusta mais como assusta as outras pessoas. Não me apavora tanto quanto deveria. Algumas coisas ficaram meio banais mesmo. Acho que [me] endureceu bastante. Foi pouco, não. Bastante.

Iara conta que o mais comum é que as travestis trabalhando na prostituição sejam alvos mais visados, mas ela sofre ameaças e agressões em outras situações, em praticamente qualquer lugar. Já foi ameaçada de morte, de forma velada, por um grupo que ela imaginou serem *skinheads*.

Com todas essas situações de ameaça, agressão e humilhação pelas quais passou, além de ter endurecido, a sensação de Iara é de que não consegue confiar em ninguém. Ela acha que, até por isso, pode nunca ter conseguido casar, ter um relacionamento estável.

Não sei se isso tem a ver por hoje eu ser sozinha, não consegui casar. Não sei. Pode ser ou pode ser que não. Pode ser um conjunto de coisas. [...] E eu me sinto mal com isso. Isso me faz mal, porque eu não consigo confiar em ninguém. Algo que me faz mal mesmo é ficar sentindo que, pra mim, todo mundo pode uma hora... me ferrar de alguma maneira. Isso eu tenho até hoje. Isso eu tenho no colégio. Isso tem no banheiro que eu uso. E no trabalho que eu faço aqui. Eu não confio mesmo. Eu só não quero que você se sinta ofendida [falando para a pesquisadora]. Não sei se isso é bom ou ruim. Mas eu...

Isso que às vezes eu falo: “Ah, era bom ou era ruim?”. Mas eu não consigo mesmo fazer essa divisão. Pra te dizer, ó: eu deveria ser a Iara e ter continuado na escola. Entendeu? Podia ter continuado no emprego que eu estava. Não precisava ter passado pelo que eu passei.

Iara desabafa e se comove muito neste momento. As lágrimas querendo sair, mas ficam meio enroscadas. Ela as enxuga discretamente e prende a emoção. Desde criança, Iara não gosta de chorar na frente de ninguém, só chora sozinha. Se chora quando tem outra pessoa por perto, é porque está realmente muito mal.

Quando presencia ou relatam para Iara algumas cenas de violência, como a violência policial que ocorre em protestos ou em outras situações violentas, ela não se choca com a violência cometida, mas com as pessoas tratarem aquilo como um fato extraordinário. Para ela e para as outras travestis, isso sempre aconteceu. Aconteceu nos anos 1990. Aconteceu outro dia. Acontece sempre.

*Não sei, eu passei muita coisa na minha vida que hoje em dia eu vejo as pessoas [espantadas com a violência]: “Oh”. Eu falo: “Gente, isso acontece e as pessoas não estranham quando isso acontece com a gente, só quando acontece com outro, **que é diferente**”.*

Para Iara, a diferença é uma marca que torna as pessoas desiguais. A diferença que marca as travestis não permite que as violências que elas sofrem sejam vistas, não há espanto ou indignação. É uma diferença que elimina direitos, apaga dignidade.

Além das agressões e ameaças de estranhos, da violência policial e de outras travestis, há também, para as travestis que se prostituem, a violência do cafetão ou da cafetina. Iara sabia que uma das formas de conquistar respeito entre as travestis que se prostituíam seria ter uma forma do corpo bem feita. Modelar o corpo com silicone com uma bombadeira boa e cara como a Dani foi como obter um passe livre para transitar entre as travestis. Mas ela evitou fazer dívidas com Dani, assim como evitou morar em casa de travestis e pagar diária, pois quis se manter independente.

*Então, se você deixar ela [Dani] se torna uma dona. Eu consegui, de alguma forma, me desvencilhar disso. Não me comprometer com dívidas, não ficar comprando muita coisa. Então, sabe, foi algo que eu fui tentando escapar. Nunca fui morar na casa delas, porque eu poderia virar uma diarista, **ai fica mais fácil ainda você virar uma mercadoria nas mãos delas.***

Nesta época, com seus 20 anos aproximadamente, Iara conheceu um rapaz, Wilson, que se tornou seu marido. Quando estava morando com ele, Iara teve uma reaproximação

com a família. Visitou a casa dos pais, reencontrou toda a família e, a partir deste momento, passou a ser tratada como Iara com respeito. Cessaram as brincadeiras e ofensas. Seu pai a chamou para uma conversa particular. Iara teve medo de que fosse ser agredida.

Nesse dia que eu fui com a minha mãe pra casa, porque todos estavam esperando, meu pai virou pra mim e falou assim: “Vamos conversar. Particular”. Falei: “Pronto, agora vou apanhar até virar homem”. Me levou pro quarto dele, pra conversar com ele e trancou a porta. Quando ele trancou a porta, eu achei mesmo que eu ia apanhar naquele momento. Ele falou assim pra mim: “Como eu te chamo?” Eu falei: “Como assim? Do jeito que o senhor sempre me chamou. Pelo nome que você me colocou”. Ele virou e falou pra mim: “Não, eu sei que quando vocês fazem essas coisas...” Do jeito grosseiro dele, nordestino, evangélico. “Vocês adotam um nome. Se adota um nome, eu vou respeitar”.

E seu pai foi o primeiro da família a acatar seu nome social. Ela conta que, posteriormente, a lembrança dessa conversa lhe deu muita força para exigir seu direito de ser tratada por Iara, de ser respeitada como Iara. Se o pai, homem simples e até um pouco rude, conseguia respeitá-la, então qualquer pessoa teria de conseguir.

Quando ela colocou silicone e estava de repouso, Wilson a traiu com uma travesti também casada. Houve uma cena terrível. O marido da outra travesti havia dado uma facada na companheira, para se vingar da traição. Iara perseguiu seu marido, houve uma “brigação” danada. Mas ela desistiu de se vingar do marido ao ver a outra travesti ferida. Foi dividir uma casa com uma amiga.

Certa noite, Iara sofreu uma sequência de violências extremamente graves. Saiu do ponto de prostituição, na rua, para fazer programa com um cliente que tinha pouco dinheiro, indo em direção a um bambuzal mais afastado. No caminho, Iara foi esfaqueada várias vezes pelo suposto cliente e não morreu por muito pouco. O agressor fugiu, ela conseguiu chegar a uma avenida e foi socorrida por uma lésbica conhecida, que a levou de carro para o hospital. Iara estava muito confusa, não conseguia entender o motivo da agressão.

[...] isso sem entender, e eu pensando: “Gente, eu vou morrer. Por que que ele fez isso? Não me enrolou, não me xingou”. Sabe? Nada. Foi super simpático. Super bonzinho e tal. Acima de qualquer suspeita.

No hospital, um policial foi falar com ela e a primeira coisa que fez foi perguntar o que ela tinha feito para ter sido agredida daquela maneira pelo “maridão”.

*“Como assim?” E eu sangrando. “Como assim? Não foi nada de marido”. “Não, fala aí o que aconteceu. O que você aprontou?” Aí eu fui contar: “Não, eu não aprontei nada”, que não sei o quê. Eu sei que ele fez a piada três vezes e **aquilo me cortou. Eu esfaqueada, achando que ia morrer e o policial ficava brincando.***

Para Iara, o deboche do policial, a tentativa de responsabilizá-la pelo ocorrido e o pré-julgamento presente nas entrelinhas foram uma continuação das facadas. Uma tentativa de assassinato moral. Ela ficou arrasada. E nem Boletim de Ocorrência quis registrar.

Mas as violências não pararam por aí, mesmo dentro do hospital, onde teoricamente ela deveria estar sendo cuidada. Um enfermeiro aproveitou-se do fato de ela estar zonha com o estresse e os medicamentos e abusou sexualmente dela, esfregando seu pênis na mão dela. Ela ficou chocada e exigiu que ele parasse. Mais tarde, pediu para tomar banho, pois tinha muito sangue seco em seus cabelos. E, enquanto estava no chuveiro, o enfermeiro entrou no banheiro, numa tentativa de abusar sexualmente dela mais uma vez.

Aí eu fiquei doida.** “Olha, se você não sair daqui, eu vou fazer um escândalo. Vou chamar todo mundo. Aliás, está resolvido. **Estou indo embora. Porque isso daqui é palhaçada,** você está de brincadeira comigo”. “Eu não tenho condições de fazer nada com você, entendeu?” Aí ele saiu, eu terminei de lavar o cabelo, sai. Falei pra ele: “Eu quero ir embora”. “Não, imagina. Desculpa... Você não pode ir embora”. Aí chamou a superiora dele. **Não tive coragem de falar pra ela.** Eu só falei pra ela: “Eu quero ir embora”. “Mas aí você precisa assinar autorização”. “Me dá o papel que eu assino”. **Assinei me responsabilizando pelo atendimento e sumi.

O horror foi tão grande, que Iara nem denunciou o agressor, mas resolveu abrir mão do seu direito de ser socorrida e cuidada no hospital e foi embora para casa. Iara passou por uma série absurda de violações gravíssimas de seus direitos em poucas horas: tentativa de assassinato a facadas, humilhação por parte do agente da lei e, em decorrência disso, não deu queixa da agressão física, em seguida foi abusada sexualmente, não conseguiu denunciar seu agressor e ainda deixou de receber os cuidados de saúde necessários. Iara é uma vencedora apenas por ter sobrevivido a tudo isso, mas evidentemente que sua desconfiança crônica das pessoas em qualquer situação que esteja é muito justificada.

Poucos meses depois, Iara tinha ido morar com Pedro, seu novo marido. Fazendo ponto no local de sempre, ouviu os gritos de uma amiga travesti e, quando se deu conta, percebeu que o mesmo homem que tentou matá-la, agora tentara esfaquear sua amiga. Elas duas e mais uma terceira saíram correndo atrás do agressor, quando uma viatura

policial parou todo mundo. Elas relataram para os policiais as duas tentativas de assassinato cometidas contra elas pelo homem que perseguiram. Os policiais o revistaram e encontraram com ele um punhal. Deram-lhe uns tapas e o soltaram, gritando para que ele corresse. Depois disseram para as três travestis que, se o pegassem, poderiam fazer o que quisessem com ele. Entraram na viatura e foram embora.

Iara ficou completamente chocada. Terrificada. Não sabia nem mesmo se deveria correr atrás do agressor ou não. Seu marido passou de carro e acabaram os quatro, de carro, perseguindo e cercando o homem.

Eu fiquei assim, estática com aquela situação. Por um momento, eu sinto que eu tive dó dele. De estar apanhando. Muito louco isso. Aí foi onde ela falou assim, acho que foi a Sônia mesmo: “Nossa, Iara! Você não vai fazer nada?” Eu olhei pra ele e falei: “Não, eu não vou fazer nada. Fazer o quê? O que eu tinha pra fazer?” [...] Eu falei: “Deixa os documentos do cara aí”. Só falei isso. Voltei pro carro e fui embora.

As travestis e Pedro espancaram o homem, que caiu completamente atordoado. Iara não fez nada. Ficou olhando a cena estarecida. Nada daquilo para ela fazia sentido. Iara chegou a ver o seu agressor em outra oportunidade, e, mais uma vez, não quis fazer nada. Teve receio de contar para alguém o que ele tinha feito e de ele ser morto por isso. Ela confessa que teve dó do homem que quase a matou.

Como não havia investigação nem punição para agressores das travestis, elas mesmas faziam estatísticas próprias. Considerando apenas as travestis que faziam parte do círculo de conhecidas de Iara, eram sete as que morriam por ano. Que morriam por aids, assassinato, acidente, ou qualquer outro motivo. Na maioria dos casos, as mortes eram por assassinato. Iara lembra que pensava: “Sete irão morrer, espero que eu não seja uma delas.” Iara chegou a presenciar o assassinato a tiros de duas travestis que conhecia. Assassinatos cometidos em público, diante de várias pessoas. Em um dos casos, o serviço de ambulância nem veio fazer o socorro, a vítima foi levada em um carro particular para um hospital, mas não sobreviveu. Iara quase foi presa sob acusação de ter roubado a carteira de um homem que ela nunca tinha visto. O equívoco se desfz, mas ela chegou a ser algemada.

Era uma coisa meio comum que eu estranhava. Mas era muito comum. Eu estranhava. Falava: “Gente, por que é comum isso acontecer?” Entendeu? “Por que ninguém faz nada? Não muda a situação?” Então, eu sempre estranhei. Mas era comum.

Diante de todas essas situações, com seus 20 e poucos anos, Iara ficava perplexa. Perplexa com a banalização da violência. Chocada com a impunidade dos agressores. Assustada com o risco. Pressionada pela arbitrariedade, brutalidade e, em alguns casos, conivência das autoridades com quem tinha de lidar. Iara nunca foi presa, mas foi detida várias vezes, nessas ocasiões era levada para locais ermos juntamente com outras travestis, onde os policiais cometiam abusos contra elas, que sofriam torturas psicológicas e sexuais com requintes de sadismo.

Até que por volta de 2001, foi abordada por militantes de um grupo que atuava por direitos das pessoas LGBTTT na cidade. Em um primeiro momento, sentia que aquelas pessoas atrapalhavam seu trabalho, até que foi seduzida a participar de uma excursão para a Parada de Orgulho LGBTTT de São Paulo⁹². A partir daí, ela começou a participar das atividades do grupo. Iara já era militante, sempre foi, mesmo sem ter noção de seus direitos ou de participar de grupos organizados. Só por ser quem ela realmente queria ser.

Porque eu costumo dizer que militante eu já era. Eu costumo dizer isso. Militante, pra mim, é quando você milita por uma causa, né? E a partir do momento que você rompe com tudo pra ser quem você é, você já está militando. Então pra mim, a travesti principalmente, pra mim, eu considero ela militante desde o momento que ela bota uma calcinha e olha pra sua cara. Você fala: “Viadão”. E ela: “Sou mesmo”. E vai embora de calcinha. Sabe? Pra mim essa é militante.

Iara começou atuando junto às travestis em projetos de prevenção, cidadania e Direitos Humanos para as travestis, ao mesmo tempo em que faziam atividades de enfrentamento da violência policial.

Minha preocupação era exatamente isso. Porque eu estava falando de algo que eu sabia, de algo que sempre me violou. Então eu estava reivindicando algo meu pra outras pessoas iguais a mim, e para as futuras que viessem.

E as ações funcionaram. No meio ativista, foi incentivada a voltar a estudar. Para que pudesse estudar, teria de parar de fazer programas, pois os horários eram incompatíveis. Foi incluída em projetos remunerados e deixou de fazer pista. Iara, em um primeiro momento, resistiu. Sentia que, da parte de algumas pessoas do grupo, havia certo preconceito moralista contra o trabalho na prostituição. E ela sabe que o problema não

⁹² Evento político de rua anual, organizado por uma organização não governamental paulistana, e que ocorre na capital de São Paulo geralmente no domingo seguinte ao feriado de Corpus Christi. Tem o objetivo de festejar a diversidade e reivindicar direitos para o segmento LGBTTT. Já foi considerado um dos maiores do mundo em termos de participação popular, chegando a levar mais de 3 milhões de pessoas às ruas.

reside em ser profissional do sexo. O problema está no fato de as profissionais do sexo serem sistematicamente exploradas, abusadas e alijadas de seus direitos. Hoje, Iara conta que o grupo todo entende a prostituição como uma profissão, o preconceito neste sentido acabou. Apesar de estar morando em São Paulo, Iara continua integrando o grupo e participando de atividades quando possível.

Naquele momento em que Iara resolveu voltar a estudar, sentiu-se sem coragem. Disse que não conseguiria, pois toda a violência que tinha passado no colégio voltou-lhe com força. O pessoal do grupo se mobilizou, foi falar com a direção do supletivo, explicaram a necessidade de não chamarem Iara por seu nome de registro, mas pelo seu nome social. Houve um acordo, tudo ficou acertado. Iara estava apavorada, foi para o primeiro dia de aula com um amigo do grupo, que a deixou na porta da escola. Na hora da chamada, no entanto não a chamaram por Iara e sim pelo nome do documento.

Menina do céu! Começou a chamada, aí chamou o nome de registro, não tinha nada de nome social. “E agora? Respondo? O que eu falo? Ganho falta”. Aquilo eu senti um calor debaixo pra cima, subindo, parece que fez “puff” em cima de mim. Eu simplesmente abaixei a cabeça, o olho encheu de lágrima e eu ergui o braço e disse presente. De cabeça abaixada.

O constrangimento foi muito grande e Iara quase desistiu, mas seus colegas de militância a impediram de abandonar os estudos. Voltaram a conversar no supletivo, mas mesmo assim houve muitas vezes em que foi chamada pelo nome de registro e foi um período meio sofrido. Apesar disso, Iara conseguiu completar o segundo grau. E foi um momento de extrema felicidade, aparece com um enorme sorriso em todas as fotos. E a maioria dos amigos de militância foram prestigiá-la. Ninguém da família compareceu.

Iara conseguiu fazer faculdade e, já mais traquejada com a sua inserção no ativismo, encarou melhor os problemas que surgiram, já sabia como lidar com eles. Eram incômodos e ofensivos, como os olhares de reprovação que recebia ao usar o banheiro feminino. Ou o colega da mesma faculdade, mas que conhecia só virtualmente, que insistia em tentar fazer sexo com ela no banheiro da faculdade. E a insistente repetição do nome de registro de forma pública, o que mais a incomoda sempre, entre outros episódios bizarros. Conseguiu superar todas as adversidades, foi representante de turma. Venceu.

No período em que estava cursando a faculdade, voltou a morar com a mãe, que ficara muito doente. Mais tarde, foi morar sozinha. Formou-se em Pedagogia. Seu pai, uma das pessoas que mais a incentivou a estudar, já tinha falecido quando ela concluiu o curso. A participação na solenidade de sua formatura, como tudo em sua vida, teve de ser conquistada a pulso. Recebeu uma ligação do cerimonial informando-lhe que teria de receber o diploma sendo chamada por seu nome de registro. Indignou-se, movimentou a militância LGBTT, expôs seu caso na mídia. Venceu mais uma vez. A universidade voltou atrás e ela pôde receber seu diploma sendo chamada por Iara. Outra vez, ninguém da família compareceu à cerimônia de colação de grau.

Em um determinado momento, passou a perceber que o projeto que coordenava cometia algumas violências contra as travestis. Se um grupo teria de ir conversar com um autoridade ou ir a algum evento solene, queriam que as travestis fossem vestidas de forma discreta, ou seja, passaram a tentar querer incluir as travestis em um padrão “mais palatável”. E Iara passou a desgostar disso. Iara não quer que as travestis sejam enquadradas, higienizadas, para serem aceitas. Ela quer que as travestis sejam respeitadas como são.

Iara, pessoa de opinião e que aprendeu a conhecer seus direitos, teve uma trajetória brilhante no ativismo LGBTT, sempre centrando suas forças em contribuir para melhorar a vida das travestis. Sua intenção sempre foi – e sempre será - cuidar para que as travestis sejam respeitadas e deixem de sofrer violências cotidianamente. E quer contribuir para preparar uma vida melhor para aquelas que ainda virão. Participou de eventos nacionais e internacionais. Organizou protestos, reuniões, pensou e executou projetos. Dá entrevistas para a mídia e para pesquisas acadêmicas, enfrenta quem cometa discriminação, especialmente contra as travestis, seja adversário ou colega. Mas o movimento social lhe dá desgostos, há muita desavença, muita briga por pequenos poderes. Sofre violências entre seus pares de militância. Ela, que se reconhece como travesti, tem sido pressionada a referir-se a si mesma como “pessoas trans”. Ela não quer se denominar pessoa trans, ela é travesti. Não quer compactuar com essas regras autoritárias do movimento social, esse excesso de higienismo, de autoritarismo. Ela se sente cansada. Iara, apesar disso, não saiu da luta.

Mudou-se para São Paulo, passando algum tempo depois a trabalhar em um centro de referência, mantido por uma organização não governamental, que promove ações de

assistência social para a comunidade LGBTT, especialmente as pessoas de baixa renda. Iara se tornou a primeira travesti eleita para ocupar a presidência de um conselho representativo da comunidade LGBTT na cidade de São Paulo, um feito histórico. Isso lhe trouxe ainda mais fama e homenagens, mas não se deslumbra com isso. Iara não quer homenagens, ela quer ter condições de fazer um trabalho significativo. Depois de três anos atuando no centro de referência, Iara foi ficando desgostosa. Sente que, em um ambiente que deveria ser acolhedor, em que todas as pessoas deveriam respeitar as diferenças, há muito machismo e muita transfobia⁹³. Acha absurdo que, trabalhando em um lugar como esse, tenha de ouvir piadas ofensivas e “brincadeiras” sexistas. Dá o seu melhor no trabalho, mas vai percebendo que são os homens que têm voz e poder, que são promovidos, que têm visibilidade. Em algumas oportunidades, sentiu-se maldosamente traída, até por pessoas que receberam seu apoio. Iara tem chorado muito à noite pensando em tudo isso. Mas chora sozinha, como sempre.

Iara pediu para ser demitida em julho de 2014. Voltou a fazer programas. Prefere estar entre iguais, com liberdade e autonomia. Quem sabe, com jeito, ela consegue fazer com que alguns de seus clientes sejam conscientizados. Ela não tem nada a perder. Só sabe que vai tentar.

3.2.8. A glamourosa cidadã do mundo – a história de Cynthia Toledo

A história de Cynthia Toledo começa em 26 de junho de 1949, numa cidade muito pequena do interior de Minas Gerais, com cerca de 4 mil habitantes. Sua mãe casou-se aos 13 anos com um homem bem mais velho, que já tinha seus 30 anos, e tiveram nove filhos. Cynthia comenta, rindo, que foram três homens, quatro mulheres e ela, sem perceber que a conta não bate. Mas Cynthia mesmo diz que é péssima para fazer conta. Ela era ainda muito criança quando foram morar em Belo Horizonte.

Cynthia atribui a sua tendência a atuar no trabalho social, o que faz no presente, ao exemplo que teve de sua mãe, que sempre achava um tempo para ajudar outras pessoas, mesmo com tantos filhos para criar. Costurava roupas para famílias pobres. E Cynthia servia de manequim, para acertar as medidas. Quando tinha cerca de quatro anos, a mãe fazia um vestido e a usou, como sempre, para verificar as medidas.

⁹³ No movimento LGBTT, transfobia seria a homofobia especificamente dirigida às pessoas transexuais.

Ela me chamava pra medir e tudo, às vezes. Teve um acontecimento que marcou muito minha vida, eu devia ter uns quatro anos de idade, e ela me chamou, botou o vestidinho que ela estava fazendo na minha frente pra ver a altura e eu perguntei se era pra mim porque eu já era interessada. Desde a minha infância eu sempre fui mulher e eu nunca me questioneei sobre isso [...] Porque a mulher que vive em mim, ela vive muito à parte do meu corpo biológico, sem conflito.

Mas Cynthia achou que o vestido era para ela. Ela quis que o vestido fosse para ela. Neste dia, ela sentiu que não queria mais se vestir com roupas de menino. Havia se preparado para vestir o vestido que, em sua interpretação, estava sendo feito sob medida para ela.

[...] no final do dia eu me preparei psicologicamente pra vestir aquele vestido que ela estava fazendo e lá na frente da minha casa era de areia, tinha uma areia muito branquinha na rua nossa, que não era calçada, e eu assim, corri sem roupa, sem nada, pelado, sai e me rolei, rolei na areia porque eu não queria vestir mais roupa de menino, eu queria roupa de menina.

Cynthia teve, quando muito criança, uma família grande e muito unida. Mas quando estava com sete anos, sua mãe faleceu. Uma morte inesperada, da qual tomou conhecimento ao ser trazida da escola e ver a mãe sendo velada na sala de sua casa. Uma violência para uma criança tão pequena.

Ela sente a dor da morte da mãe como um amadurecimento. Depois desta perda, "as coisas degringolaram", como ela diz. A sua vida, daí em diante e por toda a juventude, tomou um rumo cheio de percalços, mudanças, abandonos e muita exploração. Mesmo com todas as dificuldades que passou, Cynthia não sucumbiu. Tudo na sua vida foi muito gostoso. E ela sempre foi muito forte e soube se impor.

[...] mas eu, na verdade, sempre fui uma pessoa, eu não sei se predestinada, ou muito forte, ou muito enigmática, ou muito assustadora, porque eu desde criança já comecei a me impor, não de maneira prepotente, mas consegui meu lugar.

Viveu com dignidade sua sexualidade e sua transformação. E muito cedo, desde sempre, soube que era diferente.

Desde cedo. Porque eu comecei a conviver com a minha diferença, eu tinha irmãos com idade quase igual a minha que quando estavam despertando a puberdade, estavam despertando para as primeiras paixões e tudo, a minha era o inverso. [...] Eu me recordo muito disso, essas conversas que eu tinha com esse meu irmão, que é um pouquinho mais novo do que eu, ele relatando da paixão dele pelas garotas e eu pelos garotos e era tão natural.

E com o irmão um pouco mais novo, Cynthia conversava abertamente sobre essas diferenças, não havia nenhum problema, nenhum estardalhaço, nenhum escândalo.

Normal. Brincava de colocar panos na cabeça, e isso não causava problemas. Não se recorda de ter sido reprimida pela família nuclear: nem pela mãe, nem pelo pai ou pelos irmãos.

Com a morte da mãe, voltaram de Belo Horizonte para a pequena cidade em que nascera. E a partir daí sua recordação é de ela e seus irmãos terem vivido sendo jogados de uma casa para outra, já que seu pai não tinha como cuidar de tanta criança.

Nesta volta à cidade pequena, começou a sentir que a diferença de ser um menino que se identificava com o feminino que antes era aceita e vivida como natural em sua família, é algo que agora a torna um “patinho feio”. Por um lado, era uma criança considerada linda. Por outro, já era claramente vista como homossexual. Tinha um olhar considerado muito feminino, o que incomodava.

*Eu percebia uma predileção das professoras pelo meu irmão e **uma aversão por mim**, mesmo quando criança **eu já percebia uma agressão**, intuitivamente eu sentia essa rejeição por mim e isso tudo me foi fazendo com que eu amadurecesse muito rápido. **Comecei já meus questionamentos**, já que porque por um lado eu era uma criança linda que as pessoas me achavam muito linda, e por um lado eu era rejeitada principalmente pelas mulheres.*

Ela sentia que era rejeitada, principalmente pelas mulheres, pois nos anos 50 elas eram extremamente machistas, já que dependiam do casamento para sobreviver. Ao mesmo tempo em que rivalizavam entre si, também rejeitavam Cynthia, talvez inconscientemente, por ser um garoto feminino.

Inconscientemente essas mulheres viam a mulher que era já desde criança.

[...] a mulher queria que o homem fosse macho que era o futuro homem da vida delas.

Cynthia sente que sofria uma rejeição velada, porque além de ser uma cidade pequena, ela tinha uma família muito numerosa, tinha a proteção dos irmãos. Intui que, se tivesse sido uma criança mais solitária, provavelmente teria sofrido outros tipos de violência. Isso a fez amadurecer e vivenciar a rejeição com equilíbrio.

Então por isso você observa o que é maturidade, porque eu não me recordo de ser uma criança infantil eu era uma criança madura, como sempre eu fui, uma pessoa muito madura, muito segura, tanto é que eu lido com essas coisas, essas rejeições com muita maturidade, muito equilíbrio, eu lido com a violência com um olhar de piedade pra aquela pessoa que é violenta.

Outra forma de lidar com essa rejeição foi se fazer querida pelos colegas, especialmente os meninos. Cynthia era uma criança muito ativa, que tinha muita criatividade e iniciativa. Ela realizava projetos culturais, como teatro, música, o que lhe garantia, de alguma forma, a proteção por ser bem querida, ainda que fosse evidentemente feminina.

E eu era bem “mariquinha” mesmo, mas em contrapartida, eu tinha preferência dos homens, eu tinha preferência dos meninos, dos colegas. Eu não cresci abandonada, eu não cresci rejeitada. Mesmo porque na escola eu sempre fui uma presença de proa, eu era uma militante, eu gerava teatro, musical e criava muita coisa, eu era muito ativa. Então eu era amada pelos meus colegas, tanto os meninos como as meninas. Eu soube me fazer amar.

Provavelmente sofreu o que ela chama de *bullying*, não tem muita recordação, mas acha até que a chamavam de “bichninha” ou viadinho”, mas como ela também mexia com os colegas, isso ficou na memória como brincadeira, sem peso, sem sofrimento.

Já depois da puberdade, ela sente que as coisas não foram tão simples. Passou a sentir que ser diferente era um peso, já não se sentia tão confortável. Tinha muitas dúvidas e muito conflito, mas não sabia como se informar, como saciar sua curiosidade sobre as questões da sexualidade. Era uma época em que não se falava abertamente sobre sexo ou sexualidade, nem mesmo do que é considerado tradicional, e não havia internet. Mas o tradicional troca-troca entre os garotos acontecia. E ela teve alguns namorados. Era tudo escondido.

Na puberdade, as dificuldades também se expressaram em atitudes de violência e exclusão na escola. Lembra-se de um professor de matemática que a expulsou da sala de aula levando-a pelo braço.

Então eu tive essa facilidade [de ser uma pessoa querida], mas esse professor de matemática, Cássio Arruda, ele era de uma família que era meio de direita, essa coisa machista e tudo. E as coisas começaram a ficar mais difíceis pra mim. Eu não tinha mais mãe, eu ficava na casa de uma parenta ou de outra, e aí eu fazia serviços domésticos [para pagar a hospedagem]. Porque as pessoas da casa sempre estavam olhando pra você como se tivesse fazendo caridade, elas estavam te escravizando, você fazia a faxina, trabalhava que nem uma mula, mas você estava recebendo a caridade delas.

Seu pai faleceu quando ela tinha uns 15 anos. Como não tinha mais seus pais ou irmãos para protegê-la e se encontrava em situação de subalternidade, fazendo serviços domésticos em casas de parentes como troca pela hospedagem, ou seja, sendo explorada sob a aparência da caridade, isso a tornava indefesa. Se fosse uma pessoa rica ou famosa, Cynthia pensa, não ficaria tão desamparada. Seria aceita independentemente de

ser negra e homossexual. Seria aceita com qualquer diferença que a outras pessoas estigmatizaria.

*Então ocorre das pessoas só terem vergonha de estar com quem não faz sucesso, **quando você faz sucesso** principalmente em países de terceiro mundo, **você deixa de ser “viado”**, **você deixa de ser negro**, **você deixa de ser mulher**, você vira rei.*

Por isso, sua popularidade ajudou-a a superar as rejeições. E por se amar do jeito que sempre foi. Cynthia pensa que, para ser tratada com dignidade, teria que se impor e romper com certa dissonância que sua forma de ser despertava. E isso significou, entre outras coisas, vestir-se de menina. Porque seu biótipo era muito frágil para passar por “macho”.

Então a gente tem que procurar ficar bem na fita, não só por mim mesmo, mas para os outros, eu acho que uma embalagem agradável, ela sempre melhora, ela passa melhor em qualquer lugar, eu também não vou ficar assumindo atitudes que faça com que eu seja rejeitada. Eu descobri logo que era muito afeminada, muito delicada com um biótipo muito delicado pra ser homem e eu fui descobrindo, logo eu sei que vestida de menina, eu passava mais batida.

Desde muito novinha, tinha um namoradinho às escondidas, com quem se dava muito bem, mas ele, de família rica, começou a namorar uma prima dela, que descobriu o envolvimento de ambos. Depois disso, Cynthia, que trabalhava no hotel da tia em troca da sobrevivência, foi mandada para o Rio de Janeiro, para a casa de outra parenta.

Cynthia se deu conta, nessas experiências, de que gênero e classe se misturam para fomentar sua exclusão. No Rio de Janeiro, por exemplo, a tia com quem ela e dois irmãos foram morar percebe seu jeito feminino e, dispensando a empregada, coloca Cynthia para ser a faxineira da casa. Os três tiveram oportunidade de estudar em um bom colégio, pago pela tia, mas somente Cynthia, por seu jeito feminino, tinha de fazer a faxina. Os irmãos eram dispensados da tarefa. Mais uma vez, Cynthia conta o quanto as diferenças se entrecruzam criando exclusão. A tia expressa seu descontentamento por ela ser diferente, preferindo que ela não envergonhe a família.

Tudo bem, eu gostava era serviço feminino também, mas quando a gente cresce, a gente vai percebendo isso, que isso é uma espécie de homofobia, isso é uma violência, uma diferenciação, então eu era de terceira classe dentro da família, pelo fato de eu ser

homossexual e aí uma vez, ela disse que se tivesse que envergonhar a família que o mundo era grande.

E ser homossexual nos anos 50, 60 ou 70 significava ser desacreditada. Ou ela precisaria ter um “bigodão e coçar o saco” ou ir para a “zona”, para a prostituição, para fazer serviços subalternos, como faxina, serviços gerais. E foi por ser desacreditada na família que ela fugiu de casa e foi para a zona⁹⁴, naquele momento não para se prostituir, mas para fazer trabalhos subalternos em troca da sobrevivência. E ninguém da família foi procurá-la.

Apesar de todos os infortúnios, de não sentir mais o amor e a acolhida que tinha quando sua mãe era viva e morava com uma família amorosa, Cynthia não se sentia infeliz. Ela reagia às adversidades com determinação, força e inteligência.

Tudo o que via era elemento de vida, era elemento de estudo, era aprendizado, era fortalecimento, cada adversidade da minha vida me jogou pra cima, porque eu fui descobrindo que eu precisava ser forte, não fisicamente, mas intelectualmente. É muito importante, porque se não você fica louca. O homossexual, ele é um predestinado. O homossexual que sobrevive, principalmente na minha geração, ele é predestinado, ele tem que ser muito forte, quando você nasce, como eu, homossexual latente, porque eu não tinha nem condição de tentar passar por homem.

E mesmo tendo que abandonar a escola antes de entrar o segundo grau, foi a sua criação elitizada que lhe deu condições de enfrentar toda a adversidade com inteligência e com perspicácia. Cynthia, apesar de não ter tido uma família rica, teve convivência com a elite, o que lhe deu acesso a oportunidades que outras pessoas não tiveram. Ela teve acesso ao conhecimento. E ela sempre teve coragem.

Ela foi ajudar uma mulher que vendia comida para as prostitutas da zona do baixo meretrício. Um lugar isolado do resto da cidade por tapumes, um gueto. Sua beleza e sua cultura eram diferenças que, se a ajudaram depois na vida, naquele momento inicial na zona complicaram-na.

Embora eu tenha tido uma educação muito boa, muitas boas leituras, por exemplo, Jorge Amado, os nossos escritores, eu com 15 anos já tinha lido todo mundo, Machado de

⁹⁴ Termo popular utilizado para designar área em que há grande concentração de pessoas exercendo a prostituição, sendo em logradouros públicos ou em estabelecimentos fechados, como prostíbulos, bordéis ou bares.

Assis, os escritores brasileiros eram todos obsoletos pra mim. Eu já estava vendo o pessoal do mundo, e isso expandia muito a minha cabeça, isso me dava um intelecto muito mais amadurecido, porque eu podia me comunicar muito bem. E eu... lá na zona vendendo comida, não combinava comigo. Como eu era criança e todo mundo me achava linda, eu tinha um cabelo muito liso, preto que era cortado tipo índio, e eu era muito agredida na zona, você imagina aqueles homens que viam uma criança linda, todo mundo pervertido, então era uma situação meio delicada.

Ela ia entregar comida e os homens queriam agarrá-la. Mulheres puxavam seu cabelo. Era tudo muito confuso e doloroso. Ela tinha seus 16 ou 17 anos, mas se sentia uma criança, era ingênua e aquela situação a chocava.

Depois de algum tempo, conheceu uma cafetina e foi trabalhar como faxineira no bordel de luxo que ela mantinha. Depois, foi para a casa da mãe desta cafetina, que também era cafetina de bordel de luxo. Sempre trabalhando muito em troca de casa e comida, sempre em serviços de faxina ou outros trabalhos pesados, mas com a vantagem de poder deixar o cabelo crescer e ser feminina, ser quem ela era. Essa aceitação foi muito importante para ela, ajudou-a a ter auto-estima, a sentir-se bem como ela era, apesar de viver numa pobreza enorme.

Depois de um tempo, encontrou um amigo da família e ele a ajudou a conseguir um trabalho na casa de uma família alemã, em Ipanema, como uma espécie de mordomo. É a primeira vez que recebe salário por seu trabalho e pode comprar coisas de que gosta, como sapatos. Nesta época, conheceu um homem que mudou a sua vida.

Nesse tempo eu estava conhecendo um homem que seria muito importante na minha vida, ele era advogado e ele se apaixonou por mim, montou uma casa pra mim, eu larguei meu emprego e fui morar com ele e ali eu já tinha feito amizade com as travestis, com esse povo que tinha peito. Ah! No dia que eu descobri que eu teria os peitos da minha vida, parece que eu fiquei num paraíso.

E vê, pela primeira vez, as travestis. Isso lhe causa uma grande emoção. Não se sente mais a única diferente, não se sente mais sozinha no mundo. Descobre que pode tomar hormônios e ficar com peitos. Até ali, essa era uma de suas frustrações na vida, pois se sentia tão feminina que tinha certeza de que seus peitos cresceriam depois da puberdade. E não tinham crescido.

Ela, com seus 18 ou 19 anos, começou a viver com Cláudio, que na época tinha cerca de 40. Ela tinha uma relação de afeto com ele, mas não conseguia vê-lo como marido,

era mais um pai, até pela grande diferença de idade. E tomou hormônio, seus seios cresceram e ela se tornou “uma mulher bonita”. Mas, como não queria ser sustentada por Cláudio, foi procurar emprego numa loja, para trabalhar de faxineira. Quando chegou lá, a dona da loja disse que ali não teria problema de conseguir emprego por ser travesti. Achou Cynthia muito bonita e incentivou-a a fazer um teste para ser vendedora. Ela se saiu muito bem no teste e se deu muito bem como vendedora, vendia mais do que suas colegas.

Em uma semana trabalhando nesta loja, conheceu um estilista que, na época, era famoso. Ele a levou para trabalhar com ele em São Paulo. Ela deixou Cláudio de forma elegante. Foi muito ética com ele, ou seja, devolveu-lhe todas as joias que ele tinha dado a ela de presente. E foi tentar a sorte no mundo da moda na capital paulista.

Cynthia participava de desfiles de moda com modelos famosas, com roupas feitas para o corpo dela e para ela era tudo muito gostoso, apesar de trabalhar como uma escrava. Porque ninguém sabia que ela era travesti. Por isso, ela ganhava salário mínimo, já ninguém mais daria emprego para ela. E trabalhava muitas horas por dia, fazendo faxina, fazendo vitrine, vendendo no Shopping Ibirapuera e participando de desfiles. O famoso estilista, na verdade, aproveitou-se de Cynthia, já que sua diferença em relação às modelos a tornaria desqualificada.

Assim, ela submeteu-se a essa situação, mas adorava estar no mundo do glamour da moda. O patrão a registrara com uma carteira de trabalho falsa, o que a deixou sem direitos trabalhistas. Mas para ela Cynthia essa situação tinha suas compensações.

Tudo isso era muito gostoso pra mim, eu tinha gente pra me ajudar a vestir, desfilava roupas para aquelas mulheres ricas, conhecia [nome da estilista famosa] e era tudo regado à champanhe. Era muito deslumbrante. E vamos lembrar a história, eu uma "bicha" que nasceu no interior de Minas Gerais e que tinha tudo pra ser um fracasso.

Cynthia, que tinha vindo de uma pequena cidade do interior que, segundo ela, ficava nos “Cafundós do Judas”, vivia o glamour. Para Cynthia, essa era a melhor possibilidade que tinha.

Não adiantava sofrer, ou eu era aquilo ou eu ia ser puta, mais uma, e a vida da prostituta nunca foi tão glamorosa, né, querida?

Ela subia nas passarelas como modelo, ela subia as escadarias do Teatro Municipal, convivia com o luxo e com gente famosa, saía com homens ricos.

Qualquer garota, mulher se realizaria com aquilo. Eu sou uma mulher dos anos 50, nós nascemos pra ser lindas, pra agradar os homens. Depois eu fui aprendendo outras coisas, mas você imagina a garota que eu era nos anos 70! Eu estava entre as mulheres mais invejáveis do Brasil, isso é muito para o ego de uma pessoa... vivi isso, curti muito isso. Os homens maravilhosos de São Paulo, cheios de dinheiro, os famosos que estou falando. Imagina qual homem de São Paulo que não queria sair com uma travesti “chiquérrima”, cheia de tato e todo mundo imaginava que era uma moça linda... mas na verdade, eu não era essa moça.

Mas trabalhava muito e como recebia somente um salário mínimo, Cynthia complementava sua renda vendendo roupas no Shopping Ibirapuera. Ela ganhava roupas da moda, mas precisava comprar sapatos, perfumes importados, pois ela gostava desse glamour todo. E por muitos anos foi assim. Muito trabalhadeira, muito disciplinada, uma empregada exemplar. E, ao mesmo tempo, sendo constantemente odiada e adorada. Odiada pelas vendedoras, que não suportavam que ela tivesse aquela convivência estreita com o estilista e com tanta gente famosa. Adorada por homens e mulheres que reconheciam nela a elegância para além da beleza. Ela, assim, se convenceu de que não era bonita, mas era “chique”.

Conseguiu alugar uma casa deslumbrante, com uma amiga bem perto do Shopping Ibirapuera, um paraíso, com jardim na frente. A vida era muito gostosa naquela época.

Sua vida amorosa, naquela época, era um luxo. Tinha um namorado motoqueiro, o Richard, com quem fazia loucuras. Teve um homem com quem ela saía que lhe dava dinheiro, joias. O pacote de cigarro que ele comprava custava mais que o salário mínimo que ela recebia, fora as comissões por vendas. Saiu com homens famosos, como um importante apresentador de telejornal da TV Globo, um poderoso homem de negócios da área do entretenimento. Enfim, Cynthia poderia ter parado de trabalhar, poderia ter sido sustentada por homens numa vida de luxo, mas ela gostava de trabalhar, de ter disciplina. E sentia que era importante honrar os valores que seus pais, no curto tempo em que conviveram, haviam lhe ensinado. Para ela, era importante imaginar que eles, mesmo já falecidos, teriam orgulho do que ela se tornara.

Quando as outras vendedoras descobriram que ela era travesti, depois de três anos que já estava trabalhando na loja, passaram um abaixo assinado em todo o Shopping Ibirapuera para que ela fosse impedida de continuar trabalhando lá. A alegação é que

era ela homem, mas usava o banheiro das mulheres. Ela não fazia nada de mal para ninguém.

Quando a gente fala de agressão, você imagina se tem agressão pior que essa? Porque qual crime eu estava cometendo? Se eu estava ali há 3 anos frequentando banheiro de mulher... porque alegaram que eu era homem e estava indo em banheiro de mulher. Isso é uma agressão muito grande pra mim e aquilo me causou um impacto muito grande.

Cynthia teve um choque de realidade. O estilista a bancaria na loja, porque alegava que poderia contratar a pessoa que quisesse, mas ela seria hostilizada, sua vida passaria a se tornar um inferno. Ela disse que, apesar de tudo, isso fez muito bem para ela. Isso a fez “cair das nuvens” para o mundo real, porque não era a travesti que era aceita na sociedade, quem fazia sucesso não era o ser humano que ela era. Ela trabalhava duro, era linda e elegante, “transpirava sucesso”, mas não tinha o direito de usufruir o que conquistava, não podia mostrar o que tinha de melhor.

Na verdade, eu não precisava trabalhar, mas eu não tinha talento pra ser prostituta, embora a maioria das minhas amigas sejam prostitutas e eu as adoro, porque eu sei a dificuldade de uma prostituta. E sei também que a maioria das travestis não seriam prostitutas se elas tivessem tido outras oportunidades.

Daí surgiu a oportunidade de ir para a Europa, onde foi fazer prostituição de luxo. Cynthia fazia “michê⁹⁵”, mas fez questão de estudar assim que chegou na Europa. Morou, tanto em Paris como em Roma, em bairros luxuosos, onde moravam pessoas ricas e poderosas. Lê e fala fluentemente francês e italiano. Não pode se queixar da vida que teve. Passou a década de 1980 entre Brasil e Europa, curtiu a vida e o glamour de que tanto gosta.

Voltou definitivamente ao Brasil no final da década de 1980, voltou a trabalhar em loja de moda. Mas sentia-se mal, porque sentia que era um pouco psicóloga de mulher rica, que na verdade não tinha problemas. O problema delas, Cynthia brinca, era não ter problema nenhum. Sentia-se vivendo uma vida fútil, não era mais isso que queria.

⁹⁵ **Michê:** pessoa que faz sexo por dinheiro. Termo mais empregado para homens que fazem sexo com outros homens em troca de pagamento ou favores.

Começou a trabalhar na Casa Brenda Lee, que abrigava e cuidava de travestis com aids, que não eram bem tratadas nem mesmo no Hospital Emílio Ribas, o único especializado em atendimento de doenças infecto-contagiosas na época.

Cynthia conta que o preconceito vivido pelos “viados” na época foi terrível, nem nos bares as pessoas eram atendidas, pois ninguém queria se sentar na mesma cadeira que um “viado” sentou para não pegar aids.

Ela foi para a Alemanha, em Hamburgo, para fazer um curso e poder cuidar melhor das travestis que estavam sofrendo com aids e ainda mais exclusão. Voltou para o Brasil e continuou trabalhando com a assistência social às travestis.

Por intermédio deste trabalho, ficou conhecendo outras pessoas que atuavam no movimento social. Acabou sendo incentivada a fazer um concurso da prefeitura para trabalhar em projeto de uma ONG que faz atendimento social para pessoas LGBTT. Cynthia tem a exata noção da importância do trabalho que realiza. E sabe que, diferentemente da maioria das travestis que a ONG atende, tem uma visão mais ampla da sociedade. Luta para que as coisas mudem, porque se percebe como uma pessoa que teve seus direitos violados. Sabe que é uma pessoa que, com todo o luxo e glamour que pôde viver, sofreu muita violência, mesmo sem ter cicatriz no corpo. Suas marcas são profundas, estão na consciência de que suas oportunidades foram ceifadas de várias formas.

Diferentemente da maioria das travestis que conhece, Cynthia tem um emprego estável. Passou em um concurso difícilíssimo e se sente útil, mas diz que o que ganha – menos de dois salários mínimos, é muito pouco para viver em São Paulo. Gostaria de ganhar mais, mas sabe que, mesmo falando francês, italiano e um pouco de inglês, mesmo tendo lido os escritores brasileiros consagrados, mesmo tendo a sofisticação intelectual de quem leu Simone de Beauvoir e Michel Foucault, não tem outras possibilidades de trabalho que a remunerem melhor. Ainda mais aos 65 anos de idade. Ela questiona: “Isso não é uma violência?” Cynthia não estudou não porque não quis, mas porque era impossível ser “viado” e conseguir permanecer na escola. Cynthia sabe ter sido impedida de estudar, para quem tem sede de conhecimento, é uma violência sem nome. Hoje voltou a estudar, frequenta o EJA oferecido em uma universidade confessional

reconhecida. Estuda só porque tem vontade de aprender, não sente nenhuma outra necessidade.

Cynthia, militante esclarecida e culta, afirma que a sua identidade de gênero está para além do corpo, da matéria.

As pessoas precisam perceber e abraçar a ideia de que a nossa sexualidade não está ligada à fisiologia, à nossa biologia. A questão da sexualidade é emocional quando você vai ficando mais evoluída, mais acima do bem e do mal, você vai percebendo que a sua sexualidade é uma questão energética.

Diz que luta junto com “as meninas” para que elas conquistem o direito ao nome social, mas tem uma visão muito particular sobre o tema. Para ela, o nome não deveria importar. Ela e todas as travestis deveriam ter o direito de ser quem são, independentemente de seu nome no documento ser masculino ou feminino. Para ela, a mudança do nome nos documentos decretaria a morte das travestis.

*Não, eu não posso ser aceita fingindo pra você que sou mulher, **você tem que me aceitar como eu sou**, então eu luto, vou lá, faço discurso e tudo para que as meninas tenham o direito de mudar o nome delas, pois as pessoas tem que ser felizes, mas eu sempre levanto essa questão, **porque se todas botarem o nome de mulher, documento de mulher, vocês vão matar as travestis, ela vai continuar clandestina, ela vai continuar inexistente pra sociedade.***

Cynthia implode de vez com o binarismo de gênero. Ela não quer ter o direito de parecer mulher com nome oficial de mulher. Ela quer ter o direito de ser o que quiser, de não ser homem e também não ser mulher. Mas sem perder a dignidade, a liberdade e as oportunidades.

Essa mulher que eu sou tem um respeito muito grande pelo corpo que ela tem. E eu vivo essa dualidade sem sofrimento, eu vivo essa dualidade como uma necessidade, como aprendizado [...] Então eu não vivo como uma pessoa que sofre, isso não quer dizer que eu não preste atenção nas coisas, que eu não ambicione um mundo melhor, de pessoas mais compreensivas, menos intolerantes. E eu trabalho pra isso também, eu acho inclusive o fato de eu ser travesti tem muito a ver, eu me sinto muito responsável.

Cynthia sabe que não é doente, nem é uma aberração. Cynthia sabe que é maravilhosamente ousada.

4. AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS TRAVESTIS

Este é o segundo capítulo de resultados deste trabalho. Nele descreverei os cenários culturais em que as colaboradoras desta pesquisa viveram seus scripts de sexo e gênero e trarei as violências simbólicas, físicas, e econômicas em toda a sua força cênica.

A partir do relato das experiências narradas por estas travestis, destaco então as *cenas* narradas para mostrar a dinâmica psicossocial das violências sofridas. Nestes contextos, especialmente as *relações pessoais* com atores diversos contribuem para a construção de suas *subjetividades*, que se constituem a partir da maneira como elas *interpretam* e *atribuem significado* às suas experiências. E como internalizam esses scripts, vivenciando diversas formas de violência, tanto simbólica, como física e econômica, bem como violências psicológicas e sexuais. Sempre que possível, apresento as formas como marcadores sociais de diferença se articulam compondo cenários e scripts, com violações de direitos e assujeitamentos, mas também com enfrentamentos e resistências.

4.1. A BRUTALIDADE NAS CENAS DA VIDA COTIDIANA

4.1.1. As diferentes formas dos processos de feminilização

Os processos de feminilização, neste contexto, equivalem ao que as travestis denominam de “montar-se” ou “transformar-se”, ou seja, é a maneira com que, paulatinamente, vão sobrepondo “camadas” de atributos considerados femininos – tanto em termos de adereços, como de modificações corporais - sobre seu corpo, que tem as características específicas do que socialmente se designou como homem. Mas não é somente isso. Trata-se, ao mesmo tempo, de um processo de percepção interna, mediada intersubjetivamente por suas relações pessoais: na medida em que se sentem femininas, também (pres)sentem que se inicia o seu processo de estigmatização.

4.1.1.1. Marcas internas e externas do feminino

De forma muito precoce, em sua socialização primária, as travestis deste grupo internalizaram – geralmente de forma inconsciente – que são diferentes e que essa diferença as exclui.

Eu passei pelo “prezinho” e tudo e, já no “prezinho”, eu percebia que eu era diferente dos outros meninos. Tinha até alguns meninos que se pareciam comigo, mas os outros meninos tinham outras formas de estar no meio dos meninos. [Roberta Barretto]

Identificar-se com - ou ser identificada por outras pessoas por ter - atributos do que é tido como feminino é comum a todas e ocorreu muito precocemente, mesmo para aquelas que se transformaram corporalmente e assumiram uma aparência feminina mais tardiamente. A expressão do feminino se deu inicialmente por meio de brincadeiras (usar toalha na cabeça para parecer cabelo comprido ou coque, ou na cintura, forjando saia), ocorrendo quase sempre com a experiência de algum tipo de interdição.

Engraçado de tudo, porque assim, quando eu era bem pequena, eu às vezes vestia as roupas da minha mãe. Eu deveria ter uns 5, 6 anos. Eu vestia, sabe? Engraçado que minha mãe, ela tinha o cabelo bem comprido e ela fazia um coque e colocava um lenço. E eu achava aquilo lindo. Uma vez eu pedi pra ela fazer isso e ela fez. Só que ela falava assim: “Cuidado porque o seu pai não pode ver”. [Priscilla Stephanie Gomes]

Elas também se expressam por trejeitos e imitação (cruzar pernas ao sentar, por exemplo) de um feminino que as encantava.

Teve um dia que uma professora chamou a minha mãe e falou pra minha mãe que ela ia ter problemas comigo. A minha mãe não entendeu por que e perguntou pra ela por que: “Ele chega e senta de perna cruzada, com as mãos em cima das pernas, isso não é forma de um homem se sentar”. Eu lembro que a minha mãe veio e falou - e hoje a minha mãe me recorda, muita coisa que eu não me recordo eu pergunto a ela -, e ela me falou que chegou em mim e falou assim: “Quando você chegar na sala de aula, não senta de perna cruzada[...]. [Roberta Barretto]

Durante sua socialização primária, o sentimento de serem femininas vai-se intensificando com o tempo e se expressando progressivamente. A maioria delas, na infância, gosta não apenas de brincadeiras “de menina”, mas também de programas de televisão cujos papéis principais ou scripts são relacionados ao “feminino”. Isso se dá por meio de desenhos animados e seriados produzidos especialmente para meninas, por exemplo. Para algumas, mais jovens, ocorreu também uma identificação com mulheres midiáticas famosas, que além de terem grande visibilidade pública, também tinham sua sensualidade explorada de forma intensa.

Eu com sete anos. Acho que ele [o pai] começou a perceber também meu jeito afeminado. Ele me pegou usando a calcinha da minha mãe. Foi onde eu apanhei bastante. Porque eu estava atrás de casa com a calcinha da minha mãe (risos). Ele estava chegando do trabalho. Eu estava imitando a Carla Perez (risos). [dançarina do

Grupo É o Tchan, que fez muito sucesso na segunda metade da década de 1990] Minha mãe não sabia, aí eu apanhei do meu pai e quando minha mãe chegou eu apanhei novamente. Ah, [meu pai] falou que eu era homem, que eu não podia fazer aquilo. Só que eu não entendi nada. [Sharon Pinheiro]

Na cena acima, a ostensiva exteriorização por parte de Sharon, que se identificava com uma sensualizada cantora popular, de uma ruptura com o script cultural de gênero compartilhado por sua família foi motivo para ela sofrer violência física brutal (contra uma criança de sete anos), além da violência simbólica. Conforme os sinais do feminino surgem, também se iniciam as diversas violências destinadas a reprimi-los ou punir quem “ilegitimamente” os ostenta.

A violência simbólica se dá de tal forma, que os scripts culturais de gênero e sexo vão sendo internalizados sem que a pessoa entenda ou se dê conta, naturalizando “papéis”. Nestes processos de interação pessoal, as travestis vão assimilando a forma “correta” ou esperada de se comportar, mas a contradição com o sentimento de serem “femininas” e, sobretudo, a interdição de sua expressão se transformam na experiência permanente e cotidiana de ser diferente, mas um diferente não desejado socialmente: a diferença que exclui e inferioriza.

*Assim, as pessoas sempre me chamavam [de bichinha], mas sempre me **chamavam mais por eu brincar com menina, por não jogar futebol**. Essas coisas que no colégio começa, sabe? Tipo assim, já começaram a me infernizar com isso. Mas até então eu não me sentia ofendida, ao mesmo tempo que eu fazia aquilo com homem, digo, com meninos, na verdade. **Brincava [de troca-troca] e gostava**. Ao mesmo tempo eu ficava pensando: “Ah, é uma brincadeira. Eu não quero ser isso, porque é uma coisa ruim”. **Me botaram na cabeça isso, que era ruim**. Era ruim e eu não queria, tipo: “Eu vou crescer, namorar uma menina”. E até então eu me iludia até então, escrevendo carta pra menina, porque eu pensava que era uma coisa certa eu gostar de menina. Então era assim, eu fazia essas coisas com meninos, brincava com meninos. **Mas [também] fazia essas coisas que era o certo fazer, né?** [Camilly Pergolini]*

A violência psicológica (que, ao mesmo tempo, é simbólica) expressa-se, no relato acima, por meio das ofensas de “bichinha”, que servem para humilhar pela conduta que se distanciou dos scripts de sexo e gênero tradicionais em que foram socializadas. A violência simbólica é claramente expressa pela frase: “Me botaram na cabeça isso, que era ruim.” E pela resposta em termos de conduta: namorar menina e fazer o que “era

correto”. Ainda que a interdição seja explícita, havia sempre um jeito de driblar a norma e de se (re) inventar como ser “feminino”:

*Teve até uma vez... Ele [o pai] chegou a ver eu com o cobertor amarrado na cintura e com o cinto dele. Nesse dia, foi que ele tirou o cinto da minha cintura e pendurou atrás da porta dele, que era um local que eu não alcançava. Aí ele falou: “**agora você não brinca mais desse jeito que você sabe que eu não gosto**”. Ele pendurou o cinto atrás da porta do quarto dele, que era um local que eu não alcançava pra poder tirar o cinto de lá. Eu me recordo que, a partir dessa época, eu passei a não brincar mais, a [não] amarrar o cobertor na cintura como saía. Aí eu lembro que **eu fui conseguindo outros artifícios**: a gente pega a toalha da mesa, o lençol...a gente inventa alguma outra coisa. [Roberta Barretto]*

Mas a diferença sentida como inadequação trouxe, em alguns casos, respostas agressivas e isolamento:

Aí por conta disso eu comecei a ser uma criança muito problemática. Comecei a ficar muito agressiva. Não queria ninguém perto de mim. Queria ficar mais sozinha com minhas bonecas escondidas. [Sharon Pinheiro]

As travestis que contribuíram para este trabalho sentem que são diferentes dos outros meninos, porque não gostam de jogar futebol, não gostam de brincadeiras agressivas, mas se interessam por usar maquiagem, brincar com boneca. Os outros meninos não se identificam e nem desejam ter formas corporais consideradas femininas, nem desejam se vestir com roupas e adereços que são “apropriados” às mulheres. Quando elas exteriorizam sua maneira mais “afeminada”, muito rapidamente passam a sofrer violências contínuas, tanto na família como na escola ou na vizinhança.

Ainda que a maioria tenda a evitar, em algum período da vida (com maior ou menor duração, conforme a pessoa e o contexto), que o processo continue ou, no mínimo, busque disfarçá-lo, tentando viver os papéis de sexo e gênero tradicionais, a identificação intensa com o feminino perdura. E grita.

4.1.1.2. Ser ou não ser gay – eis a questão

Quase todas as travestis que contribuíram para a presente pesquisa, antes de começarem a se feminilizar, passaram por uma fase em que são vistas como homossexuais. Há, no

imaginário social, uma identificação de travesti com gay, na maioria das vezes essa identificação se dá até para as próprias travestis:

E eu, o patinho feio da história, porque eu era marcadamente homossexual, eu sempre fui, eu nunca tive um olhar... eu me lembro que as pessoas, às vezes, falavam do meu olhar, que meu olhar era feminino e eu era uma menina [...] [Cynthia Toledo]

Porque teve um cara na televisão que falou assim: “Gay não precisa mostrar o que ele é, gay não precisa vestir de mulher”. Só que até então é um achar dele. Porque ele não sabe que a gente se veste de mulher porque a gente se sente melhor assim. Eu me sinto muito bem assim. [Rebecca Thyfany]

Outras se identificaram primeiro como homossexuais, para somente um tempo depois se identificarem como travestis.

Assim, no tempo em que eu era gay, as outras pessoas que não eram da minha família, que me chamavam de “viadinho”, essas coisas assim. [Kharla Limeira]

Interessante notar como a identidade de gay é referida no passado, denotando que, de fato, para estas travestis, essa identidade foi uma transição. Nem todas se identificaram como gays, porém. Há as que se sentem “femininas”, expressam isso de alguma forma, mas não aceitam serem chamadas de homossexuais por não se sentirem assim.

Porque a única coisa que eu nunca aceitei, e isso é muito evidente na minha vida, na minha solidão, que não aceitava, que eu chorava, é que eu não era gay. Quando as pessoas me chamavam de gay, aquilo era o fim do mundo pra mim. Nossa, eu queria morrer. Eu chorava. Já chorei muito durante um período da minha vida. Só não consigo me lembrar quando isso se inicia.[Iara Pereira]

Quando chamada de gay, evidentemente de forma pejorativa, Iara sentia-se profundamente humilhada. A violência psicológica marcava-a como inferior. Isso a deixava abalada e o efeito sentido era solidão, isolamento, depressão.

4.1.1.3. De mulher na bolsa à mulher com pau

Mas aos poucos, mais cedo ou mais tarde, todas foram se sentindo instigadas a se montar. Algumas começaram vestindo-se de *drag queen* e fazendo shows artísticos, experimentando apenas representar artisticamente a figura feminina em seu exagero.

Expressar a feminilidade, porém, era um desejo que, mesmo com esforço e temor, não conseguiram reprimir para sempre. Isso começa a ocorrer de forma tímida, com adaptações mais ou menos simples: usar roupas mais apertadas, deixar o cabelo mais longo, usar maquiagem ou salto alto.

Eu já saía pra alguns lugares vestida de Roberta, mas no dia a dia era aquela coisa: o Roberto de sobancelha fina, era o Roberto. Às vezes, quando eu fazia entrelaçamento, então era o Roberto de sobancelha fina, de cabelo comprido amarrado, porque quando eu estava de Roberto eu estava de cabelo amarrado, e de Roberta eu estava de cabelo solto. [Roberta Barretto]

Levar apetrechos na bolsa como roupas femininas, perucas, maquiagem e sapatos de salto, para se montar em um local distante de casa e de pessoas conhecidas, foi um denominador comum a quase todas. Essas levaram na bolsa, por um período mais breve ou mais longo, os artifícios que lhes permitiram viver a ousadia, a fantasia e o encantamento de serem possuidoras de atributos femininos. Todas fizeram muitas tentativas e usaram de muitas artimanhas para tentar esconder a mulher em quem sonhavam em se transformar, uma forma de se proteger das violências que acompanhavam o processo.

*Tipo assim, **como a gente era gay, até a gente se montava**, tipo, eu ia pra casa do Carlos que morava em [nome do bairro], a gente ia a pé lá de casa até lá, **e a gente se vestia**. Tanto é que a **gente comprou uma peruquinha**. Nossa aquilo era uma coisa feia, horrível. Usei ela uma vez e falei: “Não vou usar ela mais não. Vou deixar meu cabelo crescer”. Foi quando começou crescer. [Rebecca Thyfany]*

Algumas sentem esse processo de se montar com estranhamento. Kharla disse que se achou bizarra ao se montar como *drag queen* pela primeira vez. Sharon se encantava com as travestis, mas as via como um palhaço de um programa que assistia na TV. Rebecca achava a peruca feia. Mesmo com o estranhamento, elas continuam buscando formas de se expressar.

*Uma das grandes frustrações da minha vida é que eu era tão segura da minha feminilidade que eu achava que, quando chegasse aos 14 anos, meus peitos iriam crescer e não cresceu. Ficava esperando crescer e aí de repente eu descobri como tinha que fazer pra ter peito, **mas estranhamente eu queria peito**, mas a questão de ser mulher ou não, pra mim, eu não parava pra pensar nisso, eu não era voltada pra genitália, a minha genitália não me incomodava, eu **era mulher, a minha reação era de mulher, a minha***

reação era feminina, a minha visão é feminina, toda a minha sensação é feminina
[Cynthia Toledo]

O sentimento que surge é tão intenso que sentem a necessidade de marcá-lo concretamente, então as transformações corporais se iniciam. O processo de transformação corporal foi mais rápido para algumas, mas para outras foi bem mais demorado. O momento em que as marcas do feminino concretizaram-se corporalmente variou bastante. Algumas começaram a tomar hormônios ainda na puberdade, outras o fizeram depois de adultas, mas todas tomaram hormônios para, segundo elas, ganharem formas femininas: ter seios, menos pelos, mudar a voz.

*O hormônio faz efeito rápido, silicone faz efeito rápido, o cabelo, se você deixar, ele desce também. O cabelo abaixo da orelha já te dá um outro efeito de rosto. Se você deixar o seu cabelo crescer até aqui [apontando para o ombro], você vai sentir que o seu rosto dá uma mudada. Faz uma diferença tremenda. Se eu solto ou prendo o cabelo, **tem uma diferença**. Então pra quem sempre usou o cabelo aqui na nuca, deixar o cabelo crescer é um diferencial. Então deixar o cabelo crescer **pra um feminino é muito mais diferente**.* [Iara Pereira]

Evidentemente que havia a vivência de uma contradição interna: marcar cada vez mais o corpo, inscrever na carne os signos do feminino e, ao mesmo tempo, tentar esconder essas marcas.

*Então falei: “Vou tomar hormônio pra ver o que acontece”. Fui na farmácia tomar hormônio. [...] **Aí meu peito começou a evoluir. Aí eu andava, tipo, com duas camisetas**. Só que meu corpo estava mais evidente ainda e eu não via. Pra mim eu escondia, ninguém estava me vendo. Eu só era Iara quando eu me montava e saía.* [Iara Pereira]

Violências de toda ordem as atingem ao mesmo tempo em que vão se tornando visíveis as primeiras marcas físicas do feminino sobre o corpo masculino.

Iara, antes de começar o segundo ano do Ensino Médio, passou por uma experiência muito dolorosa na porta da escola, ao voltar “muito mais feminina” das férias devido à ingestão de hormônios e ao uso de roupas assumidamente femininas.

*E aí na escola a gente teve a **chuva de pedras portuguesas na calçada**. Deram uma chuva de pedras em nós três. [Na volta das férias escolares, eu já] **estava megafeminina**.*

Então eu cheguei e, no colégio também, o pessoal não deu conta. Já não era uma “bichinha” feminina, já era mesmo uma “bichinha” usando roupas de mulher. Roupas feminina. [Iara Pereira]

Roberta, por sua vez, assim que começou a ter seios evidentes, sofreu violência sexual de um estranho.

E teve até uma ocasião que eu ia saindo da escola e um cara mexeu comigo por causa do meu seio. Eu estava passando, estava saindo da escola, e na rua da escola mesmo, tinha dois lugares que a gente lanchava, um era uma lanchonete mesmo e o outro era uma bicicletaria que vendia lanche. E era uma casa do lado dessa bicicletaria. Eu lembro que ele estava dentro do quintal dele, aí eu passei e ele me chamou, e fui na beira do portão pra falar com ele. E ele estava com a mão dentro da calça, querendo que eu entrasse pra dentro do quintal dele. Ele falou assim: “Se eu pegar esse seu peito aí!” e ia colocando a mão dentro da calça. E eu fiquei com medo, e aí eu saí de perto. E toda vez que eu via ele, eu tinha a mesma reação, eu não ficava perto. Quando ele estava perto da bicicletaria, eu não parava pra comprar lanche, eu ia embora pra casa com medo dele. [Roberta Barretto]

Os seios de Roberta, que à época teria seus 12 anos, tornou-se uma marca de objetificação e de oferta sexual. É como se ela tivesse perdido sua possibilidade de escolha, de dizer sim ou não. Ela, como as demais, ao ostentar as marcas do feminino e romper com a roteirização cultural de gênero perdeu simbolicamente um pouco de sua humanidade.

Para que o processo de feminilização fosse mais satisfatório, além da ingestão sistemática de hormônios sem acompanhamento médico (comprados na farmácia, por indicação de amigas), muitas aplicaram silicone no corpo, por meio de implante de próteses de seios, injeção de silicone na face, nos quadris, nádegas e em outros “pontos estratégicos”.

No decorrer disso, depois de alguns anos, eu acho que quatro anos depois que eu estava com ele [Sérgio, o companheiro], ele me proporcionou a colocação de uma prótese. E aí foi quando eu acabei me tornando travesti de vez mesmo e eu falei “agora não tem mais pra onde fugir”. Porque até então eu conseguia transitar, porque eu podia me colocar como menino, e em momentos estar como menininha, mas não tinha nada que chocasse, como um seio. Já tinha cabelo comprido, mas cabelo comprido até homem tem cabelo comprido e ninguém fala nada. E quando coloquei [a prótese de] seio, eu já tinha dezessete anos. [Antes eu] passava uma imagem do menino efeminado, um menino que dava a entender pras outras pessoas que era um menino gay. Um menino que dava pinta. [Roberta Barretto]

A injeção de silicone, por seu custo, costuma ser aplicada por “bombadeiras” ou “bombadeiros”, pessoas que ganham a vida modelando os corpos das travestis, na maior parte das vezes de forma inadequada, em condições de higiene precária e com materiais nem sempre apropriados para isso. Algumas, exibem deformações corporais provocadas por pessoas que atuam como bombadeiras, mas são pouco hábeis. Ou muito inescrupulosas.

Além desses problemas, que são comuns a várias destas travestis e são também retratados fartamente na literatura acadêmica, outros inimagináveis ocorrem nesse processo. Iara, por exemplo, quando conseguiu juntar algum dinheiro, procurou um bombadeiro conhecido, marido de uma travesti de suas relações, que cometeu contra ela uma violência sexual.

*Aí eu conheci o Guilherme que era bombador. [...] Aí eu aproveitei pra bombar⁹⁶ o peito, porque eu só tinha hormônio. Coloquei silicone no peito. Foi com o Guilherme. [...] Mas teve um detalhe interessante. Ele bombava na casa dele. Ele era casado com uma outra travesti. [...] Ele, no dia em que ele bombou o meu peito. Eu lembro que eu fiquei super zozza, é muita dor. Infernal. Eu não lembro se eu tomei anestesia. Só sei que eu estava meio bêbada. Quando terminou e ele falou: “Acabou!” Eu ‘tava como se estivesse bêbada mesmo. [...] **E ele bateu uma “punheta” no meu peito.** Algo que eu nunca conversei com ninguém sobre. Comentei [...] com uma ou outra e tal. Depois a gente ficou sabendo que ele fazia essas coisas. Mas por exemplo, nunca comentei com a mulher dele. Algo que ele fazia com as outras meninas também. **No meu caso foi só uma “punheta”, ele gozou no meu peito. Com as outras ele tinha transado.** Depois ele queria transar comigo. Foi no ponto me cantar, mas nunca rolou. Ele se aproveitava da situação, né? Ali foi um abuso. Porque eu fiquei dopada. [Iara Pereira]*

Iara levou algum tempo para se dar conta de que o que Guilherme lhe fez foi uma violência, apesar do estranhamento e desconforto que sentiu. Mas devido à clandestinidade de todas essas situações, ainda que ela identificasse a violação de sua dignidade, não teria como oferecer uma denúncia. Para ela, não existia proteção nesses casos, mas apenas uma submissão conformada.

A quantidade de silicone utilizada e a pessoa que a aplica são fatores que distinguem mais ou menos as travestis. Quanto mais silicone e mais famosa for a bombadeira,

⁹⁶ **Bombar:** injetar silicone líquido no corpo para moldá-lo com formas consideradas femininas.

maior status adquire a travesti entre suas companheiras, especialmente no mundo prostituição. Por outro lado, se o corpo feminino ainda não está bem formado, a travesti se torna alvo de gozações por parte de outras travestis e é por elas humilhada, pois ela não passaria de um “viadinho”, uma “bichinha” cujo corpo ainda não ostenta de forma mais definitiva as marcas que distinguem as travestis entre seus pares.

Não, mas tipo, desse grupo eu era a mais masculina. Falavam, né? Sempre fui, sempre me falavam que eu era bem masculina. Sempre foi assim. Até a Ju assim, porque tipo assim, a Ju, querendo ou não, ela não foi minha amiga porque, tipo assim, ela ao mesmo tempo que era boa com você, ela chegava na cara. Tipo, estava comigo e todo mundo do programa. Só que até então eu não conseguia fazer. É uma coisa que não me agrada. Aí, toda vez que ela conseguia dinheiro ela me dava pra eu comprar [o hormônio] Perlutan, e tipo, ficava ali, sabe? “Ah, você não vai conseguir fazer nada, que não sei o quê. Você é um “viadinho””. Me xingava, humilhava [por ser “viadinho” e não travesti], entendeu? [Rebecca Thyfany]

Eu não tinha ninguém. Minhas amigas acabaram sendo as pessoas que eu estava convivendo [as travestis do ponto]. Minha cabeça acabou sendo muito influenciada. Viviam brigando comigo: “Você é um viadinho. Você não tem nada [de travesti], você nunca vai ser feminino”. Sempre humilhação, todos os dias. Fiquei: “O que eu faço da minha vida?” [Camilly Pergolini]

Nas cenas acima, Rebecca e Camilly estão entre suas iguais, mas não são tratadas como tal. Curiosamente, algumas travestis utilizavam, para humilhar Camilly e Rebecca, as mesmas palavras com que costumavam ser ofendidas por familiares ou outras pessoas. Várias delas, então, buscaram radicalizar sua transformação corporal por meio de cirurgia. Iara e Camilly, por exemplo, fizeram cirurgias plásticas.

Elas relataram como se reinventaram e “fizeram” sua formas com cirurgias, artifício que as transformou mais radicalmente, mas que não satisfaz a todas. Iara se sente bem com suas formas, mas Camilly se diz arrependida: não se sente realmente travesti, diz sentir-se gay, diz que pensa como um gay. Camilly sofre por não conseguir se identificar de fato com a pessoa em que se transformou, talvez por não se sentir tão feminina. Por outro lado, continuará a tentar apagar as marcas do masculino em seu corpo com novas (e ainda mais caras) cirurgias. No entanto, para ela, como para outras travestis deste grupo, ainda resta a denúncia inescapável e humilhante de não ser o que aparenta: seu nome masculino nos documentos.

4.1.1.4. Nome oficial – entre a fantasia e a violência

Um dos fatos mais comuns que as travestis deste grupo relataram foi o de passarem por constrangimentos ao serem identificadas com nomes masculinos em locais públicos. Coincidindo com o que é fartamente relatado na literatura, a maioria delas se sente humilhada quando isso ocorre. Para essas, trata-se de uma violência psicológica que se dá com frequência em filas de espera de postos médicos ou na chamada feita por professores em sala de aula, entre inúmeras outras situações.

Iara, por exemplo, quando voltou aos estudos, por incentivo dos colegas da militância LGBTT, muitos anos depois de ter abandonado a escola por agressão dos colegas, sentiu-se extremamente constrangida ao ser chamada pelo nome do registro. Integrantes do grupo de ativismo foram ao curso supletivo que ela iria frequentar para conversar sobre a possibilidade de ela ser tratada pelo seu nome social, ou seja, o nome feminino pelo qual se identifica, e houve um acordo com a direção e a coordenação da escola. Logo no primeiro dia, no entanto, Iara já sentiu que seu retorno aos estudos não seria tão simples.

Fui pra aula. Começou a aula, beleza. Menina do céu! Começou a chamada, aí chamou o nome de registro, não tinha nada de nome social. “E agora? Respondo? O que eu falo? Ganho falta?”. Aquilo... eu senti um calor debaixo pra cima, subindo, parece que fez “puff” em cima de mim. Eu simplesmente abaixei a cabeça, o olho encheu de lágrima e eu ergui o braço e disse “Presente.”. De cabeça abaixada. Aí passou. Assisti à aula, fui embora. No outro dia fui pro [nome do grupo], falei: “Acabou essa história de escola”. Nossa! O povo ficou doido. Foram na escola, fizeram um “furdunço”. E tentaram reverter. E reviram e iam chamar pelo nome social. Mas nunca funcionava, porque, tipo, funcionava na primeira semana. Na segunda o professor esquecia. Ou se era proposital, não é algo que você vai ter essa percepção. [Iara Pereira]

Desistir de estudar, deixar de receber cuidados médicos, ter dificuldades de conseguir emprego, não poder locar um imóvel para sua moradia são algumas das consequências relatadas por elas. O nome no documento é uma identidade e é uma denúncia. É o rompimento do disfarce, é a ostentação da ambiguidade, é a implosão da norma de gênero. E traz a reboque violências e dificuldades de ordens diversas, como sentir constrangimento por ser chamada em público por um nome masculino e apresentar-se com uma aparência feminina. Este é o caso de Iara. E, entre outras, também é o caso de Priscilla.

Priscilla, das oito colaboradoras deste grupo, é a pessoa que expressa com mais frequência estar muito confortável com sua aparência (porque, segundo ela, ninguém

percebe que ela não “nasceu mulher”), que não denotaria a superposição feita no seu processo de transformação corporal. Ela se sente ostentando características totalmente femininas e tem orgulho disso. Sente-se desejada pelos homens como mulher. Para ela, atualmente, o único grande desconforto é ainda ter um documento que não a identifica como tal. É talvez o único momento em que ela realmente ainda se sinta desconfortável, aviltada. E indignada.

*Fui fazer exame e a médica me chamou. Falou: “Fulano”. “Não é você!” Eu estava com uma calça jeans, tênis e estava com uma camiseta. Vai fazer um ano. Ai: “**Tem alguma coisa errada**”. Falei: “Não tem nada errado não. Vamos lá que sou eu”. “Não, espera aí”. “**Olha, eu estou chamando essa pessoa. Você não é essa pessoa**”. Falei: “**Sou sim**”. “Cadê seu RG?” “Toma, está aqui”. **Ela ficou chocada** assim: “**Não me diga. Seu nome está errado então. Vai arrumar seu nome**”. “Não gata, eu sou uma transexual”. Ela não se conformava. Ela ficou abismada. **Que ela falou: “Mentira! Eu não acredito. Você é uma mulher**”. “É, mas vou fazer o quê?” [Priscilla Stephanie Gomes]*

Nesta cena, a médica expressa a ideia de que há um erro, um equívoco. Para Priscilla, o erro é ela não poder mudar seu nome nos documentos oficiais, o que é sentido por ela como violência. Ela, como iara, também se sente constrangida, humilhada e, apesar de aparentar tranquilidade (“Não, gata, sou uma transexual”), ela relata a cena com um tom de voz que denota revolta e indignação.

Já Cynthia tem uma posição totalmente diferente sobre a questão dos nomes. Ela pensa que é justamente no fato de poder viver essa ambiguidade que reside o encanto e a ousadia de ser travesti, é somente assim que a fantasia se realiza. Cynthia, como Priscilla, também se sente confortável com seu corpo feminino e sua experiência de vida. Já enfrentou diversas dificuldades por seu nome não ser “condizente” com sua aparência. Ela entende as razões de quem queira mudar seu nome oficial, mas para ela a solução é outra:

A solução é assim, a sociedade te aceitar como você é. O que você tem de oferecer como cidadão, é isso que conta. Sua qualificação. No seu documento é Sérgio Alberto Toledo, mas você gostaria de ser chamada de Cynthia, fim de papo. [Cynthia Toledo]

A solução proposta por Cynthia parece ser justa: ser aceita e ser tratada dignamente em sua diferença. Cynthia reivindica que a diferença seja simplesmente vivida como diversidade.

4.2. As violências nas relações pessoais

4.2.1. Relações perigosas – família

Quase todas as travestis deste grupo relataram ter encontrado na família, durante a infância e a juventude, o afeto (à exceção de Sharon) e, ao mesmo tempo, um forte temor. Para muitas, havia o risco iminente e constante de sofrer algum tipo de violência, relacionada tanto ao gênero quanto à sexualidade. De qualquer forma, a violência se “justificaria” pelo afastamento de um masculino – tido como obrigatório – mas que se autorrepresenta desafiadoramente como feminino. Esse afastamento poderia se dar tanto em termos de expressão de gênero, como pela atração afetiva ou sexual por outra figura masculina.

Por exemplo, a primeira lembrança de Roberta Barretto de uma violência sofrida em família se deu por ter contado para a mãe que beijava um menino na escola:

*Contei pra minha mãe, ela falou que a gente tinha que sentar e conversar, só que a gente tinha que sentar e conversar com a família inteira. Aí já foi um pouco mais complicado, porque eu tinha **dez anos**, por aí. E aí minha mãe chamou meu pai, chamou meus irmãos, sentamos todos na sala, e ela falou: “Agora você conta o que você contou pra mim”. E eu, na minha inocência, contei, achando normal, não tem problema nenhum: “Eu gosto de uma pessoa e a pessoa gosta de mim”, não tem problema nenhum. E aí, quando eu acabei de contar, **meu pai levantou e me deu um tapa na cara!** [...] **foi quando eu percebi que alguma coisa não estava correta para eles, não para mim. Pra mim estava tudo correto.**[Roberta Barretto]*

O pai de Roberta, além de desferir-lhe um sonoro tapa na cara, também gritou “Na minha casa não tem isso! Na minha casa eu tenho filho homem!”. Nessa cena, é possível identificar as violências ocorrendo concomitantemente e imbricadas umas nas outras: simbólica, física e psicológica.

Para Rebecca, a primeira cena de violência da qual se lembra foi por usar adereços femininos:

*Meu pai estava no quarto também, dormindo. Estou brincando com ela [uma prima], colocando dois lacinhos na mão e dois nas pernas. Ele acorda nervoso. A gritaria que a gente estava fazendo [acordou ele]. Levanta bravo. Muito nervoso, tipo, como se alguém tivesse dado um susto. Aí ele acorda nervoso. Nossa! E puxa os lacinhos dos meus braços e das pernas. Eu não me lembro se ele falou alguma coisa, **mas eu já sabia** [que era por causa dos lacinhos]. Porque tipo assim, essa é a única cena que eu lembro bastante. Porque tem algumas que eu não lembro. Não lembro muito. [Rebecca Thyfany]*

A família amorosa, por outro lado, é sentida como proteção, como foi relatado por Cynthia. Graças a esse sentimento de ser querida pelos irmãos, processos de violência simbólica externos à família, ainda que dolorosos, forjaram também uma possibilidade de resistência, que se expressa até como um sentimento de piedade para com a pessoa violenta.

*Mas não era aquela coisa palpável, **era tudo muito velado**, mas eu percebia, e eu crescia, porque eu fui logo descobrindo que não podia ser fraca. Então por isso você observa o que é maturidade, porque **eu não me recordo de ser uma criança infantil eu era uma criança madura**, como sempre eu fui, uma pessoa muito madura, muito segura, tanto é que eu lido com essas coisas, essas rejeições com muita maturidade, muito equilíbrio, eu lido com a violência com um olhar de piedade pra aquela pessoa que é violenta. Porque a pessoa que ela é violenta, ela carece de muita coisa, ela não é um ser completo porque a criatura completa ela entende de coisas mais elevadas, ela tem amor em abundância e o amor em si, ele protege a pessoa que ama, e então eu sofri sim, sofri muito violências veladas até hoje, eu cresci convivendo com essa violência meio velada, porque eu tinha a proteção de uma cidade pequena, de irmãos numerosos, **mas eu tenho certeza de que se eu fosse uma criança mais só, eu teria sofrido outros tipos de violência**. [Cynthia Toledo]*

E a proteção familiar, Cynthia intui, impediu que ela sofresse outras formas de violência. Iara, por sua vez, relatou que sua feminilização ostensiva foi motivo para ela abandonar a família com cerca de dezoito anos. Ninguém a expulsou de casa, ao contrário, mas ao ser cobrada por um irmão sobre a sua aparência estar se tornando muito feminina – “Ele falou pra mim que eu não era mais irmão pra ele.” –, passou por dois movimentos simultâneos: deu-se conta de que não podia esconder mais as marcas da sua feminilização, que agora era ostensiva, e sentiu de que não podia mais ficar com sua família.

*Eu fui morar em uma pensão. O meu pai chiou, porque não queria que eu saísse de casa, meu irmão mais velho também não queria, o restante só chorou. Mas o meu pai, meu irmão mais velho e minha mãe... Minha mãe só chorou também. Meu pai e meu irmão mais velho chegaram a pedir pra que eu não saísse, **independente de qualquer coisa, que se de repente era uma coisa que eles não compreendiam em relação a ser gay mesmo**. E eu falei que não, que não tinha nada a ver com isso, estou indo embora mesmo. Não queriam que eu saísse. **Porque o meu lance não era ser gay**. Neste momento que sai de casa eu já sabia que eu estava tomando hormônio, estava com pernas raspadas já. Não usava mais short, só usava calça. Calça colada, nunca gostei de calça larga. Já estava muito evidente. Não tinha mais como. Se você perguntar pra mim hoje, acho que eles entenderiam de qualquer forma. Se eu tivesse tido a liberdade de conversar, explicar melhor, eles teriam compreendido de qualquer forma. Naquele momento era impossível [para mim]. [Iara Pereira]*

Para Iara, a ruptura com o script de gênero era mais intolerável em sua família do que a diferença em termos de sexualidade. Ela sentia que teria de ir embora, apesar dos pedidos explícitos para que ficasse. Sua família expressa que a aceitaria como gay, mas ela não era gay: estava se transformando corporalmente, ela se sentia travesti.

Mesmo havendo relação de afeto com a família em alguns casos, a violência se manifestava de várias formas. A interdição com alguma forma de violência adveio principalmente das figuras masculinas da família (pai, padrasto e irmão). Para Pryscilla, porém, a expectativa anunciada frequentemente pela mãe de que o pai não a aceitaria, não se confirmou – foi sua mãe quem teve maior dificuldade de aceitar sua revelação de que estava namorando um rapaz.

Kharla era ofendida pelo pai, que a chamava de “viado”, entre outras coisas, mas não tinha afeto por ele e diz que não se incomodava muito. Porém, se incomodava com uma tia, que sempre a ridicularizava:

*Então, tinha uma tia minha que ela me incomodava bastante. As coisas que ela dizia. [...] **ela gostava muito de me chamar, tipo assim, de Maria.** Engraçado que ela jogava umas piadinhas meio assim, todo mundo sabia que era gay por causa do meu jeitinho assim. **Eu não tinha muito jeito de gay**, entendeu? Mas dava pra perceber. Mas eu sabia que ela sabia. Ela jogava umas piadinhas. Isso também me incomodava. Eu discutia bastante com ela e tudo. Mas são coisas que eu não trago pra minha memória, entendeu? [Kharla Limeira]*

Kharla sentia que a tia revelava o que ela tentava esconder, pois “não tinha jeito de gay” e essa “revelação” não solicitada a incomodava. E seu mecanismo de resistência a essas violências é o apagamento delas na memória. Cynthia, por sua vez, relata que foram parentes - que não eram parte de sua família nuclear - que promoveram a rejeição que a levou a se mudar de estado e de cidade. Ela era órfã e seu trabalho era explorado nas casas de familiares que supostamente a acolheram.

*E aí também eu tinha ... era um período em que eu estava com uma parenta minha, eu ficava no hotel dela, em que eu trabalhava. **Ganhava comida e ganhava o estar lá. Eu era explorado.** Só que eu... tinha um menino -, que esse romance meu começou bem cedo, um amor dele por mim e eu por ele -, foi bem pequeno que a gente começou essa atração, mas depois a gente foi ficando mais adolescente e a gente namorava muito. **Ele começou a namorar a minha prima, e esse menino era de família boa, de dinheiro e tudo. Eu***

*ficava tomando conta de um bar, a gente se dava muito bem. Eu via os jovens da minha idade e tudo, e a gente ficava discutindo e tudo, e as nossas relações eram discutidas muito naturalmente, então um dia a gente começou a discutir, eu ele, e meu primo, falando que **ele era apaixonado por mim e eu por ele**, e que a gente ficava se escondendo. Coisas desse jeito, de adolescente. Mas a minha prima - que estava namorando com ele, **que já era namorado pra casar** -, escutou, e aí elas fizeram muito bem feita a acusação e deram um jeito de me mandar pra casa da minha tia que morava no Rio de Janeiro. **Aí essa tia me recebeu na casa dela e era uma mulher experiente e percebeu logo que eu era homossexual. Mandou a faxineira embora e logo me colocou no lugar da faxineira.** Só que meus dois irmãos que estavam com ela, tinham vida privilegiada, está certo que ela me botou pra estudar em um bom colégio, no Bandeirante, que era ali na rainha Elizabeth, no posto 6, era um colégio particular, **mas eu virei a faxineira da minha tia.** [Cynthia Toledo]*

Mais uma vez aqui é percebida a diferença de sexualidade e gênero se interconectando com a diferença de classe e produzindo a exclusão. Cynthia foi rejeitada por seus familiares que moravam na cidade onde nasceu por sua relação amorosa com um jovem de classe mais alta, mas na cidade grande foi, por conta de sua feminilidade aparente, tratada como a empregada doméstica da parte de sua família que a “acolheu”, enquanto seus irmãos não tinham as mesmas obrigações. E isso a fez, posteriormente, abandonar de vez a casa desta família.

Sharon passou por diversas crueldades em sua família nuclear logo que foi percebida como “mulherzinha”. As mais marcantes foram promovidas por seu pai e irmãos. Fizeram-na comer pimenta, dizendo que era gostoso:

*[Eu tinha nove anos] Aí teve uma vez que eles foram pescar e levaram eu junto. **Só para você ver como meu pai já não gostava que eu era muito afeminado**, eles pregaram uma peça em mim. Pegaram uma pimenta bem ardida no mato e falaram: “Come que é gostoso.” Eu não queria comer porque não gostava de pimenta. E eles ficaram: “Come, come”. Eu comi e minha boca ficou ardendo horrores. Peguei água do rio para poder beber para acabar com aquela ardência. Ficou muito ardendo, mesmo bebendo água. **Por que, para que um pai iria fazer isso com um filho? [Por que era mais feminina], Né!? Preconceito estampado no rosto do pai.** [Sharon Pinheiro]*

E antes até a fizeram comer cocô, dizendo que era chocolate:

*Teve até uma vez nessa época [nove anos]. Não! Nessa época não, quando eu era um pouquinho mais nova, quando a gente tinha acabado de chegar em [nome da cidade]. **Meus irmãos me deram “bosta” para comer, “cocô” para comer. Falando que era chocolate.** Não desconfiei. Eles colocaram em um guardanapinho, trouxeram certinho, estava bem marronzinho. E eu dei uma bela mordida. [Sharon Pinheiro]*

No relato de Sharon, aparentemente não há expressões evidentes de que a humilhação tenha se dado por ela ser “afeminada”, poder-se-ia argumentar que se tratava de uma simples brincadeira de criança, de mau gosto, mas sem outra conotação. Mas não foi assim que ela sentiu. Ela conta este episódio em meio a vários outros em que se sentiu excluída pela diferença expressa em seu “jeito feminino”. Para ela, essa seria a única explicação para ser tão maltratada, já que foi por se transformar corporalmente e se vestir de mulher, aos doze anos, que foi expulsa da casa da família e teve de morar em um barraco no fundo do quintal – para ela, uma “casinha de cachorro”.

Além da família, onde muitas não puderam encontrar guarida, a escola foi outro cenário de relações interpessoais extremamente frustrantes e, na maioria das vezes, muito violentas.

4.2.2. Relações insuportáveis – o tormento na escola

Além das experiências no ambiente familiar, as travestis deste grupo também sofreram perseguições infundáveis em outro ambiente especialmente importante em termos de socialização para crianças e jovens: a escola.

Na escola... Ia! Sofri nesse período, foi quando começou esse meu jeito afeminado. Aí tinha gente que conversava comigo, tinha gente que não conversava. Tinha uns que me chamavam de “viadinho”. [Sharon Pinheiro]

Sharon identifica que o jeito afeminado é motivo para ser humilhada. Já Cynthia entende que havia um certo desprezo em relação a ela por parte das professoras, com preferência pelos irmãos dela.

Eu percebia uma predileção das professoras pelo meu irmão e uma aversão por mim, mesmo quando criança eu já percebia uma agressão, intuitivamente eu sentia essa rejeição por mim e isso tudo me foi fazendo com que eu amadurecesse muito rápido. [Cynthia Toledo]

Rebecca relata que era chamada de gay, mas que não sentia isso como algo pesado, tão doloroso.

*Ai, eles me chamavam de gay, falavam assim. Tinha um menino até que pegou e falou que era meu namorado, teve outros. Tipo assim, eu nunca fui de ser chamada de coisa pesada mesmo. Nunca mesmo. Porque até então eu tinha o meu respeito. **Eu não era daquelas bichas que fazem “Ah, não sei o quê”**. Eu não era assim. **Eu já era mais calma**, focava mais nos estudos. Mesmo tirando nota vermelha eu era estudiosa. Era bagunceira quando tinha que ser. [Rebecca Thyfany]*

Na experiência dela, ela não era “daquelas bichas”, querendo dizer que não se expressava com muitos trejeitos, não se mostrava tão afeminada ou afetada, ou seja, não era tão “inadequada”. Mesma experiência expressa por Kharla que, como defesa, tinha amizade com todo mundo e sempre impôs o respeito, ostentando o menos possível seu jeito feminino. Já Camily sofreu muito com todo o tipo de agressão que sofreu. E foram muitas.

*Eram 3 ou 4 pessoas. [Começaram a me bater] Desde quando saímos do colégio e não tinha mais como voltar. Estava eu e uma amiga minha. Mas minha amiga falava: “Faz alguma coisa, sai correndo”. E eu era muito orgulhosa e falava: “Não vou, não vou sair correndo”. A gente estava caminhando normal, voltando pra casa. Normal. **Eles vinham e davam chutes**. Davam chutes e iam avançando e a gente falava: “Para”. E [eles]: **“Ah, porque você é um ‘viado’ e não sei o quê”**. E batendo boca. Eu abaixava a cabeça, até então, e **fingia que não estava acontecendo nada**. A Ana mesmo: “Ah, faz alguma coisa. Sai correndo”. Eu fingia que não estava acontecendo. **Não conseguia reagir porque eu me sentia culpada e ao mesmo tempo porque era orgulhosa**. Eu não ia pegar e sair correndo, entendeu? Aí ficavam rindo. Ficava: “Vai tu agora”. Aí me dava um chute, um soco, e não sei quê. Assim foi até chegar em casa. [Camily Pergolini]*

Camily ainda se sente culpada por estar apanhando. Mesmo com o sentimento de injustiça, com a dor física e orgulho ferido, ela não reagia porque, de alguma forma, sentia como se ela fosse a causadora das agressões que sofria. Mais forte, o peso do cenário cultural resultava no script de culpada, “açoitável” sem direito a reagir.

A violência de quem deveria proteger também ocorria em algumas situações, de forma explícita ou por omissão:

Ah! Eu era uma criança como todas as outras, eu era adolescente, eu fazia um pouco de dondoca porque eu não era nenhuma santinha nem nada, e a reação dele comigo foi por eu ser “bichinha”, aí ele [o professor de matemática] me catou e jogou lá fora. A diretora do colégio, que era irmã dele, o escritório dela dava bem na frente da sala e ela presenciou tudo isso e não fez nada. Então você vai vendo que tudo é pelo fato de eu ser homossexual, porque era bem gritante a minha homossexualidade, eu não escondia nada, eu era eu, esse foi o único episódio da minha vida eu posso falar assim que sofri uma violência real, as outras eram tudo veladas. [Cynthia Toledo]

Cynthia expressa a articulação da cena com o cenário de opressão. O professor a agrediu, quando deveria contribuir para promover a convivência entre todas as pessoas, mas também se sentiu desamparada pela omissão da diretora. Roberta conta um episódio em que até mesmo a tentativa inábil realizada por uma professora de punir um agressor foi vivida como violência porque reproduz o cenário do qual tentava escapar:

*E eu lembro que tinha um menino que estudava junto comigo e no dia de uma festa, **ele falou pra professora que não queria tirar foto perto da mulherzinha** [referindo-se à Roberta]. Porque juntava a turma toda pra tirar foto. E eu me lembro que **a professora fez ele tirar foto de mão dada comigo**. Tanto que... assim, essa foto a minha mãe tem até hoje, e ele está de mão dada comigo. Só que **ele está sorrindo com uma cara de deboche e eu estou com cara de assustada**. Lembro, eu me recordo nitidamente desse dia, tanto que foi a professora que falou: “Agora você vai tirar a foto dando a mão pra ele, Você não está chamando ele disso? Então agora dá a mão pra ele e tira a foto com ele dando a mão”. **E aí ficou a turma todinha e a gente ficou do lado da turma de mão dada.** [Roberta Barretto]*

A suposta “punição” imposta pela professora ao agressor foi ainda vivida com medo e isolamento por ela. Na cena montada pela professora o colega experimenta o deboche, pode desdenhar da punição. Roberta, porém, viveu a punição dele como humilhação para ela. E exposição de seu script fora da ordem, que só aprofunda o isolamento.

Além disso, nem Cynthia nem Roberta tinham noção de seu direito à integridade física e mental, de que não deveriam passar por esse tipo de tormento. Não se viam como pessoas com direitos.

***Perturbavam a gente o tempo todo.** Dentro do colégio, a gente tinha uma certa segurança, de achar que eles não iam pegar a gente, porque a gente só ficava em lugares estratégicos. **Por exemplo: a gente não usava o banheiro.** Não. No intervalo não. A gente usava o banheiro, muito quando eles não estavam lá. Então a gente combinava com as meninas, tipo, eu e a outra que era um pouco mais feminina e a gente “pá” no banheiro feminino. A gente usava e saía e elas ficam cuidando a porta pra gente. Entendeu? O banheiro masculino a gente não usava mais. **E... só o que eles fizeram... só que ninguém nunca... como você não tem instrução, você vai reclamar pra quem? Vai ouvir travesti? Não existe isso.** [Iara Pereira]*

No relato acima, evidencia-se que um direito básico de todos os estudantes – usar o banheiro – para as travestis significava risco de violência, era uma impossibilidade. Além disso, a dúvida é bem expressa por Iara: reclamar para quem?

*Porque tipo assim, porque também naquele tempo eu era bastante inocente. Porque teve até um menino que falou assim, um menino da minha sala: “Vamos ali pra você fazer um suco pra mim?” E até então nisso eu pensei que era suco de pozinho, eu não sabia que era nada de putaria. Aí ele falou: “**Eu te encontro no banheiro**” E eu: “Tá bom”. Aí pensei: “Esse guri vai fazer suco no banheiro?” Aí tá, eu tinha esquecido. Mas fui pra usar o banheiro mesmo. **Quando eu vi aquele tanto de menino lá, fechando a porta, eu comecei entrar em desespero, bater na porta, empurrei os meninos pra fora assim e sai.** [Rebecca Thyfany]*

Nesta cena, Rebecca sofreu a ameaça de uma violência sexual coletiva, mas encontrou forças para reagir e fugiu. Mas nunca ninguém soube o que elas passavam nesses momentos, nunca houve como se proteger.

*Ele [professor substituto] segurou o meu seio e falou: “Nossa, mas parece uma menina, tem até seio, parece uma menina”. Aí eu olhei pra ele assustada, na época eu não respondia às pessoas, eu ficava quieta, se mexesse comigo ou não, eu ficava quieta, eu não tinha força de responder às pessoas. E aí eu lembro que **aquilo foi uma coisa que me assustou, me constrangeu e aí eu percebi que as outras pessoas já estavam percebendo que meu corpo estava mudando.** Foi quando eu percebi que o meu corpo estava ficando **diferente realmente, que não era só diferente pra mim. Era diferente para as outras pessoas também.** [Roberta Barretto]*

Na cena acima, desenrola-se uma violência sexual, que foi também psicológica e reforçou a violência simbólica, foi vivida por Roberta em sala de aula. E foi cometida por um professor. A experiência foi de estranhamento, susto e desamparo. Compreendeu que estava se tornando visivelmente diferente: para ela mesma e para as demais pessoas também.

Das oito pessoas que contribuíram para esta pesquisa, somente Pryscilla, obteve maior sucesso em suas tentativas de negar ou disfarçar sua “feminilidade” na escola. Ela era frequentemente chamada de “bicha” pelos colegas, até começar a namorar uma garota por quem não tinha muita atração. Mas o fato de, bem mais cedo que os outros meninos, ter desenvolvido muitos pelos no corpo e uma barba cerrada também contribuiu com seu intento de negar (ou disfarçar) o seu desejo de ser “feminina”.

*Aí eu conheci uma menina na escola, e aí ela gostava de mim. Falava que eu era bonita e não sei o que lá. Aí pensei assim: “**Vou fazer um teste**”. Aí a gente teve um namoro. **Durou dois anos até.** Só que era assim, eu namorava com ela, mas sempre quando via um menino bonito eu ficava de olho. Mas até então eu pensava: “Isso não é pra mim”. Eu devo que estava com aquela confusão psicológica, eu acho, né? Você não quer*

*aceitar aquilo, quer viver isso, mas isso não é pra você. [Eu tinha] 15, 16 anos já. **Eu já era, vamos dizer assim, um homem já formado.** [Já tinha corpo] De homem, **eu já tinha barba.** Gostava muito de cavanhaque. Braço peludo, pelo no peito, nas pernas. Aí comecei a namorar com ela, **mas até então eu não tive sexo.** Só ficando. Namoro de escola. Eu ia e pegava ela na sala, aquela coisa assim. **Aí foi quando deu uma esfriada na "bicha".** [Priscilla Stephanie Gomes]*

Priscilla, com este artifício, apesar de não ter completamente “esfriado a bicha” dentro de si, conseguiu fugir da humilhação constante. O namoro heterossexual e uma “masculinidade” ostensiva (muitos pelos no corpo e barba), foi sua maneira de acomodar-se ao cenário e ser deixada em paz.

Das oito participantes desta pesquisa, somente Priscilla terminou os estudos regularmente, apesar de ter perdido vários anos e ter-se formado no Ensino Médio com idade superior à média. Todas as outras abandonaram a escola, seja por terem saído de casa, seja por não terem suportado a violência no ambiente escolar. Ou por terem fugido dos dois cenários.

*E depois daquele dia [em que foi recebida por uma chuva de pedras na escola] eu falei: **“Eu não venho mais pra escola. Tá louco? Vou morrer”.** Eu tava no segundo [ano do Ensino Médio]. Estudava à noite porque trabalhava. Fiz o primeiro meio que transitando. O segundo, quando eu voltei... Eu perdi o emprego, **eu estava megafeminina.** [...] E se você volta lá em 1990, não lembro. Não, era 88, 89. Não lembro a data agora. Mas naquela época, por exemplo, **não era algo muito comum.** Entendeu? **E isso gerou dos alunos não deixarem a gente ficar no colégio.** [Iara Pereira]*

Iara sente que a violência dos outros alunos foi uma interdição. Corporificar as marcas do feminino de forma ostensiva fez a diferença ser transformada em desigualdade. Iara passou a ser hostilizada física e psicologicamente.

Sharon adorava estudar, mas não suportou a violência desencadeada depois de, aos doze anos, vestir-se como mulher, usar saia, ser travesti.

*Eu gostava de estudar. Adorava ir à escola. Mas não dava. Era insuportável. O tempo todo. **Jogavam papelzinho na minha cabeça.** Eram quase todos. [Xingavam] de “viadinho”. Até mesmo quando eu entrava na escola, eu já pegava e saía. Pulava o muro da escola. **Não queria ficar de jeito nenhum.** Eu não queria ir. Na escola **não teve agressões físicas.** [Eram os] **Xingamentos mesmo. Me incomodavam.** Na hora de comer eu ficava sozinho no recreio. Nem as meninas [ficavam comigo]. Era coisa do interior. Aquela coisa “caipirona”. Igual eu falei pra você, **na cidade eram só quatro travesti, só.** [Sharon Pinheiro]*

Kharla, Roberta, Rebecca e Sharon pararam de estudar no Ensino Fundamental. Rebecca estava tentando voltar a estudar quando contou sua história de vida, mas não sabia se iria aguentar terminar o EJA, onde já sofreu algumas situações difíceis. Iara, Camily e Cynthia desistiram antes de concluir o Ensino Médio. Camily fez um supletivo para finalizar seus estudos em outra cidade, algum tempo depois de abandonar a escola. Iara voltou a estudar somente depois de se envolver na militância, muitos anos depois de abandonar a escola pelo medo de ser morta pelos colegas. Por estímulo dos colegas da militância, persistiu nos estudos e formou-se pedagoga. Mas não exerce a profissão.

Cynthia disse que agora estuda por gosto, porque, aos 65 anos, não tem mais nenhuma necessidade de obter um título acadêmico. Pessoa extremamente culta e refinada, Cynthia conta como sente a perda de sua possibilidade de ser respeitada na diferença e de ser tratada como igual:

*Você já imaginou a psicóloga que eu seria se a minha inteligência não tivesse paralisada por homofóbicos, lá na minha adolescência e **quantos cidadãos que, como eu, não tiveram seu direito de evoluir, crescer, por causa de ideias homofóbicas?** Eu não sou uma doutora hoje, não tenho formação. **Por quê?** [Cynthia Toledo]*

4.2.3. Relações contraditórias – pares ou ímpares

Muitas vezes, as travestis que colaboraram nesta pesquisa encontraram-se com pares - pessoas que também rompiam com as normas de sexualidade e gênero - por meio de pessoas amigas, conhecidas, colegas. Num primeiro momento, esses encontros foram algumas vezes vistos com estranhamento e sentidos como algo amedrontador.

*Luz fraca e luz colorida na parte de baixo, a escada era iluminada em vermelho. Então era a luz vermelha na escada e a gente subia e já dava na pista [de dança]. E aí foi o primeiro impacto: vai subindo a escada e já vai vendo o povo ali, um encostado no outro já conversando. Quando eu cheguei na pista, já tinha bem em frente a escada o primeiro casal, **que foi o casal que me deu o impacto, que eles estavam se beijando**, que aí eu falei assim: **“Nossa, Rafael, estranho!”** Aí ele falou assim: **“Não é estranho não, isso aqui é normal, todos os dias você vai ver isso aqui, porque eu tenho certeza que não vai ser a única vez que você vai vir, pode ser a primeira, mas não a única”**. {Roberta Barretto}*

*Porque assim, eu nunca tinha visto com os meus olhos. Eu não cheguei a ver muita coisa. **Só vi dois rapazes se beijando. Eu me assustei um pouco. Chocou.** Porque eu nunca*

tinha visto dois homens se beijando. Então fiquei assim: “Nossa, é verdade”. E ele já tinha falado pra mim a respeito. Mas sabe quando você imagina uma coisa e é outra? “Ai meu Deus do céu, será que eu vou ter que fazer isso um dia? Não tenho coragem”. [Priscilla Stephanie Gomes]

Entretanto, a visão de *drag queens* glamourosas e extremamente ousadas na boate (Kharla) ou andando em grupo em plena avenida ou com seios de fora na porta da boate (Roberta), o primeiro encontro com a única travesti na cidade pequena (Camily), a travesti experiente que a entende e a reconhece como igual (Roberta e Sharon), o encontro na nova escola com outras “bichinhas” (Iara e Priscilla) são vivenciadas como novas possibilidades, como ar que se pode respirar para sobreviver quando a existência estava sufocante.

Iara, Cynthia, Roberta e Priscilla passaram a frequentar o movimento social, a participar de projetos ou a integrar organizações não governamentais que as transformaram radicalmente.

Muitas vezes, o pertencimento ao ativismo fez com que encontrassem pessoas que as ajudaram a ser mais livres, mas também encontraram em outras pessoas ou grupos do ativismo a dolorosa depreciação identitária. Roberta, por exemplo, assim como Iara, denunciaram a desqualificação vinda de certos ativistas, especialmente gays, mas também de pessoas transexuais ou até de outras travestis.

Na Parada de Orgulho LGBTT de São Paulo de 2012, por exemplo, houve uma interdição vinda da própria associação organizadora de evento, que colocou regras para as travestis poderem subir no trio elétrico oficial. Essas regras valiam apenas para as travestis, como conta Roberta.

*No carro em que ia vir as travestis... olha o que eles pediram pra gente: pediram para que nós colocássemos **uniforme de trabalho** e que subíssemos no carro de **formas comportadas**. Uniformes de trabalho esse que não fosse **nenhum tipo de roupa sensual**, [...] Eu estava com vestidinho branco, um jaleco, sandalhinha... só que a roupa que eu estava tinha um decote que ia até quase o umbigo... Não [pude subir no trio elétrico]! Como muitas outras não subiram. Nós todas com a **pulseira no braço [que permite acesso aos trios elétricos]**, embaixo. O carro passou e a gente estava no chão. Ninguém subiu. Só tinha duas travestis que eram da equipe do carro. [Roberta Barretto]*

Na cena acima, Roberta mostra a indignação pela violência simbólica cometida por alguns integrantes do próprio movimento LGBTTT, pares que não as aceitaram como elas são e que violaram o direito das travestis de se expressarem da maneira que gostariam. Ironicamente, a quem nunca se permitiu o acesso ao mercado formal de trabalho, exigiu-se que estivessem usando fantasias de profissionais - de gari a médicas -, mas que fossem fantasias “decentes”: nada de decotes, erotização ou sensualidade.

Iara chama esse tipo ação “saneadora” de parte do movimento LGBTTT de higienização. Ela mesma tem enfrentado muita pressão para parar de se identificar como travesti, ainda que essa seja a sua maneira de se reconhecer, ou seja, que ela sente ser parte de sua identidade.

Porque é mais fácil falar pessoa trans, hoje em dia, do que travesti. Porque travesti é palavra carregada. É palavra suja. Porque eu já me higienizei, Valéria. Eles [integrantes do movimento LGBTTT] conseguiram me tirar da prostituição, eles conseguiram fazer com que eu me formasse, eles conseguiram com que eu mudasse de vida. Eu mudei lá dentro [do movimento]. Só que ainda falta eu tirar travesti da minha identidade para ser de fato uma cidadã, e isso eu não quero. Isso acaba acontecendo, é que isso que está acontecendo não é algo explícito. Nunca vai aparecer explícito, as pessoas... não sei se elas não percebem ou se fingem que não percebem, sabe? Porque tem coisas que a gente faz que ofende. [Iara Pereira]

Para Cynthia, por exemplo, isso é vivido como a extinção do sonho de se inventar e de viver da maneira como desejam.

Você entendeu quando digo por que eu não posso trocar meu nome? Porque se eu mostro a minha carteira de identidade com o nome Cynthia Toledo, você vai pensar, nossa parece travesti, mas é mulher, tem carteira de identidade. Essa travesti deixa de existir, então nós vamos ser clandestinas pelo resto da vida e quem cria isso é a sociedade binária, é a sociedade heterossexual, e a gente serve a isso, porque a gente quer ser aceita como criancinhas. [Cynthia Toledo]

As travestis que não ingressaram no ativismo político relataram que sofreram violências por parte de outras travestis. Muitos relatos de violência entre pares são localizados, por várias delas, no exercício da prostituição, mas não exclusivamente. Definitivamente, como na maioria das comunidades humanas, as relações entre pares são contraditórias. E encantamento e tensão andam de mãos dadas.

4.2.4. Relações sonhadas – intimidade, casamento, amor

À exceção de Sharon, que mora com seu companheiro na rua há mais de ano e está preparando a documentação para oficializar o casamento civil, as demais travestis desta pesquisa contam que não conseguem ter um namorado ou um marido, outras dizem não querer mais se casar. Curiosamente a miséria, uma das diferenças que sofre maior processo de estigmatização social no Brasil, articula-se com outra diferença estigmatizada, a de gênero, produzindo o relacionamento solidário e amoroso, companheiro ao extremo, de Sharon e seu marido (aquele que, como visto no capítulo anterior, contraiu voluntariamente o HIV para se tornar igual a ela).

Pryscilla ainda concede: se o relacionamento for vivido em casas separadas, há uma possibilidade de ela se casar, mas caso contrário, não quer ter outra experiência frustrante. Pryscilla foi casada com um homem, mas apesar de ela estar se feminilizando paulatinamente e, por vezes, montando-se quando faziam festas, ainda não se mantinha como “mulher 24 horas por dia”. Para a família e amigos, a aparência era a de um casamento entre homens que se identificavam como gays. Apesar de durar cerca de nove anos, foi um relacionamento cheio de rompimentos, brigas e traições da parte dele. Pryscilla talvez até tenha se mantido mais tempo no relacionamento como mais uma das suas estratégias para adiar sua transformação “definitiva”, pois em uma das brigas ela disse que, se eles se separassem, iria “virar mulher”. Ela conta que é muito desejada pelos homens, relaciona-se sexualmente com alguns deles, mas reclama que é difícil encontrar uma pessoa para namorar.

Cynthia e Roberta moraram com homens bem mais velhos, que tinham condição econômica muito boa e as sustentavam, mas elas sentiam que tinham por eles um afeto que se tem em uma relação paternal, não um relacionamento amoroso.

Cynthia viu no marido a rota de fuga da exploração econômica que sofria como trabalhadora doméstica. Abandonou-o e a vida confortável que ele lhe proporcionava para se aventurar em outra grande cidade, onde queria realizar-se profissionalmente.

Roberta, por volta de 12 ou 13 anos de idade, encontrou no homem cerca de doze anos mais velho o carinho paterno que nunca teve e também, muito provavelmente, uma forma de fugir das violências que sofria na família e na escola. O relacionamento se

deteriorou com o passar do tempo e, oito anos depois, terminou em uma cena sangrenta, que fez Roberta voltar para a casa de seus pais: ela nunca mais teve namorado.

*Eu estava com 20 anos, eu estava com 19 pra 20 anos. No dia da minha separação, eu voltei da rua, no meio da madrugada, meio louca de droga, **ele louco de bebida**, e acabamos brigando dentro do apartamento, isso aqui é uma facada no meu dedo [mostrando]...É, isso aqui é uma facada no meu dedo que ele me deu, mas aí eu também não me recordo se eu provoquei essa facada, se eu peguei a faca pra agredir ele, e ele tomando a faca de mim me agrediu, se eu enfrentei ele e ele estava com a faca na mão, não me recordo disso, porque eu estava muito drogada. **Eu lembro só de ter visto a minha mão ensanguentada. E quando eu me toquei que era muito sangue, tinha uma artéria aberta, porque o sangue espirrava.** Aí eu acho que, nesse susto, cortou a droga e eu comecei a gritar pra ele “olha o que você fez, olha o que você fez!” E ele me pedindo perdão, me pedindo perdão, eu peguei o telefone e liguei pra casa da minha mãe. [Roberta Barretto]*

Iara teve dois maridos com quem viveu junto por amor. Pelo primeiro, foi traída e o relacionamento acabou de forma tumultuada. Ela não consegue mais casar, mas não atribui essa dificuldade de se relacionar amorosamente com a traição ou com nada que algum de seus namorados tenha lhe feito, mas pelas violências que sofre cotidianamente. A violência foi banalizada na vida dela, Iara se dá conta, mais do que deveria. E, por isso, não consegue confiar em ninguém.

A empreendedora Kharla é apaixonada por um homem, mas nunca manteve um relacionamento sério com ele, pois sente que, apesar de ser trabalhador, demonstra ter alguns “defeitos” com os quais ela não quer conviver: é usuário de drogas, não é fiel, mente muito. Prefere manter-se longe, mesmo gostando muito dele, a ter de encarar a solidão de ter um companheiro que a frustrará. Ela nunca teve um namorado na vida.

Rebecca nunca chegou a namorar. Sentiu-se interessada por poucos rapazes, mas diz que os homens sempre estão apenas interessados em fazer sexo com ela. Camilly também se chateia com a mesma coisa. Ela diz, de forma ressentida, que os homens jamais querem assumi-la publicamente, apenas querem realizar suas fantasias sexuais e, depois disso, ela não interessa mais a eles. Todos os relacionamentos que teve depois de se transformar em Camilly ficaram restritos ao âmbito privado. Ela relata que, não por fazer programa, mas especialmente por ser travesti não é assumida por seus parceiros. Ela se ressentida da solidão. Ela sente que os homens com quem se relacionou querem aproveitar-se econômica ou sexualmente dela, mas não a assumem como parceira – namorada, amante ou esposa - por vergonha.

Uma cena trazida por Sharon pode contribuir para a compreensão desse processo.

[Comecei a vida na prostituição já] Tendo que brigar com “maricona” porque não queria pagar. Não queriam pagar. Tinham muitas abusadas dessa. “Você vai me pagar sim, querido.” Aí era onde eu tinha que pular também, né!? Porque era onde minha vida corria risco. Teve um [cliente] que uma vez me levou próximo a um barranco, né!? E falou: “Agora eu estou com uma arma aqui se eu quiser te matar.” Sorte que a maricona estava de costa para o barranco. Ela veio para cima de mim e eu tive que empurrar ela, né!? Ou era ela ou era eu. Não é? Aí eu saí correndo. Eu não cheguei a ver a arma. Foi tudo rápido. Ela veio pra cima de mim e eu já empurrei ela. Empurrei e sai correndo. [Sharon Pinheiro]

Na cena acima, Sharon, ao se referir aos clientes, utiliza a expressão “maricona”, um termo pejorativo, que é também utilizado para ridicularizar homens afeminados ou homossexuais. Dessa forma, é possível perceber que os processos de estigmatização das travestis desqualificam quem se relaciona afetiva ou sexualmente com elas, como se fosse uma indesejável “contaminação”. Isso também aparece em outras cenas, de outros contextos, como a que descreve Camily:

Teve uma vez que meu pai me viu com ela. Isso em [cidade do litoral gaúcho]. Ela era a única travesti [da cidade], eu acho. [...] Aí eu lembro que estava conversando com ela uma vez na rua. Já estava cagando pro povo mesmo. E meu pai viu. Ela ainda disse: “Olha o seu pai aí, vai dar problema”. Falei: “Foda-se. Agora ele já viu mesmo. Vamos continuar conversando”. Meu pai ficou esperando pra conversar comigo. Falei: “Agora espera”. Continuei conversando com ela normal e ela ficou: “Ah não, vai”. “Não, vou continuar conversando com você. Independente, ele já viu mesmo”. Continuei conversando com ela normal. Quando eu entrei no mercado, que era na esquina, aí ele pegou e falou assim: “O que você está fazendo?” “Eu estou conversando. Você não viu que eu estou conversando?” Daí ele: “Sim, mas olha o tipo de pessoa que você está conversando”. Falei: “Que tipo de pessoa que eu estou conversando?” Ele: “Você sabe muito bem, olha o tipo de gente que você anda. Olha suas companhias e não sei o quê”. “Eu só estou conversando com ela, pai. Não estou fazendo nada demais”. Aí ele ficou quieto assim, fez cara de bravo. E não falou mais nada assim, sabe? Minto, ele falou assim: “Você não é gay, né?” Eu falei: “Não”. [Camily Pergolini]

As colaboradoras desta pesquisa expressam claramente o quanto é difícil realizarem-se amorosamente. Algumas se sentem muito bem sozinhas, mas outras desejariam ter um par amoroso: um namorado, um companheiro, um marido.

4.2.5. Relações impossíveis – a agressão sem nome

Das colaboradoras deste trabalho, Pryscilla foi quem se negou o direito à expressão do feminino por mais tempo: ela se sentia feminina, mas obteve sucesso em disfarçar esse sentimento, adiando sua transformação e conseguindo permanecer na escola e com a família de origem. Rebecca abandonou os estudos, mas permaneceu em casa, mesmo sofrendo muitas violências de ordem psicológica e física. As demais, seja por não suportarem as violências explícitas, seja por violência simbólica, abandonaram família e estudos, mas as violências perduram.

*A primeira vez, eu fui agredida indo para o centro de São Paulo, dentro do ônibus. Eu estava sentada ao lado de uma travesti, e **nessa época eu já vivia no meio da sociedade como travesti**. [...] **minha cabeça já tinha mudado muito, porque aí eu já estava andando de dia, em meio a sociedade vestida como mulher**, então eu já **tinha uma outra visão de quem eu era, de quem eu poderia ser e onde eu estava**. [Nesse dia em específico, eu estava indo no centro comprar roupa. [...] Íamos sentadas no fundo, [perto] da saída do ônibus, de costas pra porta [...]. Era por volta de umas duas, três da tarde. Eu usava muita roupa preta, eu estava de calça preta, e eu me lembro que eu estava com uma blusinha, uma tomara que caia, e uma jaquetinha por cima, uma jaquetinha preta de pelinho na gola, bem simplesinha. Eu usava uma peruca lisa, de franja de lado, ela era bem comprida. Eu lembro que eu estava bem na cadeira do corredor, e ela sentada na cadeira do vidro. E a gente vinha conversando, conversando entre a gente. Eu lembro que nós estávamos chegando perto da [Av.] Nove de Julho, quando um rapaz levantou e ele parou muito próximo à gente e **eu percebia que ele olhava muito pra gente**. Ele está reparando na gente, está olhando muito pra gente, **mas eu estava pensando que ele estava se encantando**, alguma coisa pela gente. E não foi isso, não é isso. Só que... assim, duas travestis, durante o dia, dentro do ônibus, pra mim... a gente estava chamando a atenção e ele estava reparando na gente. **Foi quando do nada, ele deu uma porrada no meio da minha cabeça**. Era onde tinha os grampos que seguravam a peruca e um desses grampos entrou no meu couro cabeludo. **Eu lembro que deu muita dor na minha cabeça, eu levantei pra poder agredir ele também, só que ele foi mais rápido, ele desceu do ônibus. Me deu raiva. Nessa hora, me deu raiva.. Eu me recordo que foi a primeira agressão que eu sofri. A minha vontade era de descer e bater nele também, mostrar pra ele que não é assim. Minha intenção era descer do ônibus, eu só não descí porque eu não tinha dinheiro de condução suficiente pra descer e pegar outra condução**. [...] **Foi a primeira vez que me senti menos do que alguém por estar daquela forma, por estar vestida como mulher**. Efomos embora.[Roberta Barretto]*

A cena acima condensa um *mix* de diferenças que, interconectadas, estigmatizavam Roberta e tiveram como resultado várias humilhações. A expectativa de Roberta se revelou dolorosamente infundada: chamar a atenção pela diferença foi o motivo de agressão e não de flerte, como parecia ser esperado por ela. Estar vestida “de mulher”, então, fê-la sentir-se inferiorizada e não objeto de desejo. E não ter o dinheiro para pegar outro ônibus impediu-a de poder reagir. Sua reação foi de choque.

Rebecca passou por um episódio muito traumático. Ao se recusar a fazer sexo com um desconhecido, Rebecca alegou que a amiga é quem teria de fazê-lo, pois a outra travesti tinha aceitado a carona, Rebecca apenas a acompanhara.

*Aí um carro parou pra ela [amiga travesti]. Um carro preto, antigo. Muito bonito, mas antigo. Aí parou e falou: “Vem você.”. E ela já foi: “Ele vai deixar a gente lá [na balada]”. Nisso a gente entrou lá dentro, eu entrei lá dentro, ela sentou no banco da frente e eu fiquei no banco de trás. E ele estava dirigindo. Nisso ele parou em uma rua escura e pegou e falou assim: “Quem vai “dar” pra mim?” Nisso eu falei: “Eu não vou.”. [...] Foi onde, tipo assim, ele falou: “Você que vai ‘dar’ pra mim e pronto”. Aí eu falei: **“Eu não vou. Eu não vou fazer nada com você”**. Aí [ele] **apontou uma arma na minha cara**. Tipo, do nada eu vi aquela coisa na minha frente. Eu não consegui falar mais nada. Tentei abrir a porta do carro, mas a porta do carro estava quebrada, só abria do lado de fora. Nisso eu me ferrei, né!? Nisso ele: **“Abaixa a calça”**. Eu disse: “Não, e não vou abaixar”. Ele: “Abaixa”. Aí eu **peguei e abaixei**. Nisso ele e a [amiga travesti] dando risada. Tipo, **foi uma coisa horrível. Ele deu um monte de tapas em mim. Mas até então não fez nada**. Ele olhou pra mim, sentou no banco da frente de novo e falou: **“Isso é pra você aprender a ser travesti”**. [Rebecca Thyfany]*

Na cena acima, ao mesmo tempo em que Rebecca é ameaçada de estupro e de morte, é humilhada e apanha supostamente para aprender a se portar segundo o script de sua socialização alternada (aprender a dizer não sem “empurrar” o problema para a amiga). É uma cena de torturas múltiplas disfarçadas de “lição de moral”.

Das oito integrantes deste grupo, Pryscilla relata menos cenas de violência depois de ter passado a “ser mulher 24 horas por dia”, exceto por breve período no trabalho. Kharla diz que o pior é o desrespeito, mas para ela são as próprias travestis que não se dão o respeito, tornando-se alvos de agressão. Ouve chacotas ou ofensas na rua, mas diz que não se sente atingida, não registra. Para ela, isso ocorre em escala muito menor no centro da cidade grande do que ocorreria em seu bairro e em sua cidade de origem, pois a visibilidade das travestis onde mora é bem maior: as pessoas se acostumaram.

*Aí nesse período que fiquei aqui em São Paulo também, teve uma vez que eu fui lá pra [avenida] Cruzeiro do Sul. Estava lá e sem saber o que estava acontecendo, chegou um grupo de homens mesmo, fizeram uma voltinha antes de mim, tinha até umas “bichas” comigo que saíram correndo e não me falaram nada. Só via aquelas “bichas” correndo e **aquele grupo chegando com um monte de madeira e me “sentaram o couro”! Sem me perguntar nada**. Ou seja, logo deduzi, os skinheads, né? **Chegaram e começaram a me dar paulada, me derrubaram. Foi paulada**. [Sharon Pinheiro]*

A cena extremamente violenta vivida por Sharon teve sérias consequências. Ela teve traumatismo craniano e foi parar no hospital, onde passou um longo período. Ela

apresenta até hoje marcas no corpo da covarde violência. O mais confuso para ela foi um grupo de homens desconhecidos chegarem batendo nela: “Sem me perguntar nada”.

*[Eu estava] **Conversando com a Tatiana** [caminhando no parque, depois do almoço]. Estávamos conversando até sobre o almoço mesmo, que era assim, falando sobre o que nós tínhamos almoçado, **dando risada**. E... vem vindo um rapaz... na nossa direção [...] Ele pergunta pra Tatiana onde tinha um bebedouro. E a Tatiana falou pra ele que não sabia. E aí... nessa hora, os caras vem pra cima da gente... E aí eu já consigo visualizar: **são seis**. É... e... não deu tempo. [...] E eu desci correndo o barranco. [...] A Tatiana já tinha se livrado do cara. [...] Ela ta correndo, sentido à porta do parque. [...] Eu caí do barranco e comecei a rolar barranco abaixo. **E aí eu estou com a perna quebrada e eles estão me batendo... Tô no chão. Não to sentindo nada. Minha perna ta virada ao contrário. [...] Os seis, estão todos me batendo. Tão me batendo com pedaço de pau, tão me chutando... eu to sentindo os chutes, as pauladas... na cabeça, nas costas... e... e... é... um... uma gritaria... um... E tão me batendo**. E eu [pausa] e... **eu só to protegendo meu rosto**. [...] Aí eu ouço... um grito de criança, mandando largar: “larga ela, larga ela.” E... e... um latido de cachorro. [pausa]. Aí eu percebo que eles não estão mais em cima de mim, porque o pau [com] que eles ‘tavam me batendo está caído do meu lado. [pausa] Aí eu levanto a cabeça. Ta um menino que... Não tem mais do que dez anos. Pequenininho, magrinho e branco. É... e o pitbull tá solto, me cheirando... porque ele soltou o cachorro [...] pra fazer os caras fugir. E ele ta pedindo pra eu esperar pra ele ir chamar o segurança. E vem vindo [outro] cara. E o cara pergunta [...] o que foi que aconteceu... Eu falei pra ele que me bateram, que eu to com a perna quebrada, se ele podia me ajudar. [pausa]. Ele não fala nem que sim, nem que não, mas eu me apoio nele e consigo me levantar. [...] ele falou pra mim que tinham me zoadado. [...] Aí eu falei pra ele: “É, realmente me zoaram”. Aí ele levanta a camiseta e fala assim: “**É, não devia ter só zoadado, devia ter matado**”. E me mostra a arma que ta na cintura dele. Aí é a hora que eu largo ele, começo a andar pra trás. É a hora que eu desequilibro e caio de novo. É quando eu consigo olhar pra frente, as pessoas já vem vindo. Esse menino [dono do pitbull] na frente, correndo.. É, eu acordei quinze dias depois... é... sem conhecer as pessoas. [Roberta Barretto]*

Nesta cena, Roberta viveu uma sequencia de violências de um nível insuportável de horror e crueldade. Roberta guarda marcas físicas e psicológicas desse ataque. A informação principal que ela recebeu neste episódio é que não tinha direito de estar em um espaço público divertindo-se como qualquer outra pessoa. Roberta, como várias outras integrantes deste grupo, são sobreviventes. Ataques como este são ainda comuns na vida delas. Iara, por exemplo, foi esfaqueada por um cliente quando estava no exercício da prostituição de rua. Socorrida, foi levada para um hospital, onde, espera-se, a pessoa receba atendimentos médicos e seja amparada. Mas, tomando soro, depois de quase ter sido assassinada, ainda sofreu violência sexual dentro do hospital:

*E, estou lá tomando soro na maca, achando que ia morrer e aquelas coisas todas. Desespero que a gente tem. Não doía nada. **Era mais desespero**. Foi mais pânico. Estou lá, sinto algo na minha mão. Quando eu viro, o enfermeiro estava roçando na minha*

*mão. Não estou brincando, Valéria! Estava passando [o pau dele] na minha mão. Eu lembro até hoje, uma calça marrom, parecida com essas de presidiários de hoje, naquela época o uniforme era esse. Olhei pra ele e falei: “Você está de brincadeira, né? Menino, você é lindo, é fofo. Uma graça. Nada contra você. Mas olha as minhas condições. Não sei nem se eu vou sobreviver”. Continuei lá, tomando um pouco mais de soro. E passei a mão na nuca, o meu cabelo aqui atrás estava igual areia. Que eu não sabia, o sangue seca, aí você faz assim no cabelo e ele desmancha. E na hora que eu vi aquilo me desesperei. “Nossa! Eu vou ficar careca”. Chamei ele. Falei: “Escuta, eu posso tomar um banho? Meu cabelo está se desmanchando, eu não vou aguentar. Pelo menos lavar essa parte do cabelo”. Ele falou: “Pode”. Porque eu não podia fechar o buraco [ferida resultante da facada], tinha que esperar o médico ver. Beleza. **Quando eu entrei no banheiro, estava lá [nua, tomando banho e] lavando o cabelo, ele entrou.** [Iara Pereira]*

Nesta cena, Iara se tornou um mero objeto. Não importava, ao agressor, que ela estivesse ferida, exausta, emocionalmente abalada e que ele, como profissional da saúde, tivesse o dever ético de zelar pelo bem estar físico e mental da paciente. Ela foi vista simplesmente como meio de satisfazer o desejo sexual dele.

Mesmo as travestis que não quiseram fazer programas, como Rebecca, acabaram sofrendo violência sexual. Ela e uma amiga, indo nadar em uma represa, encontraram um conhecido no ponto de ônibus. O irmão dele, que não a conhecia, assediou Rebecca. Mas não adiantou ela dizer não:

***Ele ficou mexendo e queria ficar comigo, mas eu não queria.** [...] Aí tá, nisso a gente estava voltando [para casa], eu não sei como ele pegou, eu tinha um anel aqui no dedo, ele pediu pra ver o anel e eu fiz “assim” pra poder mostrar. Ele puxou o anel. Nisso eu falei: “Devolve o meu anel?” Nisso a menina já estava ficando com medo e foi lá pra frente. Eu falei: “Devolve meu anel?” E ele: “Não, só vou devolver se você fizer alguma coisa comigo”. Olhei pra cara dele e falei: “Não quero”. Foi quando ele me puxou pelo pescoço e levou [com violência] lá pro negócio que só tinha bambu. Nisso ele foi falando: “Eu só vou te devolver o anel se você fizer alguma coisa comigo”. Eu falei: “Não vou fazer nada. Agora eu quero ir embora”. E ele não queria deixar.*

Ela conseguiu se livrar da situação antes de ser violentada, mas também neste caso os direitos de uma travesti não tiveram qualquer significado para o agressor. Ela foi vista como mero objeto para satisfação sexual dele, que não hesitou em usar de violência para tentar coagi-la.

Outros agentes de recorrentes violências contra as travestis que colaboraram com esta pesquisa foram policiais.

*Por que você pega três travestis, coloca em um camburão e leva pra quebrada e fala pra elas assim: **“Tira a roupa e transam entre vocês”.** O quê que é isso? **É uma tortura, mas com uma diversão.** O cara [policial] é sádico. [Iara Pereira]*

*[Na primeira vez em que foi presa, aos doze anos] **Me trataram como “viado”.** Falando um monte de palavrões pra mim. Muitas palavras ofensivas. Ah, “Você é um viadinho,*

*vai ser sem futuro que nem essas.” “É assim que você quer ser?” “**Merece morrer**”. Essas coisas assim, com essas palavras. Pra mais piores ainda, que eu vou omitir. Não vou mentir não, não gosto de policiais mesmo! Não gosto mesmo porque a partir daí criou uma revolta. Entendeu? [Sharon Pinheiro]*

Depois disso ele [policial] virou cliente mesmo, ele começou a pagar pra sair com as meninas, só que, por exemplo, o programa é cem [reais]: “Eu vou dar vinte [reais] e você não vai reclamar. Eu sei que você está trabalhando, mas só vou te dar vinte [reais]. Você tem que fazer tudo o que eu quero”. Entendeu? Então ele pegava as meninas e fazia isso. Mas aí eu não sei se ele se esqueceu de mim, eu só sei que, quando ele passava, eu não estava. Então, por exemplo, ele nunca me pegou. Isso foi um grande período desse corre de polícia, vai pra quebrada, perde roupa, pede carona... [Iara Pereira]

Aí a gente foi pra delegacia, chegando lá, nossa! Eu fui escrachada! Eu mandei mensagem pra minha irmã falando assim que eu estava na delegacia, que era pra ela falar pra minha mãe. Só que aí os policiais me escracharam. Eu e minha amiga. Começaram a chamar a gente de “travecão”, de “coisa feia” e não sei o quê. Começou só xingar de coisas pesadas. De “viadão”, de não sei o quê, que estava fazendo programa ali, chamaram a gente até meio que de puta. [Rebecca Thyfany]

Houve um número impressionante de relatos de violências cometidas por desconhecidos contra a maioria das travestis que contribuíram com esta pesquisa. As violências ocorreram nas mais diversas situações. E o nível de brutalidade também impressiona. Todas elas são, de alguma forma, sobreviventes.

4.3. A sobrevivência por um fio

4.3.1. (Im)Possibilidades de trabalho

Com os processos de estigmatização que sofrem, estas travestis relatam uma dificuldade muito grande de obter trabalho regular no mercado formal. A maioria não consegue trabalho, mas algumas são exploradas em subempregos.

Cynthia teve emprego formal, com carteira de trabalho falsificada, onde constava nome de mulher. Relata que perdeu, por conta disso, muitos anos de direitos trabalhistas e previdenciários. Ela foi demitida de forma dolorosa, depois de anos atuando em um shopping center sofisticado em São Paulo, quando colegas descobriram que ela não era “mulher de verdade”: houve um abaixo-assinado pedindo sua demissão que envolveu vendedoras e vendedores de todo o shopping. Cynthia acabou indo fazer prostituição de luxo no exterior. Ela relata que é difícil para uma travesti fazer coisas muito simples, como, por exemplo, alugar um imóvel, mesmo que tenha um trabalho formal e cumpra

todos os requisitos exigidos. À época em que trabalhou no mercado da moda, ainda sim, encontrava dificuldades como esta.

O certo é assim... eu sou maravilhosa em determinada profissão, eu preciso do meu emprego. Eu vou simplificar, eu preciso morar e quando eu vou pra uma agência de imobiliária alugar uma casa, e eu mostro o documento e ela descobre que eu não sou mulher, ela não aluga pra mim, você sabia que a gente tem esse problema de locação, as pessoas não querem alugar uma casa pra travesti? [Cynthia Toledo]

Sharon diz que, sem documentos, não consegue emprego. Sem emprego não consegue residência, sem residência não consegue nada. Ela deixou de se prostituir, é moradora de rua e vive de pequenos expedientes, tenta vender bijuterias e utiliza alguns equipamentos públicos que lhe dão alguma guarida, como albergues.

*Até hoje estou esperando a oportunidade de emprego digno, entendeu? Mas aí também preciso de uma residência. Como que eu vou ter uma residência sem emprego? E como vou ter um emprego sem residência? Entendeu? Porque até mesmo a prostituição não dá. E agora sou casado*⁹⁷. [Sharon Pinheiro]

Durante algum tempo, tentou trabalhar numa cooperativa de reciclagem, foi catadora de papelão, mas recebia por mês o equivalente ao que obtinha em um dia se prostituindo.

Iara tinha trabalho fixo, trabalhou desde os doze anos de idade. Mas perdeu o emprego ao voltar das férias e ter-se modificado corporalmente, tornando-se “megafeminina”.

*Quando eu voltei de férias, meu cabelo, eu já estava usando ele batidinho molhado, então ele já estava bem comprido e balançando. E eu lembro que meu patrão me mandou ir embora. Falou: “Ah, a gente está com corte e tal”. Hoje eu sei porque eu era megafeminino. Eu tenho certeza. Eu sempre trabalhei muito bem. Não estou sendo modesto*⁹⁸, *mas eu sempre me cobreí muito. Então eu sei que eu fazia um trabalho bacana. Eu sempre trabalhei, sempre estudei. Entendeu? Então isso era um diferencial. Então eu sei que eu fui mandado embora naquele momento por conta de gênero mesmo.* [Iara Pereira]

Iara abandonou a família, largou a escola e perdeu o emprego ao ficar “megafeminina”. Ela entendeu o recado: seu lugar, a partir de então, era com as travestis que via à noite,

⁹⁷ Sharon se referia a si própria, bem eventualmente, no masculino, como outras colaboradoras também o fizeram.

⁹⁸ Veja nota anterior.

nas ruas, prostituindo-se. Depois de uma brilhante atuação na militância LGBTTT, formou-se, trabalhou em projetos sociais, mas decidiu voltar a fazer programas. Uma escolha difícil, mas consciente.

Rebecca já tentou de tudo. Tentou se prostituir, mas não consegue: ela se sente enojada de ter de fazer qualquer coisa que os homens queiram. Ela viveu por um bom tempo distribuindo folhetos nas ruas, em jornadas exaustivas e insalubres, extremamente mal remuneradas.

Roberta já trabalhou em salões de beleza, outro espaço em que o feminino “exótico” das travestis pode ser aceito, desde que regrado. Ela conta que no primeiro local onde trabalhou, não podia ser mais do que um homem afeminado.

*No salão, era a figura mais masculina, o menino efeminado, era eu, o cabeleireiro que trabalhava lá, o cabeleireiro super feminino. [...] Menina, menina, não [era], porque a dona do salão sempre falava: “não tenho problema nenhum em você ser o que você queira ser na sua vida, só que dentro do salão, aqui você é o profissional e **aqui eu não quero você de salto alto, eu não quero você maquiada, não quero você de batom, cabelo solto...** aqui eu quero você como profissional. Então, profissional aqui se veste assim e se porta assim.” E se veste assim e se porta assim **era calça, camiseta, cabelinho amarradinho, rabo de cavalo. Nada de ficar dando muita pinta, gritando, falando alto.** Era pra se comportar como uma pessoa comum, como uma pessoa se comporta em qualquer outro lugar. E eu meio que seguia as regras dela. [...] **eu tinha que aceitar ou então eu ficaria sem emprego.** Eu escolheria: ou eu ficaria de mulher bonitinha, ou então ficaria sem emprego. [Roberta Barretto]*

Roberta já exerceu a prostituição. Atualmente, ela se desdobra em vários trabalhos: é *promoter* em casas noturnas, atua como cabeleireira e maquiadora autônoma e faz trabalhos de educação em projetos sociais. Todos mal remunerados.

Camily se arrependeu de ter marcado o feminino tão acentuadamente em seu corpo, pois diz que isso a impede de ter atividades remuneradas que permitam que ela sobreviva:

*É muito complicado, sabe? Você tem que fazer um monte de coisas diferentes. Quando descobrem que sou travesti, eles não querem. Na revista deste mês eu até dei entrevista em relação a isso. Exemplo disso, o Programa da Eliana me ligou dois dias atrás, a produtora me ligou: “Vai ser um programa assim e assado. Os meninos escolhem as meninas”. Aí eu falei: “Você sabe que eu não sou mulher?” “Não sabia. Beijos”. Quando eles descobrem que você é travesti, parece que você não vale mais. Inválida. Isso que eu estava te falando, eu me sinto uma deficiente. **Por mais linda que você seja, você não é mais bem vista.** [Camily Pergolini]*

Mesmo sendo branca, tendo estudado, vindo de uma família de classe média, Camilly faz programas para sobreviver. Mas não gosta. Kharla também faz programas e não gosta.

Priscilla Stephanie é uma exceção à regra. Apesar de ter se transformado quando tinha um emprego estável, por ter um concurso público, quase se demitiu por não suportar as humilhações promovidas pelos colegas de trabalho, que, antes ainda de sua transformação, identificavam-na e humilhavam-na por, supostamente, aparentar ser gay.

“Você é ‘viado’”. “Você dá a bunda”. Sempre a mesma coisa. “Sei não, você está levando o Milton com você. Acho que você está comendo ele”. “Ele está te comendo”. Aquilo foi me enchendo. Todo dia e sempre eram os mesmos. E aquilo foi me dando raiva. Falei: “Gente, para com isso”. Viam a gente em algum lugar, parecia uma coisa, do nada começavam a soltar piadinhas. E [no local de trabalho] é todo mundo de costas, porque a gente faz a triagem [em uma sala grande]. Éramos quarenta pessoas. Naquela época só tinha homens. A única mulher que tinha lá era a de limpeza. Mas até então a gente não tinha muito contato, era uma coisa muito rápida. Aí ficavam: “Ah, não sei não. O [nome masculino de Priscilla], não sei”. “Acho que essa fruta é outra coisa”. Eu fiquei quase uns cinco meses [ouvindo isso o tempo todo]. [Priscilla Stephanie Gomes]

Muito provavelmente, o fato de ter estabilidade por ter passado em um concurso permitiu a Priscilla reagir. Falou com seu supervisor, que tomou uma providência, coibindo as gozações. Mas foi por muito pouco que ela, ao invés de exigir providências, não pediu demissão. Priscilla se transformou tardiamente. Conseguiu emprego e estabilidade. Nunca se prostituiu. E não se considera travesti.

4.3.2. Caminhos da prostituição

Priscilla teve uma trajetória pessoal e profissional completamente diferente das demais travestis, aparentemente porque por mais tempo se negou o direito de expressar-se livremente, deixando de confrontar o script de gênero de sua socialização e, assim, driblou as impossibilidades de ter educação e emprego que o estigma lhe traria.

Rebecca, por sua vez, sempre teve uma vida de muita carência material, de muita pobreza. Não consegue trabalho no mercado formal, mas não consegue viver da prostituição. Para ela, seria normal se prostituir, já que todas as travestis que a acompanharam em seu processo de feminilização e que constituíram seu primeiro grupo

de socialização alternada exercem a prostituição. Ela tentou várias vezes, mas não conseguiu.

Porque a gente veio pra tentar fazer o programa, mas eu nunca consegui. Fiz até. Mas eu não conseguia, chegava na hora assim: “Não dá”. Sim, eu cheguei a ir e fazer. Só que depois eu ficava com nojo de mim mesma. Eu ficava meio enojada de mim. Só que tinha vezes que eu ia, e ficava: “Eu vou conseguir”. E chegava na hora travava, não queria mais. Falava: “Não, me leva de volta que eu não quero mais fazer”. Não era o que eu queria. É algo que eu não quero até hoje. Aí tipo, não dava... Eu ficava com nojo. Por pegar qualquer um. Porque, até então, quando você estiver fazendo um programa, você tem meio que fazer o que ele quer. E tipo, não me agradava. [Rebecca Thyfany]

Submeter-se ao desejo alheio não faz parte de seu script. Ela gosta do cavalheirismo, da gentileza. Prostituir-se, para ela, não é uma possibilidade de subsistência. Ela continua desempregada, mas talvez por ter sempre vivido na pobreza, pode se reservar o direito de fazer outras escolhas, mesmo que isso signifique manter-se na pobreza.

Kharla teve um emprego formal e, ao mesmo tempo, prostituía-se porque achava divertido. Ela encarava a prostituição apenas como um passatempo, algo empolgante. No entanto, depois de o exercício da prostituição ter se tornado sua principal forma de renda, o encanto acabou.

Uma amiga [me chamou]: “Vem pra São Paulo, eu mostrei suas foto pra uma cafetina. Ela te achou bonita. Ela disse que você pode vir”. Tá bom, comprei minha passagem. Vim pra cá. [...] Ela não é cafetina, entendeu? Ela é uma pessoa que aluga vaga, entendeu? Ela faz o dinheiro dela funcionar. Aí, o que acontece? Comecei a trabalhar aqui. Ganhei um dinheirinho. [...]. Aí, o que acontece eu, hoje, Valéria, eu [também] vendo calcinhas. Não gosto de fazer programas. [Kharla Limeira]

A empreendedora Kharla já fez pista, mas conseguiu mudar de nível: juntou dinheiro, criou um site para divulgar seus serviços como garota de programa. Seu trabalho se tornou mais organizado e seguro. Ela, que sempre busca formas diversas de obter renda, ainda depende dos programas para viver. Mas não gosta.

Já Camilly se mostra profundamente deprimida por não conseguir manter-se por meio de outras atividades profissionais. Ela é modelo, posa para fotos, participa de programas televisivos, mas nada é remunerado. Pelo menos, não o suficiente. E fica extremamente inconformada por sistematicamente perder oportunidades de trabalho por ser travesti. Ela se ressentida de fazer programas.

*Ah, [pensava que quem fazia programa] era um povo sem vergonha na cara. Que fazia programa porque queria. **Essas coisas que o povo colocava na cabeça da gente.** [Camilly Pergolini]*

Ela aparenta ter vergonha de seu trabalho e demonstra muito sofrimento e pesar quando fala do que faz para ganhar a vida e do que gostaria de fazer. Ela já não faz mais pista, já não é mais apenas “um viadinho”. Ela atende clientes que a procuram por sua divulgação na internet. Seu celular, quando ligado, não para de tocar. Camilly não está exposta às violências de quem trabalha na rua. No entanto, não ter escolha de exercer outras profissões para as quais se considera apta e preparada é, para ela, uma violência insuportável. Ser desqualificada por ser travesti a fere profundamente.

Cynthia já viveu a exploração no mercado da “baixa” prostituição antes de se feminilizar. Não se prostituía, mas, à época, era o único local em que se sentia aceita. Foi buscando outras formas de sobreviver, entrou e saiu do mercado formal de trabalho, onde também foi explorada. Foi prostituta de luxo no Brasil e no exterior, o que lhe deu oportunidade de ter vasto repertório cultural, além de viver luxuosamente, conviver com gente importante e aprender várias línguas.

Roberta imaginou que só poderia ser travesti exercendo a prostituição.

*Após essa época, eu conheci algumas travestis e acabei indo me prostituir. Eu estava com o Sérgio ainda e **aí passei a me prostituir**, porque eu não tinha conhecimento com travestis. Eu conheci as travestis e eu **achei que travesti tinha que ir pra esquina [fazer ponto de prostituição], porque só lá que tinha travesti.** [Antes] Era só a Tatiana, eu e os gays. Eu via travesti, mas eu via travesti na boate ou via travesti descendo a [rua] Augusta, mais nada. **Eu não via travesti em outros lugares.** E aí quando eu peguei amizade com essa travesti [Pietra, que se prostituía], que ela falou assim: “Mona, tem um monte de travesti lá onde eu trabalho, e você olha, tem dez, vinte travestis uma do lado da outra.”. Aí eu falei: “Eu quero conhecer onde é esse lugar, porque eu quero conhecer as travestis, **eu quero saber como que é a vida de travesti**”. Aí quando chega, lá encontra as **travestis todas siliconadas, lindas, operadas, nariz feito, cabelão, plástica em tudo que é lugar e aquilo, pra mim, foi um deslumbre.** [Roberta Barretto]*

A violência simbólica que a colocou no mundo da prostituição de rua foi vencida pela violência bruta dos desconhecidos que aterrorizavam a vida das prostitutas na região onde trabalhava. E, ao mesmo tempo, ela teve a oportunidade de encontrar-se com outras travestis em outros espaços de convivência para a afirmação de seus direitos e de sua cidadania. Quando uma colega de trabalho na pista foi assassinada bem ao seu lado, sentiu medo. Roberta deixou a prostituição por medo de morrer.

Iara, quando perdeu emprego e teve de abandonar escola e família, soube que sua vida seria como a daquelas travestis que faziam ponto perto da escola onde estudava à noite. E que ela e suas amigas “bichinhas” iam furtivamente espiar com a empolgação de (re)conhecer-se. Iara viveu muita violência – física, psicológica e sexual - na época em que fazia pista. Saiu da pista para a militância, onde passou a se (re)conhecer como pessoa com direitos. Mas este caminho não a protegeu das violências. Continuou sofrendo violências diversas nas ruas, por parte de colegas do trabalho, por setores da militância. Refletiu muito e decidiu voltar à prostituição para não ser submetida mais à higienização e para atuar entre iguais. E para não permitir que se mate simbolicamente a travesti.

4.4. O lugar simbólico de mulheres com pau

Bota uma saíinha, dois quilos de maquiagem e sai por aí com seus quase 1,90 de altura, ombros largos, pés enormes, voz grossa, navalha no decote e quer convencer que é mulher. Fica a dica: mulher tem buceta e tem útero e tem ovários e isso você NUNCA vai conseguir ter. NUNCA!!! Nem com todas as técnicas cirúrgicas e tratamentos hormonais do mundo. O aparelho sexual é algo muito mais complexo que uma vagina esculpida a bisturi e uma par de peitos enxertados de silicone. E nem com todas as leis que conseguirem aprovar. O parlamento pode tudo, menos transformar um homem em mulher. Isso é uma ficção jurídica. Uma afronta à sociedade de homens e mulheres de bem e normais, que não têm que aturar mais esse absurdo. Que não é e não será tolerado. Bolsonaro neles!!! Imaginem se nós vamos PERMITIR (porque, sim, depende da nossa permissão) que uma aberração dessas dê aula para nossos filhos, trabalhe em nossas repartições públicas, sejam médicos ou advogados ou psicólogos. Se quiserem viver dessa forma abjeta, terão que ser prostitutas e fazer seus números de circo em boates gays. É esse o lugar que a sociedade tem pra vocês.”⁹⁹

Camilly foi humilhada por seu pai em um quiosque de praia, lotado por ser temporada de verão. Ele a humilhou em público porque a encontrou usando peruca e com roupas “de mulher”.

⁹⁹ Recado postado na página da Travesti Reflexiva, página mantida por Sofia Ricardo, três dias após o episódio de violência sofrido por ela e relatado na apresentação deste trabalho. (*Fac-símile* no Anexo VII). Fonte: Travesti Reflexiva. Disponível em: <https://www.facebook.com/TravestiReflexiva/photos/a.133943856776238.1073741828.133942826776341/140509436119680/?type=1&theater>. Acesso: 18 .maio. 2014

*Porque minha irmã já ligava pra ele dizendo que eu me vestia de mulher. Eu falava: “Não pai, era só uma fantasia”. Sempre enrolava. Minha mãe sabia, mas meu pai eu enrolava. Porque eu sabia que eles eram ignorantes, a família do meu pai, entendeu? Eu não ia ficar batendo boca, entendeu? Não adianta. Daí o que acontece, eu estava sentada de costa assim, tinha umas seiscentas pessoas no quiosque. [Eu estava] sentada assim, né? De peruca, normal. E quando vejo vem um “vum” atrás, assim. **Voou minha peruca.** Eu nem mostrei minha cara, já sabia quem era. Meu pai, só pode. Voou assim. Aí [ele] falou um monte de coisa: “O que você está fazendo? Está louco? O que você quer da vida, cara? Eu quero você tal hora em casa que eu vou te levar pra [cidade da região serrana], **você tem que ser internado. Você está doente, não bate bem da cabeça.** Como você pode estar fazendo isso com você? **Você está louco.** [Camilly Pergolini]*

Nesta cena, a diferença é colocada contraditória e simultaneamente no âmbito da loucura e como resultado de escolha: “Como você pode estar fazendo isso com você?”. A ação violenta, a humilhação que o pai dela promove diante de uma enorme plateia de pessoas desconhecidas não foi vista por ele como um ato de violência ou insanidade. No entanto, o uso de roupas, maquiagem e peruca femininas por um jovem é tido como um sério desatino.

Roberta aprendeu logo no primeiro dia em que foi para uma zona de prostituição de rua que ali ela seria valorizada por ostentar o que é interpretado socialmente como ambiguidade de gênero. Ela foi para a “rua da neca”¹⁰⁰, área tida como menos nobre em uma conhecida área de prostituição das travestis na cidade de São Paulo. Na rua da neca, as travestis que apresentam poucos atributos femininos, para atrair clientes ficam com o pênis duro à mostra.

*E eu lembro que eu fiquei muito assustada quando eu via elas abrindo o casaco e mostrando com a lanterna os órgãos genitais para os clientes. E aí teve uma delas que falou assim, “se você não tirar a roupa aqui, você não vai ganhar nada não, viu?”, falou pra mim, “se você passar a noite inteira aí parada, ninguém vai parar pra você”. Realmente já tinham parado alguns carros pra mim, e os motoristas falavam assim, “você não está pronta ainda, morena, você não está pronta ainda?”. E esse “não está pronta?” eu não entendia. Até que essa chegou e falou pra mim, “se você não tirar a roupa, não ficar pelada aqui, você não vai ganhar nada”, Eu falei, “mona, o que é não estar pronta?”, aí ela falou, “**elas querem ver você de pau duro pro lado de fora**”. Aí eu falei, “mas eu tenho que fazer isso?”, “é, amor, se você quiser ganhar dinheiro, é o que você tem que fazer”. Aí foi que eu arranquei a roupa. No primeiro dia, já tirei a roupa, e como eu estava de saia, meia fina arrastão, e uma blusinha caidinha, que que eu fiz? Eu tirei a saia, fiquei de meia e levantei a blusa, enrolei a blusa, a blusa ficou mais curta. Mas eu não tive coragem de arrancar a roupa completa, como elas arrancavam. [Roberta Barretto]*

¹⁰⁰ Neca é gíria utilizada pelas travestis para designar o pênis.

Rebecca, por exemplo, relata que às vezes mantém em segredo que é travesti só como forma de afrontar homens que dizem que não gostam de “viado”, mas querem ter algum relacionamento com ela. Outras vezes, no entanto, ela se assusta com a possibilidade de descobrirem que ela tem genitália masculina.

*[...] só o Daniel que não sabia [que eu sou travesti]. O Daniel não sabe até hoje. [E dele] Gostei mais. Não [contei], porque, no fundo, eu não precisava dizer, porque ele sabia. Só que uma coisa que acabou com ele, foi um dia em que a gente estava vindo embora, ele apontou pra minha cara e disse assim: “**Sabe que eu sonhei que hoje a gente ‘tarârâ’.** **Eu queria ter um filho com você**”. Aquilo acabou [o relacionamento].* [Rebecca Thyfany]

Na cena acima, Rebecca ficou chocada com a insinuação do rapaz de quem mais gostou. Talvez a revelação de sua “impostura” fosse motivo não apenas para abandono, mas para mais violências. Pryscilla sente-se desconfortável por ter pênis, por isso, imediatamente após sentir que “pintou um clima”, ela já “abre o jogo” para o pretendente e explica a sua “situação”.

Outra experiência de Rebecca ilustra bem, na cena a seguir, como a maioria das travestis deste grupo é vista sob uma ótica que as reduz a uma sexualidade ostensiva e desregrada que, por ter uma aparência “feminina”, é tida como imoral. Rebecca percebe ser vista como prostituta por estar usando vestido e se sente constrangida. E inconformada:

*Nisso o policial falou assim: “Você trabalha em quê?” Pra Ju. Ela: “Eu sou prostituta”. Aí ele colocou lá. **Nisso ele escreveu meu nome lá e colocou prostituta.** Eu falei: “Não, pode mudar isso aqui. Eu não sou prostituta. **Eu não faço programa. Não é porque você me viu com esse vestido que fico por aí nas esquinas.** Você pode colocar que eu sou assistente de cabeleireira”. [Rebecca Thyfany]*

Nos relatos de sete, entre as oito colaboradoras, que de alguma forma se envolveram com o mundo da prostituição (mesmo sem exercê-la, como Rebecca), as cenas de violência diretamente relacionadas à profissão apareceram em profusão e se expressaram em ataques à integridade física, psicológica, sexual e econômica de cada uma delas.

*Nós estávamos ali [na rua, esperando ser abordadas por clientes] muito próximas uma da outra, elas estão ao meu lado. A menina que está junto com a gente, está um pouco mais afastada, está próxima ao poste. Aqui passa bastante carro. Um desses carros passa mais devagar, mexendo com a gente. **Eles chamam [a gente de] de “travesti”, “traveco”, “viado”, é o que eles estão falando.** Até que pára a moto pra essa menina. Então ele está*

na direção vindo oeste – sul. Ele acaba de passar pela gente... ele passa pela gente e pára pra ela... e chama ela. **Ele só fala pra ela: “Oi, vem cá”.** Ele não chama nome, não chama nada. Ela vai em direção a ele, e quando ela abaixa pra poder falar com ele, **ele já saca a arma e dá um tiro nela.** É a hora que a gente não tem pra onde correr, eu estou muito assustada, com medo do que aconteceu, então a gente só ouviu o barulho e correu. Não vimos nada. Só ouvimos o barulho e na hora não tinha reação, a reação foi automática, o barulho, as meninas correndo, e eu correndo com elas. [Roberta Barretto]

Chegando sem a gente imaginar, jogando coisas [em nós]. Xixi, cocô, ovo. Eu já levei ovo. Eu estava sentada uma vez, e passaram e jogaram ovo em tudo. Bateu e não quebrou. Caiu no colo. Pensei: “Gente, o que é que eu faço com esse ovo agora?” Coloquei em cima do muro e deixei lá. A minha vontade era jogar de volta. **Mas eu tenho um problema, não consigo ter reação.** Aí não joguei de volta, ficou lá um período. Alguém pegou lá depois e quebrou. [Iara Pereira]

Aí subindo com ele [cliente], ele falou: “Vai na frente, e eu vou te seguindo. Do local que você está falando”. Beleza. **Eu fui na frente porque é costume, né? Homem não anda do seu lado. Ou ele vai na frente ou você vai na frente.** Aí fui na frente. Chegou lá perto do bambuzal, eu fui descendo. Eu já vi ele também, que apareceu e foi descendo atrás de mim. No que eu estou descendo eu já senti, tipo uma paulada. Entendeu? Aí eu dei aquela “baqueada” assim. Aquela porrada que eu levei assim, “baqueada” e virei. No que eu virei ele veio com a faca de novo. **Ele tinha cravado uma faca atrás de mim,** e eu achei que tinha sido uma paulada. Por pouco não foi no pescoço. Só que, como eu costume dizer, que dei sorte, a faca era velha. Então a facada que deu, a faca entortou. Ela entortou porque acho que ela bateu no meu osso, sabe? Aí ela ficou meio que quebrada. Aí quando ele veio de novo. Acho que ele não tinha visto que tinha entortado. Eu botei a mão, também não vi que tinha entortado. Aí a faca ficou aqui. Então eu tenho até hoje aqui a marquinha. Essa marquinha era onde a faca ficava [mostrando a cicatriz na mão]... [Eu] Ficava segurando a faca. E brigando com ele aqui. Eu segurando a faca e ele “coisando”. E a faca foi aqui, ó. Tá vendo? É uma coisa mínima. Mas mais um centímetro e eu teria morrido. Aí beleza. Fiquei brigando com ele e gritando. Brigava e gritava, ele viu que ele não ia conseguir e correu. [Iara Pereira]

[...] Aí depois **quando viram que eu estava ganhando dinheiro na prostituição,** que eu estava começando a consertar esse quartinho, deixando ele bonitinho, [meus pais] **me botaram para dentro da casa de novo.** Mas mesmo assim eu comecei a ajudar na casa, entendeu? Comprei celular novo, da moda na época, e dei pra minha mãe. Ajudei ela comprar o microondas que ela tanto queria. [Sharon Pinheiro]

Presenciar homicídios, sofrer tentativas de assassinato, ouvir ofensas e serem atingidas por ovos ou excrementos, ser alvo de desconhecidos, pessoas de quem não veem a cara, não sabem o nome e desconhecem os motivos são terríveis, mas não superam a dor das violências cometidas pela própria família, como a de Sharon, que a excluiu e depois a explorou.

Camilly dolorosamente denuncia a dinâmica social que coloca as travestis nas ruas, fazendo pista, sendo usadas e abusadas, sofrendo violências diversas, abandonadas. As mesmas pessoas que impedem que elas tenham trabalho são aquelas que fazem

programas com elas. Mas nunca as assumem como namoradas ou esposas. Querem-nas apenas para fazer sexo.

As pessoas fazem a gente se prostituir, fazem a gente se marginalizar, porque a família não aceita a gente. Entendeu? Não aceita. Não aceita. Aí, o que acontece, elas vão e fazem a mesma coisa que eu. São uns meninos que estão todos despreparados emocionalmente, conhecem gente má, que faz elas virarem marginais, roubar cliente em rua pra sobreviver. E as mesmas pessoas que fazem isso, são as que saem com a gente. Que não dão oportunidade pra gente. É isso. Eu estou cansada de ver pessoas saindo comigo falando que é infeliz com a mulher, filhos, porque não tiveram coragem de assumir uma trans. [Camilly Pergolini]

E, como apontam, ser travesti significa ainda ter de carregar o estigma de “barraqueiras” e “marginais”. Como diz Cynthia:

Travesti assusta! Qual é a notícia que você recebe sobre uma travesti? A mídia, por exemplo, como ela coloca as travestis? Elas são produtos da sociedade: elas dão pra sociedade exatamente o que a sociedade deu pra elas. [Elas são barraqueiras] Porque a sociedade foi barraqueira com elas, jogaram elas na calçada, elas estão ali se defendendo: “Estou vomitando o que você me deu pra me alimentar”. [Cynthia Toledo]

5. A SINGULARIDADE DAS TRAJETÓRIAS PSICOSSOCIAIS DAS TRAVESTIS: DA INFÂNCIA AO MERCADO DE TRABALHO

Neste capítulo, retomo resultados já vistos nos capítulos anteriores buscando articular *identidade, experiência e relações sociais* e, ao mesmo tempo, sublinhar e dar maior relevo aos *processos de subjetivação* das colaboradoras a partir da dinâmica psicossocial das violências cotidianas. Alguns temas se repetem, mas a proposta desta parte do texto é ressaltar a subjetivação como um processo “[...] de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado [...].” (BRAH, 2006, p. 371)

Assim, por meio do relato da história de vida das travestis que contribuíram para este trabalho, é possível vislumbrar como se apresenta a dinâmica psicossocial das violências sofridas por elas. Apesar de terem carreiras sociais distintas, todas foram socializadas em scripts culturais bem parecidos. Compartilharam especialmente discursos típicos da socialização primária para o gênero e, ao iniciarem a carreira de travesti, os cenários de estigmatização e de violências. (GAGNON, 2006; PAIVA, 2012; PAIVA, ZUCCHI, 2012; GOFFMAN, 1988).

As relações de poder imbricadas nas violências produzidas pela articulação dos marcadores de diferença que as oprimem e violam direitos, portanto, desqualificam e criam espaços de marginalidade. Ao mesmo tempo, impulsionam formas de ousada resistência, de produtivos desafios às normas. Por não se conformarem às roteirizações que violam as suas existências, elas sofrem com múltiplas interdições e violências, mas ao mesmo tempo iluminam os perigos da rigidez, das essencializações e da intolerância. Ao resistir, criam novas possibilidades de existência, rompendo a camisa de força da diferença essencializada. Ainda que lhes tentem reiteradamente impor a morte, física ou simbólica, as travestis recriam a vida.

5.1. Ser travesti é ousadia

Vê-se, na literatura acadêmica brasileira, certo esforço para “definir” as travestis. Benedetti (2005), por exemplo, afirma que as travestis promovem modificações estéticas e corporais para se parecerem com mulheres, sem desejarem retirar o pênis e construir uma vagina. Para ele, a distinção entre travestis e transexuais se dá exatamente na questão genital: as transexuais desejariam fazer a cirurgia de transgenitalização. Silva

(2007) reiteradamente afirma, no singular e taxativamente, que “travesti é assim” (p. 61-62). Peres (2005), buscando escapar desse tipo de armadilha identitária, prefere usar o termo “travestilidades”, no plural, para evidenciar a multiplicidade de formas de ser travesti. É curioso notar que, apesar de as travestis se referirem a si próprias no feminino, Peres refere-se a elas no masculino em um artigo publicado em 2010, no parágrafo em que justamente fala do constrangimento que elas vivem ao serem chamadas por nomes masculinos (2010, p. 310). Maranhão Fº (2013) cunha a expressão “entre-gêneros” para indicar que travestis e transexuais são sujeitos com uma discordância entre o gênero atribuído na gestação e/ou nascimento e o gênero com o qual se identificam. A ideia de trânsito entre-gêneros, de gênero em processo, expressa de forma mais condizente a experiência das travestis que colaboraram com este trabalho. Ainda assim, resta a dúvida se a formulação de Maranhão Fº (2013) não guardaria ainda uma referência ao binarismo de gênero (um gênero, outro gênero). Ao ouvir as participantes deste grupo, o que se percebe é que elas têm maneiras próprias e diversas – e até divergentes – de se entenderem como travestis.

Cada uma das pessoas que colaborou com este trabalho tem ou teve uma experiência diferente como travesti, pois elas se constituíram como sujeitos dando sentidos diversos à sua “realidade”. Quando cada uma delas diz que se sente ou se reconhece como travesti em dado momento, elas não enunciam nem uma essência, nem a verdade sobre todas as travestis (BRAH, 2006; HEILBORN, 1996). Por outro lado, suas histórias pessoais e coletivas são contingenciais e, portanto, o sentido de ser travesti não é único, não é uniforme, ainda que tenham o sentimento de pertença a um mesmo grupo (BRAH, 2006). Para algumas das participantes deste grupo, ser travesti significa não ser homem, nem ser mulher, mas isso tem diferentes significados para cada uma delas.

Roberta se vê como a essência dos dois; Kharla pensa que travesti é um homem que se adaptou a um corpo feminino; Camily diz que tem um corpo feminino com um órgão masculino; Rebecca diz que tem um pouco dos dois, como se estivesse “no meio”, mas com variação de intensidade, ou como se cruzasse a fronteira para um dos lados: às vezes se sente mais feminina, outras, mais masculina; Pryscilla, que já não se vê mais como travesti, diz que ser travesti é ser metade homem e metade mulher, significando poder ter comportamento sexual “ativo” ou “passivo”; Sharon já percebe que ser travesti é ter pensamento e comportamento feminino, mas sem ter vagina. Iara não se considera nem homem nem mulher; Cynthia não se sente na fronteira, nem uma mistura entre homem e mulher: ela sente que travesti é uma fantasia, a concretização do sonho de ter

tido o corpo designado, em termos biológicos, como masculino, mas que não aparenta mais sê-lo.

Vê-se, então, que mesmo socializadas em um repertório cultural comum (HEILBORN, 1996) sobre o gênero (“homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino”), cada uma delas o *interpretou* de formas diferentes para *atribuir* significado à sua experiência como travesti. Às vezes, o sentido de ser travesti é percebido por elas sob o ponto de vista do comportamento (sexual ou não), às vezes, dos órgãos genitais. Outras vezes, do sentimento. Até mesmo quando o critério utilizado foi semelhante, como ter ou não determinado órgão genital, as interpretações foram diversas. Por exemplo, Camily sente que é uma mulher *com* um órgão masculino, enquanto Sharon sente que é uma mulher *sem* vagina.

Foi no interjogo de encenações que desempenharam na vida cotidiana, com os atores relevantes de suas trajetórias e atravessadas por múltiplas relações de poder, que as colaboradoras desta pesquisa (re)construíram os sentidos, particulares e por vezes contraditórios, de sua experiência (vivida como processo) e/ou existência (sentida como identidade) travesti. (PAIVA, 2012; PISCITELLI, 2008; FOUCAULT, 2007; BRAH, 2006; SPINK; MEDRADO, 2004).

5.2. Trajetórias diferentes, violências semelhantes

São oito pessoas com origens sociais, econômicas e geográficas diversas, com idade e cor da pele diferentes, com trajetórias muito distintas, mas que, em algum momento da vida, identificaram-se ou reconheceram-se como travestis. A ruptura com os conteúdos “apropriados” dos seus cenários culturais atravessaram as dimensões intrapsíquicas e interpessoais de sua roteirização de gênero. No cenário compartilhado por seus contemporâneos, a contraparte de sua experiência são os discursos intolerantes sobre a diferença que se articularam em processos de estigmatização, produzindo desigualdade. Essa desigualdade se expressa de forma cada vez mais violenta, conforme as camadas externas de características tidas como femininas vão se sobrepondo ao corpo considerado masculino.

Camily foi um garoto branco gaúcho e de classe média, impulsivo e um pouco irresponsável, que se tornou uma travesti deslumbrante que faz programas para viver,

mas sente que tem “cabeça de gay”. Sofre com a solidão amorosa e o abandono da família.

Cynthia é negra, nasceu numa cidade pequena e numa família grande, em Minas Gerais, de família simples, mas amorosa. Órfã ainda criança, caiu no mundo da exploração: da família, do trabalho informal e formal. Foi prostituta de luxo na Europa, tornou-se uma pessoa culta, refinada e solidária, entrou no ativismo LGBTT. Não quer mudar de nome.

Kharla veio de uma capital do Nordeste, identifica-se como morena. Empreendedora, veio para a cidade grande para fazer dinheiro. Trabalha com programas, melhorou de vida, sente-se respeitada porque “faz por merecer”. Não se sente diferente e não guarda ressentimentos.

Iara, negra, nasceu em uma pequena cidade do Nordeste, mas foi criada em uma grande cidade do interior paulista. Fez pista, quase foi assassinada, entrou na militância LGBTT e se tornou uma referência. Lutou para formar-se pedagoga. Abandonou o emprego formal para voltar para a prostituição, uma escolha pensada.

Priscilla é branca, de classe média baixa, nascida na capital paulistana. Foi gay, depois travesti e agora é mulher transexual. Adiou essa transformação até ter emprego estável. Sente orgulho por ser mulher 24 horas por dia e ser muito desejada pelos homens.

Rebecca é da capital paulista. De família muito pobre, é designada como parda ou negra, mas se diz morena. Tentou trabalhar no mercado formal, tentou fazer programa, tentou trabalhar no mercado informal. Está tentando estudar. Às vezes se diz travesti, outras vezes se diz transexual.

Roberta é negra, nascida na capital paulistana, de família pobre. Saiu de casa com doze anos para morar com um companheiro. Tinha trabalho no mercado formal e, mantendo-se no trabalho, foi para a prostituição, para *poder* ser travesti. Saiu da prostituição por medo de morrer. Tornou-se militante.

Sharon nasceu numa cidade pequena do interior paulista, identifica-se como morena. A família tirou-a de casa para um barraco no fundo do quintal por ser travesti. Foi readmitida de volta a casa quando passou a ganhar dinheiro na prostituição. Mora nas ruas na capital paulista. Tem marido. É soropositiva.

As histórias de vida apresentam diferenças significativas entre si, mas em todas as trajetórias a interconexão entre marcadores sociais de diferença, especialmente classe, raça e gênero, constrói a desigualdade assentada sobre este último.

5.3. Processos de feminilização: um desvio na rota repleto de percalços

As oito pessoas que participaram desta pesquisa passaram por um processo de “feminilização”: sentiram-se femininas e, ainda crianças, realizaram performances de gênero discordantes do sexo que lhes fora designado, por meio de gestos e brincadeiras que são logo reprimidas de formas mais ou menos violentas, tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Durante sua socialização primária, foram decodificando e internalizando que sua expressão do feminino não é aceita e lhes causa desqualificação. Elas entenderam a interdição, que já pressentiam existir de forma subliminar.

Conforme suas características “femininas” vão se tornando mais aparentes, elas percebem que vão se tornando cada vez mais desqualificadas. Aquelas que não querem ou não conseguem disfarçar essa performance, mais cedo são desacreditadas, sofrendo humilhações constantes e reiteradas típicas do processo de estigmatização. Todas, em alguma fase da infância e no início da juventude, foram chamadas de forma pejorativa e reiterada de “viado”, “viadinho”, “bicha”, “bichinha”, entre outras ofensas públicas e violências. As colaboradoras desta pesquisa vão assimilando, então, que relações de poder, desiguais, vão se estabelecendo entre elas e as demais pessoas. A diferença é significada em relações intersubjetivas que as oprimem e se inscreve em seus scripts intrapsíquicos como desigualdade. Elas passam a acreditar ou sentir que são inferiores ou inferiorizadas. Algumas aprenderam que é preciso disfarçar sua performance e “adquiriram”, assim, um segredo, o que demandou esforço para ser gerenciado. Uma constante tensão entre o que é sentido e o que pode ser expresso e vivido se impôs nesses casos, com possibilidade de se tornarem desacreditáveis. (PECHENY, 2005; GOFFMAN, 1988). O mesmo também foi encontrado por diversos pesquisadores, como Peres (2005), Duque (2009), Santos (2012) e Andrade (2012), entre outros.

Algumas passaram por uma fase em que também se sentiram “gays”: “Quando eu *era* gay”. A travesti mais velha deste grupo sente-se homossexual até hoje: “Sempre fui marcadamente homossexual”. Kulick (2008), que pesquisou as travestis na Bahia em um período anterior a 1998, relata que as travestis que encontrou se declaravam

homossexuais (mesmo relacionando-se afetiva e sexualmente com homens), não se denominam transexuais. Talvez haja aí uma questão geracional. Para várias colaboradoras da presente pesquisa, porém, ocorreu uma fase de transição, marcada pelo sentimento de serem “apenas” gays. Fase sentida e vivenciada como identidade à época, mas depois transformada (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008). Outras, no entanto, nunca se sentiram gays e ser identificadas assim era, para elas, uma ofensa intolerável. Não importando como se sentiram, todas foram percebidas pelas outras pessoas como “homossexuais” ou “gays” em algum momento da vida, mais comumente no início da juventude.

Dependendo de contingências, o momento em que começaram a expressar mais seu sentimento e ostentar mais características femininas variou para cada uma. Algumas, já no início da juventude, aos 12 ou 13 anos se travestiam e expressavam-se mais abertamente. As violências para elas chegaram mais cedo. Outras conseguiram disfarçar até um pouco mais tarde, por volta de seus 16 ou 17 anos.

5.4. Adiar a expressão e construção do gênero protege?

No momento em que a expressão do feminino se tornou evidente, as violências todas se intensificaram. A violência simbólica se converte em outras formas de violência: física (tapas, socos, empurrões, chutes, mas também facadas, entre outras), violência sexual e psicológica (individuais ou coletivas, em particular ou em público) e econômica (em alguns casos, cometida pela própria família).

Uma delas manteve a expressão de suas “fases iniciais” (identificar-se como gay, montar-se temporariamente) em segredo até seus quase 30 anos, desempenhando o script cultural de forma “apropriada”, sem desafiar a norma de gênero: já tinha barba na escola, namorou meninas. Mais tarde, quando se reconhecia como gay, conseguiu manter relacionamentos com outro homem em segredo sem sair em público com ele por longo período. Quando começou a se transformar, a estabilidade de ser servidora pública aparentemente a protegeu de sofrer violências físicas, mas não impediu que sofresse violências psicológicas no trabalho e em outras situações públicas muito específicas.

As performances de gênero foram se tornando cada vez mais marcadas no corpo. Começaram a usar roupas mais justas e cabelos mais longos. Algumas iniciaram suas

performances montando-se como *drag queens*, para expressar-se apenas artisticamente. Conforme vão encontrando possibilidades de se expressar (ir a uma boate gay na cidade vizinha, ou no centro distante da cidade, ou em outro bairro), elas começaram a levar vários apetrechos em suas bolsas para se vestirem como mulheres longe de casa: levavam saias, perucas, enchimentos, sapatos de salto, maquiagem e adereços. Quase todas utilizaram esse artifício e foram, em um período mais longo ou mais curto, “mulheres na bolsa”. Essa fase de transição, de serem mulheres na bolsa, é relatado em vários estudos. Uma colaboradora de Andrade (2012), no entanto, diferentemente das participantes desta pesquisa, montava-se na escola: um meio conhecido e com pessoas conhecidas.

Em tempos variáveis e de acordo com as possibilidades e contingências internas e externas de cada uma, começaram a fazer transformações no corpo: primeiro tomaram hormônios em forma de contraceptivos vendidos em farmácias; depois, injetaram silicone, na maior parte das vezes recorrendo a bombadeiras/os para redesenhar o corpo com formas mais femininas mais acentuadas: aumentaram seios, quadris, entre outras modificações. Poucas fizeram cirurgias plásticas. As demandas da prostituição, coincidindo com o que encontrou Garcia (2008), motivaram fortemente os cuidados e transformações corporais de algumas das colaboradoras da presente pesquisa, mas para outras, a prostituição funcionou, ao contrário, como o espaço em que tiveram a possibilidade de serem femininas. Ou seja, a entrada para a prostituição se deu para que pudessem se feminilizar. Para a maioria delas, porém, a modificação corporal, ao mesmo tempo em que lhes permitiu sentir que seu corpo estava mais de acordo com seu sentimento, deflagrou uma intensificação nas violências sofridas. O processo foi vivido com muita contradição: o desejo de marcar o corpo com formas femininas também trouxe uma aflição para escondê-las.

5.5. Por que esconder?

O processo de transição trouxe violências de familiares, de amigos, de desconhecidos. Foram humilhadas inclusive por travestis “mais femininas”, especialmente no mundo da prostituição, por não serem ainda travestis “de verdade”: quem ainda não tinha os signos do feminino completamente cravados no corpo era tratada como inferior, desigual. Também simbólica e psicológica, a violência mantém a mesma forma de expressão (“viadinho”, “bichinha”), mas cometida por segmentos sociais diferentes, em

contextos diferentes e por motivos, poderíamos dizer, opostos. De qualquer forma, venha de quem vier, é perceptível nesses casos que a violência sempre demarca relações de poder, como indica Crettiez (2011). Por mais perfeitas que fiquem as modificações corporais, ainda resta a denúncia do nome de registro nos documentos. Um nome “masculino”.

Algumas das travestis deste grupo relataram sentir que esse nome impede que sejam tratadas como iguais. Para essas, ter um nome oficial que esteja “de acordo” com sua aparência seria a solução para evitar muitas violências. Esse mesmo tipo de constrangimento foi relatado por Tagliamento (2012) e por Peres (2010), entre outros.

Outras participantes desta pesquisa, porém, não desejam mudar seu nome nos documentos, mesmo adotando um nome social em seu cotidiano. Nesse caso, a contradição faria parte da performance, da fantasia de ser travesti, e a solução não seria mudar o documento, mas ser aceita sem problema, sem passar por humilhação, em qualquer lugar e com qualquer nome. Ou seja, a reivindicação seria afrouxar a rigidez do binarismo de gênero imposto até ele se extinguir, ampliando as possibilidades de ser e de se (re)inventar sem ter que caber em caixinhas e rótulos. Deixar, enfim, que cada travesti – e qualquer pessoa – viva, à sua maneira, seu direito de ter a expressão de gênero ou a identidade que queira, acabando definitivamente com a violência simbólica e com os estigmas que matam o sonho.

Por meio dos processos de roteirização (intrapsíquico, cultural e interpessoal), que ocorrem simultaneamente (GAGNON, 2006; PAIVA, 2012), os (des)caminhos para se feminilizar vão sendo trilhados com tensões, rupturas, ambivalências, sofrimentos, ao mesmo tempo em que se descortinam também encantamentos, encontros, fantasias, realização de sonhos e reinvenções de si. (BRAH, 2006) Todas as experiências, entretanto, são vividas em meio a violências diversas, na vida cotidiana, em suas relações interpessoais em outros espaços fora de casa.

5.6. Relações interpessoais: violências cotidianas

A diferença foi atribuída ao gênero, por outras pessoas, mesmo quando dizia respeito à sexualidade. Algumas violências foram motivadas por elas apresentarem atração – expressa em forma de beijos, por exemplo – por garotos.

Quando a família de origem foi amorosa e protetora, a possibilidade de enfrentar ou pelo menos suportar as violências externas foi ampliada. Ao mesmo tempo, o rompimento com a norma de gênero provocou ruptura (mais ou menos definitivas, dependendo da situação) nas relações familiares, mais cedo ou mais tarde. E foram as figuras masculinas, em grande parte das histórias aqui relatadas, as responsáveis por “defender as fronteiras” das normas de gênero com maior frequência e violência. Mais comumente, pais, padrastos e irmãos cometeram violências físicas ou psicológicas.

Em alguns casos em que as famílias tinham menor repertório cultural, os papéis de gênero e sexo foram mais rigidamente fixados, com expressão mais intensa de violências diante das rupturas. Considerando que o processo histórico brasileiro racializou a pobreza, é importante observar que a diferença de classe, além de interconectada com os papéis rígidos de gênero, também está imbricada com a diferença por cor da pele. Não por acaso, dentre as colaboradoras desta pesquisa, aquelas que pertenciam a famílias de classes menos favorecidas são negras (em suas palavras, negra, parda ou morena).

Exatamente da mesma forma como foi relatado por Luma Andrade (2012), todas as travestis deste grupo foram estigmatizadas e passaram sistematicamente por exclusão, humilhação e outras situações de violências física e sexual na escola, tanto por parte de colegas, como de professores. Violências – psicológica e sexual, física e verbal – vindas de quem deveria protegê-las ocorreram por ação ou por omissão. Na maioria das vezes, os casos de violência nem foram denunciados por quem a sofria, mas mesmo quando houve denúncia, a direção ou coordenação da escola na maior parte das vezes não coibiu as agressões, solicitando apenas que a pessoa atingida não “desse importância” aos agressores.

O que chocava mais as travestis na escola era a gratuidade das violências. Todas relataram que não tinham feito nada para serem excluídas, humilhadas, agredidas física ou sexualmente. Luma Andrade (2012) relata situações semelhantes. Muitas sentiram até medo de morrer justamente no espaço de convivência onde, supostamente, todos deveriam aprender o respeito às diferenças e o exercício da cidadania.

Como elas, na maioria das vezes, não se percebiam como pessoas que estavam tendo seus direitos violados, em boa parte do tempo as ofensas não recebiam resposta. Muitas

se sentiam culpadas pelas agressões sofridas, como se fossem merecedoras das violências. Depois de um tempo, cansadas da humilhação reiterada, algumas passaram a reagir, ofendendo ou agredindo fisicamente seus agressores, como também relataram colaboradoras da pesquisa realizada por Andrade (2012). Devolviam o tratamento recebido, mas não conseguiam se livrar da dor do isolamento, da marca da desigualdade.

Elas tinham de se preocupar até mesmo em gerenciar o momento em que poderiam ou não fazer suas necessidades fisiológicas sem serem agredidas. O banheiro masculino era um local inseguro. A qualquer momento, elas podiam ser cercadas por outros colegas no banheiro, uma ameaça velada ou ostensiva de agressão física ou sexual (ANDRADE, 2012).

A consequência perversa dessa sistemática violência institucionalizada nas escolas foi a evasão escolar destas colaboradoras, com a exceção de uma. Trata-se de uma violência ao mesmo tempo cruel e invisível e, portanto, subestimada. A possibilidade de permanecer estudando só existia se suportassem violências que as colocavam constantemente em risco e em intenso sofrimento. A alternativa era negar para si ou para as outras pessoas, disfarçando muito bem a ruptura com o script de gênero, o que é outra forma de violência psicológica, uma morte simbólica. As opções delas eram libertar-se - expressar-se abertamente de forma feminina - correndo risco de morte ou morrer como travestis para se libertar das violências.

Todas colaboradoras deste grupo vivenciaram uma grande solidão no início do processo de construção e reconstrução de suas identidades pessoais. Esses sentimentos vão sendo amenizados na medida em que elas começaram, de formas diversas, a encontrar “iguais”. Reconhecer em colegas de escola a mesma diferença, ou passar a frequentar espaços de socialização e entretenimento de pessoas LGBTT, ou ainda passar a integrar o ativismo político de afirmação de direitos lhes possibilitou obter novo senso de pertença. Cada uma delas passou pela socialização alternada, quando foi possível aprender novos scripts de gênero (PAIVA, 2012).

O processo não é simples, no entanto. Em um primeiro momento, os encontros com pessoas que também desafiaram as normas de sexualidade e gênero foram vividos por quase todas elas com estranhamento. A violência simbólica sofrida, a internalização dos

scripts de sexualidade e gênero, os processos de estigmatização já vividos fez com que os primeiros encontros provocassem choque, repulsa, negação. Seguiu-se o sentimento de alívio e excitação por se depararem com a materialização da possibilidade de ser diferente, de não estarem sós, marcando de forma libertadora o encontro com pares.

Em muitas vezes, esse sentimento de encontrar pares se deu ao conhecer pessoas que se identificavam como homossexuais. Em outras, deu-se quando entraram nas chamadas “boates gays”. Nestes percursos, também houve o encontro com figuras que encantavam, como as *drag queens*, com seu exagero exuberante. O estranhamento inicial foi dando lugar à fascinação, o que foi sentido como uma libertação: suas existências são possíveis. Em certos momentos, puderam deixar de se ver como um ser estranho absolutamente desigual em meio a outras pessoas que se entendem como iguais. Elas viveram encontros com outras pessoas que, como elas, eram tidas como “diferentes”, o que possibilitou um encontro com a diferença e um (re)encontro consigo. Nesses casos, a diferença não oprimiu e foi (re)significada como diversidade (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

A entrada na militância LGBTTT, para parte das travestis deste grupo, foi também um momento extremamente libertador. As que militam ou militaram no movimento LGBTTT passaram a compreender que não precisam se submeter às insuportáveis violências cotidianas e que têm direito a uma vida com dignidade. O exercício da cidadania passou a ser uma bandeira de suas vidas. E isso perdurou, mesmo quando se retiraram do movimento social organizado. A consciência permaneceu e elas sentem que podem fazer diferença, seja na atuação intensa em alguns grupos de militância política, seja nas relações sociais que travam cotidianamente: com amigos, em seus trabalhos, em suas famílias. Pensam solidariamente em ajudar a transformar a realidade de muitas travestis, não apenas as delas mesmas.

Algumas, por meio do ativismo, lentamente começaram a deixar de se sentir aberrações, passando a se ver como pessoas que têm direitos que estão sendo sistematicamente violados. E não apenas em relação às exclusões por gênero e sexo. Elas passam a se perceber como pessoas que sofreram diversos processos de estigmatização, por sua condição de classe ou pela cor da sua pele. Não é mero acaso que Roberta, Iara e Cynthia, as ativistas do movimento LGBTTT que não são brancas, também fizeram da cor da sua pele uma afirmação política positiva de raça, identificando-se como negras

com orgulho nas entrevistas (Cf. Tabela 1). As demais se identificaram como pardas ou morenas. A intersecção dos marcadores por vezes fez com que as diferenças se produzissem umas às outras como desigualdade, mas em outras se (re)significaram mutuamente, possibilitando também que as diferenças articuladas pudessem engendrar resistências diversas e maior liberdade (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

Todas essas transformações internas, no entanto, ao mesmo tempo em que fortaleceram-nas como sujeitos de direitos, recuperando seu senso de humanidade que tinha sido sistematicamente aviltado, foram também trazendo outras violências, algumas decepções, muita frustração. As travestis que ingressaram no ativismo político LGBTTT sentiram-se, em certos momentos, pressionadas a se “higienizarem” para serem aceitas pela sociedade. Sob o pretexto de ressignificar a forma como as travestis são vistas na sociedade, sentem que lhes cobraram uma apresentação “limpa”, uma encenação de “travestis direitas”, concordante com o script cultural hegemônico que, justamente, constrói as bases das reiteradas violações que as travestis sofrem cotidianamente.

Segundo as ativistas que contribuíram com a presente pesquisa, nada é explícito ou declarado, mas elas sentem que a existência como travesti não tem sido legitimada por certa parte do movimento social onde atuam e que, em outros tempos, tinha contribuído para se libertarem, tornando-se cidadãs. Elas ainda apontaram como a estratégia de criar identidades coletivas as fortaleceu, mas também funcionou para criar algumas armadilhas essencializantes, como “camisas de força” identitárias que, segundo elas, estão matando a travesti simbolicamente. Neste caminho, Carvalho (2011) apontou como a construção dessas identidades coletivas se relaciona com a formulação das demandas políticas do movimento social organizado. Tagliamento (2012) mostrou, por exemplo, como em Curitiba está se tornando quase impossível encontrar quem se denomine travesti. As que anteriormente se denominavam assim vêm, paulatinamente, adotando o termo transexual. Vale notar que, no cenário de Curitiba, há uma militância muito importante de pessoas transexuais, com várias organizações fortes e atuantes.

Algumas das que não ingressaram organicamente na militância LGBTTT também retrataram como a violência pode acontecer entre as próprias travestis. Elas relataram ter sofrido violências simbólicas, físicas e econômicas, principalmente no exercício da prostituição. Silva (2007) relata como laços sólidos se mantêm sobre um tecido esgarçado de “desentendimentos, brigas, fuxicos e até agressões físicas” (p. 80). A

violência das travestis mais “femininas” e mais “experientes” contra as novatas significou, para algumas delas, uma fonte de pressão que as induziu a acelerar a sua transformação, o que para uma das colaboradoras desta pesquisa, transformou-se posteriormente em amargo arrependimento. Como na maioria das comunidades humanas, as relações entre pares são contraditórias. E encantamento e tensão andam sempre juntos (BRAH, 2006).

Outra área em que as relações não têm sido recompensadoras para as colaboradoras desta pesquisa são os relacionamentos com parceiros íntimos. Elas expressaram o quanto é difícil se realizarem amorosamente. Algumas se sentem muito bem sozinhas, mas outras desejariam ter um par amoroso: um namorado, um companheiro, um marido. A solidão, para essas, é um tipo de materialização da violência simbólica e é uma constante. E a forma de lidar com ela vai do total conformismo à revolta declarada. No entanto, a “aquisição” de atributos corporais femininos reproduz para as travestis, de forma mais acentuada e cruel, o script cultural de gênero que se expressa pela crença de que “há mulheres para casar, outras para transar” (RUBIN, 2003). A queixa de que os parceiros querem apenas se relacionar sexualmente, mas nunca assumirem publicamente um relacionamento com elas é feita pela maioria das travestis que participaram desta pesquisa. Para essas travestis, parece-nos, o “lar, doce lar” não foi um lugar legitimado socialmente.

A única das participantes do grupo de colaboradoras que está em um relacionamento amoroso no qual encontra proteção e parceria, é uma moradora de rua. Não é por acaso, ainda que seja curioso, que uma das diferenças que sofre maior processo de estigmatização social no Brasil, a miséria, articula-se com outras diferenças muito estigmatizadas, de gênero e sexualidade (o marido se identifica como homossexual), produzindo o relacionamento mais solidário e amoroso, companheiro ao extremo, entre os relatados em todas as oito histórias de vida. Contrariamente do que afirma Peres (2010, p. 309), não ocorreu uma simples somatória de estigmas (moradora de rua e travesti e soropositiva) produzindo maior infelicidade, ao contrário. Neste caso, vê-se que a interconexão de marcadores tornados desigualdades gerou a possibilidade de viver o afeto e a cumplicidade em uma relação amorosa que estava prestes, no momento da entrevista, a se tornar oficializada em casamento civil (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008; GOFFMAN, 1988; RUBIN, 2003).

A maioria das travestis que participaram desta pesquisa promoveu rupturas drásticas para tentar escapar das violências reiteradas: abandonaram família, estudos e a perspectiva de manterem relacionamentos amorosos. As violências em suas interações pessoais, porém, não cessaram. Enfrentaram as relações contraditórias com seus pares ao mesmo tempo em que se tornaram objeto de constante agressão por parte de desconhecidos. A violência que vem de pessoas com as quais não tem nenhum tipo de relacionamento são sentidas, ao mesmo tempo, como muito cruéis e, por não terem razão de ser, estarrecedoras.

Os autores desconhecidos das agressões mais comuns foram homens – sozinhos ou em grupos – e a situação que as tornou mais expostas à violência foi o exercício da prostituição na rua, mas não somente. Diversas violências atingem as travestis em situações típicas e banais do cotidiano: utilizando um ônibus municipal ou andando na rua, sob cuidados médicos em um hospital ou passeando com amigas em momentos de lazer. A diferença mais do que marca, coloca-as em sério risco de morte. E o medo de transitar à luz do dia nos espaços de convivência ou nos equipamentos públicos se torna uma interdição, como demonstrou muito bem Larissa Pelúcio (2005).

Ser objetificada com finalidade sexual é uma constante na vida das travestis que contribuíram com esta pesquisa. Considerando que o gênero é marcador de desigualdade que inferioriza o “feminino”, qualquer mulher teria dificuldade para denunciar o agressor, pois em geral a situação se inverte e a vítima é vista como quem provocou a agressão. No caso das travestis, a situação é ainda mais grave, pois elas são estereotipadamente vistas como prostitutas e são sistematicamente maltratadas por esse motivo, como já apontou Rubin (2003), independentemente de exercerem outras profissões. E os policiais são seus agressores recorrentes. As violências cometidas por policiais foram da ofensa verbal à econômica, passando pela agressão física, com torturas psicológicas e sexuais. A violência policial extrema contra as travestis, sobretudo as que exercem a prostituição de rua, é elemento comum em cenários de diversos estudos. Kulick (2008) na Bahia, Silva (2007) no Rio de Janeiro, Benedetti (2005) no Rio Grande do Sul e Garcia (2007) e Pelúcio (2005) em São Paulo, entre outros, relatam cenas parecidas com as experienciadas pelas colaboradoras desta pesquisa. Essa dinâmica impede que, tendo seus direitos violados, as travestis possam reivindicar proteção e cidadania. A violência cometida por policiais foi relatada por várias das travestis, mas não é mero acaso que as que relataram os piores episódios de abuso policial tenham sido as mais pobres e negras (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008).

O encontro com a polícia geralmente se configurou como situação de violência contra elas e sempre com um nível de crueldade impressionante.

5.7. Na luta pela sobrevivência

A maioria das travestis deste grupo, por caminhos e motivos diferentes, acabou passando pela prostituição. Como mostra Benedetti (2004), para o senso comum e alguns autores de estudos acadêmicos (especialmente da área da sexologia), as travestis se construiriam *para* se prostituir e, assim, conseguirem meios de subsistência. Haveria uma intencionalidade primeira na performance das travestis: ganhar dinheiro. Dessa forma, a prostituição definiria a existência travesti.

Para a maioria das travestis deste grupo, no entanto, o desejo de se feminilizar ocorreu muito anteriormente a qualquer preocupação com trabalho e rendimento. Para elas, que tiveram de abandonar escola e família e que sofreram (e sofrem) constantemente violências e humilhações por parte de amigos, familiares, e desconhecidos - o mesmo que as pesquisas realizadas na 9ª Parada de Orgulho LGBTT de São Paulo por Carrara et al (2006) e na 10ª. Parada de Orgulho GLBT de São Paulo por Facchini, França e Venturi (2006) identificaram -, restam poucas alternativas. Sem qualificação ou experiência, sem apoio afetivo e material, estas travestis buscaram várias formas de subsistência, mas acabaram perdendo o emprego (se já o tinham), ou foram exploradas em subempregos, além de sofrerem constantemente violências psicológicas. Muitas tentaram a vida como cabeleireiras, outras em restaurantes, entregando folhetos na rua ou fazendo serviços domésticos. São trabalhos informais, normalmente ligados ao gênero (mais frequentemente exercidos por mulheres), com rendimentos baixíssimos e jornadas exaustivas de trabalho (VENTURI, 2012).

Sistematicamente, mesmo que quisessem, elas foram – e ainda são - impedidas de entrar no mercado formal trabalho. Por outro lado, em alguns casos o emprego formal e estável configurou-se como um facilitador para enfrentar a desigualdade e a violência. Para a maioria delas, a prostituição foi a possibilidade vislumbrada de sobrevivência e também o lugar exclusivo onde sua existência é socialmente percebida como legítima, mas nem por isso livre de violência, ao contrário (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2005). Foram poucas as que conseguiram romper com esse script e tiveram condições de reinventar seus próprios papéis. É importante ressaltar que as motivações para que elas exercessem a prostituição nem sempre estiveram *somente* ligadas ao forte

preconceito que as impediu de adentrar o mercado formal de trabalho. Como também mostra Benedetti (2004), para algumas destas travestis, os ambientes de prostituição foram os raros espaços de sociabilidade com outras travestis, nos quais passaram por uma socialização alternada, aprendendo a construir seu corpo e novos scripts de gênero e, de alguma forma, puderam construir sua identidade social.

Dessa forma, para algumas das participantes desta pesquisa, a existência como travesti só se concretizou “de verdade” pelo ingresso na prostituição, mesmo quando tinham trabalho e estabilidade financeira. Por outro lado, não se pode esquecer que, para algumas das colaboradoras deste grupo, o próprio exercício da prostituição é visto como uma violência, pois elas não gostam do que fazem, mas não encontram outras saídas. Para essas, exercer a prostituição significa perda de autoestima e muito sofrimento. Algumas não conseguiram se prostituir mesmo tentando, apesar de passarem por situações de dificuldades e muita pobreza, pois se sentiam aviltadas por ter de se submeter completamente ao desejo alheio. Em alguns desses casos, parece que a entrada na prostituição se deu também por pressão de outras travestis, o que por vezes trouxe arrependimento e frustração. E para outras, ao contrário, o exercício da prostituição significou oportunidade de crescimento, pois foi uma profissão que lhes permitiu melhorar tanto no nível econômico, como cultural e social.

Houve uma exceção neste grupo de entrevistadas, que foi a colaboradora que somente realizou seu processo de transformação corporal quando já tinha se formado na escola e obtido um emprego estável. Ainda assim, viveu por muito tempo secretamente como homossexual, promovendo as transformações corporais que marcaram seu corpo bem depois. E, vale assinalar, essa única entrevistada que nunca passou pela prostituição de nenhuma forma não se identifica mais como travesti.

Sair da prostituição foi a forma encontrada por uma travesti entrevistada para não morrer, exatamente aquela que só achava possível ser travesti na prostituição. Foi necessária uma resignificação de sua experiência como travesti e uma morte simbólica – a saída da prostituição-, para que ela pudesse sobreviver. Para outra travesti, porém, ocorreu justamente o contrário. Ela, apesar de também já ter passado anteriormente pela prostituição e ter saído para estudar e atuar no ativismo político, recentemente voltou atrás em sua decisão. Para ela, se até setores do ativismo político LGBTT veem travesti como palavra “suja” e se prostituição é o único lugar socialmente legitimado para a travesti, ela voltou para a prostituição para, à sua maneira, tentar impedir a morte simbólica da travesti. Foi uma decisão pensada.

No entanto, pelo relato delas, há uma diferença do que ocorre com outras profissionais do sexo pelo impacto do “sistema erótico” vigente (RUBIN, 2003). As travestis não são apenas maltratadas e punidas por fazerem parte desta casta de profissionais, como aponta Rubin (2003), mas também “contaminam” de forma indesejável as pessoas com quem se relacionam, inclusive sexualmente. Desta forma, não apenas elas, mas seus clientes também são malvistas e humilhados¹⁰¹. Ao contrário deles, os clientes de prostitutas que não são travestis, em diversos cenários culturais, ostentam com certo orgulho serem consumidores de tais serviços eróticos.

5.8. Mulheres com pau não são mulheres de verdade?

Todas as pessoas que colaboraram com esta pesquisa têm, apesar de todas as diferenças em suas trajetórias pessoais e de suas formas de se construírem como sujeitos, algo em comum: todas têm um órgão genital que é visto como masculino e todas ostentam uma aparência que, em suas socializações, aprenderam ser “própria” a quem não tem esta genitália. Indiferentemente de terem desejo de mantê-la ou não, de sentirem-na como parte importante e positiva de suas vidas ou como um estorvo que, se pudessem, gostariam de eliminar, todas são pessoas que recobriram suas características vistas como “masculinas” com “camadas” de atributos considerados “femininos” (simbólica ou concretamente inscritos em seus corpos), mas mantiveram a genitália com que nasceram. Isso, como foi visto, aparece no trabalho de Benedetti (2005) como uma “definição” de travesti. Como nos scripts rígidos de gênero binário e naturalizado em que foram socializadas há uma ligação direta entre órgão genital e atribuição de gênero, elas são vistas socialmente, usando o linguajar do cotidiano, como “mulheres com pau”. Pela mesma roteirização e sistemas de poder, não são vistas como “mulheres de verdade” por não terem a genitália feminina.

No registro do binarismo compulsório, estas pessoas ostentariam uma suposta “ambiguidade”, ou ainda uma “indefinição de gênero” que, patologizada pela produção

¹⁰¹ Um episódio emblemático a este respeito ocorreu com o jogador de futebol Ronaldo (conhecido como Fenômeno), um dos melhores jogadores de sua época. Depois de ser flagrado com travestis, Ronaldo deu entrevista a um dos programas de entretenimento de maior audiência da televisão brasileira para “desculpar-se” com seus fãs, afirmando estar “arrepentido” e “envergonhado” e ter feito “uma grande besteira”. Fonte: Observatório da Imprensa. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/apos_escandalo_ronaldo_da_entrevista_ao_fantastico. Acesso: 5. Fev. 2015.

discursiva das ciências da saúde, foi assimilada e é reproduzida no âmbito da vida cotidiana. Quando estas travestis vão para a prostituição, porém, aprendem que é exatamente a ostentação da ambiguidade – “mulheres com pau” – que é valorizada pelos clientes. Fora do âmbito da prostituição, porém, essa suposta indefinição ou ambiguidade, é vista como impostura, falsidade, enganação¹⁰².

Nos scripts tradicionais de sexo e gênero, a sexualidade é um atributo que valoriza homens e desqualifica moralmente mulheres. Dessa forma, a reinvenção de si como “mulher com pau” faz com que estas travestis sejam vistas como impostoras ou loucas por desordenarem o binarismo de gênero e, ao mesmo tempo, sejam associadas ao “sexo mau”, como a mulher sexualizada, a prostituta, que é sistematicamente maltratada e excluída: elas não são “para casar” (RUBIN, 2003).

O lugar simbólico da travesti se materializa na quase obrigatoriedade de exercer a prostituição, um lugar de desqualificação social, de exposição às mais diversas violências, muitas vezes com constante risco de morte. Romper com esse script, por outro lado, pode significar a morte simbólica da travesti. No entanto, cabe ressaltar que, se trabalhar na prostituição pode até ser opção livre para algumas poucas, passar por desqualificação, agressões, abusos e exploração no exercício dessa profissão nunca foi a escolha de nenhuma delas.

¹⁰² Veja no Anexo VII um *fac-símile* da manifestação a respeito do que se apelidou de “beijo com surpresinha”, ou seja, beijo dado em uma travesti sem conhecimento de que não se trata de uma “mulher de verdade”. A surpresinha seria a descoberta da existência de um pênis em um corpo visto como “de mulher”. Essa foi uma das manifestações de violência mais estarrecedoras que encontrei na página Travesti Reflexiva, do Facebook, citada na apresentação deste trabalho. O recado dizia:

Ser travesti deveria ser crime, eles estão cerceando meu direito legal de escolher se eu quero ou não beijar uma mulher com surpresinha. Absurdo! Aquela velha história: seu direito acaba quando o do outro começa. E eu tenho o direito de saber quem é travesti e quem é mulher de verdade. Se for para ser travesti, tem que ter uma marca na testa. Igual aquela que o Aldo Raine, do filme Bastardos Inglórios fazia nos nazistas. Pois assim pelo menos, saberíamos quem é traveko ou não. E nossos direitos estariam assegurados. E o dos travekos também.

6. VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO

Como já foi exaustivamente dito, a diferença que mais estigmatiza as travestis e resulta em violação de direitos está posta no gênero. Ainda que o gênero esteja em articulação com outros marcadores sociais para produzir desigualdade e exclusão, é o gênero que ocupa lugar central como legitimador das infindáveis violações de direitos das pessoas que se apresentam ou são vistas como travestis. Independentemente de as travestis se reconhecerem como “outro gênero”, ou sob a ótica de uma “identidade de gênero”, ou ainda no âmbito de diferentes “expressões de gênero”, o que se apresenta como mais relevante para seu processo de estigmatização são as rupturas mais ou menos ostensivas que elas promovem com os scripts culturais de gênero nos quais foram socializadas, que comportam apenas um binarismo rígido que ainda organiza a sociedade em homens *ou* mulheres e masculino *ou* feminino (ou, ainda, homens *vs.* mulheres e masculino *vs.* feminino).

Para descrever de forma mais condizente o que vi e ouvi no relato das travestis deste grupo, gostaria de propor uma formulação de violência ligada ao gênero que também comporte as experiências delas, entre outras experiências relacionadas à depreciação identitária de gênero. A proposta, então, é afirmar que a *violência de gênero* é uma *violência simbólica* que atinge qualquer pessoa que seja desqualificada por se expressar por meio do que seria visto como próprio somente do “feminino”; qualquer pessoa que seja desqualificada por uma designação de gênero atrelada necessariamente ao corpo, no âmbito biológico, com o qual não se identifique; e, por fim, qualquer pessoa que seja vista como inferior, desigual, desqualificada, excluída, objetificada ou desumanizada por não seguir os scripts culturais de gênero em que foi socializada. Como qualquer violência simbólica, a violência de gênero dá base e legitima outras violências, por isso proponho também que qualquer *violência física* ou *econômica*, bem como *psicológica* ou *sexual* que se dê por causa das relações desiguais de gênero seja também denominada violência de gênero.

As formulações de violência de gênero que se pode encontrar atualmente na literatura não dão conta da experiência das travestis por se restringirem a alguma(s) das seguintes alternativas: 1) violência contra as mulheres ou cometidas entre homens e mulheres; 2)

violência doméstica ou intrafamiliar (incluindo pares homem/homem, mulher/mulher, mas de gerações ou graus de parentesco diferentes); e 3) violência de casal ou entre parceiros íntimos (hetero ou homossexuais), conforme podemos ver nos exemplos do quadro na próxima página:

Quadro 1. Trabalhos acadêmicos sobre violência de gênero

REFERÊNCIA	SENTIDO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO	(1) Violência contra as mulheres / entre homens e mulheres	(2) Violência doméstica / intrafamiliar	(3) violência de casal / entre parceiros íntimos
BEIRAS, A., MORAES, M., ALENCAR-RODRIGUES, R. e CANTERA, L. M. Políticas e leis sobre violência de gênero – reflexões críticas. (artigo foi realizado para o Doutorado em Psicologia Social da Universidad Autónoma de Barcelona, como parte integrante da tese de doutoramento do primeiro autor)	Analisa leis sobre violência doméstica ou contra as mulheres na Espanha e no Brasil, indicando que em ambas prevalece “[...] a lógica binária e heteronormativa da vítima e do agressor, não contemplando em seu texto medidas protetoras de casos de violência entre casais homoafetivos, de ambos os sexos ou em casos de agressão das mulheres para homens, por exemplo.”	X	X	X
CANTERA, L. M. (2007). <i>Casais e violência: um enfoque além do gênero</i> . Porto Alegre: Dom Quixote.	Indica um novo paradigma de violência de casal, mas que não esteja apenas restrita à violência em casais heterossexuais, incluindo também casais heterossexuais	X		X
SAFFIO TI, Heleith LB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: cadernos pagu (16) 2001: pp.115-136.	“Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio.” “Nada impede também que uma mulher perpetre este tipo de violência contra um homem ou contra outra mulher.”	X	X	
CARVALHO-BARRETO, André de; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia S. N. F.; ALMEIDA, Paulo César de & DE SOUZA, Eros. <i>Desenvolvimento Humano e Violência de Gênero: Uma Integração Bioecológica</i>	“A violência de gênero, portanto, independe dos sexos da vítima e do agressor, sendo formada essencialmente na relação, podendo ambos ter responsabilidade, mas, ainda assim, sendo o homem seu principal causador a partir do assujeitamento da mulher.” “Violência conjugal”	X		X
GUEDES, Rebeca Nunes; FONSECA Rosa Maria Godoy Serpa da A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. In: Rev Esc Enferm USP 2011; 45(Esp. 2):1731-5 www.ee.usp.br/reeusp/ .	“Objetiva-se apresentar categoria referente a necessidades relacionadas à autonomia, reconhecidas pelos profissionais da Estratégia Saúde da Família no que concerne à atenção à saúde de mulheres que vivenciam violência.”	X		
SILVEIRA, R. S., NARDI, H. C., & SPINDLER, G. (2014). Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. In: Psicologia & Sociedade, 26(2), 323-334.	“Este artigo discute teoricamente as articulações entre gênero e raça/cor na temática da violência de gênero nas relações de intimidade.” “Dentro do grande tema da violência de gênero, no qual a mulher figura	X		

	<p>como uma das maiores vítimas, a violência emerge como um problema social grave, frequente, persistente e de difícil combate.”</p> <p>“Portratar-se de algo que acontece na intimidade das relações afetivas e familiares, a sua explicitação como violação de direitos e como testemunho explícito da permanência de relações patriarcais não é uma tarefa fácil.”</p>		
<p>MEDRADO, Benedito; LEMOS, Anna Renata; BRASILINO, Jullyane. Violência de gênero: paradoxos na atenção a homens. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 3, p. 471-478, jul./set. 2011</p>	<p>“Este trabalho tem por objetivo analisar, a partir de uma perspectiva psicossocial, posicionamentos e argumentos construídos por profissionais que atuam na rede de enfrentamento à violência contra as mulheres acerca das possibilidades e modalidades de atenção aos homens denunciados.”</p> <p>“Por certo, o campo de estudos sobre violência contra a mulher tem contribuído para dar visibilidade a esse fenômeno dos pontos de vista teórico e ético político.”</p> <p>“Esses estudos não apenas produziram conhecimentos sobre o tema, mas também contribuíram com os esforços de legitimação da violência contra as mulheres como grave problema de saúde pública e direitos humanos [...]”</p> <p>“Neste sentido, o problema da violência doméstica aponta para uma lógica dicotômica e contrastante, em que as ambiguidades e tensões nas relações de gênero estão presentes. Essa dualidade desconsidera que os padrões distintos de comportamento instituídos para homens e mulheres são atualizados nas relações interpessoais, que implicam combinações e ambiguidades, ou seja, diversidades.”</p>	X	X
<p>ALMEIDA, Tânia Mara Campos de Dossiê Gêneros e feminismo(s): novas perspectivas teóricas e caminhos sociais. In: Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014</p>	<p>Artigo 1 - <i>Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres</i>, de autoria de Rita Laura Segato (Universidade de Brasília – UnB): “Nesse espaço, a violência contra as mulheres tem deixado de caracterizar-se como simples efeito secundário das guerras para transformar-se em exibição de espetáculo de poder.”</p>	X	
<p>Dossiê com seis artigos sobre “violência de gênero”: ações violentas são produzidas em contextos e espaços sociais relacionais, quer sejam interpessoais quer sejam da ordem impessoal ou de grandes guerras. A centralidade das ações violentas (físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais) incide sobre a alteridade do feminino na esfera doméstica familiar, na esfera pública e na esfera dos conflitos internacionais.</p>	<p>Artigo 2 - <i>Sociología y política del feminicidio; algunas claves interpretativas a partir de caso mexicano</i>, escrito por Teresa Inchaustegui Romero (Universidad Autónoma de la Ciudad de México – UACM): “foca a relação entre crise da ordem patriarcal e o questionamento das formas de dominação masculina diante do surgimento social das mulheres e o incremento da violência feminicida. A violência contra as mulheres atua como dispositivo de poder masculino para restabelecer ou manter, simultaneamente no nível individual e coletivo, as posições de domínio varonil [...]”</p>	X	

	<p>Artigo 3 - Desde la complejidad y la ética de la investigación: paradojas de los discursos biomédicos sobre la violencia de género en México, de María Guadalupe Huacuz Elías (Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco – UAM-XoRevista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014 335 chimilco), “explora, a partir do método da complexidade, da ética em pesquisa e do feminismo crítico, os discursos universalistas, dicotômicos, totalizadores e a-históricos da biomedicina, sobre a violência de gênero presentes nos sistemas de saúde no México. Embora os/as analistas teóricos/as sobre o tema na área médica tenham recorrido a diversas disciplinas do conhecimento (psicologia, antropologia, direito, filosofia, literatura, dentre outras), a maioria dos textos intenciona identificar e isolar as ‘causas’ da violência contra as mulheres e seus ‘efeitos’ na vida dessas mulheres e uma base de conhecimento linear.”</p>	X		
	<p>Artigo 4 - Pensar el cuerpo de las mujeres: cuerpo, belleza y feminidad. Una necesaria mirada feminista, escrito por Elsa Muñiz (Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco – UAM-Xochimilco) ‘discute a importância de se realizar uma análise feminista, por intermédio da apresentação e discussão de filmes recentes, a respeito dos corpos das mulheres nas sociedades contemporâneas da América Latina.’</p>	X		
	<p>Artigo 5 - Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil, assinado em coautoria por Carla Gomes e Bila Sorj (ambas da UFRJ), “mostra que, diferentemente das afirmações sobre o desaparecimento do movimento feminista, nota-se sua presença constante e dinâmica na sociedade brasileira, marcada por uma gama ampla de expressões coletivas, identidades políticas e variados graus de institucionalização e de relações entre os grupos internos.”</p>	X		
	<p>Artigo 6 - Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação, de Lourdes Maria Bandeira (Universidade de Brasília – UnB), “trata da violência contra a mulher, ao mesmo tempo em que enfoca a condição de gênero como categoria de análise.”</p>	X		
<p>CALDAS, José Manuel Peixoto; GESSOLO, Kleber Mauricio</p> <p>Violencia de Género: nuevas realidades y nuevos retos In: Saú de Soc. São Paulo, v.17, n.3, p.161-170, 2008</p>	<p>“Este artículo propone analizar la violencia de género como un problema de salud pública. Numerosos estudios han demostrado que una de cada tres mujeres, en algún momento de su vida, ha sido víctima de violencia sexual, física o psicológica perpetrada por hombres.”</p>	X		

<p>CECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth;</p> <p>HIRAKATA, Vania Naomi. Mulheres com HIV: violência de gênero e ideação suicida. In: <i>Rev Saú de Pública</i> 2014;48(5):758-765</p>	<p>“OBJETIVO: Analisar a relação entre violência de gênero e ideação suicida em mulheres com HIV.”</p> <p>“Dentre os fatores associados à feminização da aids, há a vulnerabilidade biológica e social das mulheres, esta decorrente da assimetria de poder entre os sexos, que determina a submissão feminina aos homens e a dificuldade em praticar sexo seguro.</p>	X	
<p>UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY. <i>Declaração da Eliminação da Violência contra as Mulheres.</i> Genebra, 1993.</p>	<p>Definição de violência de gênero da Organização das Nações Unidas (ONU): “[...] qualquer ato de violência baseada no gênero que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a uma mulher [...]”</p>	X	
<p>ROSA, L.C.S.; CAMPOS, R.T.O. Etnia e gênero como variáveis sombra na saúde mental. In: <i>Saúde em Debate.</i> Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 648-656, out./dez. 2012</p>	<p>Revisão de literatura sobre saúde mental e gênero: “De um lado, os estudos dirigidos para a questão de gênero com primazia sobre o polo considerado historicamente dominado da relação, ou seja, as mulheres, com 15 textos. Destes, 9 tratam diretamente da violência contra a mulher, preponderando a violência entre parceiro íntimo/conjugal (em 8 deles).”</p>	X	X
<p>BANDEIRA, Lourdes Maria . Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência</p> <p>feminina no Brasil: 1976 a 2006. In: <i>Sociedade e Estado, Brasília</i>, v. 24, n. 2, p. 401-438, maio/ago. 2009</p>	<p>“Cabe lembrar que as distintas expressões usadas no [presente] texto – <i>violência contra a mulher, violência de gênero e violência interpessoal</i> –, embora consideradas categorias com significados conceituais próprios, no geral são utilizadas com sentidos similares.”</p>	X	
<p>BANDEIRA, Lourdes Maria . Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: <i>Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014</i></p>	<p>“Em outras palavras, ao escolher o uso da modalidade <i>violência de gênero</i>, entende-se que [...] A centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos.</p>	X	

<p>ESCORSIM, Silvana Maria. Violência de gênero e saúde coletiva: um debate necessário. In: R. Katál., Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 235-241, jul./dez. 2014</p>	<p>“Resumo: O trabalho discute a violência como um fenômeno humano-social, relacional, multicausal e polissêmico, complexo em sua origem e em suas manifestações, produzido sócio-historicamente. Debate a violência na política de saúde e destaca os avanços da Lei Maria da Penha. Apresenta alguns índices de violência contra as mulheres no Brasil, por meio de pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde e reflete sobre a intersetorialidade das ações públicas.”</p> <p>“Palavras-chave: Violência. Violência de Gênero. Política de Saúde. Política afirmativa de gênero.”</p>	<p>X</p>
<p>SCHRAIBER, Lilia Blima et al.</p> <p>Validade do instrumento WHO</p> <p>VAW STUDY para estimar</p> <p>violência de gênero contra a</p> <p>mulher. In: Rev Saúde Pública 2010;44(4):658-66</p>	<p>“O instrumento mostrou-se adequado para estimar a violência de gênero contra a mulher perpetrada por seu parceiro íntimo e pode ser utilizado em estudos sobre o tema. Ele tem alta consistência interna e capacidade de discriminar as formas de violência psicológica, física e sexual, perpetrada em contextos sociais diversos. O instrumento também caracteriza a mulher agredida e sua relação com o agressor, facilitando análises de gênero.”</p>	<p>X</p>
<p>SCHRAIBER, Lilia Blima; D’ OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Luca; COUTO, Márcia Thereza . Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 25 Sup 2:S205-S216, 2009</p>	<p>“Neste texto refletimos acerca das dimensões teórica, metodológica e ética em estudos que tomam a violência contra mulheres como objeto da Saúde Coletiva, pretendendo mostrar suas necessárias imbricações. Referidas à saúde, nossas</p> <p>considerações estão, ainda, circunscritas à</p> <p>violência nas relações interpessoais de gênero. “</p>	<p>X</p>

A proposta decorrente deste trabalho, então, é pensar na *violência de gênero* de forma mais ampla: como relação de poder e violação de direitos que se inscrevem primeiramente no nível da *violência simbólica*, ou seja, um roteiro cultural que, nos processos de socialização e subjetivação, define rigidamente scripts de sexo e de gêneros hierarquizados, naturalizando e essencializando papéis, comportamentos, expressões, identidades. A violência de gênero como violência simbólica produz roteiros intrapsíquicos e interpessoais que tentam aprisionar e impedir que diferenças de gênero se expressem como diversidade, tanto no nível da experiência, como das relações sociais, das subjetividades e das identidades. A resistência a essa violência, por outro lado, produz a inovação e renovação do cenário cultural.

Nesse sentido, é importante assinalar que sofrem violência de gênero, por exemplo, as mulheres que, vistas como naturalmente frágeis, emotivas, delicadas, submissas e sexualmente “passivas”, são desqualificadas e têm seus direitos violados quando buscam novas formas de existência. Sofrem violência de gênero os homens de quem se exige que se mostrem agressivos, fortes, rudes e sexualmente “ativos”, especialmente se eles recusam esse papel, se não se vêem desta forma ou não querem ser assim. Ou ainda: mulheres que são vistas como imorais por exercerem sua sexualidade com liberdade e também homens que são impelidos, mesmo sem desejar, a ostentar sua sexualidade como expressão obrigatória de virilidade, um atributo culturalmente visto como “superior”. Tudo isso é violência de gênero e toda a resistência produzida amplia a diversidade.

Avançando um pouco mais, a presente proposta de violência de gênero como violência simbólica também se estende para além do que ocorre com (ou entre) o que se convencionou chamar de “homens” e “mulheres”: sofre violência simbólica de gênero qualquer pessoa que seja desqualificada e tenha seus direitos violados por se expressar por meio do que seria visto como próprio somente do “feminino”; qualquer pessoa que seja desqualificada e tenha seus direitos violados por uma designação de gênero atrelada necessariamente ao corpo, no âmbito biológico, com o qual não se identifique; e, por fim, qualquer pessoa que seja vista como inferior, desigual, desqualificada, excluída ou desumanizada por não seguir os scripts culturais de gênero em que foi socializada.

Entendo, então, que a violência de gênero se inicie como *violência simbólica* que faz com que as próprias travestis se sintam inferiores por se sentirem femininas ou, por exemplo, quando vislumbraram que a existência travesti somente seria possível no exercício da prostituição, ou quando se perceberam tratadas como desiguais por causa

do gênero. Também é violência simbólica de gênero quando parte do movimento LGBTTT pretende impor uma "higienização" àquelas que se identificam como travestis, tentando obrigá-las, para obter direitos, a apresentarem comportamentos "moralmente aceitáveis" ou a adotarem uma identidade que algumas não desejam ou na qual não se reconhecem, como, por exemplo, denominarem-se pessoas transexuais. É violência de gênero serem tratadas como doentes ou loucas pelos discursos que se realizam em práticas cotidianas e práticas institucionais.

É violência de gênero a *violência psicológica* a que as travestis estão reiteradamente submetidas em suas socializações primária e secundária, mas também na sua socialização alternada, quando são chamadas insistentemente e pejorativamente de "viado", "viadinho", "bicha", "bichinha" por familiares, amigos, desconhecidos, policiais, colegas de trabalho ou por outras travestis, de forma a humilhá-las ou ridicularizá-las, para inferiorizá-las ou excluí-las. Ou quando são chamadas ofensivamente de "traveco" ou "traveção", ou ainda quando são atingidas por excrementos, ovos, jatos de extintores de incêndio por estarem nas ruas vestidas com roupas "de mulher", usarem maquiagem e peruca ou terem seios. Ou serem reiteradamente chamadas por seus nomes de registro quando solicitam serem chamadas por seus nomes sociais. Ou serem ridicularizadas por mostrarem um documento com nome masculino e terem aparência feminina. Ou quando são estigmatizadas como "impostoras" por darem "beijo com surpresinha". Ou ainda por se sentirem femininas sem ter útero ou vagina.

É violência de gênero a brutal *violência física* que enfrentam em casa, na escola, nas ruas e em qualquer lugar, que vai de tapas, empurrões, socos, pontapés, pauladas a tentativas de assassinatos e, efetivamente, homicídios.

É violência de gênero a *violência econômica* que sofrem ao perderem emprego por se mostrarem "megafemininas" ou por serem apenas admitidas em subempregos, ou serem exploradas ou rejeitadas reiteradamente no mercado formal de trabalho ou ainda serem exploradas no mundo da prostituição por cafetões, policiais, clientes ou outras travestis.

É violência de gênero a *violência sexual* que sofrem quando são identificadas como travestis, como as ameaças de estupro coletivo no banheiro, os abusos sexuais e as torturas sexuais a que são submetidas por amigos, professores, enfermeiros, policiais, clientes regulares ou desconhecidos.

Sem desconsiderar as formas como todos os marcadores sociais se interconectam para engendrar as muitas formas de desigualdade que as travestis vivem, matizando-as inclusive de formas distintas, a violência de gênero articula a violência cotidiana de

todas as travestis que participaram desta pesquisa. É a violência de gênero que reiteradamente as isola, humilha, fere e mata. Física ou simbolicamente.

Resumindo, a **violência de gênero**:

- ▶ Atinge **qualquer pessoa** que seja desqualificada e tenha seus direitos violados por:
 - se expressar por meio do que seria visto como próprio somente do “feminino”;
 - uma designação de gênero atrelada necessariamente ao corpo, no âmbito biológico, com o qual não se identifique (travestis, mas também mulheres e homens transexuais, por exemplo); e
 - ser vista como inferior, desigual, excluída ou desumanizada por não seguir os scripts culturais de gênero em que foi socializada.
- ▶ Faz com que as travestis se sintam inferiores por:
 - se sentirem femininas
 - vislumbrarem que a existência travesti somente seria possível no exercício da prostituição,
 - se perceberem tratadas como desiguais por causa do gênero.
- ▶ Faz com que parte do movimento LGBTTT imponha uma “higienização” às que se identificam como travestis.

E é violência de gênero as travestis serem tratadas como doentes pelos discursos que se realizam em práticas cotidianas e práticas institucionais.

Não é demais lembrar que violência é relação de poder e que onde há poder, sempre haverá resistência. Desta forma, com a mesma força e deixando seu traço na história, a reação e a resistência à violência de gênero têm permitido às pessoas que não se conformam aos scripts de sexo e gênero e aos cenários culturais de sua socialização, deixar para as próximas gerações o legado de novas produções discursivas que amplificam a liberdade, criam outras formas de existência, renovando e de ampliando a diversidade.

7. OUTRAS PALAVRAS

O recorte desta pesquisa foi violência, portanto minha escolha foi mostrar o quanto a sociedade dificulta o exercício de cidadania das travestis, que para isso cotidianamente têm de superar inúmeros e violentos obstáculos que são invisibilizados socialmente. Por meio deste trabalho, foi possível identificar que o lugar simbólico destinado pela sociedade às travestis é marcado por estigmatização, violência e estereotipia. As relações de poder imbricadas nas violências produzidas pela intersecção dos marcadores de diferença lhes violam direitos, desqualificam-nas e colocam-nas em espaços de marginalidade.

As travestis têm seus direitos sistemática e violentamente violados, mas por outro lado não aceitam o papel de vítimas. Fica evidente que elas ocupam este lugar simbólico com um enfrentamento renitente às forças que as oprimem. Elas resistem e persistem bravamente, com uma capacidade de superação incomum, pois as violências dirigidas a esse segmento da sociedade são recorrentes e extremas. Ao mesmo tempo, elas impulsionam formas de produtivos desafios às normas. Por não se conformarem às roteirizações que violam as suas existências, elas sofrem com múltiplas interdições e violências, mas ao mesmo tempo nos alertam sobre os perigos da rigidez, das essencializações e da intolerância. Ao resistir, criam novas possibilidades de existência. Ainda que lhes tentem reiteradamente impor a morte, física ou simbólica, as travestis recriam a vida.

É importante assinalar que nem tudo o que entrevi durante esta pesquisa, especialmente no processo de análise dos resultados, pôde ser discutido neste trabalho, seja por não ser parte dos meus objetivos, seja por não term obtido elementos suficientes para fazer a análise. Assim, indico algumas discussões que ficaram pendentes e que seria oportuno realizar futuramente.

A primeira delas diz respeito ao recorte por idade ou geracional. Vislumbramos que as mais jovens, integradas em cenários já com múltiplas fontes de informação e facilidade de acessá-las (pela internet, com participação nas redes sociais), incorporaram elementos de um novo discurso sobre identidade ou expressão de gênero e, de certa forma, afirmam-se menos como travestis. Ou elas se afirmam como transexuais por circunstâncias, ou oscilam entre identificarem-se como travestis, havendo momentos

esparços da conversa em que se denominaram transexuais. Seria interessante pesquisar se essa apropriação, dada por novas produções discursivas vindas do ativismo político e da pesquisa acadêmica, tem servido para criar novas possibilidades de experiência e de vivê-la com margens maiores de liberdade, como diversidade, ou ao contrário, tem funcionado no sentido da desigualdade, reforçando uma possível higienização da palavra e da existência travesti, uma forma de aprisioná-la aos scripts tradicionais de gênero.

O segundo aspecto que pensamos ser oportuno pesquisar futuramente e aprofundar seria a relação da intersecção entre os marcadores de raça /etnia e de gênero, que foram vislumbradas neste trabalho de forma incipiente. Uma metodologia de pesquisa alternativa à que foi empregada aqui, com vistas a pesquisar mais a fundo esta articulação de forma específica, poderá contribuir para uma compreensão mais acurada sobre a produção das violências contra as travestis e suas formas de resistência.

Uma terceira frente de pesquisa que pode ser interessante seria sobre o uso do nome social e a mudança do nome de registro: trata-se de uma verdadeira solução ou de fato promoveria o “apagamento” da existência travesti, como foi apontado por uma das participantes desta pesquisa? Do ponto de vista das pessoas que sofrem hoje constrangimentos inomináveis, trata-se de uma proteção importante. Por outro lado, do ponto de vista das rupturas com os binarismos de gênero fixados nos scripts culturais tradicionais, haveria um reforço nos sistemas de poder de sexo e gênero. Haveria uma forma de equacionar essa questão? Ou seja, há possibilidades de proteger as travestis que hoje se sentem humilhadas por ostentarem o nome de registro nos documentos e, ao mesmo tempo, romper com os paradigmas que as aprisionam em violências sem fim? Trata-se de uma questão difícil, mas seria de fundamental importância que fosse enfrentada o mais rapidamente possível.

O quarto tema de pesquisa que poderia se revelar profícuo diz respeito a pesquisas com agressores das travestis. Existiria uma dimensão de desejo colocada nestas agressões? O fato de as violências serem extremadas e muito brutais indicaria alguma questão mais pessoal do ponto de vista dos perpetradores? Qual metodologia de pesquisa poderia ser utilizada para acessar essa dimensão, caso ela exista? Respostas para essas questões poderiam contribuir para que medidas para coibir e prevenir a manifestação dessas violências fossem implementadas.

Não necessariamente relacionada à pesquisa acadêmica, resta colocarmos uma reflexão sobre as políticas públicas que têm sido realizadas no sentido de promover a cidadania das travestis. Temos visto que algumas políticas públicas, como o Programa Transcidadania¹⁰³, criado pela Prefeitura Municipal de São Paulo e lançado no dia 29 de janeiro de 2015 na capital paulista, têm efeito reparador e, ao mesmo tempo, simbólico. Contribuir para que as travestis que querem estudar, possam ter condições de voltar às aulas - com remuneração e um novo ambiente escolar, de respeito à diversidade e acolhedor -, poderá mudar não apenas a perspectiva concreta de existência das participantes, mas também ressignificar¹⁰⁴ o lugar simbólico marginalizado e excluído que as travestis ainda ocupam no imaginário social. O Transcidadania é, aparentemente, um programa ousado e inovador, que ataca uma das mais graves violações de direitos que as travestis desta pesquisa viveram: a impossibilidade de estudar sem sofrer violências, resultando em enorme evasão escolar. Importante observar que essa política pública é coordenada por uma travesti, Nicolle Mahler, de 29 anos, funcionária da prefeitura e articuladora do centro de cidadania LGBT.

Outra política pública importante no âmbito da prevenção foi a instalação de delegacias especializadas para atender crimes motivados por preconceito e discriminação contra grupos específicos, como a Delegacia de Grupo de Vulneráveis que, em Aracaju (SE), que atende, entre outras demandas, as travestis que sofrem violência. Como as colaboradoras desta pesquisa mostraram, torna-se impossível denunciar violações sem sofrer mais violações, considerando que policiais tem sido agentes de inúmeras violências sofridas pelas travestis.

Por fim, cabe ressaltar os postos de saúde com atendimento específico às demandas das travestis, como os que já existem há algum tempo em São Paulo. Tais unidades, que oferecem, sob supervisão médica e pessoal treinado, hormonioterapia e cuidados relativos ao uso de silicone e realização de cirurgias para “fazer” as formas do corpo,

¹⁰³ “[...] programa Transcidadania, [...] ofereceu bolsas de estudo no valor de 840 reais para 100 travestis por um período de dois anos. A partir de 4 de fevereiro [de 2015], primeiro dia de aula na rede municipal de ensino, as selecionadas vão voltar para a escola para completar o que falta do ensino fundamental ou frequentar cursos técnicos para se preparar para se inserir no mercado de trabalho. Praticamente todas elas estão hoje na prostituição.” Fonte: Igay. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2015-01-29/nao-e-nada-do-outro-mundo-o-que-estamos-pedindo-para-as-trans-diz-haddad.html> Acesso: 09. fev. 2015.

¹⁰⁴ “Ao chegar para o evento, marcado para acontecer no auditório às 14h30, [...] o coordenador de políticas públicas para LGBTs da prefeitura de São Paulo ouviu um comentário: ‘Como tem travesti pela rua hoje. Será que é parada gay?’.” Fonte: Igay. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2015-01-29/nao-e-nada-do-outro-mundo-o-que-estamos-pedindo-para-as-trans-diz-haddad.html> Acesso: 09. fev. 2015.

por exemplo, são importantes para garantir que elas não fiquem mais à mercê de pessoas inescrupulosas que vêm causando danos, às vezes irreversíveis, à saúde das travestis.

Todas estas políticas já existentes, bem como o direito de adoção do nome social - que já existe em escolas e universidades públicas de alguns estados brasileiros, assim como em algumas empresas ou autarquias (como Conselho Federal de Psicologia com a resolução 014/2011¹⁰⁵) -, entre outras, são absolutamente necessárias para de alguma forma reparar as travestis pelos danos que os processos de estigmatização vem causando a elas ao longo do tempo, mas ainda são insuficientes. É necessário e urgente, portanto, que tais medidas sejam ampliadas e seu acesso seja garantido para todas as travestis do País, não apenas aquelas que residem em grandes centros urbanos ou as poucas que tenham sido selecionadas para participar de programas sociais.

É evidente que o Estado e a sociedade civil têm o dever de tomar medidas imediatas para que os danos já cometidos sejam reparados e com urgência absoluta, pois estas pessoas não podem mais esperar. Nem uma única delas. São vidas sendo eliminadas diuturnamente e sonhos se tornando terríveis pesadelos no cotidiano destas sobreviventes. Vale lembrar que se ater a apenas reparar danos é extremamente custoso, não apenas em termos financeiros para o erário público, mas sobretudo para a saúde física e mental das travestis. É necessário que, em defesa dos direitos à vida, à igualdade e à dignidade humana de todas elas, também sejam tomadas imediatamente medidas preventivas.

É importante, embora não suficiente, inserir na educação de jovens e adultos as travestis que queiram estudar, mas são programas que beneficiam uma pequena parcela das que sobrevivem. É necessário que todas as escolas tenham um ambiente acolhedor da diversidade, que seja respeitoso em relação às diferenças de gênero, as quais não devem mais demarcar desigualdades nem legitimar violências. Todas as crianças devem ter o direito de aprender na escola a respeitar e a conviver com todas as diferenças, inclusive

¹⁰⁵ É relevante notar que, por se tratar de um documento oficial, a carteira de identificação profissional emitida pelos Conselhos Regionais de Psicologia no Brasil permite que o nome social seja incluído apenas no campo “Observação”, haja vista que, para ser válida como substituta da carteira de identidade, deve seguir a legislação vigente no país. Essa forma de inserção do nome social é uma medida paliativa, que não satisfaz as travestis que são psicólogas. O teor da resolução se encontra disponível em: http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/resolucao2011_014.pdf . Acesso 11.fev.2015.

as que dizem respeito à sexualidade, gênero, classe, raça e etnia. E, para isso, não se pode tolerar que nenhuma violação do Estado laico seja negociada pelos poderes públicos com setores religiosos fundamentalistas e intolerantes, o que tem ocorrido sistematicamente na história recente do País¹⁰⁶, impedindo que a educação seja verdadeiramente libertária e respeitadora das diversidades.

É necessário que haja delegacias especializadas para atender as demandas das travestis atualmente, mas é fundamental e urgente que as polícias sejam treinadas para tratar as travestis com dignidade e respeito devidos a qualquer pessoa e que nenhuma violência ou crime cometido contra travestis seja encarado como algo natural, devendo ser prontamente investigado, coibido, punido, com agressores sendo presos e julgados com justiça. E menos ainda se pode tolerar que agentes da lei sejam perpetradores de tantas violências sem nenhum risco de serem severamente punidos. É preciso preparar as polícias para o respeito à cidadania, para que as travestis possam prestar queixa em qualquer delegacia - não apenas nas especializadas - sem sofrer outras violências.

Trata-se de uma medida importante que as travestis tenham suas especificidades atendidas nos postos de saúde e outros equipamentos especializados em atender as suas demandas, mas é um serviço que deve ser estendido a todas elas, sendo acessível em qualquer lugar do País. Mas também é preciso formar profissionais da Medicina, Enfermagem e Psicologia, entre outros setores, e treinar agentes e outros funcionários do setor da saúde para acolher as travestis com dignidade e respeito em qualquer equipamento público. Uma travesti que demande cuidados de saúde comuns a toda a população devem encontrar também em postos e hospitais não específicos o atendimento digno que qualquer pessoa merece ter.

É necessário, também, que as travestis sejam representadas de forma menos caricata e estereotipada na mídia, especialmente nas redes abertas de televisão, que têm concessão

¹⁰⁶ Em 2011, um conjunto de materiais educativos seria distribuído nas escolas públicas brasileiras pelo Ministério da Educação e Cultura para que estudantes pudessem ter informações sobre a diversidade sexual, mas foi suspenso por pressão de setores religiosos conservadores do Congresso. Em 2013, dois anos depois, o MEC declarou que ainda analisava o material, que ficou conhecido como “kit anti homofobia”. Em que pesem os problemas de ordem didática apontados em alguns dos materiais que compunham o “kit”, até o momento nenhuma outra proposta foi implementada de forma sistemática para permitir que a sexualidade e o gênero possam ser vistos como diversidade, sonhando informação para estudantes e direito à dignidade para pessoas LGBTQ. Fonte: Terra Notícias. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/dois-anos-apos-veto-mec-diz-que-ainda-analisa-kit-anti-homofobia,62a3a67b302be310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso: 11.fev.2015.

pública e deveriam prestar serviço a toda a população, sem oferecer entretenimento a alguns em detrimento de promover o escárnio e o desrespeito a outros segmentos da população. De certa forma, seria essa também uma maneira de acessar as famílias das travestis, contribuindo para que sejam aceitas e acolhidas em suas casas, na medida em que possibilitem construir outras formas de visibilidade das travestis que não sejam desrespeitosas, mas tampouco higienizadoras. E outras formas de se acessar a população, como campanhas públicas promovidas pelo governo para desconstruir os estereótipos associados às travestis, devem ser sistematicamente promovidas para que o estigma que recai sobre elas seja prontamente enfrentado e processualmente desconstruído. Novamente lembro que o respeito ao Estado laico é inegociável, ainda mais porque existem inúmeras concessões de emissoras de televisão sendo gerenciadas por grupos religiosos de cunho conservador e intolerante e pregando livremente contra a diversidade sexual, reforçando as bases da intolerância e do desrespeito.

Por tudo o que foi visto no decorrer deste trabalho, torna-se urgente e necessário que as travestis sejam primeiramente ouvidas, mas principalmente sejam sempre incluídas na formulação, implementação e coordenação de planos e políticas de governo que promovam mudanças preventivas para que, futuramente, reparações não sejam mais necessárias. Que nada mais seja feito em nome das travestis sem a participação das travestis.

Por fim, é necessário assumir que são imprescindíveis que sejam tomadas ações, medidas, programas, políticas públicas que promovam a mudança de mentalidades e que contribuam para a desconstrução dos rígidos scripts tradicionais de gênero, de forma que o binarismo biologizado e essencializado seja ressignificado, promovendo-se possibilidades múltiplas de se viver o gênero e a sexualidade com liberdade e dignidade. Para que as travestis – e, portanto, todas as pessoas – possam viver de forma mais livre e sem sofrer nenhum tipo de violência de gênero, as mudanças devem começar já. Dessa forma, não temos dúvida, “a revolução será travesti!”¹⁰⁷

¹⁰⁷ Frase retirada do texto de Maria Clara Araújo, travesti aprovada na Universidade Federal do Pernambuco em 2015, intitulado: *Meu manifesto pela igualdade: sobre ser travesti e ter sido aprovada em uma Universidade Federal*. Publicado no perfil de Maria Clara Araújo no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=832359703473498&set=a.640822525960551.1073741833.10000984277476&type=1&ref=pf&pnref=story>. Acesso. 11. fev.2015.

7.1. Palavras finais

Finalizando este trabalho, então, resta ainda comentar o impacto que sua construção teve em minha vida. Conhecer a realidade da dura estigmatização das travestis já tinha sido profundamente marcante para mim, motivando-me inclusive a propor esta pesquisa. Descobri com surpresa, porém, que a injustiça reiterada e recorrente que está sempre às nossas vistas, seja nas conversas do cotidiano, nas notícias de jornais, nas imagens da TV ou no contato pessoal com amigas de ativismo, era apenas parte de uma dimensão ainda pouco conhecida para mim.

Conversar com estas oito pessoas que, generosamente, dispuseram-se a falar de sua história - revolvendo dores antigas, expondo feridas, lembrando pesadelos que ninguém gostaria de lembrar e descortinando existências que resistem ao genocídio cotidiano - foi uma experiência inesquecível. A cada conversa, a cada encontro, sucediam-me insônias persistentes povoadas pelas imagens terríveis das inúmeras violências que tinha ouvido, enquanto ondas de revolta contra as injustiças que elas sofriam me assolavam, além de um forte sentimento de impotência contra o qual a gente precisa renitentemente lutar para não desanimar, nem embrutecer. Foi duro, eu sofri. Se eu fiquei assim, que dirá elas, que passaram, ao vivo e em cores, por essas experiências que marcaram seu corpo e seu coração tão fundamente?

Ouvindo suas histórias, fui imaginando as cenas vívidas que me relatavam, enquanto à minha frente via pessoas ao mesmo tempo fortes e doces, ousadas e acanhadas, gentis e indignadas. Os seus olhares me marcaram profundamente. Sua coragem e sua ousadia de encarnar seu sonho com verdade, sua capacidade de desafiar as normas sem se subjugar à interdição posta pelas violências dos covardes foram profundamente marcantes. Eu as admiro profundamente e agradeço à vida por ter-me permitido conhecê-las.

Vendo sua generosidade em contribuir com esta pesquisa, sua esperança de fazer sua parte para que a vidas das travestis seja respeitada e o mundo seja bom e justo para todas, senti-me com o compromisso de fazer um trabalho à altura delas, sobreviventes e guerreiras, admiráveis vencedoras da luta contra do ódio. Isso me motivou a dar o melhor de mim, a cada momento.

Ao mesmo tempo, mergulhando mais nesse universo, fui acompanhando nestes quatro anos em que a pesquisa durou algumas vitórias emblemáticas que me encheram o coração de alegria e de esperança. Vi, em 2012, Luma Nogueira de Andrade se tornar a

primeira travesti a obter o título de doutora no Brasil, pela Universidade Federal do Ceará e, pouco tempo depois, ser cotada e apoiada pelos estudantes para ser reitora da universidade; vi em, fevereiro de 2014, Janaína Lima ser a primeira travesti eleita para presidenta do Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual¹⁰⁸. Em maio de 2014, apesar de ter sido alvo de violência, vi Sofia Ricardo ser notícia na internet, em jornais e na televisão por ter *denunciado* uma agressão que sofreu; vi em fevereiro de 2015, Maria Clara Araújo ser aprovada para a Universidade Federal de Pernambuco, no vestibular de 2015, e lançar seu potente manifesto nas redes sociais e, neste mesmo mês, vi a travesti Nicolle Mahler à frente do lançamento do Programa Transcidadania. Trata-se de notícias novas no cenário político e social das travestis, pois não são notícias escabrosas estampadas de forma sensacionalista nas páginas dos jornais. Por mais que sejam relativamente comuns a outros segmentos sociais, todas elas ganharam visibilidade por conquistas que, até pouco tempo atrás, nenhuma travesti tinha conseguido: direito à cidadania, dignidade, igualdade. Tudo isso como resultado da força de sua reação.

Lendo uma matéria sobre o Transcidadania na internet que relatava o primeiro dia de aula das travestis, no último dia 5 de fevereiro, tive uma surpresa enorme. Vi, entre as selecionadas para receber um subsídio do programa para voltar a estudar, o nome social de uma das colaboradoras desta pesquisa, aqui chamada de Sharon Pinheiro. Li novamente, para ter certeza, se era ela mesma: a travesti gentil, de olhar assustado e voz doce que me contou que, aos doze anos, tornou-se prostituta por ser travesti; que foi colocada para viver na “casinha de cachorro” pelos pais e comeu cocô oferecido pelos irmãos; que parou de estudar por não ter suportado as humilhações dos colegas e perdeu o curso de dança por não poder mais frequentar a escola; que foi para a capital paulista para fazer dinheiro na prostituição e foi agredida por *skinheads* e quase morreu; que contraiu HIV, não conseguia emprego e nem lugar para morar; que mora na rua com seu marido, vivendo de “bicos” e esforços sobre-humanos. Era ela. Meu coração se encheu de alegria e esperança. Meus olhos se encheram de lágrimas. Chorei.

¹⁰⁸ “O Conselho Municipal de atenção à diversidade sexual (LGBT) de São Paulo, criado em 2005, fez história e elegeu pela primeira vez uma travesti, Janaina Lima, para presidente. O mandato do conselho é de dois anos, com representação paritária (sociedade civil e governo), sendo que no primeiro ano (2013) a presidência coube ao governo (o ex-coordenador LGBT Julian Rodrigues) e agora cabe à sociedade civil (2014). O conselho paulistano elege seus representantes da sociedade civil de forma direta (voto público) e dividido igualmente entre representantes gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais.” Fonte: Blog do Pomba. Disponível em: <http://www.andrepomba.com.br/?p=3393>. Acesso: 11.fev.2015.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Luma Nogueira de. (2012) **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa, 278 f. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco (2010). **Travestis envelhecem?** 268 f. 2010. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Gerontologia, São Paulo.
- ARAN, Márcia; MURTA, Daniela. (2009) Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, (p. 15-41).
- ARFUCH, Leonor. (2005) Problemáticas de la identidad. In: ARFUCH, Leonor (org). **Identities, sujetos y subjetividades**. (p. 21-43). 2ª edição. Buenos Aires: Prometeo Libros.
- ARILHA, Margareth; LAPA, Thaís de S.; PISANESCHI, Tatiane C. (Orgs.). (2010) **Transexualidade, Travestilidade e Direito à Saúde**. Coleção Democracia, Estado Laico e Direitos Humanos. São Paulo: Oficina Editorial.
- BENEDETTI, Marcos R. (2005) **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond.
- _____. (2004) A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição. **Boletín Ciudadania Sexual**, Peru, v. 11, (p. 5-8).
- BENTO, Berenice. (2010). Gênero: uma categoria cultural ou diagnóstica? In: ARILHA, Margareth; LAPA, Thaís de S.; PISANESCHI, Tatiane C. (Orgs.). (2010) **Transexualidade, Travestilidade e Direito à Saúde**. (p.167-188). Coleção Democracia, Estado Laico e Direitos Humanos. São Paulo: Oficina Editorial.
- BRAH, Avtar. (2006) Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu**, n. 26, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (p. 329-76).

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. (2004) Ain't I a Woman? Revisiting Intersectionality.
In: **Journal of International Women's Studies** Vol 5 #3 May

BUSIN, Valéria M. (2008). Religião, gênero e diversidade sexual: refletindo sobre violência simbólica e exclusão. In: VAGGIONE, Juan Marco (comp.). **Diversidad sexual y religión**. Colección Religión, Género y sexualidad, vol.1. (p. 59-80). Córdoba (Argentina): Católicas por el Derecho a Decidir

CAMPANHA por uma Convenção Interamericana por Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. (2008) **Manifesto**, versão abreviada. São Paulo: CCIDSDR.

CARDOZO, Fernanda. (2007). Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond.

CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sílvia, SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. (2006) **Política, direitos, violência e homossexualidade**: Pesquisa 9ª. Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005. Rio de Janeiro: CEPESC/CLAM.

CARRARA, Sérgio. (2005). O Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o “lugar” da homossexualidade. In: GROSSI, Miriam P. *et al*. **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. (p.17-24) Rio de Janeiro: Garamond.

CARVALHO, Mario Felipe de L. (2011) **Que mulher é essa?**: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 147f.2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CRETTIEZ, Xavier. (2011) **As formas da violência**. São Paulo: Ed. Loyola.

DENIZART, Hugo. (1997) **Engenharia e rótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

DUQUE, Tiago. (2009) **Sem dar escândalo** – a construção social das travestilidades na adolescência. Caxambu, MG: 33º Encontro Anual da Anpocs. GT 36: Sexualidade, corpo e gênero.

FACCHINI, Regina (2012). Sexualidade, sociedade e diferenças: refletindo sobre a discriminação e a violência contra LGBT no Brasil. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.) (2012) **(CONTRA) PONTOS**: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual, o combate à Homofobia. (p. 13-32). Campo Grande: Editora UFMS.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; VENTURI, Gustavo. **Sexualidade, cidadania e homofobia**: pesquisa 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – 2006. São Paulo: APOGLBT-SP, 2007.

FOUCAULT, Michel. (2007) **A Microfísica do Poder**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

_____. (2006) **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 17ª. Ed, Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1990) **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica.

GAGNON, John. (2006) **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária (403-424)

GARCIA, Marcos R.V. (2008) O cuidado do corpo entre travestis de baixa renda. In: **Sexualidades**, uma série monográfica sobre sexualidades latino-americanas. Vol. 2, abril. Disponível em:
<http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wpcontent/uploads/2010/04/739c169da26650d6abdd565200a29bab.pdf>. Acesso em: 2 /dez/ 2011.

_____. (2007) **“Dragões”**: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda. São Paulo. 148p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

GOFFMAN, Erving. (1988) **Estigma**: notas sobre a Manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

HEILBORN, Maria Luiza.. (1996) Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: Parker, Richard; Barbosa, Regina M. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ ABIA/ IMS-UERJ, (p. 136-145).

- IBAÑEZ GRACIA, Tomás. (2005) O giro linguístico. In: IÑIGUEZ, Lupicinio. (Coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**,. Petrópolis: Vozes, (p.19-49).
- JESUS, Jaqueline G. (2014). Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: **História Agora**, v. 16, (p. 101-123).
- KULICK, Don. (2008) **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. (1999). **A Construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed.
- MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de A.. (2013) Anotações sobre a “inclusão” de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome. In: **História Agora**, São Paulo, v.1, n. 15, (p. 29-79).
- MINAYO, Maria Cecília de S. (2006) **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- _____. (1994). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO.
- PAIVA, Vera (2012) Cenas da vida cotidiana: metodologia para compreender e reduzir a vulnerabilidade na perspectiva dos direitos humanos. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cássia M. (Orgs.) **Vulnerabilidade e Direitos Humanos**: prevenção e promoção à saúde (Livro I: Da doença à cidadania). Juruá Editora, (p. 165-207)
- _____. (2012b) A dimensão psicossocial do cuidado. In: PAIVA, Vera; CALAZANS, Gabriela; SEGURADO, Aluísio (Orgs.) **Vulnerabilidade e Direitos Humanos**: prevenção e promoção à saúde (Livro II: Entre indivíduos e comunidade). Juruá Editora, (p.41-71)
- _____. (2008) A psicologia redescobrirá a sexualidade? In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, (p. 641-651), out./dez.

_____. (2000) Scripts e Cenas Sexuais. **Fazendo Arte com Camisinha: sexualidades jovens em tempos de aids**, São Paulo, Summus Editorial, 2000, (p. 211-242).

_____. (1999). Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: **Sexualidades pelo avesso - direitos, identidade e poder**. 1ª ed. Rio de Janeiro : Editora 34, , v.1, (p. 250-269).

PAIVA, Vera; ZUCCHI, Eliana. (2012) Estigma, discriminação e saúde: aprendizado de conceitos e práticas no contexto da epidemia de HIV /Aids. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cássia M. (Orgs.) **Vulnerabilidade e Direitos Humanos: prevenção e promoção à saúde** (Livro I: Da doença à cidadania). Juruá Editora, (p. 111-143).

PECHENY, Mario. Identidades discretas. (2005) In: ARFUCH, Leonor (org). **Identidades, sujetos y subjetividades**. (p. 131-153). 2ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros.

PELUCIO, Larissa. (2005) Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu , n. 25, dez.

PERES, Wiliam S. (2010) Travestis, cuidado de si e serviços de saúde: algumas reflexões. In: COSTA, Horácio *et al.* **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Edusp, (p. 303 -319).

_____.(2005) **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 201f. 2005. Tese (doutorado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme de. (2003) **Folha Explica a Violência Urbana**. São Paulo: Publifolha.

PISCITELLI, Adriana (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez.. (p. 263 a 274).

QUEIROZ, Maria Isaura P. (1988). Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSOM, Olga de M. (Org.) **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice.

RUBIN, Gayle. (2003) Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, (p. 1-88)

_____. (1975) The traffic in women: Notes on the political economy of sex.

Repositório de Conteúdo Digital da Universidade de Santa Catarina. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1919?show=full> . Acesso: 26 jan 2015.

SANTOS, Paulo Reis dos. (2012). Desejos, conflitos e preconceitos na invenção de si: história de uma travesti no mundo da prostituição. In: **Estudos de Sociologia**, v.17, n. 32. Araraquara (SP): FCL-UNESP

SCOTT, Joan. (1990) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. (p. 5-22). Porto Alegre: UFRGS, v.16, n.2, jul.dez.

SILVA, Hélio. (2007) **Travesti**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco.

SOUZA, Edinilsa R. *et al* (2003) Tendências da produção científica brasileira sobre violências e acidentes na década de 90. In MINAYO, Maria Cecília de S. e SOUZA, Edinilsa R. de. (Orgs.) **Violência sob o olhar da saúde**: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, (p. 49-108).

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da S. (2003) **Trabalhando com a história de vida**: percalços de uma pesquisa(dora?). Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 37, n. 2, jun.

SPINK, Mary J.; MEDRADO, Benedito. (2004) Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. 3ª. Edição. São Paulo: Cortez, (p. 41 – 62).

SPINK, Mary J.; MENEGON, Vera M. (2004) A pesquisa como prática discursiva: superando horrores metodológicos. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. 3ª. Edição. São Paulo: Cortez, (p. 63-92).

TAGLIAMENTO, Grazielle (2012) **(In) visibilidades caleidoscópicas** : a perspectiva das mulheres trans sobre o seu acesso à saúde integral. 164 f. 2012. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TELES, Maria Amelia de Almeida; MELO, Mônica de. (2002) **O que é violência contra a mulher**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.

VENTURI, Gustavo. (2012). Misoginia, homofobia, racismo e “gerontofobia”: contribuições de análises da opinião pública para a prevenção. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cássia M. **Vulnerabilidade e Direitos Humanos: prevenção e promoção à saúde** (Livro I: Da doença à cidadania). Juruá Editora, (p. 95-110).

ANEXOS

Anexo I - TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sou estudante de doutorado em Psicologia Social da Universidade de São Paulo. Estou fazendo uma pesquisa sobre a violência cometida contra travestis. Como você sabe, o preconceito e a discriminação são muito presentes na vida das travestis, sendo que muitas passam por vários tipos de violência ao longo da vida. Esse é um problema social grave que, baseado em preconceito, traz consequências sérias para as travestis: parte é expulsa da escola, de casa ou de espaços de convivência social, com frequência sofrem agressões verbais e/ou físicas, às vezes tem dificuldade de conseguir emprego, etc. Com essa pesquisa, quero tentar compreender de que forma esse processo social acontece com as pessoas que se reconhecem como travestis e queremos, com isso, tentar contribuir para transformar essa realidade .

Para obter os dados necessários para a realização deste trabalho, peço que você me conte sua **história de vida**, o que se dará por meio de conversas informais entre nós. No entanto, se você achar que trará mais informações úteis, posso eventualmente conversar com alguma outra pessoa que você ache interessante que eu entreviste também, como alguém de sua família ou de seu círculo de amizades.

Informo que nossas conversas serão gravadas, mas eu mesma, pessoalmente, passarei as conversas gravadas para o formato de texto e tomarei todos os cuidados para que você não possa ser identificada de forma nenhuma (por exemplo, mudarei seu nome, ou nome de outras pessoas, ou mesmo de cidades e de outros locais que você venha a citar, etc.). Para o seu conhecimento, poderemos também fazer **entrevistas em profundidade** com pessoas que se reconhecem como homossexuais ou bissexuais para tentar ter mais informações que me ajudem a identificar o que faz com que as pessoas, de forma geral, se sintam autorizadas a discriminar travestis.

Provavelmente, a pesquisa não vai trazer nenhum tipo de risco a quem participar dela: as conversas serão realizadas apenas entre nós em espaço reservado e falaremos sobre fatos de sua vida. No entanto, se a conversa lhe trouxer algum desconforto emocional sério e você sentir que precisa de ajuda para cuidar disso, eu posso lhe oferecer indicação de terapeutas que poderão acolher você para cuidar desse desconforto sem que você tenha de gastar dinheiro com isso.

Você, ao aceitar participar desta pesquisa, terá total liberdade para responder ou não qualquer uma das perguntas que eu fizer. Além de você ter total liberdade de não responder perguntas, você ainda poderá retirar seu consentimento para participar da pesquisa a qualquer momento e em qualquer fase dela, sem que isso lhe cause nenhum tipo de punição ou dano.

Ao assinar o presente termo (TCLE), você terá garantido e assegurado o direito de manter em sigilo sua identidade, que não será revelada nem mesmo no trabalho final

que eu vou escrever, ou seja, eu vou respeitar totalmente o seu direito de confidencialidade. Até por isso, você não precisará colocar seu nome neste termo, só sua assinatura. É também importante informar a você que não haverá pagamento de forma alguma e em nenhum momento pela participação nesta pesquisa, ou seja, a sua participação será voluntária e não contratada.

Você, ao participar dessa pesquisa, fica desde já ciente de que, por meio de sua assinatura neste termo, está dando autorização para que eu, a pesquisadora, possa tornar públicos os resultados obtidos, sempre com a garantia de que sua identidade não será revelada.

Informo ainda que fiz duas cópias desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que você acabou de ler, sendo que uma ficará comigo e a outra ficará com você.

Caso você precise entrar em contato comigo posteriormente, pode ligar no meu celular: (11) 99218-9480. Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, cujo endereço se encontra mais abaixo.

Agradeço sua participação, ela é muito valiosa para a realização dessa pesquisa e, quem sabe, o trabalho que farei com sua ajuda poderá contribuir de fato para enfrentar e transformar essa situação injusta.

Valéria Melki Busin
Pesquisadora
(11) 99218-9480
valerinhamb@usp.br

Seus Dados

Telefone: _____

E-mail: _____

Local e Data: _____

Sua Assinatura: _____

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, sala 27
CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP
E-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone/fax: (11) 3091-4182

Anexo II - ROTEIRO PARA HISTÓRIA DE VIDA

INTRODUÇÃO:

- a. Agradecer a disponibilidade em participar da pesquisa
- b. Informar novamente o objetivo da pesquisa, ler o TCLE com a pessoa, tirar possíveis dúvidas e colher assinatura.
- c. Informar que a pesquisa terá 2 fases:

Na 1ª fase, vou fazer algumas perguntas sobre você, para saber sua idade, e outras questões desse tipo.

(Relembrar a garantia do sigilo: essas informações serão utilizadas apenas para a análise, mas não serão utilizadas de forma a identificar a pessoa entrevistada. Relembrar que a pessoa pode ou não responder qualquer das perguntas)

Na 2ª fase, vou lhe pedir para contar a sua história de vida e vou lhe fazer algumas perguntas a partir do que você me contar. Vou pedir para você relembrar de algumas cenas de uma forma um pouco diferente do que você pode estar acostumada.

Explicar um pouco: “Vou pedir para você fechar os olhos, voltar para a cena, coisas assim, um pouco diferentes daquilo que a gente está acostumada a ver em entrevistas, tudo bem?”

FASE I – Questões objetivas para coletar informações pessoais

1. Por que nome você gostaria de ser chamada ?
2. Qual é a sua data de nascimento e idade atual?
3. Em termos da cor da pele, como você se identifica?

FASE II – História de vida

Pedir para a pessoa contar sua história de vida. Quando chegar em algum episódio que seja relevante para a pesquisa, pedir para a pessoa “entrar” na cena.

Anexo III – ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EMERGENCIAL

Locais para onde encaminhar participantes da pesquisa que possam sentir algum desconforto emocional e seja necessário ajuda profissional (atendimento psicológico) conforme informado nos TCLEs da pesquisa.

1) Centro de Referência da Diversidade (CRD)

Presta atendimento psicossocial específico à população LGBTTT - faz acolhimento, triagem e, se necessário, encaminhamento à rede municipal de saúde de São Paulo. Vera declaração na próxima página.

2) Psicólogos/as

Todos/as foram contatados/as pessoalmente e atuam na clínica. Assinaram uma declaração compromisso com a pesquisa, cujo modelo se encontra nas páginas seguintes. Todos/as se dispuseram a fazer esse atendimento de forma voluntária, caso alguma entrevistada se sentisse psicologicamente afetada pela participação na pesquisa:

- Ana Ferri de Barros - CRP 06/81348
- Ana Paula Pires da Silva - CRP 06/34340-1
- Marina Martins Bialer - CRP 06/58822-6
- Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros - CRP 06/50506-1
- Pedro Eduardo Silva Ambra - CRP 06/104671

1) Centro de Referência da Diversidade (CRD)

GRUPO PELA VALORIZAÇÃO, INTEGRAÇÃO E DIGNIDADE DO DOENTE DE AIDS – SÃO PAULO
CNPJ : 67.836.288 / 0001-00

DECLARAÇÃO

O Centro de Referência da Diversidade (CRD) é um equipamento da rede de assistência social que visa atender e acolher a diversidade, prioritariamente, travestis, transexuais, lésbicas, gays, profissionais do sexo e pessoas vivendo com HIV/Aids. O CRD é gerenciado pelo Grupo Pela Vidda/SP, por meio de convênio com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de São Paulo.

O CRD conta com uma equipe multiprofissional que inclui a equipe de coordenação, assistentes sociais, psicólogo, orientadores socioeducativos, agente de desenvolvimento econômico, auxiliar administrativo, auxiliar de serviços gerais e recepcionista. Entre as ações desenvolvidas pelo CRD, destacamos o atendimento social e psicossocial, que visa acolher, triar e encaminhar as pessoas que nos procuram, quando for necessário, para atendimento psicológico gratuito na rede pública municipal de saúde.

Assim, declaramos, para os devidos fins, que temos serviço apropriado para acolher e encaminhar travestis, homossexuais ou bissexuais que se sintam psicologicamente afetadas ao participar da pesquisa intitulada *Discriminação e estigmatização de travestis: investigando uma violência socialmente legitimada*, que está sendo conduzida pela pesquisadora Valéria Melki Busin, doutoranda em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa Dra Vera Paiva.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

São Paulo, 04 dezembro de 2012

Sérgio Rodrigues
Coordenador do Centro de Referência da Diversidade

www.aids.org.br

Rua General Jardim, 566 Vila Buarque CEP: 01223-010 São Paulo – SP Brasil
Tel. : (011) - 32592149 Fax. : (011) – 32587729 E-mail: gpvsp@uol.com.br

2) Modelo de declaração dos/as psicólogos/as

DECLARAÇÃO

Eu [nome do/a profissional], psicólog[o/a] registrad[o/a] no Conselho Regional de Psicologia 6ª Região - localizado na R. Arruda Alvim, 89, São Paulo/SP, cep 05410 020, Tel. 11 3061 9494 – declaro para os devidos fins que aceito atender em psicoterapia emergencial, de forma voluntária e gratuita, pessoas travestis, lésbicas, gays ou bissexuais que se sintam psicologicamente afetadas ao participar da pesquisa de doutorado intitulada *Discriminação e estigmatização de travestis: investigando uma violência socialmente legitimada*, que está sendo conduzida pela pesquisadora Valéria Melki Busin, doutoranda em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Vera Paiva.

Informo que local do atendimento será [endereço e telefone do local de atendimento]. .

Informo ainda que me coloco à disposição para fornecer quaisquer informações que se façam necessárias sobre meu trabalho clínico, desde que resguardado o sigilo que é garantido às pessoas que atendo ou atenderei, conforme rege o Código de Ética que regulamenta a profissão do/a psicólogo/a.

Sem mais para o momento,

Subscrevo-me,

São Paulo, 30 de novembro de 2012

[Nome d[o/a] profissional], [N^o. do CRP],

[Número do telefone de contato] [Endereço de email]

Anexo IV - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Discriminação e estigmatização de travestis: investigando uma violência socialmente legitimada

Pesquisador: Valéria Melki Busin

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 08286112.0.0000.5561

Instituição Proponente: INSTITUTO DE PSICOLOGIA ((USP))

Patrocinador Principal: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ((CAPES))

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 249.623

Data da Relatoria: 11/03/2013

Apresentação do Projeto:

Pesquisa qualitativa na área de psicologia social, embasado nos referenciais teóricos e metodológicos do *construcionismo social em Psicologia*. *Serão realizadas entrevistas sobre situações de discriminação e histórias de vida com pessoas transsexuais da cidade de São Paulo, seguidas de posterior análise e discussão dos dados.*

Objetivo da Pesquisa:

O projeto busca compreender o fenômeno da discriminação e violência sofrida por travestis que vivem na região metropolitana de São Paulo, através da realização de entrevistas e do trabalho com relatos sobre a história de vida de pessoas homossexuais ou bissexuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa prevê benefícios quanto à construção de um corpo de conhecimentos que possa contribuir para o enfrentamento da violência e estigmatização do grupo social selecionado para o estudo. Avalia-se que não haverá risco aos participantes, preservada a sua identidade. Os temas abordados, contudo, poderão tocar em aspectos geradores de desconforto emocional aos entrevistados. A pesquisadora resguarda, então, o direito de retirada do consentimento pelo participante e a disponibilidade para indicar atendimento terapêutico gratuito.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa com grande potencial para a construção de conhecimentos socialmente relevantes. O pesquisador incluiu o compromisso de oferecer um momento de retorno dos conhecimentos construídos aos participantes, após discussão dos resultados, como benefício complementar aos mesmos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está escrito de forma clara e sucinta, enfatizando ao participante, dentre outros aspectos éticos, a garantia de sigilo.

Recomendações:

Não há recomendações a fazer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO PAULO, 18 de Abril de 2013

Assinador por:
FRAULEIN VIDIGAL DE PAULA
(Coordenador)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: ceph.p@usp.br

Anexo V- Modelo de tabela de cenas de violências

Roberta Baretto

Idade	Gênero	Simbólica	Psicológica	Sexual	Física	Econômica	Como se sentiu
	<p>A primeira vez, eu fui agredida indo para o centro de São Paulo, dentro do ônibus. Eu estava sentada ao lado de uma travesti, e nessa época eu já vivia no meio da sociedade como travesti. Já tinha voltado pra casa da minha mãe, já tinha passado toda a minha fase difícil, já tinha me libertado das drogas, minha cabeça já tinha mudado muito, porque aí eu já estava andando de dia, em meio a sociedade vestida como mulher, então eu já tinha uma outra visão de quem eu era, de quem eu poderia ser e onde eu estava. [Eu] já tinha saído algumas outras vezes durante o dia [vestida como mulher].</p> <p>Foi a primeira vez que me senti menos do que alguém por estar daquela forma, por estar vestida como mulher.</p> <p>Eu usava muita roupa preta, eu estava de calça preta, e eu me lembro que eu estava com uma blusinha, uma tomara que caia, e uma jaquetinha por cima, uma jaquetinha preta de pelinho na gola, bem simplesinha. Eu usava uma peruca lisa, de franja de</p>	<p>Acabamos meio que parando de falar sobre isso, ela [Pâmela] falou, “ai, mona, isso é normal, acontece mesmo”, e a gente continuou falando sobre outras coisas, passou. Foi uma coisa tão rápida, que passou. A gente não deu ênfase àquilo. Foi assim, ele me agrediu...</p>	<p>Porque ele deu um murro na minha cabeça e falou “esses viado do caralho”, e saiu.</p> <p>Desde que você se percebe como ser humano diferente [ênfatizando muito e fazendo aspas com as mãos] do restante, porque eu não me vejo como diferente, eles é que me vêem como diferente. A primeira agressão foi essa. A segunda agressão foi um tapa no rosto numa passarela....</p>		<p>Nesse dia em específico, eu estava indo no centro comprar roupa. Eu estava indo comprar roupa, porque eu estava sem roupa, estava indo comprar roupa. Eu lembro que eu e essa amiga sentamos no fundo. Essa amiga, o nome dela era até Pâmela, ela faleceu. Íamos sentadas no fundo, naquele banco mais alto, que era o último banco de costas pra porta, da saída do ônibus, de costas pra porta, era o último antes de chegar na porta de descer, que ele fica de costas pra porta. Era por volta de umas duas, três da tarde. Era tardezinha. Eu lembro que nessa época, tínhamos até os ônibus que vinham direto dos bairros pra região central, não tinha que parar por terminal, por lugar nenhum, vinha direto.</p> <p>Eu lembro que eu estava bem na cadeira do corredor, e ela sentada na cadeira do vidro. E a gente vinha</p>		<p>A gente xingou ele de filho da puta, realmente, dentro do ônibus, falou alguns palavrões lá, e eu lembro que o sentimento era de vergonha, porque as pessoas acabaram de me ver apanhando e eu não pude me defender, não pude fazer nada, não pude me defender de forma nenhuma. Não tive força pra ter esse ato de defesa. A minha vontade era de descer e bater nele também, mostrar pra ele que não é assim. Minha intenção era descer do ônibus, eu só não desci porque eu não tinha dinheiro de condução suficiente pra descer e pegar outra condução. Só que como era na Nove de Julho, eu pensei “se eu descer e for atrás dele, eu vou perder o ônibus e vou ter que pagar outra condução pra poder ir, continuar</p>

	lado, ela era bem comprida.				<p>conversando, conversando entre a gente.</p> <p>Eu lembro que nós estávamos chegando perto da [Av.] Nove de Julho, quando um rapaz levantou e ele parou muito próximo à gente e eu percebia que ele olhava muito pra gente. Ele está reparando na gente, está olhando muito pra gente,</p>		<p>pro centro³⁷.</p> <p>mas eu estava pensando que ele estava se encantando, alguma coisa pela gente. E não foi isso, não é isso. Só que... assim, duas travestis, durante o dia, dentro do ônibus, pra</p>
--	-----------------------------	--	--	--	--	--	---

							mim... a gente estava chamando a atenção e ele estava reparando na gente.
				Foi quando do nada, ele deu uma porrada no meio da minha cabeça. Era onde tinha os grampos que seguravam a peruca e um desses grampos entrou no meu couro cabeludo. Eu lembro que deu muita dor na minha cabeça, eu levantei pra poder agredir ele também, só que ele foi mais rápido, ele desceu do ônibus. E fomos embora. Eu me recordo que foi a primeira agressão que eu sofri.			Me deu raiva. Nessa hora, me deu raiva.

Anexo VI – MODELO DE TABELA DE PROCESSOS

Roberta Barretto

Idade	Processos de feminilização		Relações pessoais					Identidades			Formas de renda		Forma de lidar
	Emocional	Corporal	Família	Escola e amigxs	Outras relações	Encontro com pares	Relacionamento amoroso	Nome de registro / Nome social	Auto aceitação	Identificação como travesti	Caminho da prostituição	Outros trabalhos	Sentimentos e reações
Não lembro, antes de 10 anos	Eu sempre me imaginava no lugar daquelas moças mais bonitas, aquelas que usavam os vestidos mais bonitos, usavam aqueles penteados, tanto que o penteado era a toalha. O que me chamava muito a atenção nessas novelas era	Me recordo [do primeiro momento em que começou a querer ser feminina]. Eu era bem criança, brincando com os meus irmãos, era uma época, eu não me lembro bem qual era a novela que passava, mas era uma novela que as meninas vestiam aquelas roupas de sinhá, novelas de época, então era aquelas saias muito	Ele [o pai] já não me tratava bem, mesmo antes [de ter contado que beijava um menino na escola]. Então assim, eu precisava saber o porque daquela raiva toda que ele tinha de mim, eu precisava saber de onde surgiu esse ódio que ele tinha, esse me tratar mal, que era a forma que ele me tratava. Eu tenho	Como eu sempre fui muito grande, e muito forte, as pessoas quando iam brincar de <i>handball</i> , ou brincar de cabo-de-guerra, as brincadeiras mais frequentes da nossa época, eles me escolheram pra brincar					Não tinha peso nenhum, não tinha aquele peso moralista, um sentimento de pecado, de erro, não tinha.				Eu me recordo disso, assim, eu nunca tive esse sentimento assim, de estar sendo punida por ser diferente dos outros. Esse sentimento eu nunca tive. [Quando era chamada de viadinho ou bichinha] eu acabava xingando, retrucando de volta, e ficava por isso mesmo.

	<p>sempre a forma do corpo delas, porque era aquela cintura bem apertadinha e aquela saia bem aberta, assim bem grande, como se ocupasse muito espaço. E eram imagens bonitas, as meninas sempre muito bonitas, muito bem maquiadas, os cabelos muito bem penteados. Eu me recordo da forma do corpo mesmo.</p> <p>Era a imagem dessa forma corporal,</p>	<p>amplas, uns corseletes bem apertados e eu fazia as mesmas roupas, só que eu fazia com cobertor e com o cinto do meu pai.</p> <p>A primeira vez foi, quando eu lembro, meu pai ganhou um saco de roupas e calçados que veio de uma igreja e tinha muito salto alto dentro desses ganhos dele. Tinha muito salto alto e muita roupa feminina. E eu acabei colocando um salto e um vestido que tinha dentro desse saco. E acabei até quebrando esse salto, eu não sabia nem ficar em pé em cima. É</p>	<p>recordação dele saindo com os meus dois irmãos e eu ficando no portão, ele saindo... ele não me levava.</p> <p>Eu tenho recordações de estar indo pra alguns lugares e o meu pai estar com um dos meus irmãos no ombro, o outro dando a mão [para o pai] e eu dando a mão pra minha mãe.</p> <p>Eu não tenho recordação de eu com carinho com ele, eu abraçada com ele, eu no colo dele, eu não tenho essas recordações.</p> <p>Eles [os irmãos] sempre foram muito de</p>	, “ah, eu quero que...” Na época, o nome era Robert o. “Eu quero que o Robert o venha pro nosso time, venha pro nosso lado”, então eu sempre acabava sendo escolhida por alguma turma, mais pela força, pelo tamanho, mas em relação ao meu modo de ser eu nunca tive problema.									
--	--	--	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Anexo VII – Manifestação de violência nas redes sociais

a) Manifestação 1¹⁰⁹

José Pedro d'Alcântara Bota uma sainha, dois quilos de maquiagem e sai por aí com seus quase 1,90 de altura, ombros largos, pés enormes, voz grossa, navalha no decote e quer convencer que é mulher. Fica a dica: mulher tem buceta e tem útero e tem ovários e isso você NUNCA vai conseguir ter. NUNCA!!! Nem com todas as técnicas cirúrgicas e tratamentos hormonais do mundo. O aparelho sexual é algo muito mais complexo que uma vagina esculpida a bisturi e um par de peitos enxertados de silicone. E nem com todas as leis que conseguirem aprovar. O parlamento pode tudo, menos transformar um homem em mulher. Isso é uma ficção jurídica. Uma afronta à sociedade de homens e mulheres de bem e normais, que não têm que aturar mais esse absurdo. Que não é e não será tolerado. Bolsonaro neles!!! Imaginem se nós vamos PERMITIR (porque, sim, depende da nossa permissão) que uma aberração dessas dê aula para nossos filhos, trabalhe em nossas repartições públicas, sejam médicos ou advogados ou psicólogos. Se quiserem viver dessa forma abjeta, terão que ser prostitutas e fazer seus números de circo em boates gays. É esse o lugar que a sociedade tem pra vocês.

Curtir · Responder · há 4 horas · Editado

Travesti Reflexiva Processe o Juiz que junto ao ministério público mudou o meu gênero de masculino para feminino. E não será você e nem Bolsonaro nenhum que irá tirar isso de mim. Quando eu faço uma matrícula eu assino Sexo: Feminino. Sem precisar ligar pra você pra pedir a sua "permissão". Doente é o seu ódio, que transborda até em um sábado de manhã. Olhe pro meu RG e corte os seus pulsos.

Curtir · há ± um minuto

¹⁰⁹ Facebook – Página Travesti reflexiva. Disponível em: <https://www.facebook.com/TReflexiva/photos/a.133943856776238.1073741828.133942826776341/140509436119680/?type=1&theater>. Acesso em 18. Maio. 2014.

b) Manifestação 2¹¹⁰

Travesti Reflexiva

<https://www.facebook.com/TReflexiva/photos/pb.133942826776341.-2207520000.1400423725./140073999496557/?>

Marcel Porpeta

SER TRAVESTI DEVERIA SER CRIME. ELES ESTÃO CERCEANDO MEU DIREITO LEGAL DE ESCOLHER SE EU QUERO OU NÃO BEIJAR UMA MULHER COM SURPRESINHA. ABSURDO! AQUELA VELHA HISTÓRIA, SEU DIREITO ACABA QUANDO O DO OUTRO COMEÇA. E EU TENHO O DIREITO DE SABER QUEM É TRAVESTI E QUEM É MULHER DE VERDADE. SE FOR PARA SER TRAVESTI TEM QUE TER UMA MARCA NA TESTA. IGUAL AQUELA QUE O ALDO RAINE DO FILME BASTARDOS INGLÓRIOS FAZIAMOS NAZISTAS, POIS ASSIM PELO MENOS SABERÍAMOS QUEM É TRAVECO OU NÃO, E OS Nossos DIREITOS ESTARIAM ASSEGURADOS, E OS DOS TRAVECOS TAMBÉM.

11 34 11 RESPOSTAS

Travesti Reflexiva
Curtiu · 11 de maio

Rasgar a cara de alguém é um direito seu?

Curtir · Comentar · Compartilhar

75 pessoas curtiram isso. Principais comentários

1 compartilhamento

Joyce Martins direito nosso tbm que na testa dele venha escrito ESCROTO!!!!
Curtir · Responder · 67 · 11 de maio às 18:17 · Editado

Travesti Reflexiva respondeu · 2 Respostas

Travesti Reflexiva Esses homens acham mesmo que as travestis estão a disposição deles né? Loucas pra beijarem esses nojos? Novidade pra você meu bem - Não estão.
Curtir · Responder · 65 · 11 de maio às 18:08

Fran Albino Quem foi a travesti magya que feriu o coraçãozinho dele, gente?!!! kkkkkkkkkk
Curtir · Responder · 18 · 11 de maio às 18:23

¹¹⁰ Fonte: Travesti Reflexiva. Disponível em: <https://www.facebook.com/TReflexiva> Acesso: 18.maio. 2015.